**UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA
PROGRAMA DE HISTÓRIA SOCIAL**

EM BUSCA DO FEITIÇO PERDIDO

A revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984).

Max Filipe Nigro Rocha

São Paulo
2013

Max Filipe Nigro Rocha

EM BUSCA DO FEITIÇO PERDIDO

A revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984).

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo para a obtenção do título de mestre em História.

Área de concentração:
História Social

Orientador: Prof. Dr. Flávio de Campos

São Paulo
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catálogo da Publicação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas
Departamento de História
Programa de História Social

Rocha, Max Filipe Nigro.

Em busca do feitiço perdido: A revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984).

Orientador: Flávio de Campos.

Monografia (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Nome: ROCHA, Max Filipe Nigro

Título: EM BUSCA DO FEITIÇO PERDIDO: A revista Placar entre a Seleção Brasileira de 1982, a Revolução São-Paulina e a Democracia Corintiana (1979-1984).

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, como requisito para a obtenção do título de mestre em História.

Área de concentração: História Social

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____ Instituição: _____

Julgamento: _____ Assinatura: _____

Dedico esse trabalho ao meu pai Olívio (*in memoriam*), com quem dividia as tardes de domingo em frente à TEVÊ, tentando decifrar o feitiço alvinegro e me encantando com os passes de calcanhar do Doutor, e ao Pedro, meu filho, com quem espero viver momentos semelhantes.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer ao meu orientador Prof. Dr. Flávio de Campos, centroavante veterano que permitiu que esse volante adquirisse confiança e arriscasse as suas primeiras subidas ao ataque.

Ao Prof. Dr. José Paulo Florenzano pelos inúmeros passes em profundidade que me permitiram avaliar com maior clareza o objeto estudado e ao Prof. Dr. José Geraldo Vinci de Moraes pelos toques de primeira que me ajudaram a refinar o texto final. E a ambos pela colaboração na qualificação dessa dissertação.

Ao Prof. Livre Docente Boris Kossoy, pela extrema generosidade e acolhimento demonstrado ao convidar um pesquisador iniciante para disputar algumas partidas sobre fotografia e seus significados.

Ao Juca Kfoury, por sua disponibilidade constante em me ajudar a elucidar as diversas questões sobre a revista *Placar* que já se encontravam empoeiradas pelo tempo.

Aos colegas e amigos do Grupo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol (GIEF) pela ajuda e apoio durante todo o período de preparação e treinamentos, entre eles Vitor, Marcel, Diana, Paulo, Marco Antunes e Marco Aurélio. Em especial ao Sérgio Settani Giglio e ao Tiago “Ripa” Rosa Machado pela leitura atenta das diversas versões do texto em questão.

Aos colegas e amigos do LUDENS (Núcleo Interdisciplinar de Estudos sobre Futebol e modalidades Lúdicas) e do Projeto Brasil nas Arquibancadas como Bruno, Breno, Amanda, Thomas e Giancarlo, que nas diversas viagens pelo país me ajudaram a apurar o olhar sobre a dinâmica do esporte.

Aos amigos e editores do Ludopédio, site especializado em futebol sob uma perspectiva acadêmica, Sérgio, Enrico, Marco Aurélio e Marco Lourenço pela compreensão a respeito do meu longo afastamento nessa reta final de escrita.

Aos diversos amigos e parentes que me apoiaram direta ou indiretamente nessa empreitada, entre eles: Vínicius Albuquerque, Daniela Singer, Rafaela Deiab, Kléber Valadares, Daniel Barboza, Alexandre Herbetta, Heberti Guarnier, Rafaela Costa, André Noschese, Cláudio Patto, Saulo Vianna, Edson Isse, Valéria Camargo, Thais Rocha, Humberto Rocha, Péricles Rocha, Celeste Nigro, Renato Sarti, Bárbara Ivo, Fábio Sarti, Débora Sarti, D. Cecília e Laíde Sarti.

Aos meus irmãos Ana e Bruno, esse último companheiro de arquibancada nos jogos do Todo Poderoso Timão.

À minha querida madrinha Vera Nigro, por todo o seu carinho e atenção ao decorrer da minha vida inteira.

À minha mãe Eliana guerreira responsável por me criar, referência fundamental para que eu me apaixonasse pelo hábito de ler, estudar e refletir, e que talvez ainda não tenha a dimensão de sua importância no meu processo de formação intelectual e pessoal.

E especialmente à Carol Sarti – amiga, companheira, psicóloga, confidente e esposa – que jogou em todas as posições nessa temporada que se encerra. Seu carinho e suporte foram determinantes para que eu conseguisse chegar até esse momento. Como minha técnica, preparadora física, zagueira, meia-armadora e atacante, obrigado pela paciência e apoio infinitos nessa árdua trajetória.

Os Zé Ninguém, os condenados a serem para sempre ninguém, podem sentir-se alguém por um momento, por obra e graça desses passes devolvidos num toque, essas fintas que desenham zês na grama, esses golaços de calcanhar ou de bicicleta: quando ele joga, o time tem doze jogadores.

Futebol ao sol e à sombra
Eduardo Galeano

Resumo

Esta dissertação teve como objetivo principal investigar a cobertura da revista Placar a respeito da Seleção Brasileira, do São Paulo Futebol Clube e do Sport Club Corinthians Paulista no período de 1979 a 1984. Embasados por uma perspectiva gramsciniana, situamos a publicação esportiva como um *aparelho privado de hegemonia* responsável por estimular uma *crise de hegemonia* e instaurar um *novo consenso* no campo político e avaliamos as leituras do semanário sobre a participação brasileira na Copa da Espanha, a implantação de um modelo empresarial no tricolor paulista denominada de Revolução São-Paulina, assim como a trajetória percorrida pelo alvinegro paulista durante a Democracia Corintiana. Considerando as capas, as fotografias e os textos, procuramos resgatar a construção simbólica que o semanário fez a respeito do futebol, assim como a sua busca simultânea por resgatar o futebol-arte e modernizar a estrutura administrativa do esporte por meio da implantação da gestão empresarial. Portanto, a equipe verde amarela de 1982, apontada como representante-mor da união entre tradição e modernidade, deveria servir de referência para os clubes nacionais mesmo diante da derrota. Como portadores temporários do *ethos nacional* até a próxima Copa, caberia aos clubes garantirem o retorno da manifestação artística em campo que havia se perdido durante o regime militar (1964-1985) ao mesmo tempo em que tivessem que se adequar à lógica empresarial. O primeiro clube a ser escolhido como referência do futebol moderno pelo semanário foi o São Paulo, mas se ele possuía todos os elementos que permitissem reconhecê-lo enquanto exemplo de racionalização do esporte, faltava-lhe a emoção necessária para consolidar definitivamente esse projeto. Logo em seguida, o Corinthians é eleito como o novo representante capaz de unir o passado e o presente, pois era possuidor da alma que faltava ao clube do Morumbi. Com o início da Democracia Corintiana, Placar projetava sobre a equipe alvinegra as qualidades tradicionais do futebol-arte que deveriam ser resgatadas e as características modernas que seriam responsáveis por implantar em definitivo o conceito de futebol-empresa. Como representante da vanguarda que consolidaria essa proposta de reforma modernizadora, o periódico elegia Sócrates – ídolo corintiano – pois o atleta seria capaz de reunir os aspectos do passado e futuro e assim devolver a completude perdida do esporte nacional. Diante da saída do jogador para o futebol europeu, Placar veria o seu projeto político naufragar.

Palavras-chave: Futebol, Copa do Mundo, Corinthians, São Paulo, Abertura Política

Abstract

This dissertation had, as the main objective, investigate the coverage of Placar Magazine on the Brazilian football team, São Paulo Futebol Clube and Sport Club Corinthians on the period from 1979 to 1984. According to the Gramsci perspective, we consider the sports publishing as a *private apparatus of hegemony*, responsible for stimulating an *hegemony crisis* and establish a *new consensus* in the political field, and we evaluate the point of view of the periodical about Brazilian participation in the Cup of Spain, the implementation of a business model in São Paulo Futebol Clube called “Revolução São Paulina” and the development of “Democracia Corinthiana”. Considering the magazine covers, photographs and texts, we try to recover the symbolic construction made by the weekly publication about football, as well as its simultaneous pursuit of rescuing the concept of “*futebol-arte*” and modernize the administrative structure of the sport through the implementation of business management. Therefore, the Brazilian team of 1982, appointed as the most representative example of the union between tradition and modernity, was used as a reference for national clubs even after the defeat. As representatives of the *national ethos* until the next World Cup, those sport clubs were responsible to ensure the return of our national artistic expression that was lost during the military years (1964-1985) and at the same time they had to adjust their structure to the business logic. The first club to be chosen as an example of modern football by the magazine was São Paulo, but if it had all the elements that would allow to recognize it as a model of rationalization of sport, it lacked the excitement necessary to definitively consolidate the weekly project. After that, Corinthians was elected as the new representative, able to unite the past and present because it had the soul that was missing in São Paulo. With the beginning of “Democracia Corinthiana”, Placar recognized in Corinthians, the traditional qualities of “*futebol-arte*” that should be rescued and the modern features that would be responsible for building the concept of “*futebol-empresa*”. As a representative of this kind of plan named “*reforma modernizadora*”, the newsletter selected Socrates – a Corinthians idol - because the athlete would be able to bring together aspects of the past and future and thus restore the national identity. When the soccer player decided to go to European football, the magazine political project failed.

Keywords: Football, World Cup, Corinthians, São Paulo, Political Aperture

Sumário

1	<i>Apresentação</i>	12
2	<i>As regras do jogo</i>	17
2.1	Inauguração de <i>Placar</i>	30
2.2	O feiticeiro entra em campo – Juca Kfourri como editor-chefe de <i>Placar</i>	35
3	<i>Futebol e desencanto</i>	38
3.1	Barco sem porto, sem rumo, sem vela – Os desencantos do futebol.	38
3.2	E vou tomar aquele velho navio – o futebol moderno.....	46
3.3	O modelo d'além-mar – o futebol europeu	51
3.4	Um porto seguro – a reestruturação do <i>futebol-arte</i>	56
4	<i>Em busca do feitiço perdido</i>	78
4.1	Os anjos caídos – as seleções de 74 e 78.....	83
4.2	Os falsos messias – o <i>futebol-arte</i> nas seleções estrangeiras.....	93
4.3	O feitiço verde-amarelo – a seleção de 1982	96
4.4	O feitiço tricolor – o caso do São Paulo F.C.	109
5	<i>O feitiço alvinegro – o caso do S.C. Corinthians Paulista</i>	126
5.1	A mística alvinegra – o time com <i>alma</i>	126
5.2	Aprendizes de feiticeiro– os modernos cartolas corintianos.....	145
5.3	Os magos alvinegros – os novos jogadores de futebol	159
6	<i>O feitiço socrático – a magia do Doutor Sócrates</i>	171
6.1	Doutor e Corintiano.....	173
6.2	Doutor-Pensador	182
6.3	Doutor-Governador	189
6.4	Doutor-Imperador	203
7	<i>Fim de jogo – ou o feitiço voltou-se contra o feiticeiro.</i>	214
8	<i>Obras Citadas</i>	219
9	<i>Bibliografia</i>	221

1 Apresentação

Essa pesquisa de mestrado representa o encontro de duas manifestações artísticas até então cindidas em mim, o futebol e a fotografia. O meu distanciamento do futebol remete-se à derrota do Corinthians para o Palmeiras no campeonato paulista de 1993, quando aos 13 anos experimentei dores pessoais e futebolísticas que se coincidiram de tal forma que o luto e a ruptura com o futebol – mesmo que momentâneos – fizeram-se mais do que necessários. A condição de torcedor e de mais um louco neste bando ficou relegada ao esquecimento por anos a fio devido à partida de meu pai e à derrota para o arquirrival alviverde. A reaproximação do futebol foi difícil na medida em que, na maioria das vezes, os pesquisadores do tema se apresentam também como fiéis torcedores dos mais diversos times e, desta forma, demonstram ter um “capital futebolístico” infinitamente mais amplo do que o meu, e que foi desenvolvido a partir da infância, ampliando-se *pari passu* com as experiências pessoais da adolescência e consolidando-se na vida adulta. Contudo, retomar o tempo perdido, e com ele as jogadas e lances – apagados ou não vivenciados na *primeira realidade* –, é ter o direito de reescrever a própria história em um diálogo constante com meu pai.

O novelo de Teseu dessa empreitada que permitiu o reencontro do *eu presente* com o *eu passado* foi a fotografia – aqui um instrumento da obsessão de entender o mundo, por menor que seja a parcela. Assim, o futebol como tema de estudo surgiu de forma indireta, por meio da tentativa de entrar em contato com o intangível fotográfico. Ainda misteriosa, a fotografia sempre me encantou. Desde as sessões familiares de consulta aos álbuns fotográficos, passando pelo monopólio dos adultos sobre a câmera e chegando até os dias de hoje, nos quais ela se transformou em uma ferramenta privilegiada para compreender a vida.

A sugestão do meu orientador, Prof. Flávio de Campos, de estudar a revista *Placar* durante o período de abertura política brasileira foi providencial, pois permitiu que meus anseios pessoais encontrassem ecos na pesquisa acadêmica. Revisitar a década de 80, agora como objeto de estudo, seria a

oportunidade de reunir as novas paixões às já empoeiradas pelo tempo – a fotografia e o futebol – com o intuito de investigar as representações construídas acerca do futebol em um momento de transição política, a redemocratização do país.

A possibilidade de investigar a *forma-representação* (TOLEDO, 2002) elaborada por Juca Kfoury e companhia em *Placar* pareceu-me intrigante e desafiadora na medida em que seria necessário dar conta da análise do discurso jornalístico escrito – manchete, texto e legenda, da construção fotográfica dos assuntos retratados – assunto, composição e seleção das fotos, e da formatação das revistas – capa, editoriais, colunas de opinião, além da relação entre todos esses elementos.

Esse aspecto – inovador por si só, a nosso ver – tem como objetivo esclarecer o papel de parte dos *especialistas* (TOLEDO, 2002) no processo de construção simbólica do futebol durante a década de 80, pois extrapola a leitura, muitas vezes unilateral, das ações desses personagens do evento esportivo. Por diversas vezes, a fotografia – elemento primordial para a construção das representações do futebol pela mídia esportiva – é sumariamente descartada na elaboração das pesquisas mais recentes sobre o esporte. Das poucas vezes nas quais ela é trazida à baila, a análise se limita ao âmbito factual ou ilustrativo da imagem e, dessa forma, o potencial discursivo desta ferramenta comunicacional se perde. Abordagem que faz com que as conexões possíveis entre fotografia e texto sejam ceifadas logo de início.

Oras, se as reinterpretações por parte da fotografia jornalística a respeito do futebol – produto cultural, visual e estético que é – continuar a ser deixada de lado, uma parte do caleidoscópio de significados possíveis que o esporte bretão parece assumir em cada tempo histórico específico passa a ser sistematicamente relegada ao esquecimento.

Portanto, o intuito desta pesquisa é, além de se propor preencher a lacuna acadêmica a respeito do tema – que não aborda a construção do discurso jornalístico esportivo no período –, contribuir para a formação de um saber que redimensione o discurso da mídia esportiva, constituído simultaneamente de elementos textuais e fotográficos, e assim iluminar parte das projeções sobre o futebol que estão presentes em *Placar*, mas que ainda

não puderam ser evidenciadas devido à limitação das ferramentas teóricas acionadas até o momento.

Para tanto, propomos como recorte da pesquisa a análise da Revista *Placar* entre os anos de 1979 a 1984. Tal seleção ocorre por algumas razões:

1 – No âmbito político, abrangeremos o período da década de 80, no qual a sociedade brasileira passa pelo processo de abertura política, pela discussão de projetos de redemocratização – dos mais radicais aos mais conservadores – pela Lei de Anistia, pelas primeiras eleições para governadores dos estados, pelas Diretas-Já e pela Emenda Dante de Oliveira, entre tantos outros marcos nos quais será possível constatar as diversas disputas existentes em andamento ocorridas entre os modelos antagônicos de gestão esportiva.

2 – No que diz respeito à lógica interna da revista, esses 5 anos de publicação de *Placar* abrangem o período em que o jornalista Juca Kfoury – ferrenho defensor da democratização e da modernização das relações sociais existentes no futebol – torna-se editor-chefe da redação da revista até o momento em que ela passa a ser denominada *Placar todos os esportes*, e muda a sua linha editorial.

3 – Quanto ao calendário específico do futebol, o recorte de 1979 a 1984 permite avaliarmos as representações que *Placar* elabora sobre a Copa da Espanha (1982) e sobre dois movimentos ocorridos no universo esportivo – por vezes antagônicos, por vezes semelhantes. A Democracia Corintiana e a assim-chamada Revolução São-Paulina.

Essa pesquisa apresenta 4 capítulos nos quais acreditamos ser possível identificar e analisar as leituras de Juca Kfoury e sua equipe a respeito do Corinthians, do São Paulo e da representação máxima da nação verde-amarela no mundo do futebol – a Seleção Brasileira.

No primeiro capítulo “Futebol e desencanto”, analisaremos a iniciativa placariana de contribuir para a instauração de uma *crise de hegemonia* na estrutura futebolística nacional. Com a ascensão de Juca Kfoury à condição de editor-chefe, a revista começa a sua campanha de deslegitimar os antigos cartolas como representantes do poder no âmbito esportivo. Escorados pelo modelo empresarial implantado nos clubes estrangeiros, o editor-chefe e sua equipe se encarregam de reestruturar o conceito de *futebol-arte* de modo que

ele abranja tanto o *talento natural* do brasileiro quanto a força característica do futebol europeu.

No segundo capítulo “Em busca do feitiço perdido”, o foco da análise será a respeito das projeções de *Placar* sobre o selecionado nacional durante as já citadas Copa da Espanha (1982) e Revolução São-Paulina. A intenção nesse caso é avaliar como a revista constrói a imagem da nova nação por meio da seleção brasileira ao identificar essa última como símbolo de modernidade e de resgate da tradição e do *futebol-arte* enquanto categoria nativa. A busca da brasilidade realizada pela revista, ora recuperada, ora perdida, nos parece ser um fio condutor que permite reconstruir parte do projeto político de *Placar* sobre o futebol brasileiro.

Diante da tragédia do Sarriá, o semanário elege um novo guardião temporário da essência futebolística nacional. O movimento ocorrido no São Paulo Futebol Clube surgirá como solução transitória e a cobertura da revista permitirá compreendermos a sua proposta de modernização/profissionalização do futebol brasileiro ao nomear as reestruturações administrativas ocorridas no clube tricolor durante o período estudado como *Revolução São-Paulina*. Ícone da racionalidade empresarial, o clube reunia atributos suficientes para ser considerado o modelo a ser seguido pelos demais, mas, no entanto lhe faltava um elemento que selaria a união definitiva entre a razão e a emoção – a *alma*.

No terceiro capítulo “O feitiço alvinegro”, procuraremos explicitar a visão da publicação esportiva sobre o Sport Club Corinthians Paulista. Diferentemente do clube tricolor que possuía apenas as características modernas buscadas por *Placar*, o clube alvinegro oferecia a matéria-prima fundamental para a reelaboração da gestão esportiva. Apresentado como time do povo, possuidor de uma mística camisa e de uma fiel torcida, a equipe do Parque São Jorge possuía a *alma* tão desejada. Simultaneamente, a derrocada de Vicente Matheus, a ascensão dos novos dirigentes como Waldemar Pires e Adilson Monteiro Alves e o surgimento da Democracia Corintiana alimentavam a esperança de que o time pudesse implantar o casamento perfeito entre a gestão empresarial e o exercício das práticas democráticas. Portanto, nosso objetivo é avaliar a cobertura sobre as iniciativas de redemocratização surgidas no futebol em particular, e na sociedade como um todo, assim como a

reelaboração da *forma-representação* a respeito do Corinthians enquanto clube do povo.

No quarto capítulo “O feitiço socrático”, teremos como objetivo analisar a trajetória de Sócrates no Corinthians – desde sua chegada em 1979 até sua saída para o futebol italiano – e a construção de sua imagem pela revista. Se inicialmente o craque não era reconhecido como um *legítimo* corintiano pela torcida, *Placar* irá se encarregar de transformar essa leitura sobre o jogador. Em um primeiro momento, a tarefa consistiu em identificar o corintianismo socrático para logo em seguida ser posicionado como um exemplo de *novo jogador de futebol* que passava a assumir a sua condição de agente político e ser pensante. No entanto, essa projeção feita demonstrava a intenção de forjar uma liderança carismática que defendesse nos gramados as diretrizes modernizadoras propostas pela publicação esportiva quanto o atleta é transformado no *alter ego* de D. Pedro I.

Por fim, na conclusão, pretendemos retomar os principais pontos expostos durante a monografia de forma em que seja possível evidenciar parte do projeto político de reforma modernizadora de *Placar* para o futebol brasileiro, que passa inevitavelmente pela defesa de propostas de democratização, implantação de uma gestão empresarial e de participação dos novos dirigentes na administração como instrumentos de modernização dos clubes. O objetivo final do trabalho será apresentar o posicionamento de *Placar* sobre as decisões que envolvem o futebol de forma que a revista seja reconhecida pelo papel que ela sempre reivindicou para si, o de agente político.

2 As regras do jogo

De acordo com Simone Guedes, o futebol é um produto cultural extremamente fértil para avaliarmos as construções e representações sociais presentes na sociedade, pois elas deixaram gradualmente de lado os campos político e econômico, e passam a ser localizadas nas “zonas livres, nos ‘domínios sociais relativamente ‘residuais’ da estrutura social” (GUEDES, 2000).

Do ponto de vista simbólico, [o futebol] seria uma das nossas principais ‘zonas livres’, compondo com uma série de outros aspectos também eleitos como peculiares, um elenco através dos quais veiculamos nossas representações coletivas sobre nós mesmos. (GUEDES, 2000, p. 2).

Dessa forma, cremos que podemos ir mais adiante, pois além de permitir a manifestação dessas representações sociais, o esporte em questão, tão arraigado na sociedade brasileira, pode ser visto como um espaço de disputa simbólica a respeito das mesmas representações sobre a sociedade brasileira e, por isso, campo privilegiado de observação de seus conflitos.

Portanto, uma vez que a elaboração das representações coletivas não ocorrerá sem disputas cabe ao historiador resgatar e analisar o processo de construção das mesmas. Com esse intuito, cremos que avaliar com base nos princípios da semiótica e da análise da fotografia enquanto discurso imagético a associação que a revista *Placar* propôs entre futebol e política ao decorrer do período proposto pela pesquisa – 1979 a 1984 – evidenciará o processo de construção de parte do projeto político proposto pelo semanário.

A escolha da imprensa como foco de análise deve-se ao fato de que ela pode ser vista como responsável pela divulgação, repercussão e consolidação das visões sobre o esporte e seus agentes – seja ele o futebol ou as demais práticas esportivas. Portanto, tomamos a imprensa esportiva como responsável pela produção dos discursos autorizados e que, por isso mesmo, possuem credibilidade junto ao conjunto de leitores.

Deste modo, uma pequena parte das discussões em torno do futebol é documentada e perpetuada na imprensa que produz, de fato, as leituras autorizadas dos eventos consagrando determinadas versões e desqualificando outras. A especificidade deste 'discurso da autoridade' 'reside no fato de que não basta que ele seja compreendido (em alguns casos, ele pode inclusive não ser compreendido sem perder seu poder), é preciso que ele seja reconhecido enquanto tal para que possa exercer seu efeito próprio' (Bourdieu, 1996:91). A produção simultânea de um corpo de especialistas, de peritos, na produção dos textos e imagens que cercam o futebol é, pois, parte fundamental deste fenômeno multidimensional. (GUEDES, 2000, p. 3).

A sugestão proposta por Guedes permite nos questionar a respeito das intenções discursivas da mídia esportiva e suas construções ideológicas que sustentam esse processo de validação e desqualificação de versões acerca do esporte. Para tal investigação, é primordial o desmonte do discurso jornalístico, construído por meio da associação intencional de texto, imagem e manchete, de forma que ele seja visto como um agente de produção de realidade ao invés de mero reprodutor dos fatos ocorridos. Para tanto, as ferramentas utilizadas são as mais diversas. No que se refere ao texto escrito, a produção de realidade passa pela seleção ou rejeição das fontes nas quais a construção da notícia está baseada; pela escolha, ordenação, contextualização ou omissão dos argumentos; e pela seleção lexical de substantivos, verbos e adjetivos que tem como objetivo reforçar determinadas leituras do fato narrado (ABREU, 2000, p. 159).

Quanto à fotografia, tomamos como referencial teórico os conceitos propostos por Erwin Panofsky e Boris Kossoy. O primeiro, embora trate do estudo das imagens pictóricas do período da renascença em seu livro *Studies in iconology*, apresenta três etapas de análise imagética que são frutíferas para o processo de decomposição do discurso fotográfico. O percurso por tais estágios requer, gradativamente, que o pesquisador associe, relacione e sintetize um leque cada vez mais amplo de aspectos sociais que estão presentes no discurso da imagem de uma forma geral, e da fotografia, em nosso caso em específico.

Se a etapa final da abordagem de Panofsky é atingir o *significado intrínseco* da imagem por meio de uma interpretação que permite trazer à tona os nexos históricos, essa mesma imagem deve ser tomada como produto

cultural que extrapola as suas próprias propriedades e, por isso, é um *sintoma* de características sociais presentes no período em que foi realizada. Assim, o estudo das artes visuais – ou da fotografia, um dos seus subcampos – demonstra a capacidade de revelar aspectos da nação, do período, da classe social ou da iniciativa de persuasão religiosa ou filosófica, seja por meio da análise dos aspectos iconográficos (conteúdo, plano, forma, composição e demais características internas da imagem) ou iconológicos (símbolos e significados da imagem diante do contexto social no qual ela está inserida).

A contribuição do autor para nossa pesquisa nos parece rica, pois reposiciona o papel da imagem – e da fotografia esportiva, no caso – de modo que, enquanto produto cultural, ela assuma uma posição na qual seja possível constatar e analisar as iniciativas comunicacionais existentes entre uma aparentemente inocente matéria sobre futebol e as demais dimensões sociais que se relacionam com o esporte. Portanto, acreditamos que uma parcela do posicionamento político de *Placar* que não foi anunciado de forma direta por meio do texto escrito, seja pelos resquícios de autoritarismo presentes no início da abertura política, seja por não ter encontrado canais de expressão mais efetivos que dessem conta de manifestar a proposta de reforma do semanário a ser aplicado ao futebol, possa ser observada no projeto fotográfico da revista.

Como caminho a ser percorrido para tal, de acordo com as proposições de Panofsky, o pesquisador passa inevitavelmente por duas etapas anteriores, quais são: 1 – Descrição ou Tema primário/natural e 2 – Análise ou Tema secundário/convencional. No primeiro item, o autor anuncia a necessidade de identificar e situar historicamente o conteúdo – caso do evento, das figuras humanas e dos objetos apresentados, assim como as relações existentes entre elas – e a forma – entendida como conjunto de códigos sociais projetados sobre objetos, ações e eventos e que possam ser avaliados de acordo com um *estilo* de representação visual – presentes no documento imagético. O instrumental utilizado no caso é a própria experiência cotidiana do pesquisador, embora essa não possa ser utilizada de maneira isolada, pois não garante a precisão na compreensão do discurso pictórico. O contato com a tradição oral e escrita sobre o assunto retratado se apresenta como primordial já nessa etapa para dirimir eventuais imprecisões e equívocos.

Tomando como matéria-prima o conteúdo coletado na primeira etapa – objetos, eventos e códigos sociais – o segundo passo, denominado como análise, tem como pressuposto decompor o todo em suas partes correspondentes de forma que seja possível destrinchar os significados determinados por convenção social presentes na imagem – caso de temas e conceitos como justiça, democracia ou participação política –, e assim indicar as intenções e o processo de construção discursiva elaborada pelo autor do documento nesse ato de comunicação que é a elaboração do documento visual, seja ele pictórico ou fotográfico, que Erwin Panofsky denomina como a *história dos tipos*.

Com base no exposto, o autor afirma ser possível apreender a visão de mundo do sujeito histórico analisado por meio do estudo do documento visual produzido pelo mesmo, assim como o seu histórico cultural, social e político e, por mais que a sua ação não esteja organizada de forma compreensiva e racional, ela deve ser vista como conteúdo sintomático, indicial, semiótico de seu histórico pessoal. Contudo, esse panorama possível de ser resgatado por meio da interpretação das imagens não se limita ao espectro individual, mas permite ser estendido por meio de estabelecimento de conexões mais amplas que localizem o agente histórico em questão, de forma a garantir a compreensão da sociedade na qual o autor da imagem estava inserido:

We could not construct a mental portrait of the man on the basis of this single action, but only by co-ordinating a large number of similar observations and by interpreting then in connection with our general information as to the gentleman's period, nationality, class, intellectual traditions and so forth. [...] Yet all the qualities which this mental portrait would show explicitly are implicitly inherent in every single action, so that, conversely, every single action can be interpreted in the light of those qualities. (PANOFSKY, 1972, p. 5).

Diante disso, o documento visual extrapola as suas propriedades específicas e individuais, pois, uma vez interpretado em conjunto com as demais fontes históricas, passa a ser visto como sintoma de características sociais do período histórico estudado e, portanto, passíveis de serem resgatadas. Dessa forma, os símbolos presentes nas imagens devem ser interpretados de forma que sintetize ao invés de analisar a manifestação

artística, uma vez que, de acordo com essa perspectiva, a pluralidade simbólica, característica inerente da obra de arte em geral – e da fotografia em particular – é contemplada e garantida.

Por meio do resgate e da manutenção da pluralidade interpretativa do documento visual e da comparação com as reportagens propriamente ditas, cremos ser possível destacar a visão considerada moderna e democrática por *Placar*, assim como as projeções sustentadas por ela para além do campo esportivo. Desde a democratização das relações de trabalho no interior do universo futebolístico, o reposicionamento dos personagens pertencentes ao universo do futebol (sejam eles os especialistas, os cronistas ou os torcedores (TOLEDO, 2002) enquanto agentes políticos, a profissionalização e implantação de políticas transparentes no universo esportivo até a defesa da abertura política na campanha das Diretas-Já e a implantação de uma gestão empresarial como modelo de sucesso futebolístico se configuram como instrumentos necessários para a transformação do esporte defendida pelo semanário.

Diante do exposto, a reunião, análise e síntese dos fatores expostos, de forma que seja possível remontar o caleidoscópio utilizado por *Placar* ao descrever o futebol e a sociedade, permitem encarar o semanário como agente do próprio discurso no campo político.

Já as proposições de Boris Kossoy iluminam nosso percurso analítico na medida em que nos possibilitam dissociar as características da imagem pictórica e da imagem fotográfica, e assim delimitar as especificidades do registro fotográfico.

O primeiro aspecto específico da fotografia a ser destacado é a sua condição única de ser objeto e fonte de estudo histórico ao mesmo tempo, uma vez que permite tanto a pesquisa de reconstituição histórica, pois é resíduo do passado que possui matéria (personagem, objeto ou assunto fotografado, assim como a sua constituição física e técnica) quanto o estudo da transformação do papel social, assim como da expressão e construção discursiva do ato fotográfico – fragmento selecionado do real em um espaço-tempo definido.

Portanto, a fotografia deve ser encarada como objeto que se apresenta em duas vertentes, a saber: 1 – documento do real, no qual está presente o

registro, a materialização documental, obtidos por meio de um sistema de representação visual, 2 – representação a partir do real, definido como processo de construção e criação do próprio fotógrafo.

Embora o foco da análise a ser desenvolvida pela pesquisa seja o processo de construção das representações acerca do futebol realizadas pela revista *Placar* a partir do real, os aspectos iconográficos da imagem como “fotógrafo, assunto e tecnologia” e “suas coordenadas de situação (espaço e tempo)” (KOSSOY, 2007, p. 46) são essenciais na medida em que atuam de forma a complementar e sugerir novos caminhos para a interpretação iconológica. A identificação da recorrência de assuntos, de espaço e tempo retratados, assim como os instrumentos utilizados para tal, oferecem indícios ao pesquisador que, a partir desse ponto, pode projetar novas linhas interpretativas para o documento de modo que o objeto – a construção simbólica do futebol realizada pela revista – possa ser cercado de forma mais contundente.

Conectado ao exposto acima, o autor apresenta os conceitos de primeira e segunda realidade, ou realidade interior e realidade exterior, também fundamentais para a desconstrução do discurso fotográfico. A primeira realidade, entendida como o instante do registro fotográfico e todas as ações que o envolve – como o assunto selecionado, a tecnologia utilizada, a visão de mundo do fotógrafo – é base constitutiva da construção da segunda realidade, a realidade do assunto representado na bidimensionalidade da imagem fotográfica, essa sim fruto do amálgama ocorrido entre o real e a construção ideológica por parte do fotógrafo.

A realidade interior, desse modo, é o fato em sua totalidade, que serviu de suporte para o registro fotográfico, e não a construção do discurso fotográfico, pois a tal realidade interior encontra-se além da fotografia produzida. Para que o contato com esse nível da fotografia seja possível, o pesquisador precisa identificar o divisor de águas existente entre a primeira e a segunda realidade, ou seja, aquilo que está além da capacidade de intervenção ou construção ideológica por parte do fotógrafo e não é identificado como discurso político, econômico ou social do autor, pois assim a faceta do real que foi elevada à condição de realidade *única* pelo registro fotográfico volta à condição de *apenas* mais um elemento constitutivo do caleidoscópio por meio

do qual a realidade se apresenta. Só assim é possível buscar o fato ou a gênese da imagem e o contexto que circunscreveu o ato fotográfico e, portanto, resgatar as parcelas do passado passíveis de recuperação.

Proposta provocadora para nossa pesquisa, pois permite avaliar quais os aspectos presentes na primeira realidade que foram captados – de forma direta ou indireta – pelo fotógrafo, mas que não fazem parte do seu repertório ideológico. O futebol – e Sócrates enquanto um dos seus personagens estudados nessa pesquisa – ressurgem diante dessa abordagem com todo o seu conjunto de imagens e representações que vão além da construção apresentada por *Placar*. Desde o uso da barba e cabelos compridos, passando pela disposição de lançar uma candidatura fictícia e pela iniciativa de elaborar um plano de governo, o posicionamento de Sócrates e dos demais jogadores (Reinaldo, do Atlético; Cléo, do Internacional e Paulo César, do Botafogo) pode ser considerado não apenas como *índice*, mas como *ícone* – entendido como constatação documental da aparência – de que o esporte em questão *também* é espaço de manifestação de posicionamento político desses agentes e, portanto, descarta a já combalida visão de que o futebol é *exclusivamente* instrumento de alienação das massas.

No entanto, o foco de nossa pesquisa não é resgatar os aspectos presentes na primeira realidade, mas investigar a visão de *Placar* sobre o futebol. Para isso, o conceito de segunda realidade, fruto do processo de construção e criação situado entre o assunto selecionado e o assunto registrado, é pertinente na medida em que ela é produtora de uma *falsa realidade* – a realidade da representação – e que pode ser entendida como a própria elaboração do próprio discurso fotográfico. Se a fotografia envolve o registro em si (passando pela fragmentação e congelamento do evento) e o processamento fotográfico (processo de criação que torna visível a imagem registrada), o fotógrafo é o agente histórico presente no processo e age na condição de filtro cultural ao injetar componentes tanto de ordem material quanto imaterial como filtros culturais, psicológicos, ideológicos e bagagem pessoal, técnica e artística.

A atenção a esse aspecto abre espaço para que consideremos os porquês das fotografias veiculadas em *Placar*, assim como a intencionalidade da utilização desta ou daquela imagem. Portanto, a estética fotográfica,

resultado da ação discursiva do fotógrafo, assume a condição de criação e arte a partir do assunto registrado. A fotografia sobre futebol, nessa perspectiva, perde o caráter exclusivamente documental dos fatos e, desse modo, deve ser encarada *também* como uma *construção emotiva*, portadora de sentidos implícitos e explícitos, a respeito do esporte. Sentidos esses que são complementados pelo texto e pela legenda veiculados junto com a imagem, pois é essa tríade (imagem, legenda e texto) que define o que é mostrado, o que é omitido e como é transmitido, definindo assim o processo de construção do discurso da mídia impressa, seja ela esportiva ou não.

Embora o documento fotográfico possa trazer diversas possibilidades de significado e interpretação ao decorrer do tempo, pois a percepção do receptor ocorre mediante uma eterna tensão existente entre a primeira e a segunda realidade, cremos ser possível sugerir que, diferentemente das fotografias do século XIX que visavam a reforçar as relações de afeto e o exotismo do Brasil, permitindo “ver aquilo que se quer ver por meio da imagem”, a fotografia de *Placar* objetivava causar o estranhamento ao deslocar figuras públicas dos seus papéis sociais tradicionais. Com efeito, em uma das reportagens a serem analisadas, o semanário inverte o discurso tradicional ao anunciar Sócrates como governador, seja pelo fato de ser proibido ou por ser impensável considerar que um jogador de futebol possa pleitear um cargo político no momento histórico em que a reportagem se insere devido às construções sociais vigentes a respeito dos papéis de cada um na sociedade. A abordagem proposta por Mario Vargas Llosa a respeito da relação existente entre ficção e realidade em suas obras literárias sugere um caminho de análise, no mínimo interessante, para a avaliação do discurso fotográfico de *Placar*:

Nunca me dispus a reconstruir da forma mais verídica possível o passado. Também nesse romance usei abundantemente a imaginação - não apenas para preencher os vazios **como também para alterar episódios e situações a fim de tornar a narrativa mais coerente e persuasiva** (OESP, 13/05/2011) (grifo nosso).

Dessa forma, as eventuais construções e adaptações da primeira realidade efetivadas pelo fotógrafo são instrumentos que constatarem a condição da fotografia enquanto meio de comunicação portadora de discurso e intenção,

ao mesmo tempo em que supera a abordagem meramente iconográfica comumente atribuída à mesma. Mas as considerações de Mario Vargas Llosa podem nos levar a avaliar aspectos que vão além do que já foi pontuado, pois a realidade ficcional apresentada tem o potencial de indicar caminhos pelos quais a sociedade pode caminhar, mas que, no entanto, ainda não foram devidamente notados.

A ficção tem sua própria realidade, um mundo autônomo que deve gozar de soberania para persuadir o leitor de sua verdade, deve ser uma realidade distinta da verdadeira que, no entanto, inspira-se na vivência ainda que ela mesma constitua uma ficção, ou seja, outra realidade. Isso não significa que entre essas duas realidades não existam vínculos e interdependência. Um bom romance nos retira do mundo real, transportando-nos a outro ambiente, com **uma coerência, beleza e perfeição inconcebíveis no mundo em que vivemos. É por isso que a ficção nos enriquece e nos torna mais sensíveis ao confrontar o mundo real, sobretudo diante de suas carências e imperfeições.** (OESP, 13/05/2011) (grifo nosso).

O papel da arte nesse contexto, seja ela a literatura ou a fotografia, é de ampliar o campo de percepção do ser humano ao deslocar o indivíduo de suas atividades cotidianas para um universo de ideias e significados que ainda não foram devidamente nominados. Ora, não é difícil considerar que, além da fotografia, o futebol também se enquadra nessa categoria. Tido como “a coisa mais importante entre as menos importantes” pelo senso comum, o esporte é essencialmente improdutivo na medida em que está situado em um âmbito que transcende as relações econômicas de trabalho, além de estar em um campo distinto do qual reinam as atividades e as preocupações cotidianas, seja pela sua temporalidade ou espacialidade que lhes são próprias.

No mais, de acordo com a linha interpretativa de Roberto DaMatta, o futebol é capaz de dramatizar – ora revelando, ora omitindo – as tensões presentes no mundo social e, com isso, assumiria o papel de uma lupa privilegiada diante da investigação a respeito das disputas simbólicas ocorridas na sociedade:

O futebol brasileiro, deste modo, pode ser estudado como sendo capaz de provocar uma série de **dramatizações do mundo social**. Um dos traços essenciais do drama é a sua

capacidade de chamar atenção, revelar, representar e descobrir relações, **valores e ideologias que podem estar em estado de latência ou de virtualidade num dado sistema social**. Mas [...] o drama [...] **dialeticamente esconde e mistifica um outro conjunto (e) esconde os fatos da vida diária que indicam como os clubes são compostos de pessoas socialmente distintas, não podendo jamais formar uma entidade permanente**. Pois a vida cotidiana divide ricos e pobres, doentes e sadios, dominantes e dominados (DAMATTA, 1982, p. 29) (grifo nosso).

Tais proposições expostas são pertinentes para nosso trabalho, pois oferecem instrumental teórico para avaliar a visão do futebol – produto cultural de suma importância no caso brasileiro – e a construção simbólica que a revista *Placar* faz do mesmo, por meio da utilização de imagem, manchete e texto.

Se, conforme afirma Kossoy:

(...) a documentação iconográfica é uma das fontes mais preciosas para o conhecimento do passado, trata-se, porém, de um conhecimento de aparência: as imagens guardam em si apenas indícios, a face externa de histórias que não se mostram, e que pretendemos desvendar (KOSSOY, 2007, p. 31).

O que dizer então da fotografia voltada para a cobertura do futebol que é tomada imediatamente como ilustração do esporte em vez de ser analisada como portadora de discurso?

Portanto, as representações construídas por *Placar* são o foco da nossa pesquisa para que uma das diversas realidades ficcionais produzidas sobre o futebol possa ser devidamente desvendada. A bibliografia específica sobre o tema tem como ponto de partida, em sua grande maioria, análises de longos períodos históricos e, quando tratam de um período específico, tomam a imprensa apenas como fonte primária e não portadora de discurso político – louvável exceção para alguns poucos trabalhos como *A Democracia Corintiana – Práticas de liberdade no futebol brasileiro*. Contudo, imagens e fotografias a respeito do esporte veiculadas na imprensa não são analisadas pelos pesquisadores das ciências humanas, assim como o futebol, fenômeno essencialmente estético, é analisado predominantemente por meio do texto escrito e as fontes visuais adquirem caráter meramente ilustrativo.

Como fio condutor para a empreitada, propomo-nos a recuperar a definição de *intelectual orgânico* de Gramsci, pois acreditamos que esse conceito é útil para analisarmos a posição de Juca Kfourri na direção de *Placar* uma vez que esta pode ser entendida como aparelho privado de *hegemonia* já que cumpre o papel de sustentáculo utilizado pelo editor-chefe para difundir, construir e legitimar o *consenso* necessário para a implantação do modelo de modernização desejado para o futebol¹.

Como sugere José Paulo Florenzano:

A revista [Placar], atuando como aparelho privado de hegemonia no futebol, visava uma modernização capaz de conciliar a organização empresarial dos campeonatos e clubes, com o exercício da democracia e a conquista da cidadania pelos atletas. As contradições da Democracia Corintiana mostrariam a impossibilidade de conciliar os dois projetos, quais sejam, o empresarial e o democrático. (FLORENZANO, 2009, p. 166-168) (grifo nosso).

A nosso ver, as contradições não se limitavam apenas ao movimento dos jogadores do Parque São Jorge, mas também à própria linha editorial defendida pela revista do grupo Abril. Se de um lado, ela defendia alguns preceitos caros ao *futebol-arte* como a ruptura com as tradições autoritárias no esporte por meio do exercício de práticas de liberdade por parte dos jogadores, em contraposição, o caráter empresarial anunciado por Juca e companhia como plano modernizante do esporte – no qual os interesses do capital são tidos como os elementos de racionalização dessas relações sociais e que muitas vezes traz de roldão práticas autoritárias de exercício do poder – restringia os espaços de atuação desses mesmos agentes, conforme será debatido ao longo da pesquisa.

Tal tensão manifesta-se durante a gestão de Juca Kfourri, que se utiliza – via *Placar* – de ferramentas distintas das acionadas pelo regime autoritário vigente na época e assim assume o posicionamento de *intelectual orgânico* na medida em que elege o futebol como canal de contato com as camadas

¹ A iniciativa de aplicar tanto o conceito de intelectual orgânico de Gramsci, quanto o de campo esportivo de Bourdieu se originou de conversas com José Paulo Florenzano que, entre outras sugestões, me apresentou a tese de mestrado de Edney Mota Almeida.

populares, visando à construção do *consenso*, conforme a interpretação de Lincon Secco e Giuseppe Chiarante sobre Gramsci:

O intelectual, no sentido gramsciano, é todo aquele que cumpre uma função organizadora na sociedade [...] Por intelectuais se deve entender não só as camadas comumente entendidas com esta denominação, mas em geral toda a massa social que exerce funções organizativas em sentido lato, seja no campo da produção, seja no campo da cultura, seja no campo administrativo-político (QC, p. 37) [...] Assim, o intelectual é tanto o acadêmico, o jornalista, o padre, o cineasta, o ator, o locutor de rádio, o escritor profissional, quanto o intelectual coletivo [...] (SECCO).

Várias vezes, nas *Cartas* e nos *Cadernos*, Gramsci sublinha, com efeito, a distinção entre uma sociedade política (ou um partido, uma classe) que exerça o domínio somente através do aparelho coercivo do Estado, e **uma sociedade política que, agregando os intelectuais e as organizações da sociedade civil, seja capaz de exercer o poder através do *consenso*. Só se demonstrar capacidade de conquistar a adesão não só dos seus “intelectuais orgânicos” (ou seja, aqueles que são a expressão direta de uma determinada classe e dos seus interesses), mas de camadas muito mais amplas de trabalhadores intelectuais, é que uma classe de governo demonstra ser não só “dominante” mas “dirigente”; isto é, desempenha um papel “realmente progressista, que faz avançar realmente toda a sociedade”.** (CHIARANTE) (grifo nosso).

Acreditamos que a própria autoavaliação de Juca sobre a sua trajetória acadêmica na USP antes de assumir em definitivo a sua condição de jornalista esportivo também reflete essa aproximação dos conceitos. Em entrevista a Carlos Alencar, no livro *Juca Kfoury. O militante da notícia*, o jornalista declara: “Minha ideia na faculdade era fazer uma tese de mestrado para combater a ideia de que o futebol era um fator de alienação. Ficava puto com o conceito que o futebol era o ópio do povo.” (ABREU, 2000, p. 31).

Em nossa perspectiva, ao buscar um novo modelo interpretativo para o futebol, a proposta do jornalista de inversão da visão consolidada socialmente a respeito do esporte não pode ser desvinculada de uma intenção de reorganização do pacto social, característica presente no conceito de *intelectual orgânico* de Gramsci.

O confronto com o modelo autoritário e a iniciativa de promover a transformação da estrutura esportiva influencia inclusive a abordagem do editor-chefe diante da notícia. Por meio da utilização de sua maior arma, a palavra escrita, o jornalista assume a busca do *consenso* como instrumento para a implantação da *hegemonia*. A disputa realizada não se limita apenas ao conteúdo jornalístico, mas também à forma pela qual essa narrativa é estruturada como o amálgama proposto entre o *velho* e o *novo* – de um lado elementos identitários já arraigados na sociedade brasileira como o conceito de *futebol-arte*, de outro a defesa incondicional da abertura política e restauração da democracia.

Dessa forma, de acordo com a interpretação de Umberto Cerroni sobre Gramsci, podemos afirmar que o eixo responsável por garantir a supremacia e a inversão na relação de forças entre autoritários e progressistas na década de 1980 é deslocado em favor do jornalista:

Segundo Gramsci, a supremacia de um grupo social se manifesta de dois modos: como domínio (coação) e como “direção intelectual e moral” (*consenso*). **O Estado, pois, nunca é pura força nem a transformação pode ser pura violência. Logo, um grupo dominante não é, só por isso, dirigente e um grupo dominado não está fadado à subalternidade.**

A possibilidade de desvincular força e *consenso* é atribuída ao elemento criativo e móvel de uma política capaz de superar os interesses restritos (corporativos) de uma classe, para realizar uma agregação mais ampla de *consensos* em torno de um núcleo de interesses mais gerais, enraizados na comunidade nacional. **Esta possibilidade está ligada tanto à capacidade de apreender os interesses duradouros da classe trabalhadora e sua convergência com os interesses da sociedade nacional, quanto à dignidade cultural de uma política que se sente responsável pela direção de um povo e de uma nação.**

(...) Na realidade — raciocina Gramsci —, uma coerente democracia política “tende a fazer coincidir governantes e governados” e, portanto, tem como modelo um autogoverno geral, o crescimento cultural de todos. (...) **Trata-se (...) de inserir na elite eleita uma cultura feita de responsabilidade nacional e humana em relação ao próprio povo e aos eleitores-pessoas. Assim se ampliará o consenso em torno de quem for capaz de propor soluções mais razoáveis e mais humanas.** (CERRONI) (grifo nosso).

Portanto, acreditamos que o questionamento de Juca a respeito da visão tradicional do futebol como instrumento de alienação produziu novas cadeias de significados que atribuíram novos sentidos às representações projetadas sobre o Corinthians, o São Paulo e a Seleção Brasileira – embora não se limitem apenas a elas – como tentaremos demonstrar ao decorrer da pesquisa.

2.1 Inauguração de *Placar*

Dez anos atrás, PLACAR entrava em campo para jogar ao seu lado. Começava a se realizar, naquele momento, um sonho acalentado pela Editora Abril desde o fatídico 16 de julho de 1950 – dia em que o Brasil perdeu a Copa dentro do Maracanã – e afinal materializado poucos meses antes da inesquecível conquista do tricampeonato mundial no México. Idealizado depois de uma terrível derrota e concebido às vésperas de uma vitória gloriosa, PLACAR cresceu muito nessa primeira década. (PLACAR, nº 516, 20/março/1980, p.3).

Na edição comemorativa de 10 anos, o diretor e editor da Editora Abril Victor Civita ocupava o lugar do editor-chefe à época – Juca Kfoury – e assumia temporariamente o editorial de *Placar*, no qual ele posicionava o processo de elaboração da publicação entre a “terrível derrota” de 1950 e a “vitória gloriosa” de 1970. Contudo, a trajetória da revista encontrava-se inserida na própria expansão comercial da Editora Abril.

Fundada em 1950, a empresa iniciou suas atividades na cidade de São Paulo com a publicação de “O Pato Donald”, de Walt Disney, e com isso colaborava com o processo de inserção da sociedade brasileira no universo de “referências culturais mundializadas.” (MIRA, 1997, p. 48).

Até meados de 1960, a revista do pato estadunidense passaria a ser acompanhada pelos demais periódicos como “Mickey”, “Zé Carioca” e “Tio Patinhas” uma vez que os reflexos da industrialização e da consequente urbanização e aumento da escolarização/alfabetização promovidos pelo Estado Vargas garantiam a ampliação do público leitor e a constituição de massas

consumidoras que alimentavam a expansão do grupo empresarial paulista. (MIRA, 1997, p. 54).

Concomitante a isso, durante a década de 1960 as editoras brasileiras e internacionais reconheciam, cada qual no seu mercado, os interesses e necessidades de cada nicho específico de consumo. Desse modo, a Editora Abril ampliava o seu leque de ofertas – sejam elas títulos originais ou baseados em modelos estrangeiros – com o intuito de atender cada um dos segmentos existentes. Publicações como *Capricho*, *Manequim*, *Quatro Rodas*, *Cláudia*, *Contigo*, *Realidade*, *Exame* e *Veja*, entre outras tantas, são lançadas durante as décadas de 1950 e 1960 de forma a tornar a Abril “a responsável pela adaptação de quase todos os modelos e fórmulas editoriais mundializados em circulação no Brasil.” (MIRA, 1997, p. 31).

Portanto, a consolidação da indústria cultural brasileira e, conseqüentemente, a racionalização da oferta de produtos culturais permitia o atendimento das demandas específicas de cada um dos setores da sociedade, inclusive do público adolescente e jovem aficionados pelo futebol:

Com o processo de modernização da sociedade brasileira, no Pós-64, todos os setores da produção cultural passam por consideráveis transformações, sempre no sentido de ampliação de sua produção, evolução técnica, profissionalização e racionalização, com vistas ao mercado consumidor, que ia se formando graças aos processos mais amplos de industrialização e urbanização. (MIRA, 1997, p. 13).

Inicialmente tidas como adaptações nacionais de revistas como a *Life* e *Time*, o núcleo de publicações originais da Editora Abril lançadas na década de 1960 procurava decodificar as diversas facetas da identidade nacional brasileira. *Claudia* abrangia a moda e a cozinha brasileiras, questões tidas como elementos identitários femininos. *Quatro Rodas* – destinada ao público masculino – procurava traçar o mapa físico do país para atender a necessidade do “turista brasileiro” e da indústria do turismo em um momento de crescimento econômico promovido pelas primeiras atividades da indústria automotiva estrangeira em território nacional. *Realidade* e *Veja* traziam consigo a missão de informar o “leitor brasileiro” oferecendo uma perspectiva diferente dos demais meios de comunicação (MIRA, 1997, p. 66).

O lançamento de *Placar* em 20 de março de 1970 perfilava-se com a linha de raciocínio desenvolvida por Victor Civita, que afirmava: “As tiragens no Brasil ainda são pequenas; a única forma de manter uma grande empresa em crescimento é ir ao encontro de todos os segmentos do mercado”².

Com base nessa linha interpretativa, consideramos que *Placar* estreava com o intuito de retratar o *futebol e o torcedor brasileiros* e que, futuramente, seria um dos responsáveis pela consagração do conceito do Brasil como *o país do futebol*. Já na primeira edição, a Carta do Editor assinada por Civita se encarregava de apontar o espaço ocupado pelo esporte bretão e seus personagens na sociedade brasileira, assim como o papel da própria revista:

Naquele instante [a derrota brasileira para o Uruguai por 2 x 1 em 1950 no Maracanã], ficou confirmado o que todos já sabíamos: para o Brasil o futebol é mais que um esporte, menos do que uma guerra — um meio-termo explosivo, colorido, sensacional. **Resolvemos que uma das publicações de nosso plano editorial deveria ser mais cedo ou mais tarde, uma revista esportiva — tão explosiva e tão sensacional como este nosso povo que vai aos estádios fazer uma das mais belas festas do mundo.** (PLACAR, nº1, 20/março/1970, p.38) (grifo nosso).

Com isso, o editor de *Abril* anunciava a linha editorial da revista que reconhecia o futebol como manifestação da cultura popular³ ao mesmo tempo em que o posicionava como objeto de análise metódica por uma *nova mentalidade do jornalismo esportivo*.

Conseguimos reunir uma equipe jovem, talentosa, altamente profissional. Por outro lado, temos hoje no País **uma nova mentalidade no jornalismo esportivo**: a paixão clubística, as preocupações pessoais, os interesses menores foram substituídos pela crítica construtiva, pela análise ponderada, pela reportagem desassombrada e imparcial. E tudo isto faz parte da filosofia de PLACAR. (PLACAR, nº1, 20/março/1970, p.38) (grifo nosso).

Essa *nova mentalidade do jornalismo esportivo* estava associada a uma proposta de “modernização que colocar[ia] os jornalistas diante de um quadro

² “A incessante criação de mercados”, *Expansão*, 28/junho/1972 APUD (MIRA, 1997, p. 67).

³ Não é por acaso que o primeiro exemplar da revista trazia Pelé na capa.

típico da indústria cultural: divisão do trabalho, aprimoramento técnico [e] padronização do produto” (MIRA, 1997, p. 67) Modernização essa que também estava presente na estruturação interna da revista. Formada desde seu início por um grupo de profissionais experientes e qualificados no meio jornalístico como Cláudio de Souza – *O Homem Abril* –, Hamilton Almeida, o fotógrafo Lemyr Martins, Michel Laurence e José Maria de Aquino – ganhadores do Prêmio Esso de Jornalismo de 1969 – e o cartunista Henfil, além de alguns egressos de periódicos de destaque à época como o *Jornal dos Sports* (CHIARIONI e KROEHN, 2010); (HOLLANDA, 2010), *Placar* entrava em campo com um esquadrão de alto poder de fogo.

No que diz respeito à disposição interna do semanário, inovações como a cobertura completa do recém-criado Campeonato Brasileiro⁴, a divulgação de todos os resultados dos jogos disputados em território nacional, a criação dos prêmios *Bola de Prata* e *Bola de Ouro*⁵ indicavam a tônica adotada pela revista de se propor a cobrir o futebol em seu âmbito nacional.

No aspecto organizacional essa iniciativa de abranger todo o território brasileiro também merecia destaque, pois *Placar* possuía sucursais nos principais estados brasileiros como Rio Grande do Sul, Paraná, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia e Pernambuco, além de uma expressiva equipe de fotógrafos que tinha como missão mostrar “aquilo que a tevê não mostra” (CHIARIONI e KROEHN, 2010, p. 234)

A formação estadunidense de Victor Civita aguçava no editor a busca pela racionalização empresarial do mercado editorial brasileiro. Seu empreendedorismo anunciava o *espírito do capitalismo* nos trópicos de forma que sua figura encaixava-se com perfeição no contexto histórico do desenvolvimento do capitalismo brasileiro na década de 1960. Segundo Renato Ortiz:

[...] a indústria cultural não escapa a este processo de transformação: os capitães da indústria dos anos anteriores devem ceder lugar ao manager. O espírito aventureiro-empREENDEDOR de Chateaubriand caracteriza toda uma época,

⁴ O primeiro Campeonato Brasileiro foi disputado em 1971.

⁵ A *Bola de Prata*, iniciada em 1970, elege o melhor jogador de cada posição, formando assim a seleção do ano. A *Bola de Ouro*, instituída a partir de 1973, premia o melhor jogador do ano entre os 11 pré-selecionados.

mas ele é inadequado quando se aplica ao capitalismo avançado.⁶ (ORTIZ apud (MIRA, 1997, p. 32)

Como *manager*, Civita era um dos responsáveis pela implantação da estrutura da imprensa moderna brasileira formada pelos itens já citados como: 1 – o atendimento nas necessidades e interesses de segmentos específicos da sociedade, 2 – a tradução e adaptação de títulos de periódicos internacionais para a realidade nacional, 3 – a decodificação de elementos da identidade nacional – o futebol, em nosso caso específico – e por fim, 4 – a implantação da gestão empresarial no mercado editorial brasileiro que gerava a especialização de tarefas e a consequente valorização econômica da profissão de jornalista no Brasil, conforme afirma Juca Kfoury em entrevista para o site acadêmico Ludopédio:

Como dizia Paulo Francis, **uma empresa [a Editora Abril] que tem um mérito inegável na história da imprensa brasileira de ter sido a primeira empresa de jornalismo que permitia aos seus funcionários viver só deste emprego**, porque em regra o jornalista era aquele cara que era revisor de um jornal de manhã, era repórter de tarde e fechava a primeira página de noite. Eu entrava às 10 da manhã, saía às 7 da noite, tinha bom salário, era um ambiente muito legal que também permitia viver com dignidade (LUDOPEDIO, 2011).

Diante dessa estrutura oferecida e com o intuito inicial de garantir o monopólio da publicação dos resultados da então recém-fundada Loteria Esportiva, *Placar* inaugurava sua trajetória às vésperas da Copa de 1970. A tônica de sua cobertura com reportagens investigativas e manchetes provocantes já se fazia presente no segundo número com a entrevista de João Saldanha, na qual o ex-técnico comentava sobre sua saída do comando da Seleção Brasileira, os conflitos com os patrocinadores e a superexploração de Pelé. Em 23 de fevereiro de 1973, quando os porões do DOPS e DOI-CODI funcionavam a todo vapor, *Placar* trazia como capa o notório corintiano e crítico ao regime militar Dom Paulo Evaristo Arns. O religioso afirmava que “aprendeu a torcer [para o Corinthians] por causa de seu grande amor ao povo de sua cidade” e “que mais importante que as vitórias no futebol eram as vitórias na vida e o importante era que houvesse justiça em toda parte” (CHIARIONI e

⁶ ORTIZ, Renato. A moderna tradição brasileira, São Paulo, Brasiliense, 1988.

KROEHN, 2010, p. 66) e o teor da reportagem evidenciava o apoio da revista ao discurso do religioso. Seja através da manchete de capa – “Corinthians mais perto de Deus” – ou da matéria – “Deus é alegria, Deus é Corinthians.” – o mito de time do povo e o estigma de sofredor do torcedor alvinegro eram reforçados a ponto de elevar a equipe à condição de representante dos anseios populares.

O leque de questionamentos realizados pelas reportagens da revista era amplo. No que diz respeito ao papel do jogador de futebol, às agruras da profissão e os estereótipos que cercam os profissionais, *Placar* buscou novas abordagens dos fatos, seja visando à ampliação do público leitor ou a defesa de uma alteração estrutural do futebol. Tal iniciativa pode ser constatada na cobertura que a revista fez da degradação física dos pés dos atletas na qual evidenciava a exploração excessiva do corpo dos jogadores.

A proposta de romper estereótipos consagrados também se fez presente em uma entrevista com Rivelino. A pauta apresentada por Juca Kfourri – criticada pelos colegas da própria redação da revista – tinha como proposta uma entrevista com o craque a respeito do tema “O dia em que eu for campeão pelo Corinthians”. Aprovada com dificuldade sob alegação dos demais jornalistas que o jogador de futebol não faz esse tipo de reflexão, a matéria foi publicada em 16 de agosto de 1974 e evidenciava uma clareza surpreendente do atleta ao avaliar o seu papel dentro do clube, a relação entre jogador e torcida, a perpetuação da glória através da vitória no futebol e a sua condição de profissional ao exigir aumento salarial justamente quando o modelo do milagre econômico brasileiro já estava em franca decadência.

Contudo, o aparelho montado em torno de *Placar* pela Editora Abril ainda carecia de um personagem que se propusesse a encarar o futebol como instrumento de disputa simbólica e de análise da sociedade brasileira.

2.2 O feiticeiro entra em campo – Juca Kfourri como editor-chefe de *Placar*

Quando entrei para fazer ciências sociais na USP, o meu projeto de vida era fazer vida acadêmica e escrever uma tese sobre futebol, que sempre foi uma coisa maltratada pela

intelectualidade brasileira [...], o futebol e o carnaval eram coisas menores para os nossos grandes intelectuais, a ponto de a primeira grande coisa escrita sobre futebol no Brasil ser do Anatol Rosenfeld, que é alemão. **Eu queria fazer uma tese para mostrar que, ao contrário de ser alienante, como a nossa intelectualidade supunha, futebol era um fator mobilizante.** (CAROS AMIGOS, 1997) (grifo nosso).

José Carlos Amaral Kfourir – o Juca Kfourir – nasceu em São Paulo em 1950 em uma família de classe média e logo na adolescência já demonstrava interesse pela atuação política ao participar do apoio à ALN (Aliança Libertadora Nacional) no combate à ditadura militar implantada em 1964. De formação comunista, cursou Ciências Sociais na Universidade de São Paulo no início da década de 1970, foi preso para “averiguação” pelo DOI-CODI em 1971 e em 1974 iniciou o programa de pós-graduação com Francisco Weffort na mesma instituição. Filiou-se ao PCB (Partido Comunista Brasileiro) em 1975.

Ao mesmo tempo, no ano da conquista do tricampeonato mundial, Juca abandonava a luta armada – mas não a luta política – e começava sua carreira jornalística no Departamento de Documentação e Pesquisa da Editora Abril – (DEDOC). Em 1974, então gerente do DEDOC, é convidado a assumir a chefia de reportagem de *Placar*.

Contudo, as relações trabalhistas não eram tão amistosas. Os reflexos da abertura política e do aumento das mobilizações populares por melhores condições de vida atingiam a redação da revista, que contava com a presença de jornalistas sindicalizados em seus quadros como Celso Kinjô – que já havia sido preso político em 1968 – e o próprio Juca. Sobre o evento, Kfourir afirma: “Eu era diretor do sindicato e fazia parte do comando de greve. Liderei o piquete na Editora Abril, que foi a única empresa que teve 100% de adesão, ninguém foi trabalhar, mas perdemos a greve.” (CHIARIONI e KROEHN, 2010, p. 110).

Temendo a possibilidade de ser demitido, uma vez que cerca de 200 jornalistas dos demais meios de comunicação haviam perdido o emprego, Juca é chamado por Roberto Civita, então diretor-presidente do grupo Abril, para uma reunião na qual é convidado a assumir a direção de *Placar* sob a condição

de que vestiria a camisa da publicação com a mesma dedicação que havia defendido a greve dos jornalistas. (ALENCAR, 2006, p. 51)

Tal qual o pai Victor, Roberto Civita apresentava a mesma racionalidade e lógica empreendedora ao oferecer o posto ao “militante da notícia.” Se na perspectiva do herdeiro do grupo Abril, a nomeação do novo diretor-chefe de *Placar* era uma medida que tinha como objetivo alavancar as vendas tornando-a uma publicação bem sucedida, na perspectiva de Juca Kfoury, a revista era o *aparelho privado de hegemonia* ideal para defender na prática a sua tese de mestrado em Ciências Sociais, pois “ao contrário de ser alienante, como a nossa intelectualidade supunha, futebol era um fator mobilizante.”.

3 Futebol e desencanto

3.1 Barco sem porto, sem rumo, sem vela – Os desencantos do futebol.

Embora Juca Kfoury tenha assumido a direção geral da revista em 24 de outubro de 1980, consideramos que o início de sua trajetória enquanto *intelectual orgânico* em *Placar* ocorreu em 31 de agosto de 1979 com a inauguração da coluna *Opinião de Placar*.

A partir do momento em que o jornalista reassume⁷ a direção da redação do semanário surge um novo espaço a ser preenchido pela análise e opiniões semanais sobre os assuntos relacionados ao mundo futebolístico. Na condição de editorial da publicação, a primeira *Opinião de Placar* marcava posição ao defender o boicote da torcida do Corinthians ao time para garantir a saída de José Teixeira, então técnico do time alvinegro:

Um técnico [José Teixeira] que deixa Caçapava perdido em campo, que faz de Romeu o responsável pela armação da equipe, que é incapaz de dar padrão ao time – e a vitória contra o São Paulo só por 2 a 0 é mais uma prova disso – não pode mais dirigir o Timão. **É o que a Fiel acha. Nós também.** (PLACAR, nº488, 31/agosto/1979, p.6) (grifo nosso).

No entanto, o novo espaço criado não se limitaria a opinar a respeito de questões momentâneas veiculadas ao esporte bretão. Como pretendemos demonstrar ao decorrer destas páginas, as linhas de *Opinião de Placar* trariam paulatinamente uma proposta de transformação do mundo futebolístico que se configuraria em um projeto político a ser formulado pelo semanário entre os anos de 1979 e 1984. Esse plano pretendia, simultaneamente, garantir o resgate da essência do futebol brasileiro enquanto *futebol-arte* e traçar as diretrizes que permitiriam modernizar o esporte nacional.

⁷ Embora Juca houvesse sido nomeado chefe de redação da revista em 1974, durante o ano de 1979 ele tem uma breve passagem pela TEVÊ Gazeta antes de retornar à *Placar*.

Com isso, o primeiro movimento dos canhões da coluna *Opinião de Placar* apontavam para os principais responsáveis pelo atraso do futebol brasileiro, os dirigentes: “Nascemos para comemorar a epopeia do Tri, certos de que nunca mais o futebol desaprenderia a fórmula do sucesso e da responsabilidade. Os fatos, porém, se encarregam de mostrar que os cartolas não mudam.” (PLACAR, nº 500, 23/novembro/1979, p.9).

Certa da supremacia futebolística brasileira *apenas confirmada* pelo tricampeonato do México, *Placar* atribuía aos cartolas do futebol a responsabilidade pela cisão ocorrida entre a nação e o seu espelho, a seleção brasileira. Nesse primeiro momento, o empenho da revista era dissociar a essência do futebol brasileiro e a contingência que se manifestava temporariamente sobre o mesmo. A superioridade verde e amarela nos gramados precedia inclusive a campanha de 1970, no entanto era ofuscada pela incompetência e pragmatismo político dos cartolas.

O ataque inicial aos dirigentes tinha como estratégia apontar os responsáveis pela queda de rendimento das seleções nacionais, assim como dos clubes brasileiros, durante a década de 1970. Uma vez em crise a *forma-representação* (TOLEDO, 2002) da supremacia absoluta do futebol brasileiro, o semanário identificava os culpados e assim dava o primeiro passo para viabilizar a elaboração de um novo modelo de identificação por meio do esporte.

Rico na sua essência, o futebol brasileiro sofria com a má gestão dos dirigentes que usurpavam a identidade original do referido esporte tal qual um grupo de piratas. Portanto, Juca Kfoury anunciava que “chegou a hora de dar um basta! Chegou a hora de moralizar”:

Pobre e flagelado futebol brasileiro, navegando sem destino ou proteção, feito barco de refugiados. **Sempre à deriva, vive sendo assaltado por piratas que agem à luz do dia.** E esta versão 79 do Campeonato Brasileiro, produzida nos refrigerados gabinetes da rua da Alfândega, nada mais é que um ato de pirataria. **Mais do que nunca, estamos num barco sem bússola, sem memória e sem futuro.** Os fracassos das últimas Copas, a perda de prestígio internacional e os monstruosos Campeonatos Brasileiros de 77 e 78 parecem ter sido apagados num simples passar de borracha. [...] Ora, estamos falindo, estamos a pique de perder nossos melhores talentos para o estrangeiro, somos sufocados por campeonatos

cada vez mais deficitários. É hora de dar um **BASTA aos piratas** do nosso pobre e flagelado futebol. (PLACAR, nº 489, 07/setembro/1979, p.22) (grifo nosso).

Os efeitos da pirataria colocavam em risco o próprio campeonato nacional brasileiro que – inchado, deficitário e sem um calendário de jogos pré-estabelecido – obrigava os times a atravessarem o país de dimensões continentais e impedia o seu planejamento econômico. A inviabilidade econômica apontada por *Placar* atingia também a credibilidade da Loteria Esportiva, pois a falta de racionalidade na elaboração dos jogos obrigava a CBD a realizar “o sorteio do jogo Operário e Avaí, marcado e desmarcado pela entidade que organiza (!) o nosso futebol. **Pobre futebol brasileiro, tão rico em craques, tão mal administrado.**” (PLACAR, nº 491, 21/setembro/1979, p.11) (grifo nosso).

O desgaste dos jogadores em campo e a violência ofuscavam o *verdadeiro talento futebolístico brasileiro* e também eram tidos como reflexo da má administração esportiva que afetava a excelência do espetáculo em duas vertentes distintas. Em primeiro lugar, a série de contusões dos jogadores em decorrência de jogadas violentas ou não, assim como sua ausência nas partidas seguintes, eram avaliadas pela revista de acordo com os prejuízos econômicos gerados aos clubes. Portanto, os “jogos a cada 48 horas, viagens, concentração [e] estafa” eram identificados como “os perigos a longo prazo criados por calendários irracionais” a ponto de colocar em risco o desempenho da própria seleção brasileira na Copa da Espanha, como advertia o preparador físico do Guarani, Hélio Máffia: “– Estaremos diminuindo as possibilidades do Brasil na Copa da Espanha por cansaço e saturação de bola de seus melhores jogadores” (PLACAR, nº 494, 12/outubro/1979, p.60).

Em segundo lugar, a convivência da arbitragem em relação à violência que acabava “impedindo que o craque [pudesse] expor sua arte, nivelando times por baixo” também era apontada como resultado do excesso de ingerência da cartolagem sobre o futebol e comprometia crucialmente o evento:

A responsabilidade maior por essa situação, mais uma vez, deve ser debitada aos cartolas, à estrutura do futebol brasileiro. Por quê? Porque os árbitros não se sentem seguros para punir, proibir, expulsar sistematicamente o jogador

violento, o profissional que não percebe o mal que causa a si mesmo quando os craques não podem jogar, diminuindo as rendas e, por isso, os salários. Mas, e o perigo dos vetos, dos 'esse não apita mais jogo do meu time'? Quem se arrisca?

E tem mais. **A violência ainda maior**, a que gera todas as outras, a que põe um bando de jogadores alucinados batendo até na sombra, **está na falta do calendário, nas maratonas impostas aos clubes**, impedindo o descanso, causando a bronca das mulheres dos profissionais sem tempo para elas e para a família, tornando compreensível até, embora não justificado, a resistência de alguns em ceder jogadores para a Seleção, como vimos na semana que passou.

Não, não se trata de desculpar a atitude impensada de um zagueiro, ou até mesmo do atacante, que beque não é a palmatória do mundo -, jogando a culpa sempre nos dirigentes. **Trata-se apenas de mais uma constatação, entre tantas, da incompetência da cartolagem.** (PLACAR, nº 496, 26/outubro/1979, p.9) (grifo nosso).

A violência estava presente também na desorganização que corroía toda a estrutura administrativa do futebol e gerava reflexos dentro de campo, como é o caso da briga ocorrida no jogo do campeonato paulista de 1979 entre São Paulo e Corinthians no Estádio do Morumbi. Segundo *Placar*, a responsabilidade era do dirigente local Nabi Abi Chedid, então presidente da Federação Paulista de Futebol (FPF), pois:

Foi ele quem arrumou um campeonato desorganizado, bagunçado do começo ao fim, criando uma situação de tensão que começou mexendo na cabeça dos cartolas, atingiu as torcidas, irrompendo em surtos de violência nunca vistos, e, como não poderia deixar de ser, refletindo também nos jogadores, maiores vítimas de tudo isso. (PLACAR, nº 501, 30/novembro/1979, p.14).

Outros problemas surgiam a bordo na nau assaltada pelos piratas uma vez que a má gestão administrativa gerava impactos diretos na campanha da seleção brasileira. Em uma partida pela fase semifinal da Copa América de 1979 no Maracanã, o Brasil alcançava um tímido empate por 2 x 2 contra o Paraguai e o pífio resultado que desclassificara a equipe era mais uma vez atribuído à incompetência técnica da classe dirigente que parasitava o *talento natural* dos jogadores brasileiros. Segundo João Saldanha, colunista da revista *Placar*, “nenhum dos atuais dirigentes da CBD jamais jogou bola” e dessa forma, eram tidos alienígenas no universo do futebol. Portanto, “o que esperar

de homens que não gostavam de futebol e que estão nele apenas para resolver seus problemas, suas vaidades, seus interesses mesquinhos.” (PLACAR, nº 498, 09/novembro/1979, p.28). Responsáveis pela desclassificação da seleção canarinho na competição, os cartolas impediam o processo de reconhecimento mútuo do time e sua torcida e, por isso, Saldanha preocupa-se em dissociar os papéis na medida em que os parasitas fossem devidamente identificados.

Vou, sim, tentar apontar erros primários e grosseiros cometidos pelos dirigentes do futebol brasileiro, que, desavergonhadamente, de fracasso em fracasso, **insistem em ficar agarrados como ostras a seus cargos de luxo e fazendo, à custa do futebol, a promoção de seus negócios e de sua política partidária.** (PLACAR, nº 498, 09/novembro/1979, p.28) (grifo nosso).

Ao mesmo tempo em que essa iniciativa de apontar a presença dos intrusos elegia o bode expiatório da desclassificação do torneio sul-americano, indicava a existência do talento não revelado de nossos jogadores. A missão de *Placar* era separar o joio do trigo de modo que nossa superioridade nos gramados pudesse aflorar com o intuito de permitir que a torcida brasileira se reconhecesse em campo novamente. Com isso, os jogadores eram poupados do ônus da derrota pela revista, mesmo diante do relato das sonoras vaias dirigidas aos mesmos ao final da partida:

As vaias de quarta-feira [...] estamos certos de que não foram dirigidas a níveis pessoais, ou seja, a Cláudio Coutinho, o técnico, a Leão, o goleiro, e aos craques que mal conseguiam se arrastar pelo campo. Foram, isto sim, **dirigidas aos dirigentes, aos cartolas, à cúpula do futebol brasileiro**, que tem, no seu alto, como todo poderoso, o senhor, almirante (ou por ventura será o Márcio Braga?) (PLACAR, nº 498, 09/novembro/1979, p.32) (grifo nosso).

A intensa campanha de *Placar* procurava isentar os jogadores de qualquer responsabilidade diante da derrota, fato que indicava a leitura que a revista tinha dos acontecimentos do universo futebolístico. Os dirigentes eram apresentados como a camada superficial que impedia a expressão do talento futebolístico nacional e, portanto, precisavam ser desalojados de seus

respectivos postos. A disputa simbólica fazia-se presente na medida em que o alto escalão esportivo era apontado como o responsável pela deficiência técnica da seleção. Sob a pecha de corruptores da identidade nacional, a ação de representar os cartolas como ícones da irracionalidade, do pragmatismo político e do parasitismo demonstrava a iniciativa de *Placar* em instaurar e fomentar – simultaneamente – uma *crise de hegemonia* no universo do futebol brasileiro.

Se a classe dominante perdeu o *consenso*, ou seja, não é mais “dirigente”, porém unicamente “dominante”, detentora da pura força coercitiva, isso significa precisamente que as grandes massas se separaram das ideologias tradicionais, que não creem mais no que antes criam, etc. A crise [de *hegemonia*] consiste precisamente no fato de que o velho morre e o novo não pode nascer. (GRAMSCI)

Portanto, a batalha incessante travada pela revista em nome da desvinculação entre governo institucional e futebol, da profissionalização dos dirigentes e da racionalização das regras do esporte compunha o conjunto de ações com o intuito de deslegitimar a direção do esporte nacional ao mesmo tempo em que salvaguardava os subsídios da cultura popular futebolística na medida em que fosse possível reconstruir o quadro de representações de acordo com a proposta política de *Placar*.

Nessa perspectiva, os jogadores da seleção simbolizavam a essência do futebol brasileiro ofuscado pelos piratas de plantão. Por um problema de gestão, e jamais por alguma deficiência técnica, a seleção brasileira não iria para as finais da Copa América para disputar o primeiro lugar – seu lugar de direito – como apontava João Saldanha na sua coluna “Os culpados não jogaram”:

Eles [os jogadores] foram estrepitosamente vaiados bem no centro do campo. **Mas a maior vaia do mundo seria se dissessem no alto-falante (sic): ‘Está em campo a diretoria da CBD’.** [...] Creio que devemos ter cuidados e carinho com nosso capital mais precioso: **os jogadores.** [...] Eles são bons e **não têm nenhuma culpa** de terem ensaiado um hino que já conhecem e não terem tempo para ensaiar um conjunto de futebol. Está acontecendo uma série de coisas no futebol brasileiro. **Os erros estão vindo de cima e não dos**

jogadores. Só faltaria culpar a torcida. (PLACAR, nº 498, 09/novembro/1979, p.29) (grifo nosso).

O próximo passo da campanha do semanário em restaurar a supremacia futebolística brasileira consistia na denúncia da obsolescência das carcomidas estruturas da CBD:

Imaginei até que Coutinho conseguisse, ao menos, incutir vontade em nossos jogadores – **os menos culpados, diga-se** – e que, apertada que fosse, a vitória viesse, como ele prometera. Agora só resta a humilhação, a vergonha que passamos e um apelo, direto ao senhor Heleno Nunes: Almirante, respeite sua idade, sua imagem perante seus netos e deixe de mandar testa-de-ferro interpor recursos conta a CBF. Com o respeito que o senhor merece, vá para casa e fique saudavelmente torcendo pelo seu Vasco. **O resto a CBF faz e, se não fizer, nós cobraremos. Adeus.** (PLACAR, nº 498, 09/novembro/1979, p.12) (grifo nosso).

A necessidade de preservar a imagem dos jogadores brasileiros tinha como base o fato de que eles seriam um dos elementos-chave para a reconstrução do *consenso* em torno do futebol. Por outro lado, ao apontar a condição de ultrapassado do Almirante Heleno Nunes, então presidente da CBD, e se eleger como responsável pela fiscalização da recém-fundada Confederação Brasileira de Futebol (CBF), a revista apresentava-se em *campo* (BORDIEU, 1983) como um adversário que disputaria o patrimônio simbólico da prática esportiva. Outro elemento de reelaboração dos significados consistia na necessidade de implodir os velhos padrões operacionais representados pela CBD e oferecer o apoio imediato à CBF, que o semanário via como o canal ideal para a implantação de uma gestão saneadora e modernizadora do esporte. Era com esse intuito que *Placar* cobrava de Heleno Nunes o compromisso de defender uma proposta de reformulação do futebol:

Com palavras sinceras, almirante [Heleno Nunes], sem aquela demagogia de dirigente político interiorizando o nosso futebol em busca de votos para o partido do governo. Sem as mordomias que existem desde o tempo de João Havelange, hoje na FIFA, e que a cada viagem levam dezenas de convidados com o dinheiro daquele povo, que, na quarta, voltou a lotar o estádio para ver ao vivo o vexame de Assunção. Com palavras dignas de um candidato à presidência da CBF **sem os vícios da burocratizada decadente CBD,**

uma CBF que, pelo menos até agora se acredita, será o marco da reformulação do nosso futebol. (PLACAR, nº 498, 09/novembro/1979, p.32) (grifo nosso).

Diante do contexto, a *crise de hegemonia* da CBD era anunciada e na condição de oráculo a revista apontava a aurora dos novos tempos:

O momento é mais que propício para todos os tipos de reformulações. O futebol brasileiro está em crise, vive um momento de transição, há craques acabando, outros surgindo, **e mudanças nos planos técnicos e políticos estão por vir.** Só que, dos homens que o dirigem, exige-se, no mínimo, cabeça fria. (PLACAR, nº 498, 09/novembro/1979, p.30) (grifo nosso).

No entanto, a crise de legitimidade só poderia ser superada diante do retorno às raízes do futebol. Como afirma Bourdieu, “nos campos de produção de bens culturais, religião, literatura, arte, [assim como o futebol], a subversão herética reivindica o retorno às fontes, à origem, ao espírito, à verdade do jogo, contra a banalização e a degradação que sofreu” (BORDIEU, 1983, p. 3). Dessa forma, o resgate da tradição por meio da busca incessante do *futebol-arte*, da suposta pureza identitária dos clubes enquanto representantes da autonomia administrativa em relação à CBD, do enaltecimento da técnica natural dos jogadores brasileiros e da reelaboração do passado glorioso nos gramados eram os alicerces para a construção do projeto político modernizador de *Placar*.

Sustentando essa linha de pensamento, João Saldanha afirmava que “ainda temos o melhor futebol do mundo” mesmo que “nossa bagunça, nossa politicagem e o carreirismo quase nos afog[asse]” e permitisse que o êxodo dos craques brasileiros devido “ao ‘milagre brasileiro’” ocorresse. Para o colunista, a iniciativa privada dos clubes ao promover sua autonomia em relação às federações era a chave para a superação do atraso estrutural de nosso futebol, pois libertava o esporte de suas amarras.

Pois alimento grandes esperanças. No Rio, fundaram a Liga Carioca, que pretende fazer seus campeonatos próprios, independentemente da velha e arcaica estrutura do futebol nacional. E pretendem se livrar dos Caixa D'água e de outros oportunistas e aproveitadores. **Mas nada melhor que o aparecimento de cobras nos campos e de grandes clubes**

dando grandes espetáculos. Também, um pouco de democracia não faz mal a ninguém. (PLACAR, nº 504, 31/dezembro/1979, p.37) (grifo nosso).

Assim, diante do risco iminente de naufrágio da embarcação do futebol brasileiro devido à invasão dos piratas, a revista reivindicava o posto de Almirante e insuflava os marinheiros verde-amarelos à rebelião.

3.2 E vou tomar aquele velho navio – o futebol moderno

Nessa nau sem rumo, sem capitão e direção, à espera de um timoneiro que assumisse o controle da embarcação novamente, *Placar* reivindicava a condição de bússola que nortearia as transformações a serem feitas para modernizar o futebol brasileiro.

Portanto, a publicação iluminava com o seu candeeiro as práticas transformadoras que colocavam em cheque o amadorismo da CBD. Avaliando o impacto da desorganização do calendário esportivo no usufruto dos direitos trabalhistas dos profissionais da bola, Juca Kfoury afirmava que “os jogadores acordaram e começam a protestar. Já era hora”:

Verdade que, timidamente, alguma coisa parece estar mudando para melhor. Exemplo disso é o dos jogadores que se insurgem contra a falta de calendário, contra a tabela – até agora desconhecida – do Brasileiro, que invade seu sagrado, e previsto em lei, período de férias. (PLACAR, nº 491, 21/setembro/1979, p.11) (grifo nosso).

Seja no campo dos direitos trabalhistas ou nos bastidores do espetáculo, o alvo fixo na proposta modernizadora do futebol e na crítica ferrenha à cartolagem produzia algumas parcerias efêmeras e inusitadas. Se na divulgação da *Carta do Rio de Janeiro*, documento elaborado pelos grandes clubes brasileiros que exigia entre outras coisas a redução do número dos clubes participantes no Campeonato Brasileiro e a futura extinção das Federações, deixando a cargo dos clubes a gestão dos assuntos relacionados ao futebol, *Placar* avaliava a atitude como “o começo da rebelião, saudável

rebelião, ensaiada pelos clubes grandes do país, mesmo que ainda com a imperdoável ausência do São Paulo, Santos e Palmeiras, covardemente em cima do muro” (PLACAR, nº 491, 21/setembro/1979, p.11), Vicente Matheus, então presidente do Corinthians, era alçado à condição de paladino da justiça na medida em que enfrentava os desmandos do presidente Nabi Abi Chedid frente à Federação Paulista de Futebol (FPF). No episódio em questão, Matheus se recusava a colocar o time alvinegro em campo em uma rodada dupla⁸ e recebia o apoio incondicional da revista contra “um presidente [Nabi Abi Chedid] eleito [...] usando os velhos métodos dos coronéis no nosso interior, métodos que pareciam totalmente superados.” (PLACAR, nº 499, 16/novembro/1979, p.16).

Temporários ou definitivos, o semanário ia pouco a pouco escolhendo seus aliados para que o projeto de construção de uma *nova hegemonia* em torno do futebol pudesse ser consolidado. O ataque sistemático e multidirecional às estruturas do futebol e a simultânea iniciativa de resgatar a *essência futebolística* posicionavam a revista enquanto *aparelho privado de hegemonia* que conseguia ouvir os primeiros ecos de sua ação política:

São sinais de que alguns, pelo menos alguns, começam a se preocupar em mudar o atual estado de coisas e a fazer coro com **as vozes da imprensa** que há tanto tempo denuncia a incompetência da cartolagem. Mas ainda é pouco. Pouco para transformar uma estrutura por demais viciada. (PLACAR, nº 491, 21/setembro/1979, p.11) (grifo nosso).

Firme na construção de sua proposta modernizadora, *Placar* anunciava a *salvação do futebol* na série de reportagens intituladas Campanha em Defesa do Futebol Brasileiro. A começar pela redução do número de participantes do campeonato brasileiro para 24 clubes, a criação de no mínimo duas divisões e a unificação do calendário, a perspectiva de uma gestão empresarial do esporte indicava a tônica da proposta. Por conseguinte, o caminho a ser percorrido deveria passar invariavelmente pela constituição de uma associação de clubes que promovesse uma vasta lista de medidas a serem tomadas, a saber: a exploração de contratos de publicidade, a venda de produtos

⁸ No Campeonato Paulista de 1979, a FPF buscou organizar a rodada dupla com a intenção de atrair um número maior de torcedores aos estádios. Assim, dois jogos consecutivos do campeonato eram realizados no mesmo dia e local.

licenciados pelos times, a comercialização de pacote de ingressos para a temporada via rede bancária, a oferta de brindes e realização de sorteios durante as partidas, a exigência de uma previsão orçamentária para as federações estaduais e a CBD, a comercialização de partidas pela tevê, a reorganização do espaço físico dos estádios visando à criação de novos setores que permitissem a majoração do valor dos ingressos e, conseqüentemente, da arrecadação desde que houvesse a manutenção do preço dos ingressos das gerais. No campo político, o semanário requeria a profissionalização dos dirigentes, o fim do voto unitário nas federações, a garantia de direitos trabalhistas aos jogadores e o fim do continuísmo na administração da CBD (PLACAR, nº 490, 14/setembro/1979). Portanto, *Placar* acreditava na viabilidade de associar uma transformação do futebol aos moldes empresariais à expansão das práticas democráticas no universo futebolístico:

A revista, atuando como aparelho privado de *hegemonia* no futebol, visava a **uma modernização capaz de conciliar a organização empresarial dos campeonatos e clubes, com o exercício da democracia e a conquista da cidadania pelos atletas**. (FLORENZANO, 2009, p. 166) (grifo nosso).

Para atingir tal objetivo, o semanário iniciava um processo de reelaboração da imagem do jogador de futebol que culminaria na apropriação da figura de Sócrates, selecionando atentamente aqueles que poderiam ser categorizados como representantes dos atletas modernos e, portanto, novos agentes políticos a serem convidados para o debate. Portanto, os jogadores que em alguma medida se alinhavam à leitura de que gestão empresarial e ampliação do acesso à cidadania aos profissionais da bola fossem elementos perfeitamente compatíveis passavam a ser reconhecidos como portadores de consciência profissional.

Sob a ameaça de rebelião incitada pela própria revista devido ao excesso de jogos, Juca Kfoury anunciava em sua coluna semanal: “Os cartolas que se cuidem. Vão passar por cima deles”:

Alguém já disse que o futebol imita a vida e a ensaiada rebelião dos jogadores, liderados pelo competente Palhinha, só vem confirmar a frase. **Como na vida, no futebol também existem aqueles com mais consciência, mais firmes em seus**

objetivos e os ainda atrasados, receosos, sem perceber a força que têm. Temos dito que os jogadores devem assumir seus papéis no sentido de resolver os problemas mais graves do nosso futebol, convencidos de que só quem os enfrenta na prática pode achar suas soluções, isto é, só quem faz sabe onde lhe dói e quem faz o futebol são eles, os jogadores. (PLACAR, nº 492, 28/setembro/1979, p.19) (grifo nosso).

Dessa forma, o editor-chefe da revista afirmava que:

Placar [que] sempre esteve ao lado dos 'boleiros' [...] mais uma vez se preocupa em ser porta-voz de seus anseios. Por isso, nos sentimos com autoridade, sem nenhum paternalismo, para **alertar sobre alguns pontos onde ainda existem dúvidas e confusões**. Bobagem achar, por exemplo, que jogar muitas vezes por semana significa ganhar mais. Essa é uma visão imediatista, que não leva em conta a simples constatação de que jogar menos vezes, num curto espaço de tempo, possibilitará uma carreira maior a longo prazo. (PLACAR, nº 492, 28/setembro/1979, p.19) (grifo nosso).

O caminho traçado pela revista começava pouco a pouco a definir quem seriam seus porta-vozes na busca da construção de um novo *consenso* e na superação da *crise de hegemonia*. Tal conquista dependia da superação do *atraso* representado pelos dirigentes e pela *conscientização* dos jogadores de que a proposta de uma gestão empresarial do futebol abarcaria todas as demandas profissionais da classe como a anulação da lei do passe, a regulamentação das férias, o registro do FGTS em carteira e o limite de 66 jogos ao ano.

A luta, e muitos jogadores felizmente têm consciência disso, deve ser mesmo pela racionalização das tabelas, pela execução de um calendário que contemple o lado humano e, como decorrência, o empresarial. Assim teremos campeonatos mais inteligentes e jogadores descansados, capazes de proporcionar melhores espetáculos, afora, é claro, maiores arrecadações. **Esperar, no entanto, que tais soluções venham de cima da cartolagem amadora que dirige o futebol brasileiro é o mesmo que esperar que a montanha vá até Maomé, é esperar decisões de cima para baixo quando o momento exige o contrário.**

Afinal e sempre é bom lembrar – os homens que aí estão hoje não é de hoje que estão aí, ouvindo e lendo essas reivindicações, sem dar-lhes a menor bola e deixando estar para ver como é que fica. **Alguns jogadores começaram, lentamente, a chegar às mesmas conclusões. Quanto mais**

rápido o fizerem, mais perto estarão da vitória. E o futebol brasileiro será salvo. (PLACAR, nº 492, 28/setembro/1979, p.19) (grifo nosso).

Em busca da ampliação da base de apoio para seu projeto, *Placar* cobrava inclusive uma articulação política maior dos jogadores de forma que, na condição de ídolos, garantissem a incorporação da massa torcedora:

Individualmente, todos eles [os jogadores], mesmo os que ainda se iludem com o número de bichos que podem ganhar, demonstram que alguma coisa precisa ser feita para se corrigir tantas distorções. **Só não parecem unidos e dispostos o suficiente para tomarem alguma medida que repercuta entre os torcedores, caso os cartolas não cumpram as promessas feitas.** Todos ainda esperam que tais atitudes partam apenas do sindicato, quando eles mesmos, como parte desse sindicato, deviam indicar que caminhos poderão ser seguidos. **Como, por exemplo, registrar em todas as entrevistas que concedem o estado de desordem em que se encontra o nosso futebol. Ou mesmo – por que não? – fazer um minuto de silêncio, como protesto, antes do início dos jogos da rodada, aumentando esse tempo de protesto de acordo com as necessidades.** (PLACAR, nº 492, 28/setembro/1979, p.37) (grifo nosso).

Os reflexos do período de abertura política institucional em que a *classe dominante* havia perdido sua condição de *dirigente*, assim como o *consenso* que a sustentava no poder, incidiam sobre o universo do futebol. Em entrevista realizada com Eduardo Portela, Ministro da Educação entre 1979 e 1980⁹, *Placar* conseguia mais uma conquista ao identificar os ecos de suas reivindicações na fala de um representante do próprio aparelho estatal:

Mas, como tudo indica que estejamos no limiar das transformações. [...] [O ministro] disse que é preciso reformular o calendário, que precisamos substituir os cartolas pelos jogadores, eleger dirigentes realmente interessados no futebol, por adesão autêntica e não por ambições menores. **O ministro disse também que é hora de abandonar a tentação tecnocrática e devolver ao futebol aquilo que mais o identifica com a cultura brasileira, sua espontaneidade, sua alegria, sua capacidade de improvisar, o que não elimina, é claro, um esquema eficaz de organização.** [...] o ministro foi taxativo ao afirmar que prefere orientar e não intervir, prevenir e

⁹ http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13486&Itemid=945

acessado em 11/08/2013.

não reprimir, numa lição que deve fazer corar todos aqueles que sempre estão buscando no Executivo **as soluções para as dificuldades que as próprias entidades civis podem e devem resolver**. (PLACAR, nº 503, 14/dezembro/1979, p.29) (grifo nosso).

Desse modo, ao apontar a ruptura existente no interior da *classe dominante* o semanário sepultava de vez a herança maldita que a cartolagem havia projetado sobre o futebol:

O futebol precisa ser moralizado, os políticos devem ser afastados dele, os homens de empresa devem se aproximar, um Tribunal de Contas deve ser criado, os craques devem ser tratados como gente, os regulamentos e as tabelas devem ser reformulados, o calendário deve ser feito, **o futebol precisa ser devolvido ao povo**. (PLACAR, nº 494, 12/outubro/1979, p.9) (grifo nosso).

Portanto, o caminho para o resgate identitário do futebol brasileiro e sua simultânea modernização estavam abertos em pelo menos uma vertente e os piratas já tinham sido devidamente expulsos da embarcação. Nesse contexto, a revista avistava uma luz no fim do túnel com a fundação da CBF:

Aleluia! Aleluia! Eis que enfim vivemos uma semana em que, pelo menos, há motivos para ficarmos esperançosos de novos tempos em nosso futebol. Nasceu a CBF e todas as promessas de Giulite Coutinho podem – e devem – ser realizadas. Teremos – parece um sonho – o calendário, teremos o Campeonato Brasileiro reunindo o que existe de melhor, teremos respeito aos jogadores, teremos uma administração racional, em resumo. (PLACAR, nº 501, 30/novembro/1979, p.9).

3.3 O modelo d'além-mar – o futebol europeu

Juntamente com a reestruturação administrativa representada pela substituição da CBD pela CBF – que significava a superação do atraso estrutural do futebol brasileiro – a revista *Placar* elegia o modelo esportivo ideal para o nosso esporte.

O futebol europeu servia de referência para as alterações defendidas pelo projeto político da publicação. *O melhor futebol do mundo* havia esquecido temporariamente o caminho de casa – o Brasil – e habitava um lugar longínquo, do outro lado do Oceano Atlântico. A Copa Europeia de seleções a ser realizado na Itália assumia o compromisso de aliar tradição e modernidade em campo:

Um show de arte e ciência, que não se viu nem mesmo na Copa de 78 – garantem os italianos. (...) Um show que, certamente, mostrará interessantes inovações táticas. Um show que reunirá as oito melhores seleções da Europa – interessando de perto, portanto, ao futebol brasileiro. (PLACAR, nº 528, 13/junho/1980, p.60) (grifo nosso).

A iniciativa de acompanhar a escola europeia trazia consigo tanto o ímpeto de superar o atraso verde-amarelo quanto impedir a imigração dos craques nacionais para o exterior, ampliando a falta de identificação vigente entre o esporte e a nação. Porém, a defasagem que envolvia o futebol brasileiro limitava-se ao aspecto estrutural administrativo, mas não colocava em risco a essência do futebol brasileiro. Tal qual um conjunto de nuvens que bloqueiam a passagem dos raios solares em um dia nublado, CBD, cartolas e futuramente a CBF, impediam a manifestação da técnica brasileira – esta última sempre preservada na interpretação do semanário. Logo, em comparação com o futebol europeu, a prática brasileira era ofuscada pela gestão incompetente, mas nem mesmo assim se via ameaçada. Essa certeza era o elemento que permitia *Placar* afirmar que o futebol europeu “pode não ser o melhor do mundo. Mas é organizado, lucrativo, mobilizador, empolgante.” (PLACAR, nº 505, 28/dezembro/1979, p.44).

De qualquer forma, a intervenção e consequente reforma administrativa fazia-se mais do que necessária. De acordo com Celso Kinjô, diretor de redação da revista, “o êxodo de nossos craques – que mal se iniciou – nada mais é senão o resultado de anos de insanidade administrativa. E será preciso muita garra e muito esforço de todos para **manter a fábrica funcionando**” (PLACAR, nº 507, 18/janeiro/1980, p.3) (grifo nosso).

Vale destacar a imagem interessante utilizada pelo jornalista que associava a modernidade e a produção ordinária do sistema fabril com a

tradição esportiva brasileira em gerar talentos que simbolizam o *futebol-arte*. O que seria a princípio uma contradição em termos sintáticos, resumia a interpretação de *Placar* a respeito do futebol brasileiro – a capacidade de produção em massa de talento futebolístico extraordinário. Nessa perspectiva, João Saldanha fazia coro às afirmações de Celso Kinjô:

Costumo dizer e afirmar que o nosso futebol continua a ser da melhor qualidade porque nossos jogadores são da melhor qualidade. Quando desaparecem alguns craques, nunca demora muito e já aparecem outros. [...] **Assim sempre temos gente de sobra.** [...] Mas **a pobreza do nosso futebol está principalmente em que também não estamos sabendo reagir ao mercado futebolístico mundial.** (PLACAR, nº 507, 18/janeiro/1980, p.24) (grifo nosso).

Uma solução do problema que permitisse o sistema produtivo de talentos continuar a sua trajetória sem interferências externas seria mimetizar o projeto futebolístico implantado do continente europeu, pois “somente com uma organização programada para funcionar poderão nossos clubes sair da fossa financeira em que se encontram atualmente, e **fazer frente à invasão estrangeira**” (PLACAR, nº 507, 18/janeiro/1980, p.3) (grifo nosso).

A série de reportagens especiais “Campeonatos europeus. Uma lição para nossos cartolas” lançada no início de 1980 era simbólica nesse aspecto. A primeira lição era dada pelo campeonato italiano. Embora apresentado como retranqueiro, a organização empresarial do produto garantia sempre bons públicos ao *calcio*. Já o espanhol trazia a novidade da venda de carnês de ingressos aos torcedores e as primeiras arenas multiuso:

Tanto mais rico o clube quanto mais sócios tiver. Eles garantem, aproximadamente, 30% da receita anual, menos pelo pagamento das mensalidades, muito mais pela compra de carnês do campeonato. **Em contrapartida, os clubes dão-lhes os melhores lugares em seus respectivos estádios, além de oferecerem muitas opções de lazer. Tudo bem diferente do que ocorre entre nós.** (PLACAR, nº 507, 18/janeiro/1980, p.56) (grifo nosso).

O futebol inglês durante a gestão da *premier* Margaret Thatcher também contribuía para a fórmula do sucesso. Suprassumo do liberalismo econômico aplicado ao esporte, ele carregava a essência da gestão empresarial a ser

adotada nos nossos trópicos. O destaque para a presença de patrocinadores nas camisas dos clubes, para a venda de programas impressos dos jogos e para a realização de sorteios de viagens e produtos durante as partidas indicava os elementos responsáveis pela transformação dos jogos em espetáculo. Sob o título “Inglaterra na hora da abertura”, *Placar* afirmava:

Futebol, na Inglaterra, é negócio sério. **Nem governo nem autoridades se metem, nem jamais se meteram. Todos os estádios são particulares, não há verbas oficiais para o English Team.** Além disso, a transmissão de jogos pela televisão (através de teipes) é vendida a peso de ouro e com muita antecedência. A loteria, por sua vez, paga somas incríveis à Liga Inglesa – que as rateia entre os clubes – para organizar os testes semanais. Os clubes, finalmente, possuem cada um, uma associação de torcedores, que cuida da venda antecipada de ingressos e das excursões aos estádios adversários. (PLACAR, nº 509, 01/fevereiro/1980, p.56) (grifo nosso).

Ao mesmo tempo em que a reportagem enaltecia as vantagens de aplicar a gestão empresarial no universo esportivo, fazia questão de frisar a contribuição que a independência do capital privado trazia para o sucesso do modelo britânico. Enquanto fruto da sociedade civil, o esporte deveria ser regulado pelos seus próprios integrantes ao invés de sofrer interferência de organizações estaduais ou nacionais. Assim, baseado em sua referência estrangeira *Placar* defendia a autonomia do futebol e, pouco a pouco, minava ainda mais as estruturas da CBD e das Federações Estaduais e mais um passo era dado na *guerra de posição* com o intuito de construir um novo *consenso*. (COUTINHO, 1999). Se a ação dessas instituições brasileiras inebriava as manifestações do *futebol-arte*, a concepção inglesa que encarava o futebol enquanto um negócio permitia que a prática esportiva cumprisse o seu verdadeiro papel de permitir a congregação nacional:

No dia 4 de maio, toda a Inglaterra estará com os olhos fixos em Wembley, palco mais uma vez, da final da Copa Inglesa – The Cup, como dizem por lá. Não se trata de mero espetáculo esportivo: **é, acima de tudo, uma festa nacional que provoca loucuras incríveis.** (PLACAR, nº 509, 01/fevereiro/1980, p.58) (grifo nosso).

Embora o futebol europeu devesse ser mimetizado no que diz respeito ao âmbito administrativo, no campo da técnica e da tática a tradição brasileira teria a árdua tarefa de exigir o reconhecimento de sua supremacia diante dos seus adversários. Inimigos poderosos, os europeus haviam conseguido aliar criatividade e eficiência por meio do intenso preparo físico dos jogadores e do consequente aumento de velocidade do ritmo de jogo, o que resultava em uma partida muito mais aguerrida:

Marcar por pressão, matar as jogadas na origem, bloquear sempre. Essa é a tendência mostrada pelas seleções que jogam a Copa Européia, na Itália. Uma tendência que explodirá na Copa de 82, na Espanha – e isso nos interessa bem de perto. [...]

Para qualquer brasileiro, à primeira vista, o futebol dos europeus poderia ser considerado primário. Ledo engano. Ninguém verá, por exemplo, um único jogador parado em campo. O futebol de 1980 é tipicamente operário. (...) Na maior parte do tempo, estão preocupados com o bloqueio, carrinhos por trás, pé alto, divididas. **A marcação homem a homem, que tanto irrita o jogador brasileiro, é um item a considerar seriamente. Como resolver o impasse?** (PLACAR, nº 529, 20/junho/1980, p.14/16) (grifo nosso).

O antídoto para tal ameaça era oferecido pela própria revista. Uma vez devidamente desvinculado da estrutura administrativa arcaica que ofuscava a expressão do talento brasileiro, o futebol nacional podia realizar o duplo exercício de, por um lado, resgatar sua tradição criativa e, por outro, tornar-se referência do assim chamado futebol moderno que exigia eficiência até diante do próprio drible: “Em Toulon, aliás, a seleção de novos desmontou adversários com jogadas bem à sul-americana, **gênero drible para a frente. Esse seria, até, o compromisso do jogador brasileiro: criar quando a ordem é destruir.**” (PLACAR, nº 529, 20/junho/1980, p.16) (grifo nosso).

Por fim, uma vez que já haviam sido identificados os responsáveis pelo atraso e o modelo administrativo ideal devidamente apresentado como solução para a questão – o futebol-empresa –, o último passo seria resgatar o histórico de nosso esporte e reelaborar os seus significados de modo que fosse possível associar futuramente a tradição verde-amarela à concepção de futebol-empresa, permitindo que o futebol brasileiro pudesse demonstrar toda a sua completude.

3.4 Um porto seguro – a reestruturação do *futebol-arte*

O processo de restituição do futebol enquanto patrimônio popular requeria antes de tudo a reorganização dos sentidos dessa prática esportiva. Na sua luta incessante pela reforma modernizadora do futebol – e consequentemente pela consolidação de um novo *consenso* e uma nova *hegemonia* no campo esportivo – a revista *Placar* se deparava com a necessidade de atribuir novos significados a um leque amplo de características tradicionalmente veiculadas ao universo futebolístico. Diante dessa disputa árdua pelas questões simbólicas, a intenção da revista era – inicialmente – separar as assim chamadas essência e aparência a respeito do esporte em questão.

Ciente de que “nada une mais este país, por exemplo, do que a luta pela conquista de uma Copa do Mundo [pois] em diferentes momentos da nossa História, a explosão pela vitória em cada Copa nos colocou, a todos, festivamente, nas ruas do Brasil.” (PLACAR, nº554, 12/dezembro/1980, p.3), o futebol era tido pela publicação como um instrumento poderosíssimo de mobilização popular e deveria ser devolvido aos seus proprietários originais.

Esse processo não ocorreu de forma linear, pois ao mesmo tempo em que opinava sobre a política esportiva, definia os conceitos de modernidade e de atraso e apontava os caminhos a serem percorridos pelos clubes, federações e confederação, a revista procurava resgatar o que ela entendia como a essência do futebol brasileiro.

Essa raiz identitária podia ser encontrada em manifestações das mais diversas como na presença da *magia* em campo. Diante do fantasma de que a superioridade do futebol europeu em relação ao brasileiro no âmbito da gestão do esporte também se consolidasse nos gramados e da cooptação sofrida pelo esporte nacional durante os anos 70, *Placar* via-se imbuída da missão de apontar e resgatar a *alma* da prática esportiva nacional uma vez que o “futebol que se resolve no campo sempre procura forças fora dele. É a experiência, a arte, a garra, a mandinga, que também influem na hora da decisão. A hora da magia.” (PLACAR, nº 525, 23/maio/1980, p.3).

Com isso, a tradicional *malandragem* era acionada na medida em que permitia reestabelecer o vínculo perdido entre nação e esporte. Como personagem específico do tipo de jogo brasileiro – e sul-americano – o *malandro* seria capaz de realizar os truques de mágica esquecidos durante a década de 1970:

[...] em futebol, principalmente na hora da decisão, **o veneno dos malandros pode desequilibrar tudo**. A torcida lota os estádios esperando grandes espetáculos, pois afinal de contas é a hora dos confrontos dos grandes. Assim pensam os ingênuos. Com frieza – e até com uma ponta de maldade – eles [os malandros] transformam os jogos em duelos de catimba. Antijogo? Nada. É a vida. (PLACAR, nº 524, 16/maio/1980, p.3) (grifo nosso).

O crepúsculo do período ditatorial brasileiro garantia inclusive a releitura da figura do *campeão moral* Cláudio Coutinho, técnico da seleção brasileira em 1978. Segundo a publicação, “há menos de um ano, Coutinho era uma pilha de agressividade e medo. Bastou desligar-se da Seleção, porém, para renascer o Coutinho boa praça e bom papo” (PLACAR, nº 524, 16/maio/1980, p.39). Sinal dos novos tempos que permitiam Coutinho deixar de ser um militar representante da ditadura e demonstrar sua *malandragem* enquanto essência da brasilidade que havia sido ofuscada. Portanto, o antes sisudo e agressivo comandante do selecionado nacional, transformava-se agora no bronzeado e risonho técnico do Flamengo:

Sou um malandro erudito, que fala inglês. É isso: sou um malandro que fala inglês, francês e espanhol. Sou malando criado nas bocas de praia de Copacabana, que jogava no Fla quando a favela da praia do Pinto ficava aqui ao lado. Por ser malandro, li Sartre, Machado de Assis... E as pessoas não sacaram que apenas sou um malandro erudito e enrustido. (PLACAR, nº 524, 16/maio/1980, p.41).

A *malandragem* enquanto característica nacional também encontrava seus reflexos na seleção brasileira. Na vitória por 4 x 1 sobre a Alemanha pelo Mundialito de 1981 no Uruguai, o time verde-amarelo demonstrava que a superioridade nacional diante dos europeus tinha como elemento *natural* algo além da técnica individual, pois éramos o *país da catimba*:

Ao enervar Breitner, confundir o juiz e garantir a vitória sobre a Alemanha, Valdir Peres ganhou a condição de rei dos catimbeiros do Brasil – num grupo empenhado em provar que a malícia pode ser tão importante quanto a técnica [...] **o Brasil está à frente de todo mundo na arte de vencer um jogo de futebol com malandragem.** (PLACAR, nº 576, 29/maio/1980, p.38/39) (grifo nosso).

O complexo de vira-latas que assombrou a pátria de chuteiras até 1958 e retornou na década de 1970 estava afastado de vez. A técnica individual, a malandragem, a cadência e o drible brasileiros mostravam-se superiores à tática, à velocidade e ao preparo físico dos europeus:

Quando ganhamos três Copas nossa saúde não era melhor nem a deles [dos europeus], pior. E vejam bem que os curibocas e basbaques só pensam na saúde das ‘vacas premiadas’, sem se importar com a capacidade do nosso subnutrido indígena, um ‘coitado’, ‘sub-raça’, assim como diríamos... Garrincha e Pelé? Ué! Não foi com eles que conseguimos ganhar? [...] Não sou ufanista, mas sei que o futebol é o nosso melhor, talvez o único, Produto Nacional Bruto. (PLACAR, nº 526, 30/maio/1980 p.17).

Contudo, para fazer frente à pressão da escola europeia e restaurar a condição de patrimônio popular do futebol brasileiro, a revista preocupa-se em *modernizar* os aspectos tradicionais do *futebol-arte* de modo que o jogo realizado em território nacional conseguisse representar o suprasumo dos dois universos. A proposta reformista de *Placar* indicava que a agilidade dos toques de primeira não podiam abrir mão do jogo de cintura e, nesse aspecto, o drible precisaria ser revestido pelo atributo da eficácia, caso contrário perderíamos nossa originalidade:

Nosso futebol, é verdade, não está na melhor fase de sua vida mas, seguramente, temos excelentes chutadores e exímios malabaristas. É preciso saber usá-los. Claro que o futebol de primeira, de toques rápidos visando o gol, é vital. Mas, é preciso ter claro, prescindir dele é tão grave como evitar **a finta, a ginga desmoralizante – arma mais eficiente para abrir defesas compactas e quebrar cinturas menos ágeis.** (PLACAR, nº529, 05/junho/1980, p.26) (grifo nosso).

Tal avanço podia ser comprovado por meio da leitura que a revista fazia de Mário Sérgio, ponta-direita do São Paulo Futebol Clube. A adaptação aos novos tempos do talento *natural* e *polivalente* do jogador brasileiro superava a tensão entre o *futebol-arte* e o *futebol-força*:

O número de dribladores não diminuiu. Só que a evolução do futebol transformou a maioria deles em ciscadores”. Essa sensata opinião é de Mário Sérgio, do Inter, que só é capaz de emití-la algum tempo depois de tomar uma atitude igualmente sensata. **Deixou de ser apenas um jogador de dribles habilidosos – e que por isso rodava de clube em clube – para se transformar num habilidoso jogador de competição.** (PLACAR, nº 535, 01/agosto/1980, p.39) (grifo nosso).

Esse aspecto moderno podia ser observado na vitória do Flamengo sobre o Atlético Mineiro por 3 x 2 na final da Taça de Ouro de 1980. Na narrativa de Juca Kfoury, o primeiro e o último gol do clube rubro-negro feitos por Nunes e Zico, representavam a síntese das duas escolas futebolísticas e, conseqüentemente, o modelo de futebol que deveria ser implantado:

Um, **o primeiro, fruto da rapidez e objetividade de Zico**, tocando certo para colocá-lo na cara do gol. **O outro, o do título, resultado da coragem de tentar o drible**, deixando o zagueiro sem pai nem mãe, o gol escancarado, para explodir a galera.

Enfim, dois gols [um rápido e objetivo e o outro usando o recurso do drible], digamos assim, **opostos, exemplares de duas concepções distintas mas complementares, nunca excludentes.** Que o jogador brasileiro jamais tenha o temor de driblar é tudo que nós e, certamente a torcida, queremos, pedimos, suplicamos até. (PLACAR, nº 529, 20/junho/1980, p.26) (grifo nosso).

Oscilando entre a tradição e a modernidade, assim caminhava a concepção reformista de futebol defendida por *Placar*, pois cabia aos clubes brasileiros “aliar nosso talento ao espírito de competição” (PLACAR, nº 531, 04/julho/1980, p.16), ao incorporar o caráter solidário apresentado pela escola europeia. O antídoto para o atraso estrutural brasileiro e para a ameaça estrangeira havia sido encontrado, pois garantindo a união das maiores qualidades de cada estilo de jogo, a seleção brasileira exibia “um jogo solidário

e uma técnica que maravilha[va] nossos adversários. Agora quem dúvida do tetra?”

Diante de um amálgama tão perfeito entre o passado e o presente a Europa se curvava, fato que permitia que o semanário afirmasse que:

Como em 1950, 1958, 1962 e 1970, a melhor Seleção do mundo, hoje em dia, é a do Brasil. Não é ufanismo: trata-se de uma constatação objetiva que não se deve apenas aos resultados de uma excursão sem precedentes na história do futebol brasileiro. [...] **o time comprovou, dentro e fora de campo, que é capaz de superar qualquer outro em técnica individual, determinação, empenho, seriedade, arrojo e espírito de solidariedade.** (PLACAR, nº 576, 29/maio/1981, p.43) (grifo nosso).

O caminho a ser percorrido então apontava para a necessidade de deslegitimar as seleções de 74 e 78 enquanto representantes da identidade nacional. A *crise de hegemonia* no campo político-institucional também era reconhecida por *Placar* no campo esportivo durante o período de abertura política e, portanto fazia-se necessário “**o reencontro com nossas origens**, com a coragem de atacar, de driblar e de ser alegre.” (PLACAR, nº 557, 16/janeiro/1981, p.9) (grifo nosso).

Os selecionados nacionais posteriores ao time de 1970 “viviam o clima de colégio interno, cheio dos regulamentos, com toque de alvorada e de recolher, cabelo curto e outras bobagens.” (PLACAR, nº 558, 23/janeiro/1981, p.9), fatores que ofuscavam a alegria e o talento brasileiros. A exceção cabia apenas à equipe tricampeã no México que – enquanto materialização da essência futebolística verde-amarela – entrincheirava-se em defesa da liberdade, criatividade e alegria tradicionais do futebol brasileiro na tentativa de não recuar diante da *guerra de posição* travada dentro e fora dos campos:

Foram tempos duros [pós-64] que puseram fim a uma tradição de décadas de liberalismo. Podem ter acontecido exageros [mas] eventuais equívocos eram compensados pelo bom ambiente que reinava nas seleções, permitindo que Pelé contasse piadas e Gérson falasse tudo o que lhe vinha à cabeça. **Em campo, jogava-se um futebol digno desse clima: solto, alegre, criativo, empolgante.** (PLACAR, nº 558, 23/janeiro/1981, p.56) (grifo nosso).

A publicação alinhava-se à perspectiva polissêmica da seleção de 70 (FLORENZANO, 2009) que tanto podia representar o conjunto de características identitárias que permitissem estabelecer uma conexão entre o futebol e a nação quanto a cooptação das virtudes esportivas nacionais pelo Estado ditatorial brasileiro. Seguindo a primeira linha interpretativa, a narrativa em questão minava pouco a pouco as glórias reivindicadas pelo regime militar com a conquista definitiva da Taça Jules Rimet. A supressão da liberdade dos jogadores e “a entrada de membros na Comissão Técnica com a mania de quartel” (PLACAR, nº 562, 20/fevereiro/1981, p.34) não podiam ser tomados como fatores decisivos para o sucesso obtido:

O Brasil conquistou o tricampeonato. Não pelo rigor dos regulamentos, evidentemente. A razão foi outra. Aquela, afinal, era a melhor seleção da história do futebol brasileiro [...] **Apesar da vitória – ou talvez por causa dela, numa interpretação errada de suas causas – o endurecimento aumentou.** (PLACAR, nº 558, 23/janeiro/1981, p.56) (grifo nosso).

Contudo, na avaliação da revista, “de súbito, em 1970, as coisas mudaram” (PLACAR, nº 558, 23/janeiro/1981, p.57) e a iniciativa de preservar os atributos futebolísticos nacionais não teve o sucesso esperado uma vez que a militarização se apossava gradativamente da seleção brasileira a partir da campanha do México na forma da supressão do diálogo e da derrota temporária do *futebol-arte*. Na avaliação de Marcelo Resende:

[...] ali foi o balão de ensaio e **a vitória de 70 acabou sendo capitalizada para a estrutura, para o comando.** Danou-se de vez. **Passaram a dar tanta ordem, ter tanto esquema de convivência em grupo que os jogadores perderam a naturalidade, a desinibição.** Claro, os poucos que falaram foram cortados como “exemplo de mau comportamento”. Entramos na era do “papo estudado”, de pouca franqueza, do medo de “se eu sugerir tal coisa posso ser mal interpretado”. (PLACAR, nº 562, 20/fevereiro/1981) (grifo nosso).

Fruto do aparato repressivo implementado pelo regime militar, o hiato de vitórias e a consequente ruptura do vínculo entre esporte e nação sepultava a *forma-representação* tradicional do futebol brasileiro. A tempestade política que assolava o país também varria do mapa a alegria, a descontração, a

autenticidade e a criatividade – ou seja, toda a legitimidade verde-amarela dos gramados – resultando nas pírias campanhas da Copa da Alemanha e da Argentina:

O tenente-coronel [Carlos Alberto] Cavalheiro ganhou amplos poderes. E, baseado neles, entregou aos jogadores um regulamento de 28 itens. Ficava proibido comentar assuntos internos da equipe, dos adversários ou dos países visitados; ficar no quarto fora dos horários de repouso; fazer propaganda comercial; e falar muito tempo pelo telefone, mesmo pagando a ligação. **Só faltou proibi-los de ganhar partidas. Mas não foi necessário.** (PLACAR, nº 558, 28/janeiro/1981, p. 56/57) (grifo nosso).

A luz no fim do túnel para reatar o laço desfeito caminhava *pari passu* com o processo de abertura político-institucional:

O futebol brasileiro perdeu duas Copas com os seus jogadores despertando ao toque de alvorada e marchando unidos no cumprimento de regulamentos disciplinares. Pretende ganhar a próxima num clima de liberalização e estímulo à criatividade. [...] **Essa saudável liberalização dos costumes, já sentida pelos brasileiros no seu cotidiano, começa agora a chegar ao futebol – e, mais especificamente, à Seleção.** (PLACAR, nº 558, 23/janeiro/1981, p.54/55) (grifo nosso).

A então nomeada *Seleção da Abertura* representava o resgate de todo o conjunto de aspectos tradicionalmente brasileiros sufocados pela ditadura como o samba na concentração antes das partidas, a flexibilidade de horário para os jogadores acordarem em lugar do toque da alvorada anterior e até o consumo livre de cerveja. Aos poucos, entusiasmada com o retorno do nosso *autêntico* futebol, a revista *Placar* se despedia das “histórias de um passado recente que começa[vam] a ser esquecido e que [eram] substituídas por outras muito mais simpáticas, como as das vitórias comemoradas com descontraídas cervejadas e testemunhadas por todos nós.” (PLACAR, nº 558, 23/janeiro/1981, p.9).

Diante de tal contexto, Telê Santana, técnico da seleção, assumia a condição de profeta democrático que anunciava o retorno do *futebol-arte*:

Antes de mais nada, **ele devolveu ao time**, depois das fracassadas experiências defensivas de 74 e 78, **a essência**

da arte futebolística brasileira: o jogo ofensivo, ousado e insinuante, presente nas goleadas contra paraguaios, alemães e equatorianos. [...] Em suas mãos, não bastassem tantas inovações, **os jogadores entraram, como a nação, na fase de abertura**, embora as concentrações permaneçam longas. (PLACAR, nº 565, 13/março/1981, p.31) (grifo nosso).

[...] parece que Telê começa a fazer escola, mostrando na Seleção como é que se deve jogar **o verdadeiro futebol brasileiro, sem amarras e alegre**. (PLACAR, nº 558, 23/janeiro/1981, p.9) (grifo nosso).

Dessa forma, o percurso simultâneo de resgate da tradição e da modernização da estrutura administrativa do futebol brasileiro estava devidamente pavimentado. Portanto, o esporte podia novamente ser apontado como fator de congregação nacional uma vez que – sob o comando do *Fio de Esperança* – “dentro desse espírito de mobilidade, a Seleção também adquiriu um caráter mais nacional, passando a jogar em Fortaleza, Goiânia e Cuiabá.” (PLACAR, nº 565, 13/março/1981, p.31). A busca pela especificidade brasileira nos gramados objetivava, simultaneamente, desvincular o futebol da *herança maldita* do regime militar brasileiro e assegurar a supremacia diante do futebol europeu. Diante do em embate travado entre tradição e modernidade, a leitura de *Placar* propunha a união do que havia de melhor dos dois mundos.

Embora a iniciativa de resgate do *futebol-arte* como base para a reforma proposta pelo semanário seja uma constante em todo o período de nossa pesquisa, consideramos que a série de reportagens veiculadas na passagem do ano de 1979 para 1980 é determinante na medida em que apresenta tanto uma releitura do passado quanto uma projeção otimista do futuro tendo como carro-chefe a manifestação constante do *futebol-arte*.

Em 28 de dezembro de 1979, Placar publicava uma reportagem que antevia a conquista do tetracampeonato da Seleção Brasileira na Copa da Espanha de 1982. Sob o título de Brasil Tetra, a matéria trazia uma ilustração de Oscar, Belini, Mauro e Carlos Alberto levantando a Taça do Mundo e reconciliando o elo perdido entre passado e presente. [Figura 1]

Figura 1

Na narrativa da campanha fictícia, a equipe nacional se deparava com os adversários clássicos – Uruguai, Argentina, Itália, Alemanha e Inglaterra – e reconquistava a supremacia futebolística:

11 de julho de 1982. Os jogadores da seleção brasileira se abraçam no meio do gramado do estádio Santiago Bernabeu, em Madri. Acabaram de ganhar da Inglaterra por 3 a 1 e **são tetracampeões do mundo.** Quando o juiz apitou o final, Sócrates, Zico e Falcão, os maiores nomes da seleção, se abraçaram. Depois vieram os outros, os reservas, médicos, massagistas, roupeiros. Coutinho, até formarem esse imenso bolo. **Nocaute Jack tira-os do transe: — Ai vem o rei com o caneco.** (PLACAR, nº 505, 28/dezembro/1979, p.72) (grifo nosso).

Depois de superar – mais uma vez – a seleção uruguaia, e posteriormente a Itália e a Tunísia, a próxima adversária seria a Argentina. Contudo, a revista enfatizava o fato de que o futebol brasileiro voltara às suas origens e não podia mais ser comparado ao desempenho apresentado pela seleção canarinho na Copa da Argentina. Fruto de um desvirtuamento do espírito nacional, o time de 1978 não expressava a essência do futebol brasileiro e, portanto, cabia à equipe de 1982 enfrentar a seleção argentina

com o objetivo de demonstrar o verdadeiro futebol praticado em nosso país, resgatando a ordem natural das coisas:

Dia 27, em Sevilha, todos os brasileiros lembram de 1978, em Rosário – aquele empate em 0 a 0, o nosso jogo defensivo. **Mas agora o nosso futebol é o verdadeiro – corajoso, ofensivo –, e vamos para o tira-teima.** (PLACAR, nº 505, 28/dezembro/1979, p.72) (grifo nosso).

O retorno do verdadeiro futebol permitia, por meio de suas características como a coragem e a ofensividade, a superação dos obstáculos históricos do passado recente e o reforço da identidade nacional. A falta de combatividade do Brasil nas partidas realizadas contra as equipes sul-americanas havia sido superada pela incorporação dos elementos identitários dos adversários e por isso não causavam mais susto. Tanto argentinos como brasileiros disputavam o jogo em condições de igualdade mesmo quando ele “fic(ou) violento, com chutes e cusparadas”, e a identidade latina comum entre brasileiros, argentinos e torcida espanhola não espantava esses últimos que “não acham que aquilo é um espetáculo de selvagens: plateia e artistas, somos todos latinos.” (PLACAR, nº 505, 28/dezembro/1979, p.72).

Uma vez enfrentada a garra e a violência sul-americana, caberia ao esquadrão nacional colocar novamente à prova a sua supremacia futebolística ao enfrentar o representante máximo do futebol-força, a Alemanha. Se de início o jogo era “um sufoco só, e todos se pergunta (va)m: **será que o futebol-arte, uma ideia renascida como apoio de todos os brasileiros, vai sucumbir diante da força europeia?**”, ao decorrer da partida fictícia – logo após o gol da vitória brasileira – “uma certeza toma conta de nós todos: o Brasil, **com esse futebol, não perde mais o caneco.**” (PLACAR, nº 505, 28/dezembro/1979, p.72) (grifo nosso).

A completude do futebol verde-amarelo devidamente reformado aparecia aos poucos, superando tanto a escola sul-americana e sua tradicional catimba quanto a escola alemã com seu jogo veloz e de grande vigor físico. Adaptável e tida como superior a todas as demais práticas, a escola brasileira renascia durante a competição, superando o hiato de 12 anos no qual nossos atributos pareciam ter desaparecido.

Em uma abordagem que reconhecia simultaneamente a modernidade do time brasileiro – capaz de superar o futebol-força europeu – e a manutenção da tradição no estilo de jogo – por meio do renascimento do *futebol-arte*, o semanário esportivo reatava o novelo de Teseu que unia o passado e o presente da história do Brasil nos gramados e, assim permitia que a seleção reencarnasse o espírito do Rei do futebol novamente pela suposta quarta-de-final de 1982 contra a Tchecoslováquia:

Zico sente a defesa desarrumada e arranca como um raio, passa por quatro cortando com os dois pés e faz 1 a 0. **A torcida faz festa: nunca viu aquilo depois de Pelé.** Aos 17 do segundo, outra maravilha: Sócrates tabela com Falcão e encobre o goleiro com o calcanhar. (PLACAR, nº 505, 28/dezembro/1979, p.73) (grifo nosso).

Na finalíssima, diante de um burocrático esquadrão inglês “se delineia uma realidade: a Inglaterra tem só os cruzamentos como jogada, o Brasil tem isso mais o improviso e a arte dos craques.” O casamento perfeito entre técnica individual e tática coletiva vestia verde-amarelo. Era o *futebol-arte* devidamente atualizado que permitia novamente o reconhecimento da nação nos gramados e dessa forma não faria sentido haver outro desfecho senão o título mundial de 1982.

O rei Juan Carlos – sóbrio, pequeno sorriso nos lábios – apertou a mão de cada um e entregou a Taça a Oscar. Que, de tão emocionado, se conservou sério. Depois, explodiu todas as tensões em choro convulsivo. Todos o cercaram e choraram juntos. Nas cabinas, com o que lhes restava de voz, os locutores brasileiros proclamavam:

– **Este é o nosso verdadeiro futebol.** (PLACAR, nº 505, 28/dezembro/1979, p.73) (grifo nosso).

Mais do que um mero ensaio ficcional, a reportagem veiculada por Placar anunciava as expectativas da revista com relação ao resgate da identidade perdida e a modernização do futebol brasileiro de tal forma que permitisse o enfrentamento das demais seleções europeias e sul-americanas em condições de igualdade. Aspectos como a agressividade, o vigor físico e o aprimoramento tático em campo não seriam páreos para o *futebol-arte* devidamente renascido e atualizado.

Portanto, a completude do futebol brasileiro apontada por Placar formada pela garra, pela técnica individual e pela tática era nosso diferencial e, nesses moldes, a publicação partia para uma jornada de reconstrução histórica do nosso passado esportivo por meio dos jogos inesquecíveis da seleção que permitissem reconhecer nossa polivalência no campo esportivo.

Na série intitulada “Os jogos inesquecíveis da Seleção”, veiculada no início de 1980, logo após a reportagem que previa o tetracampeonato na Espanha, Placar definia como e quais partidas deveriam ser lembradas. Assim, ela reinterpreta o passado de modo que fosse possível identificar as matrizes do futebol brasileiro.

Sob o título de “A explosão da magia negra” (PLACAR, nº 506, 11/janeiro/1980, p.55/58), a primeira reportagem da série retratava a partida Brasil 6 x 5 Polônia pelas oitavas de final da Copa do Mundo de 1938 na França e reforçava a associação entre a habilidade nata para a prática do futebol e os jogadores negros – em especial Leônidas.

A foto introdutória trazia Leônidas em disputa de bola com dois beques poloneses, um já no chão. O Diamante Negro – senhor da cena – tanto dominava o espaço de disputa da bola quanto usava o corpo para bloquear o acesso do segundo polonês. Arte e força se faziam presentes no drible do “Homem de borracha” [Figura 2]

Figura 2

Contudo, desde a longínqua data a tensão entre força e arte buscava seu equilíbrio nas linhas de Placar. Se, conforme afirma a reportagem, Leônidas era reconhecido como a "Magia Negra", o "Homem de borracha", "Malabarista da bola", "Artista do balão" e, por fim, "Diabólico", enaltecendo todas as características místicas e veiculadas à arte do jogador, a origem do futebol brasileiro mostrava-se polivalente, pois superava a malemolência e o drible típicos ao fazer uso da força e da violência:

Com pontapés sutis e cotoveladas disfarçadas, os zagueiros brasileiros – exceto Domingos – entravam duro nos poloneses. **Em lugar da classe, a raça. O Brasil se supera.** Com um tiro longo, de 30 metros, Perácio marca o quarto gol. Um golaço: Madejski esticou-se todo, **a bola resvalou no seu boné, roçou na trave e entrou cheia de violência.** (PLACAR, nº 506, 11/janeiro/1980, p.57) (grifo nosso).

A ênfase da utilização da violência e o amadurecimento da vertente combativa do Brasil nos gramados continuavam. De acordo com a revista, já em 1952 – antes mesmo da obtenção do primeiro título mundial em 1958 – a superioridade da seleção canarinho já estava presente no imaginário coletivo,

Quem tem o melhor futebol do mundo? Sempre que se fez essa pergunta o torcedor brasileiro respondeu sem hesitar:

- Ora, somos nós.

Foi sempre assim. Nos tempos de Friedenreich, na época de Domingos da Guia ou do reinado de Leônidas da Silva. Mesmo naqueles anos difíceis que se seguiram à tragédia de 16 de julho de 1950, no Maracanã, a opinião das arquibancadas não mudou. Na verdade, a opinião dos jornais, das rádios, das concentrações dos vestiários e dos gabinetes era praticamente igual. **Tínhamos de fato – pensavam todos – o melhor futebol do mundo.**

Talvez até tivéssemos. Mas nunca havíamos provado, na prática, tal superioridade. **Ao Brasil sobravam craques – e faltavam títulos.** (PLACAR, nº 509, 01/fevereiro/1980, p.52) (grifo nosso).

A questão em pauta – a ausência de títulos – não estava relacionada à capacidade técnica dos jogadores, mas a fatores externos que impediam a realização deste *dom* (DAMO, 2007). Aos olhos placarianos, desde os tempos mais remotos a essência da superioridade brasileira nos campos de futebol ainda não havia encontrado um canal viável de manifestação. Devido a isso, não existia contradição no fato de sermos superiores aos demais países no campo esportivo sem, contudo, ter ganhado nenhuma competição de destaque internacional¹⁰.

O elemento que garantiria a superioridade brasileira no futebol não se resumia apenas à técnica e à predisposição corporal – tidas como naturais em nossos jogadores. Na retrospectiva realizada por Placar da final do Pan-americano de 1952, quando o Brasil venceu o Chile por 3 a 0, a chave da “conquista da maturidade” envolvia o exercício da masculinidade e a superação do complexo de inferioridade. Tanto é assim que a análise não teve como foco a final do campeonato, mas sim a vitória por 4 a 2 e respectiva vingança brasileira sobre o Uruguai.

Com a raça e a técnica que não exibira no Maracanã, o Brasil foi fazendo seus gols. E batendo, Ely, o mais brigão da equipe, acertou firme o capitão Obdúlio Varela e foi expulso. Houve bofetões e pontapés. No último minuto, Nilton Santos dominava a bola dentro de sua área. E percebeu que Gigghia tentava desarmá-lo. O Brasil ganhava fácil por 4 a 1, gols de Didi, Rodrigues, Baltazar e Pinga. ‘É agora’, pensou. **E enfiou**

¹⁰ A ressalva que deve ser feita é a Copa de 1938 em que a Seleção Brasileira conquista o terceiro lugar.

o bico de sua chuteira com toda violência na canela do ponta-direita uruguaio. O árbitro marcou o pênalti, o Uruguai diminuiu a contagem e Nilton Santos considerou-se vingado.

Assim, na violência e na categoria, o Brasil alcançara o seu primeiro objetivo. (PLACAR, nº 509, 01/fevereiro/1980, p.53) (grifo nosso).

Com o auxílio da agressividade e da *raça*, a arte encontrava condições de se manifestar nos gramados. No entanto a aliança estabelecida tinha uma condição muito frágil. A retrospectiva feita pela revista a respeito da Batalha de Berna ocorrida durante a Copa de 1954 na Suíça deixava indícios de que o complexo de inferioridade se manifestava mais uma vez, embora o teor da reportagem assumisse um tom elogioso a respeito da participação dos jogadores brasileiros na batalha campal. Apesar da derrota por 4 x 2 para a Hungria ser atribuída aos erros da arbitragem, a Seleção ainda mostrava-se imatura e acovardada, pois continuava a carregar consigo a incapacidade de assumir o seu talento nato:

Na noite anterior à partida contra a Hungria, o centroavante Humberto Tozzi praticamente não dormiu e fumou dois maços de cigarro. Pinga e Baltazar, ao acordarem, anunciaram que estavam contundidos. **Há testemunhos, da mesma forma, de que poucos jogadores conseguiram dormir um sono tranquilo, sendo que alguns deles tiveram disenteria.** (PLACAR, nº 510, 08/fevereiro/1980, p.53) (grifo nosso).

Segundo Placar, parte da transformação definitiva ocorreria em 1958, no temido confronto de 15 de junho entre Brasil e URSS pela Copa da Suécia. Sob o sugestivo título “O despertar dos mágicos”, a reportagem destacava o corte de Garrincha pelo psicólogo João Carvalhaes uma vez que o jogador não “tinha personalidade para jogar na Seleção.” (PLACAR, nº 511, 15/fevereiro/1980, p.52). No entanto, os mágicos despertaram. Ao invés de seguir as determinações da comissão técnica, Nilton Santos, Didi e Bellini intercedem a favor da convocação de Mané e o relatório médico foi desconsiderado pelo técnico Vicente Feola. Na condição de agentes políticos, os três jogadores interferiram no processo de escalação do time, pois tinham ciência da importância do craque de pernas tortas independentemente de qualquer avaliação técnica.

O resultado do jogo – Brasil 2 x 0 URSS – assim como os [dois minutos](#) iniciais históricos não deixava dúvidas a respeito do acerto da decisão de Feola uma vez que o *futebol-arte* derrotara o futebol-ciência. Segundo Placar, os mágicos despertavam em dois sentidos: 1 – Os jogadores deixaram de lado a sua condição de subserviência para assumir sua condição de agente histórico ao questionar a decisão de Carvalhaes. 2 – O estágio de mera anunciação do espírito do *futebol-arte* passara. A essência do talento nacional se materializava nas jogadas realizadas pelas pernas tortas de Garrincha e companhia, pois “naquele dia, a Seleção Brasileira redescobriu a magia de seu futebol. E começou a ser tricampeã do mundo.” (PLACAR, nº 511, 15/Fevereiro/1980, p.53).

Contudo, a afirmação da identidade nacional nos campos e, conseqüentemente, a rejeição do complexo de vira-latas ainda não estaria completa. Ao resgatar novamente a fatídica derrota da seleção brasileira pelo Uruguai em pelo Maracanã em 1950, Placar elegia como mais um dos jogos inesquecíveis o confronto contra a Celeste Olímpica ocorrido no Campeonato Sul-americano de 1959 em Buenos Aires. O resultado de 3 x 1 em favor dos da Seleção Brasileira pouco importava, pois “a derrota de 50 ainda estava atravessada na garganta do torcedor brasileiro, que exigia uma vingança completa contra os uruguaios. Ela tardou, mas veio afinal.” (PLACAR, nº 512, 22/fevereiro/1980, p.59).

A perspectiva religiosa apontada no título da matéria – “Sangue e festa na noite da paixão” – aproveitava o fato da partida ser realizada na quinta-feira santa e estendia-se por toda a reportagem. Todas as fotos veiculadas retratavam os jogadores brasileiros agredindo os uruguaios em uma demonstração de superioridade física e busca de vingança. Os Judas que trajavam o azul-celeste eram malhados no meio do gramado como forma de vingar a crucificação do esquadrão brasileiro ocorrida em pleno Maracanã em 1950. Segundo Placar, a expiação dos pecados uruguaios deveria ser condizente com a gravidade da blasfêmia cometida e a vitória ocorrida em 1952 era insuficiente, pois “aos olhos de todos, parecia pouco. **O Brasil queria mais. Bem mais. Queria suor, lágrimas – e sangue.**” (PLACAR, nº 512, 22/fevereiro/1980, p.59) (grifo nosso).

Logo, o que estava em questão na partida era a reafirmação da masculinidade e a limpeza da honra nacional. Vencendo em campo, tanto no jogo quando na briga, a seleção afastava a pecha de covardes e resgatava a masculinidade posta em dúvida. Dessa forma, um dos jogadores brasileiros podia declarar seu orgulho sem nenhum constrangimento: “Se eu me arrependo de alguma coisa? Não. **Depois daquela briga, a maior de que já participei no futebol, nunca mais os uruguaios se meteram a besta conosco.**” (PLACAR, nº 512, 22/fevereiro/1980, p.61) (grifo nosso). Portanto, mesmo que já campeã do mundo, somente diante da revanche sobre o Uruguai a seleção brasileira encontrava-se livre para seguir a sua trajetória:

A vingança definitiva, que pôs fim a um padecimento que parecia eterno, começou na noite de Quinta-Feira Santa. Terminou na madrugada da Sexta-Feira da Paixão. Existiria no calendário do futebol (da vida?) data mais apropriada para se expiarem tantas culpas e pecados? (PLACAR, nº 512, 22/fevereiro/1980, p. 59).

No entanto, o fantasma da covardia intrínseca e do complexo de viralatas continuaria a aterrorizar o selecionado nacional. Embora as matérias de Placar a respeito dos jogos inesquecíveis flertassem com datas das campanhas esportivas mais notáveis; caso de 1938, quando o time alcança o terceiro lugar na Copa do Mundo da França; de 1958, quando ocorre a conquista do Campeonato Mundial, o foco das reportagens não eram os jogos decisivos, mas as partidas em que ocorreram brigas entre os jogadores.

A nosso ver, a retrospectiva histórica proposta pelo semanário ao destacar as batalhas sucedidas em campo tinha como foco assegurar aos leitores e aos próprios jornalistas que a Seleção Brasileira havia superado a ingenuidade e a insegurança, o *futebol-arte* amadurecia.

O próximo *jogo inesquecível* – Brasil 2 x 1 Espanha pela primeira fase da Copa de 1962, ocorrida no Chile – reforçava a predileção da revista por elencar partidas em que os nervos à flor da pele ditavam o andamento dos acontecimentos. A insegurança do selecionado nacional diante da ausência de Pelé devido a uma contusão podia ser comprovada pelo nervosismo demonstrado pelos jogadores:

Bola em jogo, **Didi não conseguia comandar as pernas**. E não só ele. **Zózimo estava inseguro na zaga, Zito indeciso nas antecipações. Amarildo, sem tremer, sentia claramente o peso da responsabilidade** – e precisa apertar os lábios para não responder às provocações dos espanhóis. (PLACAR, nº 513, 29/fevereiro/1980, p.56) (grifo nosso).

O gol da Espanha somado à falta de confiança dos jogadores causavam um descontrole tal a ponto da intervenção do preparador físico Paulo Amaral fazer-se necessária:

Um deles [Amarildo], **o mais jovem, soluçava no banco de madeira do vestiário**. Paulo Amaral o requer pela camisa: – Venha cá, Papagaio. **Levou Amarildo para o banheiro e, enquanto falava, quase aos gritos, não parava de sacudi-lo. Sua camisa amarela estava coberta de escarros e cuspidas.** – Olha aqui, seu filho da... **Pára de chorar, vamos! Isso: Você é homem, você é macho.** Mas não responde às provocações daqueles... Pelo amor de Deus, não me abra a boca. [...] Amarildo enxugou o rosto e voltou transformado para o campo. (PLACAR, nº 513, 29/fevereiro/1980, p.57) (grifo nosso).

A cobrança de demonstração de masculinidade feita por Paulo Amaral tinha, segundo o semanário, reflexo direto no resultado final da partida. Amarildo, ao superar a falta de coragem, marcava os dois gols da vitória sobre a Fúria espanhola. A transição da infância para a vida adulta se realizava, pelo menos no caso do jogador.

A sexta partida selecionada para a série “Os jogos inesquecíveis da Seleção” é simbólica na medida em que aos olhos da revista não seriam mais os jogadores os responsáveis pelo possível fracasso da equipe brasileira. Nas derrotas consecutivas para a Hungria e Portugal pela Copa de 1966 na Inglaterra pelo placar de 3 x 1, a responsabilidade recaía sobre os cartolas. Inversão importante na perspectiva de Placar uma vez que a publicação travava uma disputa ferrenha em nome da profissionalização dos dirigentes brasileiros, como já foi exposto anteriormente. O fracasso não podia ser atribuído ao elenco de jogadores – tidos como craques na sua essência – mas a forma pela qual o time era administrado, a começar pelo excessivo número de convocados (44), pela indefinição de um time titular, pela deficiência tática

da Seleção Brasileira e pela nomeação de uma equipe técnica despreparada sob o comando de João Havelange.

Imbuída da tarefa de reportar “a verdadeira história da desclassificação do Brasil na Copa de 66”, Placar revelava “o que a incompetência conseguiu fazer dos bicampeões mundiais.” (PLACAR, nº 514, 07/março/1980, p.59). O discurso modernizante (FLORENZANO, 2009) que ganharia força a partir da Copa de 1966 havia alterado a ordem natural das coisas e a ineficiência da comissão técnica fazia com que a Seleção Brasileira perdesse o bonde da história. O preparo físico e a combatividade das seleções europeias eram os elementos que demonstravam o predomínio da tática sobre a técnica individual, e se o time canarinho superava – gradativamente – a fase da inocência e da covardia, agora ele se deparava com um novo obstáculo, o atraso estrutural:

A Europa, enquanto isso, preparava-se **seriamente para enfrentar a técnica e a habilidade brasileiras. Suas principais seleções haviam se modernizado taticamente, armando-se com uma defesa forte e um meio-campo extremamente combativo, além de aprimorar ainda mais o preparo físico.** No Brasil não se sabia disso. [...] Pouca gente, no entanto, tinha consciência da nova realidade do futebol, **o que explica o pasmo, o choque e o desalento** que tomaram conta do país ao ser transmitida pelo rádio [...] a derrota do Brasil para a Hungria. (PLACAR, nº 514, 07/março/1980, p.60/61) (grifo nosso).

A nosso ver, Placar preservava a essência do *futebol-arte* identificada na técnica individual de cada um dos jogadores ao mesmo tempo em que apontava para a deficiência tática e de planejamento da equipe, elemento de responsabilidade dos dirigentes. A frustração nacional diante da derrota dos bicampeões mundiais tinha como alvo um grupo diferente do habitual. “Quem era o culpado por tudo? Havelange reuniu os jogadores e abriu os braços num gesto patético: - Eu sou o único culpado.” (PLACAR, nº 514, 07/março/1980, p.61).

O processo de amadurecimento dos membros do elenco nacional caminhava no sentido inverso à trajetória decadente traçada pelos cartolas brasileiros que comprometeria as campanhas realizadas na década de 70¹¹ –

¹¹ A leitura de Placar sobre as Copas de 74 e 78 será analisada no capítulo “Em busca do feitiço perdido”.

salvo a honrosa exceção do Tricampeonato Mundial no México. O brilho e a magia dos artistas da bola eram ofuscados pela ineficiência da gestão esportiva que deslocava os primeiros do Olimpo, seu lugar de origem, para a condição de reles mortais. “E a Seleção Brasileira, pela primeira vez desde 1958, teria que enfrentar uma eliminatória. **Como qualquer outra.**” (PLACAR, nº 514, 07/março/1980, p.61) (grifo nosso).

Segundo a revista, o rito de passagem da Seleção Nacional para a vida adulta ainda teria mais duas etapas, as eliminatórias de 1969 e a Copa do Mundo de 1970. Antes do jogo Brasil 3 x 0 Paraguai pelas eliminatórias da Copa do México, Placar retratava na reportagem “As feras vão à guerra” o clima hostil com o qual a equipe brasileira se deparava. Com buzinações na madrugada, ataque de abelhas e pedradas nas vidraças do hotel, a situação acabou culminando em um confronto entre paraguaios e jogadores brasileiros. Diante da confusão com cerca de 50 ou 60 pessoas na frente do hotel em que o time brasileiro se encontrava:

[...] os jogadores foram aparecendo na frente do hotel. Brito apanhou um pedaço de pau e avançou em direção aos agressores. - Vamos lá, moçada – ordenou. Os outros o imitaram. **Carlos Alberto, Félix, Joel Camargo, Djalma Dias, Toninho Guerreiro, Gérson e alguns mais deixaram de ser jogadores.** Transformaram-se, concretamente, no que Saldanha esperava que fossem dentro de campo: - Não quero 11 jogadores – dirá algum tempo antes. – Quero 11 feras. **E viraram feras.** (PLACAR, nº 515, 14/março/1980, p.61) (grifo nosso).

Importante destacar mais uma vez a perspectiva positiva a respeito da agressividade manifestada pelos jogadores, elemento que aos poucos era somado à *forma-representação* (TOLEDO, 2002) proposta por *Placar* a respeito do *futebol-arte* brasileiro. A violência prévia se repetiria ao decorrer da partida contra o país vizinho, pois:

Por acaso não eram feras aqueles 11 homens que caminhavam pelo vestiário escuro de Puerto Sajonia, **preparando-se para ir à arena?**
Eram, certamente. Pelé, por exemplo, logo levou uma pedrada nas costas. Depois, Bobadilla acertou-lhe uma violenta cotovelada. Na primeira oportunidade, **Pelé retribuiu com uma**

possante cabeçada sem bola. (PLACAR, nº 515, 14/março/1980, p.61) (grifo nosso).

Com as feras à solta, a masculinidade e a maturidade do selecionado nacional não podiam mais ser questionadas e, uma vez somadas ao talento individual dos jogadores, *Placar* podia afirmar sem sombra de dúvidas que “estava aberto o caminho do tri” (PLACAR, nº 515, 14/março/1980, p.61). Faltava apenas o último ato para a consagração definitiva de nosso futebol – novamente contra o Uruguai.

O novo encontro com a Celeste Olímpica, ocorrido no Estádio de Jalisco, Guadalajara, pela semifinal da Copa do México de 1970, era lembrado por *Placar* sob o título “Vingados, para sempre!” Os fantasmas de Gigghia, Obdúlio, Bigode e Barbosa rondavam o campo durante todo o andamento da partida sob o risco de reedição do Maracanazo. Contudo, Carlos Maranhão, autor da série de reportagens, frisava que os tempos eram outros:

Ao retornar ao gramado, o Brasil tornou-se outro time, amadurecido 20 anos. A máquina do tempo o transportada **de 1950 para 1970**. [...] Não era 50, era 70, não era o Maracanã, era Jalisco, não era Gigghia, era Cubilla, **não era um time de derrotados**, era Clodoaldo, era Carlos Alberto, era Gérson, era Tostão, era Rivelino, era Jair, era Pelé – e daqui a pouco eles seriam tricampeões do mundo e aquela história seria esquecia de uma vez por todas e **o Brasil estaria vingado para sempre**. (PLACAR, nº 516, 20/março/1980, p.92) (grifo nosso).

O pesadelo chegava ao fim com a vitória verde-amarela por 3 x 1 e a superação da tragédia de 1950 permitia a reconciliação entre a equipe e a nação. A maturidade tinha sido alcançada a partir do momento em que o time se libertara do estigma do fracasso. A redenção – que não havia sido obtida nem diante dos campeonatos mundiais de 58 e 62 – era conquistada à custa do enterro definitivo do “time de derrotados” do Maracanã.

Portanto, a inferioridade brasileira que permeava as diversas seleções até então era de ordem simbólica e não meritocrática. Ciente da sua superioridade em campo mesmo antes de ter conquistado títulos de destaque, a seleção brasileira placariana precisava passar pela expiação dos pecados da covardia e do complexo de inferioridade manifestados pelas diversas equipes. A predileção de *Placar* pelos adversários sul-americanos – em especial o

Uruguai – ao elencar quais seriam os jogos inesquecíveis da seleção canarinho, o destaque para a demonstração de coragem e agressividade em todos os jogos anteriores ao Tricampeonato no México e a conquista progressiva da maturidade pelos jogadores verde-amarelos – agora transformados em homens – permitia a encarnação definitiva do gênio futebolístico dos brasileiros. A seleção brasileira de 1970 não era *apenas* a expressão máxima do *futebol-arte*, mas o amálgama entre arte e força enquanto *forma-representação* (TOLEDO, 2002).

Com a redefinição do conceito de *futebol-arte*, a revista buscava reorganizar os elementos interpretativos usualmente reconhecidos pelo senso comum como o talento, a técnica e a garra. O destaque para o elemento transgressor nas campanhas da seleção nacional, a dissociação apontada pela publicação entre jogadores e dirigentes, assim como a responsabilização dos cartolas pela ineficiência administrativa e o desaparecimento momentâneo do *futebol-arte* em 1966 rearranjava as bases do *consenso* e abria campo para a disputa hegemônica em mais um flanco.

Aos olhos placarianos o time de Pelé, Tostão, Gérson, Rivelino, Jairzinho, Carlos Alberto e Clodoaldo entre outros, carregava consigo o modelo de futebol a ser reproduzido indefinidamente, pois expressava a aliança perfeita entre talento e garra. Restava apenas que fossem realizadas as devidas adaptações necessárias a depender do contexto histórico no qual as próximas equipes nacionais estivessem inseridas. Nas palavras de Luís Fernando Veríssimo, colunista eventual da revista:

De certa maneira, a era Pelé e o seu ponto mais alto, **o tricampeonato de 70, significaram o fim das hostilidades entre os defensores do “futebol-arte” e do “futebol-força”**. [...] Mas ninguém podia dizer que, no México, vencera a boa e velha improvisação tropical. **Nunca o Brasil foi tão consciente e aplicado, nunca foi tão frio e científico quanto em 70.** (PLACAR, nº 570, 17/abril/1981, p.31) (grifo nosso).

Portanto, ao mesmo tempo em que a narrativa da revista ao decorrer da série de reportagens afastava definitivamente o fantasma da derrota de 1950 e devolvia o orgulho nacional, cristalizava o mito da Seleção de 1970 que aprisionaria para todas as outras posteriores, em especial a Seleção de 1982.

4 Em busca do feitiço perdido

“O *futebol-arte* voltou”. A propaganda que ostentava a frase já se fazia presente em Placar antes da Copa de 1982 e continuaria a ser veiculada após a derrota da Seleção Brasileira. No entanto, o anúncio esteve presente em setenta por cento das edições das 10 edições dedicadas à cobertura da Copa, desde o Guia da Copa até a edição nº. 634, sob a manchete “Enche o peito, Brasil. Teu futebol é nossa alegria!”. Evocando qualidades como talento, garra, inteligência e descontração, a campanha publicitária fazia referência a uma série de valores caros à identidade futebolística brasileira ao anunciar o retorno de tais características.

Envoltos por uma arte-final atraente na qual as cores da bandeira nacional eram ressaltadas, os comerciais da chuteira Penalty Spain, traduziam em elementos gráficos alguns dos dribles mais representativos do *futebol-arte*, quais são: a bicicleta, o chapéu, a chaleira e a folha-seca. [Figura 3] Por meio dessa construção simbólica, podemos observar o pesar direcionado ao jejum existente no calendário futebolístico nacional, uma vez que a Seleção havia fracassado nas Copas posteriores ao tricampeonato (1974 e 1978) devido ao seu modelo militarizado de futebol, além da anunciação do resgate da assim-chamada *essência* do futebol brasileiro, o *futebol-arte*, potencializada pela utilização do calçado que, dessa forma, permitiria o reencontro da nação com as suas origens esportivas.

A referência aos comerciais veiculados à época não tem a intenção de ser meramente ilustrativa. Retomando as proposições de Panofsky a respeito de seus estudos sobre iconografia (PANOFSKY, 1972), devemos encarar tais propagandas como um sintoma das características culturais de uma sociedade que anunciava a batalha disputada em torno dos símbolos nacionais acionados. Se, de acordo com o autor, no âmbito da descrição nos limitaríamos a destacar a referência que as imagens da folha seca, da chaleira, da bicicleta e do chapéu fazem a um tipo de futebol reconhecido como *futebol-arte*, o acionamento dessa parcela do vocabulário futebolístico sugere uma abordagem interpretativa mais extensa.

Figura 3

“O *futebol-arte* voltou. E o talento também. (...) [Penalty Spain] deixa você seguro e à vontade para mostrar a arte do melhor futebol do mundo. Sai até gol de bicicleta. Basta ter talento.”

Figura 4

“O *futebol-arte* voltou. E a arte de ganhar o jogo na brincadeira também. (...) Penalty Spain (...) deixa você seguro (...) À vontade para mostrar que o *futebol-arte* é uma invenção brasileira. Dá até para marcar gol de chaleira.”

Figura 5

“O *futebol-arte* voltou. E a garra também. (...) Mas o mais importante destes detalhes [atribuídos à chuteira], é que são eles que deixam você seguro, para mostrar a arte do seu futebol. Dá até para levar a defesa de chapéu e partir pro gol.”

Figura 6

“O *futebol-arte* voltou. E a inteligência também. (...) Mas o mais importante de tudo é que são detalhes como esse [atribuídos à chuteira], que deixam você seguro para mostrar em campo a mesma ginga e arte que já deu o tricampeonato ao Brasil. Pode reparar, com Penalty Spain até a folha seca sai mais fácil.”

No campo da descrição, as convenções sociais presentes no período podem ser encontradas no reconhecimento do raro talento do time de 1982 por parte da imprensa e dos torcedores quando comparados à Seleção de 70 por meio do *futebol-arte* enquanto referencial mítico, na “corrente pra frente” organizada por Placar em torno da Seleção da Abertura (FLORENZANO, 2009) e na euforia saudosa do comercial ao anunciar o retorno da “garra”, da “inteligência”, do “talento” e da “arte de ganhar o jogo na brincadeira”.

No entanto, entendemos que a divulgação do retorno destas qualidades pela propaganda permite que nos aproximemos do conceito de significado intrínseco da imagem proposto por Panofsky, no qual é possível entrar em contato com as tensões existentes no período estudado. Com isso, o enaltecimento do regresso de tais atributos proposto pelo anúncio indicaria que parte da sociedade atribuía a sua longa ausência à segregação ocorrida entre as seleções de 74 e 78 que se encontravam sob a forte intervenção do Estado ditatorial na medida em que este se julgava a encarnação da nacionalidade e a nação propriamente dita. Tal distanciamento impediu que os times em questão fossem tomados como representantes do povo ou como instrumento de construção do *consenso*. Por esse viés, o reencontro possível com a garra, a inteligência, o talento e a capacidade de brincar por meio do futebol simbolizava a restauração da completude da nação brasileira. Por meio da reapropriação das cores da bandeira nacional, tão estigmatizada enquanto símbolo do regime militar, o comercial da chuteira Penalty pintava a bicicleta, a chaleira, a folha-seca e o chapéu de verde e amarelo e devolvia o colorido ao *ethos* nacional, que se reconhecia por meio dos dribles realizados nos campos de futebol.

De forma alguma pretendemos alegar que a intenção primária da propaganda da Penalty era evidenciar o crepúsculo do regime militar, suplantando inclusive o seu objetivo imediato de vender o produto. Mas, todavia, cremos que inclusive o anúncio comercial pode trazer à tona os nexos históricos e os embates em questão a respeito do retorno do assim-chamado *futebol-arte*.

Portanto, a manifestação das representações simbólicas discutidas acima caminhava em paralelo com a disputa pela *hegemonia* no processo de construção das mesmas. Esse embate pode ser observado de forma

privilegiada durante o ano de 1982, período no qual novos jogadores se apresentavam no campo de disputa a respeito da forma-representação da Seleção Brasileira já que temos tanto a publicação do trabalho seminal do antropólogo Roberto DaMatta que, ao mesmo tempo que enaltecia o futebol como característica nacional, destaca todo o seu potencial simbólico de dramatizar as relações sociais em que está inserido quanto as reportagens de Placar que buscavam reestruturar a nação em torno do futebol.

Diante desta perspectiva, a cobertura jornalística de Placar a respeito da Copa de 1982 assumia um posicionamento semelhante no que diz respeito à apologia do retorno do *futebol-arte* e, com ele, da brasilidade ofuscada e reprimida durante o regime militar.

Juca Kfourri, após a vitória da Seleção sobre a Escócia por um 4x1 fulminante no segundo jogo da primeira fase, estampava em sua coluna Opinião de Placar a manchete “Uma seleção que homenageia o futebol” e concluía com o epíteto: “Nosso feitiço está de volta”.

[...] o mais importante foi reconquistado. A beleza, a sutileza, o encantamento com que fizemos do futebol uma arte misteriosa para a maior parte do mundo. Nosso feitiço está de volta, irremediavelmente restabelecido, homenageando os que, antes de mais nada, amam um campo verde, repleto de gente em volta, uma bola e **22 artistas** tentando ganhar, buscando esse instante supremo chamado gol. Os escoceses, por exemplo, ficaram extasiados. (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.3) (grifo nosso).

Elevando os jogadores à condição de artistas ao invés de meros cumpridores de ordem, o jornalista avaliava que o sucesso obtido pelo time até o momento se devia à liberdade concedida pelo então técnico Telê Santana que permitiu que a seleção se encontrasse novamente com o futebol que sempre lhe pertenceu. Liberdade essa que se fazia essencial para que os jogadores pudessem demonstrar o seu talento inato e que era apenas mais uma das características ausentes nas duas Copas anteriores:

Em 1974 [...] em 1978 [...] também tínhamos craques [...] O que nós não tivemos foi coragem. **Coragem de mostrar o nosso jogo, de impor o nosso estilo, de jogar à brasileira.** Assim mesmo, quase vencemos. (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.3) (grifo nosso).

4.1 Os anjos caídos – as seleções de 74 e 78

O primeiro passo dado pelo semanário para consolidar seu projeto de reforma modernizadora do futebol foi definir as diferenças entre as seleções posteriores ao tricampeonato e a equipe de Sócrates, Zico, Júnior, Falcão e companhia. Nessa disputa simbólica, a revista recusaria incessantemente reconhecer nos times em questão a condição de representante da nação. Portanto, se por um lado o time de Telê Santana encontrava-se condenado a repetir os passos do mito construído sobre a Seleção de 70 (FLORENZANO, 2009, p.229), por outro Placar travava uma batalha incansável contra o modelo futebolístico implantado em 74 e 78.

Órfãos desde 1970, os amantes do futebol brasileiro, entre eles os jornalistas de Placar, clamavam pelo retorno da condição de *futebol-arte* feito Narcisos em busca de sua imagem. A seleção de 1982 simbolizava o retorno de todo o repertório identitário representado pela seleção de 1970 e finalmente acabava com o interregno da década anterior:

O mundo, que sempre soube que o normal é as coisas acontecerem assim [sobre o reconhecimento do talento natural do brasileiro no futebol], emociona-se diante do **ressurgimento dos melhores amantes da bola**. E, com licença de Telê, pode-se afirmar que **Gentil Cardoso – falecido em 1970, ano do glorioso Tri conquistado no México – não reconheceria as Seleções de 74 e 78, mas se extasiaria diante do time de agora. E exclamaria: ‘Estes sim são os meus rapazes.**’ (PLACAR, nº 632, 02/junho/1982, p.52) (grifo nosso).

De acordo com a cobertura jornalística, os selecionados de 74 e 78 encontravam-se estagnados no tempo e, portanto, incapazes de acompanhar o vagalhão modernizante que encarnava a necessidade de um investimento cada vez maior no preparo físico dos atletas. Por meio da coluna *Abrindo o Jogo*, especialmente criada para a Copa de 1982, o jornalista Carlos Maranhão colhia o depoimento do técnico Telê Santana que resumia a alucinação vivida coletivamente de que, após a campanha do México, o time seria eternamente imbatível:

Parece-me que nestas duas últimas [Copas, de 74 e 78] nos descuidamos demais, passando a imaginar que poderíamos vencer qualquer adversário, o que não era verdade. **Eles evoluíram, nós não – e apostamos exclusivamente na nossa técnica, relegando a segundo plano o preparo físico [...].** (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.15) (grifo nosso).

A recusa em identificar traços de *brasilidade* nas Seleções militarizadas diante das características apresentadas respingava na análise de Placar sobre os adversários da Copa da Espanha. Tal qual um reflexo dos times de 1974 e 1978 projetados no presente, o selecionado italiano, algoz da Seleção Brasileira de 1982, era constantemente interpretado como modelo defasado de futebol, pois a *Azzurra* apresentava falta de criatividade, sistema defensivo obsoleto, despreparo físico, e, em última instância, não exibia nem os elementos constitutivos do futebol-força, tampouco os aspectos do assim desejado *futebol-arte*.

A Itália usa até hoje um sistema de marcação superado, fruto de um costume que não consegue abandonar, dos clubes à seleção. **É o velho homem-a-homem**, método perigoso porque quando um homem deixa de marcar, todo o sistema defensivo está desabilitado. (PLACAR, nº 632, 02/junho/1982, p.13) (grifo nosso).

Diante do modelo atrasado de futebol, a derrota italiana era tida como certa pelo semanário que, para atribuir legitimidade ao seu discurso, escolhia a dedo seus interlocutores. José Altafini, o Mazzola, Campeão Mundial em 1958 e por isso portador de autoridade suficiente para anunciar o novo título, profetizava:

A análise mais amarga – **ou realista?** – da fragilidade do futebol italiano da atualidade, no entanto, é de um brasileiro. José Altafini, o Mazzola, campeão com o Brasil em 1958 e que há mais de 20 anos vive na península.
– **O futebol italiano está parado há 30 anos** – fuzilou. – A Azzurra tem homens fora de forma, sem esquemas, que improvisam por conta própria fazendo uma grande confusão em campo. (PLACAR, nº 632, 02/junho/1982, p.84) (grifo nosso).

Em sua coluna semanal sob o título “Até quando seremos só tricampeões?”, Juca Kfourri, ao mesmo tempo em que menosprezava o

potencial futebolístico da Itália por meio da aproximação com as Seleções militarizadas, resumia:

A Itália, inegavelmente, não assusta. É velha freguesa e **anda jogando um futebol que faz lembrar a campanha da nossa Seleção em 1974 e 78**, jogando para empates, **sem nenhuma graça ou criatividade**. (PLACAR, nº 632, 02/06/1982, p.3) (grifo nosso).

O desencontro entre as Seleções já referidas e a sociedade brasileira também podia ser observado em outras instâncias, de acordo com a interpretação de Placar. Tais quais recrutas em seus quartéis, a revista apontava que os jogadores encontravam-se isolados por uma estrutura que limitava o contato com seus torcedores, pecava pelo excesso de burocratas e que, por tabela, impedia a manifestação do talento inato do futebol brasileiro:

Sim, a Seleção Brasileira estava preparada para tudo. Levou, em sua delegação, **um verdadeiro exército** de preparadores-físicos, assessores, convidados, dirigentes, homens com funções várias para atender às mínimas necessidades. [...] **Onde quer que os [jogadores] brasileiros se hospedassem, logo se ergueria, à sua volta, uma fortaleza intransponível de muros, guardas armados e cães policiais**. Nem mesmo para inocentes autógrafos os jogadores poderiam ser perturbados. Quem sabe um daqueles louros garotinhos que entravam na concentração [...] não estaria a serviço de um imponderável terrorista disposto a chegar, de qualquer forma, ao **quartel-general brasileiro?** (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.56) (grifo nosso).

De acordo com Placar, desvinculados de sua origem e de sua longa tradição, os jogadores de 1974 e 1978 eram indivíduos que perderam a sua condição de artista – o seu feitiço – que fora consolidada no título de 1970 no México. Portanto, os princípios modernizantes do futebol-força, representados pelo investimento intensivo na preparação física e pelo predomínio da tática sobre a técnica, partiam a identidade do jogador de futebol ao meio quando determinavam que a subjetividade e a prática da liberdade deveriam ser suplantadas pela obediência do um corpo dócil ao esquema tático implantado:

A concepção do futebol moderno, porém, baseada na força-física do corpo, na racionalização dos sistemas de jogo, na

obediência do jogador ao comando do técnico-disciplinador possuía como modelo outra arte, mais precisamente a arte militar. A militarização do futebol havia transposto as linhas do gramado. (FLORENZANO, 1998, p. 110).

No entanto, o discurso que era anunciado como moderno durante a década de 1970 convertia-se na expressão do atraso nas tintas de Placar durante a cobertura da Copa de 1982. Toda a estrutura pedagógica apregoada pelos defensores do futebol-força gerava uma crise identitárias nas Seleções brasileiras militarizadas de forma que o *ethos* nacional não podia ser reconhecido. O anti-futebol estava encarnado na implantação do esquema tático de Zagalo por meio do exercício autoritário do poder, e que dessa forma limitava a capacidade de criação do time e a insurgência do jogador-artista.

Zagallo conseguiria, afinal, fazer de cada jogador um aplicado e obediente seguidor do seu 4-3-3 com recuo do ponta-esquerda, um sistema já superado há quatro anos, mas ainda empregado por ele de modo quase obsessivo. Assim, o que não pudera fazer em 1970 – escalar Paulo César na ponta-esquerda, funcionando como terceiro homem de meio-campo – faria finalmente agora, **com quatro anos de atraso.** [...] O reflexo de tudo isso pôde ser visto e analisado muito bem no jogo que abriu oficialmente a décima Copa do Mundo, a 13 de junho, no Waldstadion de Frankfurt. Brasileiros e iugoslavos enfrentaram-se de igual para igual, **cuidando mais da defesa que do ataque, ousando pouco, respeitando muito, durante 90 minutos de um futebol pesado, às vezes violento, que não deu ao público ao menos a alegria de um gol.** (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.56) (grifo nosso).

A perplexidade dos torcedores e dos jornalistas diante do isolamento e da falta de identidade da Seleção Brasileira de 1974 servia de modelo comparativo inclusive para avaliar a retomada da tradição esportiva realizada pela Seleção de 1982. Placar relembrava a falta de acesso aos bastidores da Copa da Alemanha e a incapacidade da imprensa esportiva de reconhecer no time de Zagalo o *autêntico* futebol brasileiro e, com um evidente alívio, apontava como modelo de comportamento tanto a abertura existente na Seleção de Telê Santana quanto o esquema tático do técnico em questão que permitiriam que o futebol brasileiro voltasse à condição de *futebol-arte*:

Telê [...] disse o que nenhuma pessoa no gozo de suas faculdades mentais poderia desmentir (**‘está tudo bem com a Seleção’**) e indagou: ‘Vocês não querem perguntar mais nada?’. **Ninguém quis, mesmo porque, naquele momento, não havia mais nada a se saber.**

Segundo uma lenda do jornalismo esportivo brasileiro, em 1974, durante a Copa, o então técnico Zagalo ouviu, num mesmo dia, exatas 148 perguntas. Havia mesmo muito o que se questionar numa Seleção que terminou o campeonato em quarto lugar e, sem sete jogos, tendo apenas uma jogada, fez seis gols. Agora não. (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.21) (grifo nosso).

A avaliação do semanário sobre a Copa de 1978 na Argentina reproduzia, em grande parte, os mesmos modelos analíticos utilizados na leitura que fora construída sobre a Copa da Alemanha, embora novas concepções faziam-se presentes. A busca contínua pela superação do atraso representado pelo esquema tático utilizado permanecia assim como o combate à utilização do futebol como ferramenta de controle a ser utilizada pelo poder instituído. No entanto, a crítica da revista à implantação exclusiva de modelos europeizantes da prática futebolística – representados pelo conceito de jogador polivalente – oferecia uma abertura que só seria preenchida pela imagem criada a partir da Seleção da Abertura.

De acordo com Placar, o atraso existente no futebol canarinho devia-se a incapacidade da comissão técnica em respeitar a *essência* do jogador brasileiro ao mesmo tempo em que deveria implantar medidas modernas e racionalizantes que – aos olhos da revista – passavam por um maior investimento no preparo físico dos atletas, pela desvinculação radical entre esporte e política institucional e pela ruptura da rigidez dos esquemas táticos implantados até então. Conforme procuraremos demonstrar, esse equilíbrio tênue parece ter sido encontrado pelo periódico na seleção de 1982.

Embora a crítica de Placar se aproximasse em alguns aspectos da leitura de Coutinho no que diz respeito à defasagem do modelo futebolístico brasileiro, as soluções propostas por Juca e companhia estavam longe daquelas sugeridas pelo então técnico da Seleção de 1978:

A filosofia, ou nova ordem, partida do princípio de que, taticamente, o futebol brasileiro estava pelo menos uma década atrasado em relação ao futebol europeu – e que nada poderia conseguir numa prova internacional **se não tivesse o**

bom senso e a humildade de adaptar às suas virtudes técnicas, ao individualismo de seus jogadores, tudo aquilo que, no plano coletivo, os europeus vinham fazendo há muito tempo. O nome, o profeta dessa nova ordem: Cláudio Coutinho. [...]

O novo técnico trazia para a Seleção uma proposta tão nova quanto discutível. O futebol brasileiro sempre apoiara sua força no brilho individual de suas estrelas, Pelé, Garrincha, Didi, Tostão, Gérson, Nilton Santos, Zito, Carlos Alberto Torres. Os tempos, porém, eram outros. A fase do futebol individualista, segundo Coutinho, passara. **O exemplo coletivista que vinha da Europa devia ser seguido por uma Seleção Brasileira que, em 1974, fracassara justamente por não estar em dia com a filosofia polivalente adotada, por exemplo, por alemães ocidentais e holandeses, não por acaso os finalistas daquela Copa.** (PLACAR, nº 630, 18/junho/1982, p.56/57) (grifo nosso).

O modelo de jogador polivalente importado do futebol europeu, base da visão coletiva de futebol, era utilizado tal qual um manual de ciência aplicada que poderia até contar com um ajuste ou outro, mas a ortodoxia da doutrina não permitiria alterações mais significativas, conforme podemos observar na interpretação de Placar sobre a não convocação de Sócrates e Falcão para a Copa da Argentina:

O ponta-de-lança do Corinthians e o ex-armador do Internacional foram esquecidos em 1978 – **quando o craque valia menos que o esquema tático** – mas são dois dos mais refinados artistas brasileiros presentes à Espanha. Eles seguem à risca a lição do velho Gentil Cardoso: ‘Meus filhos, a bola é uma mulher’. (PLACAR, nº 632, 02/julho/1982, p.50) (grifo nosso).

Portanto, a concepção de futebol defendida por Coutinho entrava em choque com “o temperamento individualista do jogador brasileiro” e esta disputa de forças antagônicas levaria ao fracasso da Seleção canarinho, pois representava um desvio do modelo de futebol a ser seguido – o *futebol-arte* – e impedia que os torcedores reconhecessem no selecionado as ditas qualidades nacionais.

A Seleção não conseguira assimilar [as] teorias [de Coutinho]; **a polivalência continuava sendo apenas uma palavra, o coletivismo parecendo definitivamente incompatível com o temperamento individualista do jogador brasileiro, o ambicionado padrão de jogo cada vez mais indefinido. A certa**

altura, Coutinho parecia perguntar-se se, em menos de quatro meses, teria sido possível europeizar o futebol brasileiro na exata medida que planejara. Ou se não estaria ele errado ao querer abrir mão do talento individual de um craque como, por exemplo, Reinaldo, para ter no time esforçados mas não tão talentosos *tanques* como Nunes ou Roberto Dinamite. (PLACAR, nº 630, 18/junho/1982, p.58) (grifo nosso).

O resultado não poderia ser pior já que resultaria em um choque de identidades que descaracterizava o bastião simbólico da nacionalidade:

[...] o Brasil, desviando-se de seu caminho, renunciando à sua arte, descaracterizando-se, europeizando-se, enredando-se nos complicados novelos da polivalência, reencontrou-se tarde demais. [...] As duas primeiras rodadas, de pouco futebol e poucos gols, serviram, entre outras coisas, para revelar o quanto as incertezas de Coutinho tinham resultado numa **Seleção vaga, amorfa, apática e indefinida. Nem polivalência, nem brilho individual.** (PLACAR, nº 630, 18/junho/1982, p.58/59) (grifo nosso).

Como fórmula para o sucesso, Placar sugeriria que o caminho estaria entre os dois modelos, justamente no casamento entre a tradição e a inovação, entre a individualidade e a coletividade, linha interpretativa que seguiria ao construir a interpretação sobre a Seleção da Abertura:

Não seria melhor mesclar as duas coisas, um pouco da solidariedade europeia, um pouco do brilho individual brasileiro, para chegar ao resultado desejado? Seria possível essa mesclagem, estando a Copa do Mundo tão próxima? Assim, foi sob o signo da incerteza que a Seleção Brasileira voou para a Argentina naquele mês de maio. (PLACAR, nº 630, 18/junho/1982, p.58) (grifo nosso).

Como antídoto para as incongruências apresentadas, Placar vaticinava que Copa do Mundo da Alemanha em 1974 oferecia diretrizes que permitiriam tanto a modernização desejada quanto o reencontro com o *futebol-arte*. Na interpretação do periódico, a Holanda de 1974 manifestava a condição de portadora da tradição artística existente no futebol, cujo ápice consolidou-se na Seleção Tricampeã. No entanto, o Carrossel Holandês não servia apenas de referência mítica – como a visão cristalizada sobre a Seleção de 70 – mas de modelo histórico passível de reprodução. Seguindo esses passos, Placar

enxergava ser possível realizar o casamento entre o talento, a individualidade e a prontidão tidas como inatas do jogador brasileiro com a condição de jogador polivalente, tomada como representante máxima da modernidade no futebol:

A X Copa do Mundo chegava ao fim. Com ela – como em todas as Copas – muitas lições vinham-se somar a tantas outras ensinadas pela história do futebol. Em termos de Brasil, uma, importante: mesmo um futebol como o nosso, bem dotado de craques, engenhoso, imaginativo, capaz de renovar-se com espantosa rapidez, pode parar no tempo, estacionar, ou até retroagir. De tal forma que, ainda hoje, quando Zagalo já está longe, os efeitos de sua filosofia defensiva, de sua cautela em doses exageradas, do seu 4-3-3 ando pela esquerda, ainda se fazem sentir em grande parte de nossos principais clubes. **O carrossel holandês, que tanta surpresa causou ao futebol brasileiro em campos da Alemanha, talvez fosse menos revolucionário do que pareceu na época.** O nosso futebol, sim, é que estava atrasado demais, daí ter perdido, de longe, a corrida para Cruyff e todo o simpático time dirigido por Rinus Michels [...] **a Holanda de Cruyff, do carrossel, do jogo perfeito, do futebol-arte.** (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.60) (grifo nosso).

Até o momento, interpretamos que as representações produzidas pelo semanário sobre as Seleções militarizadas tinham como intuito implodir as construções simbólicas consolidadas pelo regime militar. Uma vez que a Seleção não poderia ser vista como encarnação da nação devido à ausência da manifestação do *futebol-arte*, Juca Kfourri, na condição de *intelectual orgânico*, elegia a Seleção Brasileira de futebol como um de seus campos de disputa simbólica em busca da legitimação popular. Ao caracterizar parte dos atributos das Seleções de 74 e 78; tais quais o modelo tático obsoleto, o desrespeito à *natureza* do jogador brasileiro, o excesso de controle por parte da comissão técnica ou a implantação rígida de conceitos europeus como a polivalência dos jogadores, como elementos não constitutivos da identidade nacional, a revista preservava e reforçava, intencionalmente, os demais aspectos identitários – a individualidade, o talento e a criatividade – sobre os quais será possível erguer o novo modelo de representação a partir da Seleção de 1982 e assim construir o desejado *consenso*.

Em 1982, como anúncio dos novos tempos, Placar se empenhava em desvincular a imagem da Seleção da Abertura das iniciativas de apropriação

simbólica postas em prática pelo regime militar. De acordo com a visão da revista, a reintegração entre o time e os torcedores brasileiros ocorria como em um passe de mágica. Sob o título “Futebol e política não se misturam”, Placar alegava apenas descrever a mudança comportamental entre torcedores e os membros da Seleção:

Telegramas de boa sorte não param de chegar à concentração da Seleção em Sevilha, dirigidos principalmente a Giulite Coutinho e Telê Santana. As mensagens expressam muita confiança, do mais simples torcedor até ministros de Estado e políticos em busca de votos. **Sinal dos tempos: na Copa da Argentina, o correio quase não teve trabalho com a nossa Seleção.** (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.45) (grifo nosso).

O esforço continuava mais adiante na mesma coluna “Gente na Copa”, diante do apoio da revista ao estreitamento dos laços entre a população espanhola e o time de Telê Santana:

Assim se cativa uma torcida. A maior atração na saída dos treinamento da Seleção Brasileira em Sevilha vem sendo as “figurinhas” que os jogadores – como Zico, na foto- distribuem aos fãs que os cercam em busca de “recuerdos”. Cada craque recebeu da Topper 300 fotos coloridas, com uma pequena biografia em espanhol, no verso. [...] que autografam na concentração, evitando os túmulos que eram criados em outras ocasiões [...] (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.45) (grifo nosso).

Se, conforme o demonstrado acima, as Seleções de 1974 e 1978 eram a síntese da falta de identificação entre a nação e o futebol, durante a cobertura da Copa da Espanha de 1982, Placar recorria às Seleções campeãs mundiais – em especial a de 1970 – para poder reatar o matrimônio. Neste ponto, mais uma vez podemos perceber a intenção da revista em disputar seu espaço no processo de construções das representações coletivas nacionais a partir do futebol. Portanto, em contraste com a interpretação autoritária a respeito da vitória no México na qual o autocontrole, a submissão, a disciplina e o respeito à hierarquia eram os instrumentos responsáveis pela conquista, Placar reafirmava o caráter polissêmico (FLORENZANO, 2009, p.63) da Seleção de 70 ao reforçar o time que interpretava a conquista do tricampeonato como fruto da manifestação da autonomia do jogador-brasileiro e do *futebol-arte*.

Enquanto representante do discurso autorizado (GUEDES, 2000), o periódico realizava a catarse, ou seja, a renovação purificadora do espírito do torcedor por meio da purificação de suas paixões diante dos trágicos espetáculos de 1974 e 1978 e assim rejeitava uma parcela dos símbolos projetados sobre as Seleções militarizadas. Ao mesmo tempo, mantinha o assim-chamado *futebol-arte* como característica identitária, pois ele garantia à revista o acesso a um canal de contato com a população brasileira para uma futura construção do *consenso*. Dessa forma, a preservação de elementos reconhecíveis pela massa de torcedores como manifestação do *ethos nacional* servia de instrumento para a construção de um novo projeto político, mais moderno e mais democrático.

A busca do feitiço perdido parece ter chegado ao fim quando a projeção sobre a Seleção da Abertura reflete as qualidades de 1970 e passa a permitir a reconciliação da brasilidade cindida durante os anos de chumbo. De acordo com o periódico, o momento em que Saldanha assume o comando do time em 70 é instante fundador e, portanto representante máximo da união entre a Seleção e seu povo:

– Topo. Com esta palavra, se decidiu, talvez, a sorte da Copa do Mundo de 1970. Com ela se definiu um estilo. Um estilo que se revelaria em muitos lances [...] **Na identificação** – apesar dos eventuais fracassos – **entre a Seleção e o povo brasileiro**. (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p.46) (grifo nosso).

Dessa forma o *futebol-arte* seguia os passos do filho pródigo. Desviado de seu caminho pelo discurso da polivalência e do respeito incondicional à tática, retornava à sua morada na qual voltaria a aflorar a individualidade, o talento e a identidade nacional. Situação que tranquilizava o jornalista Juca Kfoury, que podia afirmar confiante: “Agora, todo mundo tranquilo, é esperar a estréia. Podemos perder, mas, **sem dúvida, desde 1970 não formávamos uma Seleção tão capaz.**” (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p.3) (grifo nosso).

4.2 Os falsos messias – o *futebol-arte* nas seleções estrangeiras

Segundo Placar, as epifanias do milagre, a ressurreição do *futebol-arte*, pipocavam em diversos selecionados nacionais. Ora podia ser encontrado na seleção da França, ora podia ser reconhecido na equipe da URSS ou até mesmo nos times da Hungria, Iugoslávia e Kuwait, embora não passassem de anúncios de falsos messias. No caso do país árabe, o potencial transformador emanado pelo *jeito brasileiro de jogar* superava até o fato de ele ter sido implantado justamente pelos dois anjos decaídos do grupo dos cinco, Zagalo e Parreira:

Ao contrário do que acontece com as demais zebras da Copa, os kuwaitianos esperam muito de sua Seleção. **Algumas razões para isso eles têm.** Apesar de possuir uma tradição futebolística de apenas 30 anos, o Kuwait talvez tenha sido o país árabe que mais racionalmente investiu seus petrodólares no esporte. **A começar pela matriz que adotaram: a brasileira.** Em meados dos anos **70**, contrataram Mario Lobo Zagalo, responsável pelo primeiro salto qualitativo dado pelo então incipiente futebol kuwaitiano. Hoje, o trabalho de Zagalo tem em outro brasileiro, Carlos Alberto Parreira, um eficiente continuador – **na verdade o grande responsável pelo fato de o Kuwait ter abocanhado a primeira vaga do grupo Ásia-Oceania para a Copa do Mundo.** (PLACAR, nº 625, 14/maio/1982, p.86) (grifo nosso).

Nas equipes da Iugoslávia e Hungria, a manifestação do *futebol-arte* se encontrava prejudicada pela venda de atletas ao exterior – que em certa medida é vista como responsável pela ruptura do processo de identificação entre Seleção e nação – e pela permanência da concepção romântica de futebol que, ao cristalizar uma prática de jogo obsoleta, gerava uma falta de objetividade que impedia a consolidação do modelo modernizador defendido por Placar. Modelo esse que sugeria a mescla de elementos do *futebol-arte* e do futebol-força, conforme podemos observar nas passagens abaixo:

Classe jamais faltou aos comandados de **Miljan Miljanic** [o técnico da Iugoslávia], **um apreciador do *futebol-arte*.**

Segurança é o problema: Como entrosar um time cujos craques estão espalhados pelo mundo? (PLACAR, nº 625, 14/maio/1982, p.90) (grifo nosso).

[A Hungria] não é a máquina de Puskas mas tem o mesmo toque. Vencer se possível, jogar bem sempre: esse parece ser o lema de um país cujo futebol, criativo e romântico, ganhou o respeito de todos. **Mas, desta vez, o time promete luta.** [...] Com jogadores de refinada técnica e com ousadia ofensiva, ela tentará manter sua tradição um tanto romântica que se poderia traduzir por jogar bem, sempre, se possível vencer. (PLACAR, nº 625, 14/maio/1982, p.96) (grifo nosso).

Já a abordagem sobre a seleção francesa indicava que o time estava um passo a frente no estágio evolutivo futebolístico. Com certo espanto, embora velado, a revista Placar sugere que o futebol francês representa um desvio ao modelo europeu ao se identificar com o drible e a firula uma vez que eles seriam elementos da identidade do futebol sul-americano. Se em um primeiro momento, a França é apresentada como uma legítima representante do *futebol-arte*, a própria manchete da reportagem indica a postura melancólica e atrasada da concepção de futebol francesa: “Futebol por amor à arte. Jogam bonito. Mas não sabem enfrentar jogo pesado.” (PLACAR, nº 625, 14/maio/1982, p.46).

Mas mesmo diante de uma crença arraigada na vertente artística do futebol, que fazia com que a equipe de Platini se encontrasse presa ao passado, a manifestação do *futebol-arte* era capaz de reunir Seleção nacional e a nação francesa:

Os torcedores adoram um toque de classe, uma firula, um lançamento. Por isso, todo o país se indigna quando vê um adversário ganhar um jogo na base da marcação, da eficiência. (...)

Por que a França insiste tanto em seu papel de ingênua? Estilo? Tradição? Culto à beleza? Um pouco de cada, certamente, mas acima de tudo uma incapacidade de se adaptar ao novo futebol implantado em 1966 pela Inglaterra. Naqueles dias, a Europa reagiu à *hegemonia* sul-americana através do futebol-força, aprimorado depois pelos alemães, que souberam mesclar essa força a uma indiscutível técnica individual.

Os franceses perderam o bonde, nostálgicos pela grande seleção de 58, terceiro lugar na Copa da Suécia, e insistem em jogar bonito. Um toque, uma tabela, um lançamento, et voilà, a platéia se delicia (...) (PLACAR, nº 625, 14/maio/1982, p.46) (grifo nosso).

No entanto, se não era o Messias quem havia chegado, certamente a França era um de seus profetas:

Uma única esperança embala a França nesta Copa: se a arte predominar sobre a força, ela certamente estará entre as eleitas. Mesmo jogando seu bonito, mas ingênuo futebol. (PLACAR, nº 625, 14/maio/1982, p.46).

Uma França que tem dado grandes espetáculos nesta Copa. Porque joga sempre apara frente – mesmo quando precisa apenas empatar. Como fez na brilhante goleada sobre a Irlanda. (PLACAR, nº 633, 09/Julho/1982, p.63).

Embora árduo, o caminho da seleção francesa representava o resgate da tradição que seria realizada em sua plenitude pela Seleção Brasileira de 1982. Enfrentando as provações a respeito de sua fé no *futebol-arte*, a França seguia na competição sempre incensada pela revista. Na cobertura do combate a ser travado entre França e Alemanha pela semifinal da Copa podia ser observada a batalha entre arte e força:

Fortes, implacáveis, realistas, os alemães são os favoritos no jogo desta quinta-feira contra **os franceses, que exibem um futebol bonito porém ingênuo**. Os jogadores de Jupp Darwall interessam-se pelo trabalho árduo – um golzinho os satisfaz. **Os de Michel Hidalgo preocupam-se com as coisas bem feitas. Tomara que a arte vença. Mas...** (PLACAR, nº 633, 09/Julho/1982, p.63) (grifo nosso).

O olhar carinhoso da revista para os *Les Bleus* não se encerraria diante da derrota para a Alemanha nos pênaltis na semifinal. Na reportagem sobre a disputa pelo terceiro lugar contra a Polônia, novamente Placar desconsiderava o resultado ao elevar a França à condição de uma das principais representantes da arte no futebol.

Mesmo derrotados na luta pelo 3º lugar, os franceses saíram a festejar o futebol de sonhos mostrado na Copa. Terminado o jogo de sábado pelo terceiro lugar – 3 x 2 para a Polônia – os resistentes torcedores franceses entoavam seu belo hino nacional pelas ruas de Alicante como se tivessem vencido. Não deixavam de ter razão: **sua seleção havia apresentado o futebol mais bonito da Copa depois do brasileiro.**

Naquele fim de dia à margem do Mediterrâneo, a *Marselhesa* era uma canção de consolo. **Ou a de outra vitória – a da fantasia.** (PLACAR, nº 634, 16/Julho/1982, p.08) (grifo nosso).

Assim, a seleção francesa encarnava a condição de São João Batista no universo do futebol e, de acordo com a profecia anunciada por Platini nas paginas da revista, deveria anteceder e reconhecer a chegada do Messias, a Seleção Brasileira de 1982.

A França, sim. Os românticos, virtuosos rapazes de Hidalgo, que praticaram coletivamente o futebol dos sonhos, têm razões para lamentar a sua desclassificação. (...) Pena, para as duas torcidas mais alegres da Copa, que a **fantasia** de Platini não tivesse se materializado. Antes de perdermos para a Itália, ele imaginava: **‘Uma final entre França e Brasil seria a festa do futebol.’** (PLACAR, nº 634, 16/Julho/1982, p.08) (grifo nosso).

Se o desejo do meio-campista francês não foi possível de ser realizado devido à desclassificação prematura das duas seleções, isso não abalava a fé de Placar a respeito do modelo de futebol a ser implantado.

4.3 O feitiço verde-amarelo – a seleção de 1982

Tamanha confiança da revista devia-se ao fato dela enxergar na Seleção da Abertura as manifestações do *feitiço* e das praticas modernizadoras que transformariam o futebol brasileiro na soma do que há de melhor no *futebol-arte* e no futebol-força. Essa releitura do papel do futebol por Placar só foi possível, pois, a nosso ver, o início da década de 1980 apontava para uma crise no universo das representações sobre o futebol. Portanto, a ação de retomada dos símbolos pátrios como o Hino Nacional e a bandeira brasileira pelas mobilizações populares favoráveis à redemocratização do país tanto ecoavam no universo futebolístico quanto se viam alimentadas pelas interpretações a respeito do esporte.

Essa *zona livre*, espaço para a criação de representações coletivas, indicava uma brecha na qual poderia se realizar a disputa sobre o papel do futebol na sociedade brasileira. Temerosa de que o resultado da Copa do

Mundo de 1982 pudesse, de alguma forma, garantir a vitória do governo e estender o regime autoritário, Placar se perguntava “Copa do mundo ganha eleição?” enquanto noticiava que “quatro meses depois da Copa ser (riam) eleitos 22 governadores, 22 senadores, 420 deputados federais e milhares de deputados estaduais, prefeitos e vereadores do país inteiro” (PLACAR, nº 614, 26/fevereiro/1982, p.43). O risco era eminente segundo o periódico, pois, como alertava Saul Raiz (PDS-PR), na disputa pelo governo do Paraná, “se, para vencer as eleições, dependermos da Copa, as oposições devem começar a torcer contra o Brasil desde já.” (PLACAR, nº 614, 26/fevereiro/1982, p.43). No entanto, o jogo não estava decidido. José Richa (PMDB-PR), outro postulante ao cargo de governador do Estado mostrava confiança ao afirmar que “o povo não vai misturar uma coisa com a outra.” (PLACAR, nº 614, 26/fevereiro/1982, p.43).

Em âmbito nacional, a iniciativa de desvinculação entre futebol e governo ganhava força e Placar fazia questão de noticiar. O candidato ao governo de São Paulo, Franco Montoro (PMDB-SP) afirmava que “esporte e política não podem ser misturados. Quando se misturam, o resultado é o espetáculo vergonhoso a que estamos assistindo hoje na Federação Paulista de Futebol.” O ex-presidente Lula, liderança do PT à época, fazia coro à declaração de Montoro: “Estarei torcendo para que o Brasil ganhe a Copa, tendo a certeza de que o povo não se deixará enganar pelos resultados.” (PLACAR, nº 614, 26/fevereiro/1982, p.43). Vertente que podia ser sintetizada na declaração taxativa de Tancredo Neves (PP/PMDB-MG): “O povo brasileiro não se ilude mais com a propaganda oficial. Acabou-se o tempo do pão e circo.” (PLACAR, nº 614, 26/fevereiro/1982, p.43).

Por meio dessa fresta apresentada no padrão de representações a respeito do futebol, Placar fazia-se presente. Aliando-se às interpretações progressistas, costurava pouco a pouco o seu projeto de refundação do *consenso*. Para tanto, parte das características identitárias seriam mantidas, pois só assim o modelo elegido por Placar, resumo do *futebol-arte* e do *futebol-força*, poderia ser reconhecido como legítimo.

Diante de um processo longo de reconstrução da identidade da Seleção, Juca Kfoury e seus comandados projetavam no time tanto valores apresentados como tradicionais quanto modernos. Ao mesmo tempo em que o time de 1982

era tido como representante da tradição e do talento manifestados em 1958, 1962 e 1970, assumia a condição de moderno por meio do investimento maciço na preparação física dos jogadores, pela racionalização da hierarquia interna da CBF, pela influência do *carrossel holandês*, pela criação do *quadrado mágico* e, por fim, pelo exercício de práticas de liberdade no dia-a-dia da Seleção Brasileira.

De acordo com o exposto, a escolha do interlocutor de Placar não poderia ser mais simbólica. Na coluna *Abrindo o jogo* sob o título *Nosso jogo assombrou o mundo*, de Telê Santana, o meio-campista holandês Johan Cruyff, expressão máxima do *carrossel holandês*, emprestava a sua autoridade para legitimar o amálgama entre tradição e modernidade existente na Seleção da Abertura, conforme proposto pelo semanário: “[Cruyff] disse que, depois das Copas de 1974 e 78, o Brasil evoluiu muito, voltou às suas origens e repetiu aquele jogo vistoso e alegre apresentado no México, em 70.” (PLACAR, nº 634, 16/Julho/1982, p.18).

Evoluindo e retornando ao passado simultaneamente, Placar via o time de Telê se afastar dos modelos de 1974 e 1978 para poder se reencontrar enquanto expressão da nação em campo, mesmo que derrotados. Um dos sintomas que comprovavam o caráter moderno da Seleção era o destaque do preparo físico da equipe.

Em sua coluna *Bola de Papel*, Alberto Helena Junior assumira que “o Brasil está pronto. Com qualquer mudança” (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.30). Em tom de extrema confiança, o jornalista avaliava que “a Seleção (...) anda(va) dando sinais claros de que pode(ria) se transformar na maior sensação desta Copa.” (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.30). A fé no sucesso se devia ao fato da comissão técnica ter encontrado um meio termo no qual fosse possível manter a técnica e aliá-la ao preparo físico, tal qual a Holanda de 1974:

A começar pelo sistema implantado por Telê, que se não é a sua invenção, foi por ele transformado até agora com proficiência na prática. **Isto é: o time todo participando indistintamente das ações ofensivas e defensivas, num vertiginoso e despendido rodízio. Eximamente bem condicionado no aspecto físico, este time tem evidentemente pernas e pulmões para executar durante 90**

minutos esse plano de jogo. (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p. 30) (grifo nosso).

Nas palavras do cronista esportivo, ao aperfeiçoar o sistema do *carrossel holandês*, o Brasil encontrava o caminho que permitiria realizar a difícil tarefa de reproduzir e superar a Seleção de 70. Portanto, o *futebol-arte* apresentado no México só poderia ressuscitar caso fosse devidamente travestido da propalada polivalência.

Aquele futebol [da Copa de 1970] está definitivamente enterrado. **Hoje, o craque tem de submeter seu talento individual ao coletivo.** Para tanto, precisa estar não só na ponta dos cascos fisicamente, mas também disposto e convencido de que deve multiplicar suas funções no gramado. (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p. 30) (grifo nosso).

Podemos observar a aplicação dessa filosofia defendida por Placar na cobertura sobre o desempenho de Sócrates. Criticado pela sua falta de preparo físico e por seu comportamento questionador, não apresentava as características do jogador de futebol moderno:

Sócrates, para ele, na época, possuía o potencial técnico necessário, **mas Telê reservava-lhe suspeitas de que sua conduta extra-campo e a consequente falta de melhor preparo físico poderiam ser fatais.** Bastou, porém, o primeiro contato com esse jogador para que as suspeitas se dissipassem, principalmente depois que o Doutor se revelou um comandado consciente e um líder positivo. (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p. 30) (grifo nosso).

Como forma de suprir a sua *deficiência*, durante a preparação para a Copa, Sócrates se submeteria a um intensivo programa de treinamento físico. Acompanhando de perto a transformação do ídolo corintiano, Placar era taxativa ao reconhecer nele o representante do *futebol-arte* devidamente atualizado, conforme constatado na reportagem *Dr. Sócrates. Com vocês, o símbolo da Copa*. Com cerca de 8 quilos a mais de massa muscular, mais resistente, flexível e sem fumar, o Doutor aliava o talento e o preparo físico de acordo com o depoimento do preparador físico da Seleção:

O preparador físico da Seleção Brasileira, Gilberto Tim, aposta: Sócrates será a sensação da Espanha, **pois pela primeira vez em sua carreira terá – além de uma cabeça genial e de pés maravilhosos – pernas e pulmões em forma exuberante.** [...]

E Sócrates concorda com ele: - Inteiro, consciente e disposto a fazer tudo que minha cabeça mandar, **girando o time como um carrossel louco, porque isso é tudo que sonho como jogador de futebol.** Meu sacrifício será recompensado e aí, **tornando-me verdadeiramente um atleta,** devo abandonar essa ideia de parar antes dos 32 anos. (PLACAR, nº 619, 02/abril/1982, p. 32/33) (grifo nosso).

Além do preparo físico, a busca pela eficácia também era um instrumento organizador da *disposição natural* do brasileiro para o futebol. Em sua coluna semanal, sob o título *Um time que tem prazer em jogar*, Alberto Helena Júnior novamente avaliava como a Seleção Brasileira era a forma mais bem acabada da união entre o tradicional e o moderno. Ao mesmo tempo em que Telê Santana e Sócrates eram anunciados como representantes da mentalidade progressista do futebol – o primeiro se rendendo à experiência ao invés da implantação de esquemas táticos rígidos, já o segundo mostrando-se disposto a lapidar o seu talento conforme os preceitos da preparação física –, os dois eram retratados como defensores do *futebol-arte* e verdadeiros amantes do futebol: “Ambos gostam sobretudo do futebol como **expressão artística.** Gostam do futebol a ponto de se deliciarem com ele, **independentemente das questões que estejam eventualmente em jogo.**” (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.15) (grifo nosso).

Portanto, o jornalista enxergava nessa mistura o elemento que tornaria a *Seleção da Abertura* imbatível e habilitada a reivindicar a condição de representante da nação brasileira:

Telê é assim [como Sócrates] também. Para ele, não há dia de folga: **qualquer pelada vale o prazer de uma decisão de Copa do Mundo.**

Ora, **claro que esse espírito haverá de se refletir nesta Seleção** que está conseguindo ser a única capaz de oferecer ao público espanhol alguns momentos de belo e eficiente espetáculo, como ocorreu, por sinal, contra a Escócia. (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.15) (grifo nosso).

Combinação que também permitia que Helena Junior anunciasse os motivos do favoritismo da Seleção e reivindicasse o direito ao título da Copa de 1982:

[A Seleção Brasileira é favorita] não só porque cumpre a melhor performance entre os pretensos candidatos ao título, mas porque é a única equipe a mostrar, além de invejável talento individual, **um plano de jogo arejado, moderno, ofensivo, irresistível até.** (PLACAR, nº 632, 02/julho/1982, p.30) (grifo nosso).

No entanto, as fronteiras entre a antiga *forma-representação* e esta que estava sendo gestada por Placar acerca do selecionado nacional – na qual a tradição e a inovação estavam presentes – não estavam devidamente delimitadas e algumas dúvidas ainda permaneciam. Parte delas por responsabilidade da própria publicação. Em busca do *feitiço perdido*, ela acionava antigas chaves identitárias que permitiriam a reconstrução da identificação entre torcida e Seleção Nacional. A já cristalizada condição de *malandro* do jogador brasileiro era mais uma das vias de comunicação estabelecidas entre a tradição e a modernidade, reconhecida principalmente na figura de Serginho Chulapa. Segundo Placar, o atacante:

(...) dito e havido como marginal, **daria ao Brasil o que mais lhe faltava: picardia, molecagem, malandragem.** Ele era o toque a mais. (...) Este é Serginho (...) um craque da geração 80. Marginal, bêbado, agressor de mulheres, vários processos nas costas, um bandido das bocas. **E herói do Brasil! Verdade. Herói até do presidente João Figueiredo** que, ao se despedir da Seleção em Uberlândia, também percebeu que estava diante de um titular de Telê (...) (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p.12) (grifo nosso).

Embora Serginho fosse o maior representante, a malandragem transitava pelo time de Telê e, pouco a pouco, ajudava a traçar o caminho do sucesso. Na vitória por 4 x1 sobre a Escócia era Éder quem encarnava o malandro ao omitir a sua identidade e, ao invés de bater forte conforme o seu costume, encobre o goleiro escocês:

Desta vez, o tiro não saiu forte e seco como aquele que garantiu nossa vitória na estreia. Desta vez, foi um toque sutil,

malandro, irreverente, que deixou o desconsolado Rough com os pés pregados ao chão e uma certeza na cabeça: fez tudo o que pôde, não havia o que lamentar. (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.10) (grifo nosso).

E por vezes, a anunciada malandragem representava todo o time como no embate entre Brasil e URSS, e assim conectava o passado e o presente por meio do retorno do espírito de Garrincha:

Em 1958, os russos eram os bichos-papões, os homens do futebol-ciência – até serem destroçados por Garrincha. Agora, topando pela segunda vez com o Brasil numa Copa, são considerados fantasmas. E, como há 24 anos, pode acontecer uma reversão: em vez de Blokhin, Shengelia e outros nos surpreenderem, **os vermelhos podem fundir a cuca com Zico, Sócrates, Falcão, Serginho e demais malandros.** (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.23) (grifo nosso).

Já a condição de peladeiro apresentava uma relativa polissemia, pois, se em todas as suas aplicações ela estava associada à classe de representante de uma brasilidade, por vezes era visto como virtude, por vezes tido como defeito, caso das críticas atribuídas ao Toninho Cerezo.

No entanto, Placar acionava a categoria futebolística já devidamente decantada e assim ela também agregava valor ao time de 1982. A escolha dos exemplos a serem considerados não deixava dúvidas sobre a importância do peladeiro em um time – Biro-Biro, Mario Sérgio, Marinho Chagas, Tita, Júlio Cesar, Luís Pereira, Mario Galvão, Cerezo, Edinho e Júnior. Representados como “jogador pirata, quase um ‘penetra’ no fechado mundo dos elegantes discípulos do nobre esporte bretão, europeu no cavalheirismo e **sul-americano na picardia**”, o jogador peladeiro apresentava um “estilo invariavelmente dispersivo, deselegante e taticamente indisciplinado” (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p.63) (grifo nosso).

Se o atributo não era exclusividade de nosso país, a quantidade de jogadores brasileiros transformava-o em característica genuinamente brasileira, uma vez que, só na Seleção Brasileira havia três representantes da categoria – Júnior, Edinho e Cerezo. O mais criticado dos três – Toninho Cerezo – passava a ser consagrado pela reportagem. Sob legenda “Cerezo: prova maior de um estilo”, a fotografia ressaltava tanto a deselegância do jogador, representado

com as pernas flexionadas, tronco torcido e braços distantes do corpo, em posição de autoridade, quanto a postura sinuosa e insinuante de seu corpo, o que permitia a revista definir a figura de Cerezo como “a indesmentível prova da criatividade e improvisação do futebolista brasileiro” (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p. 63).

A qualidade desses jogadores adequava-se perfeitamente à imagem que Placar fazia da Seleção de 1982 e do seu esquema tático, que oferecia espaço para a manifestação do improviso e da técnica brasileira. Com efeito, a edição seguinte do semanário trazia a reportagem “Éder tem o mapa do tetra” e fazia questão de comparar os jogadores atuais com os craques do passado. Como eixo entre o passado e o presente, as fotografias que traziam Sócrates, Júnior, Serginho e Éder treinando, reproduziam o visual do peladeiro já definido na matéria anterior: “meias arriadas, camisa para fora do calção, correria desengonçada e aparentemente desorientada.” (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p.63). Portanto, se, como veremos adiante, a Seleção de Telê permitia a expressão de talentos individuais, o peladeiro era a própria encarnação da “busca pelo sentimento de liberdade (e) a rebeldia contra os esquemas inflexíveis.” (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p. 63).

No entanto, diante de sua proposta modernizadora do futebol, Placar anunciava a capacidade de planejamento como o agente inovador presente na prática futebolística nacional, de forma que “no que foi possível planejar-se, planejou-se. No que dependeu da competência dos jogadores e da comissão técnica também. Logo, dentro de todas as perspectivas, vamos entrar nesta Copa com o pé direito.” (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p. 31). Mas o espanto do jornalista sueco retratado pela revista ao observar o treino da Seleção é indicativo que o modelo implantado fugia da *tradição* do futebol brasileiro:

Outra vez, a Europa se curva ante o Brasil. Jornalista sueco se diz espantado com o fato do Brasil ter investido na ciência esportiva: Ao conversar com Moracy, que lhe deu informações sobre os métodos de treinamento da Seleção, ele descobriu, surpreso, palavras como ‘condicionamento’ e ‘alongamento muscular’. E saiu do estádio repetindo:

– Juro que eu pensava que era tudo uma arte natural. Vejo agora que atrás disso há um trabalho de muita

competência. (PLACAR, nº 633, 09/julho/1982, p. 28) (grifo nosso).

Para dirimir qualquer dúvida a respeito do caráter moderno do futebol apresentado, Placar fazia questão de esclarecer que, se por um lado, “não basta correr, porém, nem ter excelente preparo físico [...] é preciso algo essencial [...] talento.” (PLACAR, nº 628, 04/junho/1982, p. 64), por outro, “não é só de improvisações que vive esse time. [...] É, portanto, a soma indispensável do talento com a eficiência.” (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.16).

A crença na completude do modelo futebolístico posto em prática pela Seleção Brasileira e na conquista do tetracampeonato fazia com que Placar retratasse-a como um time à frente de seu tempo, modelo de futebol a ser disseminado e, na medida do possível, reproduzido. Os aspectos modernos eram revelados não apenas por meio da preparação física e do planejamento, mas pelas práticas de liberdade cotidianas, conforme avaliava a revista. A começar pelo chefe da comissão técnica, Telê Santana, que além de permitir ao quadrado mágico, composto por Falcão, Cerezo, Sócrates e Zico, a constante troca de posições durante o jogo, cedia à pressão popular e reposicionava os jogadores de forma a suprir a falta de pontas, de lança, e não interferia na negociação do prêmio para os jogadores em caso de vitória na Espanha, deixando a cargo destes a reivindicação de seus direitos diante da CBF.

As iniciativas também pipocavam nas ações dos jogadores. Sob o rótulo do termo diálogo, Placar destaca a posição de Júnior ao interferir no esquema tático de Telê, quando sugere que Zico se aproximasse de Serginho no ataque. Sócrates, colunista do semanário durante a Copa, também oferecia sua contribuição no que diz respeito à ênfase dada a flexibilidade das relações presentes no selecionado nacional:

(...) alguém pediu que eu definisse o esquema de jogo do Brasil. Achei que só tem uma, ou duas palavras, para exprimir a coisa: **‘Bagunça organizada’**. O pensamento da semana eu tirei de um grande amigo, o *Paizão*, o Tim, grande responsável, grande agitador da turma toda. Permitam-me... **‘A Copa do Mundo é o despertar de um sonho para a realidade.’** (PLACAR, nº 632, 02/julho/1982, p.17) (grifo nosso).

Aliás, tal qual a Seleção Brasileira, Juca Kfoury e companhia seguiam adormecidos, a sonhar com a reencarnação do *futebol-arte* e todo o referencial simbólico que o cercava, pois a todo o momento procuravam resgatar o mito da auto-organização presente em 1958 e 1970 (Florenzano, 2009, p.237/238). Esse posicionamento levava Placar a identificar a presença do espírito de 1970 em diversos momentos da campanha do time de Telê Santana na Copa da Espanha, a começar pelos resultados obtidos:

Provavelmente concentra-se aí o **segredo quase óbvio de uma seleção que, pela segunda vez na história de suas doze participações em Mundiais – a outra foi no México –**, venceu todos os três jogos da primeira fase. Ela simplesmente uniu o talento de craques escolhidos através de pacientes observações do treinador Telê Santana a um esquema tático criativo, um trabalho competente de preparação física e uma organização interna que funciona. O resultado é uma equipe solidária. (PLACAR, nº 632, 02/julho/1982, p.24) (grifo nosso).

A cidade que abrigaria a Seleção Brasileira na Copa de 1982 também contribuía para o olhar nostálgico placariano na medida em que se assemelhava tanto geográfica quanto afetivamente a já mítica cidade de Guadalajara:

Brasil, capital Sevilha. Os jogadores sentem-se em casa: a arquitetura é familiar, o clima é quente e os habitantes da capital da Andaluzia dedicam ao nosso futebol a mesma admiração que sentem por seus melhores toureiros. **Como em 1970, no México – quando o afeto de Guadalajara nos ajudou na conquista do tri –, escolhemos a cidade certa.** (PLACAR, nº 630, 18/junho/1982, p.94) (grifo nosso).

A certeza da vitória contava com a ajuda inclusive de Garrincha, já decadente fisicamente, mas imortal enquanto espírito. No confronto com a URSS, o repórter Marcelo Resende retratava o jogo como a manifestação da alma do ponta-direita de pernas tortas e que, por fim, levaria a Seleção à vitória:

Metade [do espírito de Garrincha] ficou inteirinha corporificada dentro de Éder. Ele sentiu que começava a receber seu espírito exatamente no momento do gol soviético. [...] E a outra metade

de Garrincha ia crescendo em Paulo Isidoro [...] [em] Dirceu que, cedo ou tarde, acabaria jogando, e em Sócrates. (PLACAR, nº 630, 18/junho/1982, p.08/10).

Passada a vitória sobre a Argentina por 3 x 1, a corporificação do *futebol-arte* e da essência dos jogadores de 1970 fazia-se cada vez mais presente seja através do criticado Zico que “chamando a marcação e abrindo espaços, [...] pode(ria) repetir o grande Tostão da Copa de 70.” (PLACAR, nº 631, 25/junho/1982, p.22), ou do time inteiro:

[...] que está **ressuscitando o futebol como espetáculo**, como um show que, independentemente do resultado final, gratifica e emociona a quem assiste. (...) Assim **torna-se inevitável a comparação com os tricampeões** que em 1970 deslumbraram os mexicanos em cada um de seus seis inesquecíveis triunfos. (PLACAR, nº 632, 02/julho/1982, p.24) (grifo nosso).

Enfeitiçando e enfeitiçados, os jornalistas de Placar seguiam em sua narrativa que costurava novamente o vínculo perdido entre Seleção Nacional e nação brasileira. Expressão simultânea do *futebol-arte* e do preparo físico, do talento individual e da polivalência, do jogo anárquico e da disciplina tática – em suma, tradicional e moderna – a Seleção da Abertura placariana reencontrava seu caminho.

Tal posicionamento da revista permitia inclusive ao editor-chefe se reapropriar do consagrado tema musical da Copa de 1970, Pra frente Brasil, tão veiculado ao regime militar. Em sua coluna Opinião de Placar, Juca trazia sob o título “Todos juntos, vamos, pra frente Brasil!” a sua incansável defesa pela modernização das estruturas do esporte, assim como sua postura de vanguarda:

O clima é de festa, de otimismo, de confiança. PLACAR integra esse estado de espírito, é um pouco responsável por ele e se orgulha disso. Sempre foi preocupação nossa a criação da CBF. Ela nasceu. Apoiamos desde o início a gestão de Giulite Coutinho, e não nos arrependemos. Concordamos com a escolha de Telê e o resultado não podia ser melhor: uma Seleção que desfruta da unanimidade nacional. (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.03).

Modernização que caminhava de mãos dadas com o sucesso editorial alcançado pela revista durante a Copa:

Nosso orgulho tem, ainda, um outro aspecto. Não só o leitor compreendeu e disse presente quando, paulatinamente, modernizávamos a revista. A publicidade também compareceu, obrigando a um aumento do número de páginas de PLACAR. Das 84 páginas tradicionais, passamos para 100 e, nesta edição, fomos para 116, única maneira de não dar as costas aos anunciantes e manter a quantidade de páginas editoriais que o leitor acostumou-se a encontrar. (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.03).

A restauração da unanimidade nacional passa a ser apoiada tanto pelos cidadãos brasileiros quando pelos anunciantes, em um casamento aparentemente pacífico entre o campo político e o econômico. Portanto, a unanimidade anunciada por Kfoury pode ser vista como o *consenso* buscado pelo jornalista, que enxergava a revista Placar como aparelho ideológico privado que permitiria a construção da *hegemonia* para a implantação de seu projeto modernizador no futebol, aliando as práticas de liberdade e a gestão empresarial do esporte.

Por meio de todo esse processo de (re)construção simbólica, Placar conseguia reestabelecer o vínculo identitário entre o futebol brasileiro e seu povo. Tanto que, de acordo com a revista, a Seleção Brasileira de 1982 era capaz de refletir a imagem de Narciso e reencarnar o *futebol-arte* devidamente modernizado, mesmo diante da derrota:

O mundo chorava o fim do Brasil. Mas que fim? Ficar, com certeza, a melhor e mais digna mensagem dada por uma seleção nesse Mundial da Espanha: **o Brasil trouxe a beleza do futebol de novo aos campos**. Rendeu, como um grande mestre, a homenagem ao seu mais fiel e sábio admirador: o torcedor. **Sim, o Brasil registrou sua arte como uma reverência à torcida**. E por isso ela tomou conta dos aeroportos para retribuir tanta técnica e talento com aplausos, beijos, gritos de incentivo, bem **ao contrário de 1974 (quarto lugar) e 78 (terceiro lugar), quando nosso futebol, ao chegar em sua terra, ouviu críticas, acusações, vaias**. (PLACAR, nº 634, 16/julho/1982, p.14) (grifo nosso).

Portanto, a contribuição da Seleção da Abertura não se limitava aos resultados em campo, pois, além de síntese do passado, indicava os caminhos futuros a serem percorridos no âmbito esportivo:

Não deu, mas deve-se reconhecer aquilo que os especialistas constataram: a maior contribuição desta Copa à evolução do futebol no mundo é o espetáculo que o Brasil exibiu. Esse show de magia que Sócrates chama modestamente de ‘uma bagunça organizada’, na verdade é **uma síntese altamente criativa de todas as escolas do passado, desde o valente 2-4-4 dos escoceses no fim do século 19 até o infernal carrossel holandês de 1974**. (PLACAR, nº 633, 09/julho/1982, p.66) (grifo nosso).

Contudo, os resultados obtidos pelo futebol brasileiro não se limitavam ao campo esportivo e influenciavam diretamente a esfera política – objetivo principal de *Placar* a nosso ver. Segundo o periódico, o futebol praticado pela Seleção reunia novamente corpo e mente de jogadores e, no limite, era a manifestação da liberdade em campo. Em outras palavras, o feitiço estava de volta:

Curiosamente – por um destes paradoxos que os cientistas políticos melhor poderiam explicar – **a nossa Seleção tem dado aulas de democracia**. O futebol-alegria que apresentamos, o virtuosismo pessoal harmonizado por táticas extremamente simples e inteligentes é, na realidade, uma escola liberal e liberada, **conjugação de indivíduos e coletivo, físico e cérebro, pé e calcanhar**. Estamos praticando um futebol fisiocrático, cujo lema bem que poderia ser “laissez faire, laissez jouer” cujos patriarcas são muitos e, entre eles, não se pode deixar de mencionar João Saldanha.

Não apenas com o belíssimo futebol oferecemos a lição de descontração e entendimento, mas também no relacionamento com a imprensa. Enquanto explodem crises entre as diversas delegações e a fina flor do jornalismo internacional (...), a chefia da delegação e a **Comissão Técnica optaram por algo absolutamente inédito no Brasil, mas rigorosamente corriqueiro em qualquer país civilizado: a imprensa goza de toda a liberdade, até fartar-se**. (...)

Mas de uma maneira geral os embaixadores da CBF anteciparam-se e ampliaram a abertura institucional. O que nos leva a concluir, considerando o poder de comunicação do esporte, que se na França a monarquia absolutista caiu por causa dos brioches, **no Brasil, duzentos anos depois, o símbolo da democracia ainda poderá ser a bola malhada**

correndo livre no campo verde. (PLACAR, nº 633, 09/julho/1982, p.04) (grifo nosso).

Com efeito, ao destacar o futebol enquanto veículo de restauração da democracia, Placar concentrava-se no potencial comunicativo do mesmo. Instrumento essencial para a consolidação da nova *hegemonia*, o interesse pelo esporte não se limitaria aos resultados uma vez que seria o campo no qual as novas representações sociais deveriam ser projetadas.

Ora, se o futebol podia assumir a condição de candeeiro, a iluminar e apontar caminhos rumo à democracia e à modernidade, restava saber quem seriam os responsáveis por manter a tal chama acesa durante o intervalo das Copas do Mundo. A princípio, o candidato ideal era o tricolor paulista.

4.4 O feitiço tricolor – o caso do São Paulo F.C.

Sou, sou tricolor
Sou, sou tricolor
Tenho libertadores
Não alugo estádio
Sou hexa brasileiro
Nunca foi rebaixado
Sou, sou tricolor
Sou, sou tricolor.

Desfazendo os laços existentes entre o futebol, a antiga cartolagem e o regime militar, ao mesmo tempo em que reforçava a implantação de uma gestão empresarial que seria responsável por resgatar a essência do futebol brasileiro enquanto o *futebol-arte*, Placar continuava a sua trajetória de defesa da reforma modernizadora do futebol. Aparentemente, o São Paulo Futebol Clube reunia todos os atributos necessários para encarnar o modelo defendido pela revista, porém seria necessário um trabalho árduo para garantir a consolidação dessa proposta.

Nos idos de 1979 o clube do Morumbi era retratado como sinônimo do atraso e, em franca decadência, perdia inclusive os vínculos com a sua mais antiga representação – o *clube da fé*: “antigamente o São Paulo ainda era o

time da fé, o time dos milagres. Agora é apenas o time da macumba, dos pais-de-santo.” (PLACAR, nº 494, 12/outubro/1979, p.61).

A má fase do clube era atribuída à incapacidade administrativa de seus dirigentes que não conseguiam aproveitar todo o potencial de um grande clube, situação diante da qual *Placar* decretava: “Ou essa diretoria monta um time à altura do estádio que tem e da torcida que consegue juntar – 115 mil são-paulinos viram o jogo contra o simples Operário de Campo Grande, em 77 – ou declara sua incompetência e se retira.” (PLACAR, nº 491, 21/setembro/1979, p.43). Portanto, diante da ineficiência de sua diretoria fazia-se necessária uma transformação profunda como a ocorrida na transição da CBD para a CBF e que fosse capaz de devolver o brilho do futebol tricolor aos gramados.

A gestão empresarial dos clubes europeus que havia sido recém-implantada no Flamengo era então propalada como a fórmula do sucesso que deveria ser aplicada também no São Paulo Futebol Clube. Nessa perspectiva “Placar dá sua colaboração apontando os craques que Galvão deve contratar, com as respectivas condições de negócio. O São Paulo só não arruma um esquadrão se não quiser.” (PLACAR, nº 502, 07/dezembro/1979, p.70).

Os efeitos da interferência podiam ser observados em pouquíssimo tempo. Segundo o semanário, ao seguir as sugestões propostas a respeito da contratação de novos jogadores o tricolor paulista iniciava a temporada de 1980 com um passo decisivo em direção à modernidade tão desejada:

Os adversários que se preparem. O gigante acordou. Acabou-se o tempo dos títulos conquistados com suor e lágrimas. O São Paulo cansou de ser apenas o time da fé. **E se com aquele time velho e cansado – não um time, mas uma tática – ganhou-se até título, imagem agora.** (PLACAR, nº 509, 01/fevereiro/1980, p.18/21) (grifo nosso).

A chave para tal sucesso requeria antes de tudo a inserção de um grupo de tecnocratas modernos que seriam responsáveis por implantar a gestão empresarial na instituição. Nomeados por *Placar* como os *cérebros da máquina*, esses novos cartolas ocupavam o espaço vazio decorrente da *crise de hegemonia* existente no futebol brasileiro, ao mesmo tempo em que elaboravam uma nova estrutura de controle sobre os profissionais da bola. Tendo como objetivo final a assinatura de “prospectos publicitários em

português e inglês [...] para vender o timaço no exterior, com seus craques de Seleção Brasileira” (PLACAR, nº 551, 22/novembro/1980, p.23), a nova direção tricolor iniciava uma série de práticas vistas como inovadoras no universo do futebol brasileiro, tais quais a majoração dos salários dos bons jogadores, a análise do mercado de jogadores para garantir a contratação de novos talentos, o acompanhamento psicológico para os jogadores considerados *problemáticos*, assim como o empréstimo daqueles profissionais que não possuíam mais serventia ao clube. Se por um lado era necessário que o clube se livrasse do legado negativo deixado pelos dirigentes antigos que impedia seu progresso, por outro a perspectiva empresarial assumida pelo tricolor paulista oferecia condições para que a equipe flertasse com a ideia de projetar sua *marca* internacionalmente, fazendo frente aos clubes europeus.

Um grupo de jovens diretores do São Paulo vivia insistindo com o presidente [Antônio Nunes Leme] Galvão que manter o time com jogadores medíocres, além de afastar a torcida dos estádios, dava prejuízo. Insistiram tanto que Galvão decidiu convidá-los para dirigir o departamento de futebol e montar o timaço que pediam. (PLACAR, nº 551, 22/novembro/1980, p.23) (grifo nosso).

Portanto, a nova gestão do clube formada por administradores de empresa, engenheiros, banqueiros e economistas e especialistas em *marketing* assumia a missão de comandar o futebol enquanto negócio, tal qual o semanário aconselhava. A promoção de jogadores do tricolor no Tampa Bay, time de futebol estadunidense, o acordo financeiro com a empresa de material esportivo Le Coq Sportif, o contrato de exclusividade com a cervejaria Brahma, assim como o aluguel do estádio para a realização de shows e apresentações eram vistos com bons olhos por *Placar*, que afirmava: “a verdade é que a experiência tricolor significa uma aula de administração dentro do futebol” (PLACAR, nº 590, 04/setembro/1981, p.9).

A hierarquia de comando com base na racionalidade empresarial era outro fator apontado como responsável pelo sucesso do clube do Morumbi. Devidamente setorizada, cada área da administração clubística deveria preocupar-se com os assuntos correspondentes e dessa forma garantir a maximização da produtividade:

Do presidente ao amigo do assessor, sem cargo nem carteirinha, todos têm suas funções – sempre ligadas ao melhor desempenho da máquina. Galvão [presidente do SPFC], embora esteja por dentro de tudo, só se mete no futebol quando é para resolver casos muito difíceis. (PLACAR, nº 590, 04/setembro/1981, p.42).

Pouco a pouco, a revista refazia a imagem dos dirigentes de futebol ao mesmo tempo em que apontava a condição de vanguarda do clube paulistano. Se no “futebol organizado e viável que se sonha para o Brasil, os presidentes serão substituídos por gerentes profissionais, bem mais eficientes, embora menos divertidos” (PLACAR, nº 580, 26/junho/1981, p.30/31), o altruísmo e a juventude dos novos gestores, juntamente com a estrutura empresarial do São Paulo eram os instrumentos ideais para a reforma modernizadora do esporte proposta pela publicação:

Estes são apenas alguns dos muitos exemplos que servem para mostrar por que o São Paulo, delegando poderes, e escolhendo um grupo de jovens inteligentes e desinteressados em promoção pessoal, **saiu na frente dos outros clubes e vai montando a máquina dos sonhos** (PLACAR, nº 590, 04/setembro/1981, p.44) (grifo nosso).

Na própria diretoria do São Paulo, contam-se outros tantos heróis – mas é impossível nominá-los. Sim, porque, contrariando a norma, ela é formada de um presidente, alguns auxiliares diretos mais notórios e um grupo de colaboradores que, anonimamente, cuidam para que o clube seja administrado como **uma moderna empresa**. (PLACAR, nº 605, 18/dezembro/1981, p.6) (grifo nosso).

Com esse flanco aberto, medidas como a criação de uma escolinha de futebol, a criação de um departamento de relações exteriores responsável pela exportação de jogadores como Muller e Murici para o exterior, a formação de um plantel passivo de jogadores como forma de garantir a manutenção do desempenho da equipe nas competições disputadas e a instauração de uma rede de informantes nos centros futebolísticos do Brasil com dados sobre o rendimento de jogadores desconhecidos, de supostos talentos e de jogadores emprestado pelo SPFC permitiam que *Placar* anunciasse com entusiasmo a nova fase em que se encontrava o clube:

Antônio Galvão [...] acabou eleito presidente do São Paulo e, em dois anos, **transformou o tricolor numa autêntica S.A.** – um clube que planeja todas as suas atividades com um ano de antecedência, faz cálculos e estudos de mercado para saber como, onde e quando investir. Enfim, uma indústria que cria e valoriza o seu produto: o jogador de futebol. [...] Então, o ponto de partida da São Paulo S.A. foi incrementar a fabricação de jogadores. (PLACAR, nº 561, 13/fevereiro/1981, p.26) (grifo nosso).

A direção tomada no sentido de se firmar como um legítimo clube-empresa deveria estar acima das alternâncias de poder da democracia burguesa aplicada no tricolor paulista. No final de 1981, o novo presidente José Douglas Dallora relatava à revista seu plano de expansão da mentalidade empresarial e, portanto, a alteração ocorrida no campo político não deveria abalar a trajetória da *empresa* no campo econômico. Inovações como investimento nas escolinhas de futebol, a busca de novos contratos de publicidade, a racionalização e consequente redução dos jogos do campeonato, somados às campanhas na tevê, rádio e por mala direta para trazer mais torcedores ao estádio, e a criação da categoria de sócio-assistente com direito a lugar reservado no estádio e vagas para seus automóveis e motocicletas (PLACAR, nº 617, 16/março/1982, p.28-29) eram apresentadas como alterações necessárias para o fortalecimento do projeto.

A crença de que o caminho percorrido pelo tricolor paulista ao encarar o esporte como negócio devolveria ao futebol brasileiro todo o seu esplendor influenciava inclusive a terminologia utilizada pelo semanário. Alçado a condição de fábrica de talentos devido à nova gestão, o clube do Morumbi representava o ápice da racionalidade tão desejada:

No Morumbi existe uma **indústria** que vai de vento em popa. Ela contrata ídolos, cria novos craques, vende o excedente, ganha títulos e ainda tem um bom lucro. [...] Para comprar novos craques a **São Paulo S.A.** gastou 45 milhões, mas seus diretores não estão preocupados. Em seis meses a **fábrica** produzirá o suficiente para cobrir esses gastos. (PLACAR, nº 561, 13/fevereiro/1981, p.26/27) (grifo nosso).

Os efeitos dessa nova lógica organizacional podiam ser vistos nos gramados ao montar uma equipe compatível com o seu estádio: “quem está satisfeita é a torcida do São Paulo [com] o [time que] ela sempre sonhou: um

time enfim à altura da grandeza do Morumbi.” (PLACAR, nº 506, 11/janeiro/1980, p.4). Assim, “o São Paulo, delegando poderes, e escolhendo um grupo de jovens inteligentes e desinteressados em promoção pessoal, saiu na frente dos outros clubes e vai montando a máquina dos sonhos.” (PLACAR, nº 590, 04/setembro/1981, p.44) Além de concretizar os sonhos dos torcedores, o espírito empresarial seria capaz de reconectar os elos perdidos com o passado. Se por um lado a nova formação do ataque tricolor com Renato, Zé Sérgio e Serginho Chulapa permitia aos torcedores identificar as semelhanças com “à lendária linha do *Esquadrão de Aço*, dos anos 40, recitada como tabuada: Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha” (PLACAR, nº 528, 13/junho/1980, p.28), por outro, os ares da modernidade também se faziam presentes na polivalência das funções dos jogadores tricolores de 1980. A *máquina* dos gramados entrava em campo:

Realmente, esse **São Paulo que aí está foi programado cientificamente para ser um campeão**. Foi arquitetado nos mínimos detalhes por uma equipe de alto nível, sob a supervisão do empresário Jaime Franco. **Peça por peça, a máquina foi sendo montada, uma ajustando-se à outra, com um único objetivo: forjar um campeão que escapasse a qualquer reparo**. Não um desses campeões a que nos acostumamos nos últimos tempos e que o eufemismo do futebol passou a chamar de time de competição. **Um campeão capaz de vencer e maravilhar**. (PLACAR, nº 572, 01/maio/1981, p.30) (grifo nosso).

Aos olhos de *Placar*, o São Paulo ganhava e encantava, e assim unia temporariamente o melhor dos dois mundos – o futebol-empresa e o *futebol-arte*. Em partida pelo campeonato paulista de 1980 contra o Sport Clube Corinthians Paulista, o tricolor colhia os frutos de sua condição de vanguarda esportiva e bailava em cima de seu arquirrival: “Mais que golear o Corinthians por 4 a 0, o São Paulo fez algo raro: deu aos 40 mil torcedores que viram o clássico uma maravilhosa exibição de **futebol-arte**.” (PLACAR, nº 537, 15/agosto/1980, p.6/7) (grifo nosso).

O sucesso estrondoso do time do Morumbi na campanha do campeonato paulista daquele ano – e o consequente título – oferecia a confiança necessária à publicação para afirmar que o amálgama entre a gestão

empresarial e a essência futebolística nacional resgataria a magia perdida do Santos de 1960:

É claro, falta Ele, falta o Rei, falta Pelé. **Mas, acreditem, se fosse possível botar o crioulo nesse time do São Paulo, teríamos uma nova escola de bola para assombrar o mundo.** E como Pelé, infelizmente, não alegra mais os campos desta Terra, **o Tricolor**, tem tudo para, guardadas as proporções que a falta Dele obriga, **repetir a mística do velho Santos.** (PLACAR, nº 565, 13/março/1981, p.9) (grifo nosso).

Contudo, faltava alma ao frio e científico São Paulo. A supremacia futebolística não poderia ser composta apenas da reorganização administrativa da instituição já que esse seria apenas o primeiro passo para que o talento *natural* dos jogadores pudesse se manifestar novamente. A cadência do jogo, o drible e a malandragem eram elementos primários da identidade nacional e não podiam ser deixados de lado. A pimenta que faltava podia ser encontrada nas figuras de Mário Sérgio e Serginho Chulapa. Os dois atacantes eram figuras centrais na nova formação da equipe, pois simbolizavam o elo que ataria novamente o futebol brasileiro à sua tradição. Contudo, cabia ao semanário formatar as imagens dos jogadores de forma que elas fossem adequadas aos novos tempos. Nessa perspectiva, o Serginho de 1979 incorporava o malandro que conseguia burlar a rígida estrutura são-paulina:

Boêmio, irresponsável, moleque, **Serginho vive um caso de amor malandro com o tricolor**, sustentado por sua gana de artilheiro. [...] Criado no clube, tratado com carinho, Serginho com seus gols, é o único jogador que consegue quebrar as rígidas normas do São Paulo. Para todas as suas infrações, a diretoria tem uma desculpa. (PLACAR, nº 554, 12/dezembro/1980, p.7) (grifo nosso).

Mas a reforma realizada no São Paulo não admitiria mais esse tipo de jogador que, por meio do seu comportamento, mostrava-se veiculado com as mais profundas raízes da *forma-representação* do futebol brasileiro. Esse *malandro* precisava ser adaptado à lógica da gestão empresarial que determinava a parcela de transgressão aceita no novo cenário para que de um lado garantisse a produção de títulos e por outro assegurasse a restituição do

vínculo perdido com o *futebol-arte*. Diante do impasse, *Placar* apontava a reelaboração de Serginho:

Serginho, por questões óbvias de ética profissional, **não gosta de comparar o novo São Paulo com o antigo**. Mas psicologicamente não há nenhuma dúvida de que a repentina barração o sacudiu, **fazendo-o despertar para a nova realidade tricolor**. A quem lhe pergunta por que está de **cabelo curto e domesticado**, responde rindo:
 - **Se tudo mudou por aqui, também tenho que mudar**, né?
 Este corte é o Serginho-80. (PLACAR, nº 514, 07/março/1980, p.30/31) (grifo nosso).

Ao esvaziar o jogador do seu potencial reivindicatório, briguento, boêmio e contestador, *Placar* incentivava Chulapa – a *fera domada* – a percorrer uma trajetória individual rumo ao sucesso e cobria o atacante de elogios devido à sua adequação à lógica empresarial que se inseria pouco a pouco no universo do futebol: “Mudou tanto, que semana passada foi procurado por uma revendedora para fazer publicidade de um carro. O texto ainda não está pronto, mas deverá ser nessa linha: **‘Faça como eu. Mude sua imagem. Mude para o Gol.’**” (PLACAR, nº 568, 03/abril/1981, p.20) (grifo nosso).

Mário Sérgio sofreu um processo semelhante de transformação de sua imagem. Em sua chegada ao Morumbi, *o malandro que faltava* anunciava que suas expectativas eram ser compreendido tal qual Serginho:

“Do porteiro do Morumbi ao presidente, todos compreendem o Serginho. Só assinei contrato depois de ter certeza de que receberia a mesma compreensão, pois também sou um jogador de temperamento difícil”. Mas não se refere às contínuas expulsões do centroavante – que considera falta de malandragem – e sim às reclamações “que ele, como ser humano, costuma fazer.” (PLACAR, nº 587, 14/agosto/1981, p.18).

Diante desse pedido de compreensão dos seus atos, *Placar* respondia a Mário Sérgio com uma reportagem que colocava as *duas feras no divã do analista*. Com o intuito de adequar os dois craques da bola às novas demandas de um clube-empresa, a indisciplina e a malandragem características dos dois atacantes eram deslocadas do campo da política e direcionadas para a inócua condição de patologia psíquica.

Devidamente sanado, a figura de Mário Sérgio produzida pelo semanário permitia que o jogador exercesse a sua condição de gênio da bola na mesma medida em que assumisse um papel secundário extracampo. Nesse aspecto *Placar* mostrava o limite de seu discurso democrático-empresarial, pois, se por um lado via com bons olhos a participação dos jogadores na medida em que esses se levantavam contra a estrutura da CDB e da FPF a respeito de assuntos estritamente ligados à prática esportiva realizada em campo, por outro, fazia questão de reforçar que, diante de um clube-empresa – suprasumo da modernidade esportiva –, as questões administrativas não deviam ser discutidas pelos profissionais da bola. Assim, “indiferente às negociações da diretoria, e **fiel ao seu saudável hábito de apenas jogar – e bem – futebol**, Mário Sérgio só reclamava das dificuldades deste campeonato paulista.” (PLACAR, nº596, 16/outubro/1981, p.4) (grifo nosso).

O inócuo Mário Sérgio retratado pela revista trazia a porção de malandragem devidamente enfraquecida que permitia identificar a manifestação do *futebol-arte*, mas não colocava em risco a hierarquia do futebol-empresa. Portanto, os funcionários do clube exerciam cada qual o seu papel em campo:

Na semana passada, o goleiro Valdir Peres dava a receita para o São Paulo ser campeão do Octogonal do retorno: no mínimo igualar os adversários em garra e determinação, para vencê-los então com a técnica superior de seus jogadores. [...] Cercado por torcedores e repórteres, [Mário Sérgio] falava de seu futebol ideal: **um jogo aberto, de pés mágicos e leves deslizando pelo gramado como se num balé, sem a necessidade de se empenhar na marcação**. Mas o próprio Mário Sérgio reconhecia que isso não passava de uma utopia: – Tenho que me violentar para a realidade que é marcar, não deixar o adversário jogar.

Aí, entra Éverton. Ele é o real que libera o sonho. [...] E se Mário Sérgio é a síntese da metade da receita de Valdir Peres – o talento superior –, Éverton representa a outra metade – a raça indispensável. (PLACAR, nº 598, 30/outubro/1981, p.4) (grifo nosso).

O sucesso da transformação permitia à revista reconhecer na figura do ponta-esquerda tricolor toda a audácia brasileira devidamente decantada de suas impurezas:

Vendo-o jogar com a camisa amarela, deslumbrando os adversários com a mesma facilidade com que toca na bola, mesmo os críticos mais ferozes renderam-se à evidência: **ex-cafajeste, ex-malandro, ex-firuleiro e ex-temperamental, Mário Sérgio é hoje a grande estrela do Brasil.** (PLACAR, nº 599, 06/novembro/1981, p.4) (grifo nosso).

Nesse contexto, o clube do São Paulo implantava a perspectiva empresarial, mas também acolhia a condição humana dos jogadores *malandros*. Contudo, a esterilização dos espíritos de Mário Sérgio e Serginho não passaria impune; se o semanário adequava a imagem dos atacantes à realidade do futebol moderno, ao mesmo tempo impossibilitava que o clube tricolor adquirisse aquilo que mais lhe fazia falta – *alma*.

Percorrendo caminhos tortuosos que ora identificavam a *alma* são-paulina, ora acusavam a sua falta, *Placar* apontava o problema diante das constantes contusões do famoso quarto-zagueiro do Morumbi:

O tricolor se vê em apuros, mesmo porque **seu projeto de alma**, há vários anos, é Dario Pereyra, caudilho da linhagem de Pedro Rocha. Se o gringo vive no estaleiro, **quem poderá motivar aquelas 11 camisas além do suor de sempre?** (PLACAR, nº 526, 30/maio/1980, p. 78) (grifo nosso).

Assim, ao se antecipar ao problema que poderia inviabilizar o projeto de construção de identidade do São Paulo enquanto clube capaz de atar os laços entre o futebol brasileiro *tradicional* e a concepção empresarial do esporte, a revista recomendava: “é vital comprar jogadores que encarnem **a alma do time**, que somem garra, suor, comando, coração. Sem essas virtudes, o título paulista de 80 pode ficar apenas no sonho.” (PLACAR, nº 526, 30/maio/1980, p.77) (grifo nosso).

Na trajetória percorrida pela equipe nos campeonatos paulistas de 1980 e 1981, a projeção placariana lia os resultados das partidas de acordo com as suas próprias expectativas. Assim, na partida contra o time alvinegro de Campinas em 1980, a revista avaliava que “o tricolor humanizou seu estilo e derrotou a Ponte [...]”.

A máquina vencida. Mas não comovia a torcida. [...] **Bastou-lhe sempre a técnica. Que encantava, mas não comovia seus torcedores. Era a máquina tricolor de jogar futebol.** Era o

show. [...] Para a segunda partida contra a Inter, o São Paulo já era outro. **Às qualidades que levaram torcida e imprensa a rotularem-no de máquina, somou uma combatividade não utilizada até então.** [...] Um time tão atrevido que seu líder Oscar, chega a taxar o romântico Barão de Coubertin de “louco”: – Esse papo de que o importante é competir não está com nada. O importante é ganhar. (PLACAR, nº 550, 14/novembro/1980, p.3/6) (grifo nosso).

O empate de 1 x 1 com o Guarani pelo campeonato paulista de 1981 também revelava a alma do time, característica que de tempos em tempos parecia fazer falta ao São Paulo. Diante de uma partida realizada na qual a sua enorme capacidade técnica não se fez presente, a equipe são-paulina recorria a outro elemento identitário fundamental ao projeto placariano para o futebol brasileiro:

As condições em que ganhou mais um ponto, em todo caso, deixam os são-paulinos esperançosos, pois é óbvio que uma equipe – mesmo brilhante –, não é campeã se não exibir, também, **garra.** [...] No segundo tempo falou mais alto o oportunismo de Serginho. **É a garra de um time que normalmente ganha pela classe.** (PLACAR, nº 600, 13/novembro/1981, p.8) (grifo nosso).

Mantendo o coração quente e a cabeça fria, o clube do Morumbi continuava a sua trajetória vitoriosa que deveria servir de exemplo para todos os demais clubes brasileiros. Na partida contra o São José, vencida por 3 x 2, o São Paulo continuava a ser interpretado tanto como o time portador da racionalidade empresarial e do aprimoramento técnico em campo e, portanto, do futebol moderno, quanto da garra, da raça e da emoção em campo:

O time são-paulino só conseguiu chegar ao triunfo – diante de um adversário aguerrido e composto por jogadores experientes e combativos – exatamente **porque preferiu relegar a técnica a um plano secundário, substituindo-a pela garra**, que ainda é a arma mais eficiente do que pode dispor um time ao qual apenas a vitória interessa. (PLACAR, nº 602, 27/novembro/1981, p.6) (grifo nosso).

O destaque para as cenas que demonstrassem o mais recente atributo adquirido pelo tricolor paulista evidenciava a iniciativa de *Placar* de identificar a *alma* são-paulina a todo custo. As fotografias que traziam Dario Pereyra,

Éverton e Tatu traziam as respectivas legendas: “Uruguaio fez um golaço, mostrou raça e comandou a defesa tricolor” e “Éverton explode. Tatu comemora o gol de Marinho, outro de garra.” Envolta nesse espírito de exaltação da *alma* do São Paulo, a tentativa de invasão do campo por parte do dirigente Fernando Casal del Rey e o fato de Mário Sérgio ter levado uma arma para dentro de campo e disparado uma bala de festim em direção ao chão – segundo o jogador – eram apenas efeitos colaterais da garra necessária em campo e por isso recebiam uma crítica um tanto condescendente da revista, que arrematava:

É claro que a torcida são-paulina é orgulhosa – e quem não seria? – de seu time de craques. Mas ainda estava de pé atrás em relação à capacidade de vibrar de seus jogadores, à sua determinação de vencer em quaisquer circunstâncias. [...] **Explosões à parte, porém, a torcida tricolor começa a reacreditar em seu time. Principalmente em momentos como o de domingo, quando os jogadores fizeram das tripas coração.** No vestiário, após a partida, um torcedor uniformizado definia bem a expectativa de todos: **“Ter 11 craques no time é bom. Desde que sejam 11 craques de fibra”**. (PLACAR, nº 602, 27/novembro/1981, p.6/7) (grifo nosso).

Síntese entre a emoção e a razão, a garra e a técnica, a identidade do clube do Morumbi mostrava-se polivalente e, a depender do momento, uma determinada categoria podia ser acionada. Se a tradicional frieza são-paulina não era suficiente para ganhar o campeonato, *Placar* projetava sobre a equipe um conjunto de valores associados à *alma* futebolística que permitia o semanário anunciar a primeira partida da final do campeonato paulista de 1981 entre São Paulo e Ponte Preta como a “decisão na raça”. Ao mesmo tempo, a polivalência da equipe tricolor permitia que ela assumisse tanto a condição de empresa quanto a de um circo futebolístico:

[...] o São Paulo, este que agora chamam de máquina, mas que, na verdade, **vai muito além da mera eficiência, lembrando muito mais um circo** com o Mário Sérgio no centro do picadeiro, ao mesmo tempo mágico, malabarista, domador e palhaço. (PLACAR, nº 602, 27/novembro/1981, p.30) (grifo nosso).

A conquista do título paulista sobre a Ponte Preta uma semana depois consagrava o modelo implantado pelo clube. A reforma modernizadora de *Placar* reconhecia na gestão são-paulina “a demonstração definitiva de que **a arte e a inteligência unidas são imbatíveis [...]**” (PLACAR, nº 605, 18/dezembro/1981, p.9) (grifo nosso). Se por um lado, “[...] o bicampeonato do São Paulo honra[va], antes de mais nada, o trabalho feito por um **grupo de dirigentes que sabe explorar o futebol em toda sua enorme potencialidade**” (PLACAR, nº 603, 04/dezembro/1981, p.13) (grifo nosso) a ponto de defender que Jaime Franco – diretor de futebol do SPFC – fosse alçado a condição de candidato da FPF, promovendo então um abalo na *hegemonia* até então vigente, a publicação reconhecia que o título de 1981 representava “a vitória de quem encara o futebol com **amor**. E, por isso mesmo, justíssima” (PLACAR, nº 603, 04/dezembro/1981, p.6) (grifo nosso).

O casamento entre a arte e a garra, entre a *alma* e o cérebro, entre o *futebol-arte* e o futebol-empresa não apresentavam tensões e traçava o caminho futuro do esporte:

Esses craques do São Paulo que souberam **aliar técnica e fibra** e escreveram um belo capítulo na história do futebol brasileiro: o do talento triunfante sobre a acomodação. Como o Flamengo, **o São Paulo, grande e forte, sintetiza um futebol de artistas e de lutadores**. (PLACAR, nº 603, 04/dezembro/1981, p.6) (grifo nosso).

Essa leitura a respeito do São Paulo trazia mais uma contribuição para o processo de resgate do futebol brasileiro. Peça a peça, os antigos aspectos constituintes do nosso esporte eram devidamente substituídos por características modernas que permitiram que o *futebol-arte* aflorasse mais uma vez. Assim, no lugar da carcomida CBD, deveria assumir a moderna CBF, os antigos dirigentes veiculados à política institucional do regime militar dariam lugar aos modernos tecnocratas responsáveis por implantar a mentalidade empresarial nos clubes e os jogadores de futebol deveriam assumir a condição de profissionais, exercendo a sua *malandragem* apenas nas quatro linhas dos gramados. Desse modo o futebol brasileiro estaria salvo, como demonstra a narrativa da revista na reportagem sobre o bicampeão paulista daquele ano:

Entre eufórico e emocionado, o dirigente Fernando Casal del Rey não soube o que dizer quando alguém afirmou que “a vitória do São Paulo salvou o futebol brasileiro”. [...] Imediatamente, porém, todos compreenderam o significado da frase e entenderam as razões para a festa da torcida ter superado as expectativas: no momento em que a inépcia dos cartolas engendra fórmulas complicadíssimas e deficitárias para os campeonatos, tirando o clima de disputa e afastando o público dos estádios, **o São Paulo dá um raro exemplo de fé no futebol brasileiro, abrindo os cofres e investindo maciçamente num time de foras de série, de jogadores geniais, daqueles que cultivam a paixão pelo futebol jogado com arte.** (PLACAR, nº 603, 04/dezembro/1981, p.4) (grifo nosso).

No entanto, *Placar* reconhecia que a última peça do quebra-cabeça estava ausente – a torcida. Por melhor que fosse o desempenho do clube são-paulino em campo, tido como modelo ideal de modernização do esporte, o público necessário para garantir o apoio efetivo ao projeto de reforma modernizadora proposto pelo semanário não comparecia aos estádios e, portanto, a tentativa de produzir um novo *consenso* acerca do futebol encontrava-se ameaçada. A *alma* tricolor continuava sem rumo, sem conseguir materializar-se a ponto de efetivar as transformações tão desejadas, mas dessa vez a responsabilidade não era do clube e sim de seus torcedores. A presença desses últimos era o fator que faltava para azeitar as engrenagens da máquina são-paulina e colocá-la em movimento. No início do campeonato paulista, a revista esportiva apontava os avanços e retrocessos da equipe em questão:

No total, são dez homens trabalhando no futebol do São Paulo S.A., com o mesmo empenho e eficiência que cuidam dos seus negócios. Antônio Galvão, o presidente está satisfeito com o rendimento da **empresa São Paulo S.A. Mas é preciso que a torcida compreenda o esforço e também contribua, comparecendo aos jogos e prestigiando as novas contratações e os juvenis que sobem.** (PLACAR, nº 561, 13/fevereiro/1981, p.27) (grifo nosso).

Todavia, o sucesso do São Paulo nos gramados era incapaz de fazer lotar as arquibancadas até mesmo durante a campanha do bicampeonato paulista daquele ano, o que preocupava a revista a ponto de apontar a questão como um dos elos mais frágeis da nova identidade tricolor: “Um porém,

apenas, para ofuscar a campanha vitoriosa: **a torcida tricolor continua pouco participante, sem corresponder aos esforços dos dirigentes e de seus jogadores, e isso, torcedor campeão, é imperdoável.**” (PLACAR, nº 603, 04/dezembro/1981, p.13) (grifo nosso).

O problema afetava diretamente o rendimento da equipe no início da temporada de 1982. O clube seguira todos os passos recomendados por *Placar*, mas não conseguia prosseguir em sua trajetória de sucessos por razões que estavam além de sua capacidade de intervenção. Mesmo após uma acachapante vitória sobre o Palmeiras por 6 x 2, o São Paulo conseguia levar apenas cerca de 3800 torcedores na próxima partida contra o Marília. O sinal vermelho acendia novamente e sugeria que a campanha de reforma modernizadora de *Placar* havia escolhido a equipe errada como carro-chefe de seu projeto. Desprovido de *alma*, por maiores que fossem os seus esforços o São Paulo Futebol Clube era incapaz de associar a sua racionalidade característica à emoção necessária para contagiar as massas e garantir a implantação do projeto político que congregava o futebol-empresa e o *futebol-arte*. Desconfiando de ter cometido um erro de percurso, o semanário convocava pela última vez a torcida do clube do Morumbi:

Está na hora de encher o Morumbi. Daí, **o torcedor tricolor**, com cupom ou sem cupom de desconto. **Crie vergonha e vá incentivar seu time. Antes que um Flamengo ou um Corinthians, clubes de torcedores com T maiúsculo, comprem todas as peças da máquina.** Já imaginaram a dupla Sócrates/Mário Sérgio? (PLACAR, nº 596, 16/outubro/1981, p.5) (grifo nosso).

Sem alcançar o sucesso esperado, pouco a pouco a revista indicava que a ação vanguardista assumida pelo São Paulo S.A. se esvaia devido à falta de identificação entre o time e sua torcida:

Durante todo o ano de 1979, o São Paulo e sua arejada diretoria foram objeto de seguidas reportagens de *Placar*. **Nelas mostrávamos caminhos, propúnhamos soluções, reivindicávamos um time para um grande estádio e, fundamentalmente, para uma fabulosa torcida que andava desaparecida.**

No ano seguinte, a diretoria provava que sabia o que queria. Fez a “Máquina”, aprimorou-a no ano de 1981 e prosseguiu na mesma trajetória neste ano. Seu estádio, o fabuloso Morumbi,

já tem um time digno de tamanha obra. **Sua gente, porém, continuou desaparecida, alienada, sem sangue.**

[...] o fato central é que o jogador são-paulino não aguenta mais tanto descaso. Vivendo um ótimo ambiente como o que lhe proporciona a diretoria do São Paulo, recebendo bem e em dia, **o craque tricolor não sente nenhum compromisso com a sua omissa torcida. Jogam para si, sem a empatia de um Flamengo, Atlético, Corinthians, Vasco, Santos, enfim, de tantos times com suas massas.** É normal que seja assim, é razoável que isso ocorra e não será surpreendente que o sonho do título brasileiro morra já neste meio da semana. **Porque para exigir troca de técnico, compra de jogadores, exibições magníficas, o torcedor tem que estar presente. E o são-paulino não está.** (PLACAR, nº 619, 02/abril/1982) (grifo nosso).

Na partida contra o Anapolina pela Taça Ouro de 1982, a máquina tricolor mostrava o limite de funcionamento de suas engrenagens não lubrificadas e perdia a partida por 3 x 1. Assim, a derrota para o time goiano indicava que tanto o clube quanto o projeto de modernização capitaneado por *Placar* começavam a fazer água: “Para o São Paulo, foi um castigo para o futebol que não soube jogar – e sem dúvida **uma punição para sua torcida que, quase sempre ausente, na verdade parece demonstrar que não merece os jogadores que tem.**” (PLACAR, nº 619, 02/abril/1982, p.16) (grifo nosso).

A busca por explicações para a falta de identificação entre clube e torcida apontava os limites do projeto são-paulino uma vez que o suposto remédio da gestão empresarial transformava-se em seu próprio veneno. Na medida em que isolava os ídolos dos gramados – agora profissionais – de sua torcida, a estrutura do clube tricolor produzia também a sua derrocada:

Explicações, entretanto, não faltam para justificar o comportamento da torcida são-paulina: ela faz parte da classe A e por isso pode ter mais opções de lazer: alguns jogos da Taça de Ouro são de baixo nível técnico; o São Paulo, por não ter vencido campeonatos de 1957 a 1970, não preparou uma geração de novos aficionados; decepcionou a todos no ano passado, ao perder a final da Taça de Ouro para o Grêmio em pleno Morumbi; **ela não é fanática como as do Santos e Corinthians, a burocracia e a imensidão do clube impedem a proximidade com os jogadores, o contato humano e intransferível.** (PLACAR, nº 619, 02/abril/1982, p.36/37) (grifo nosso).

As balizas da gestão democrática do futebol defendida por *Placar* também haviam sido alcançadas. Diante do fracasso do modelo de gestão empresarial do tricolor paulista, a saída apontada pela revista era o recrudescimento das relações entre comissão técnica e seus subordinados. A falta de *alma* do clube expunha as engrenagens corroídas da máquina:

Desmontada a Máquina, seus defeitos ficaram evidentes. **Faltou pulso aos dirigentes e ao treinador**, faltou dedicação a alguns jogadores, faltou apoio da torcida. Mas o projeto do grande time continua de pé. Para viabilizá-lo, algumas peças serão substituídas; outras, contratadas. De todas elas, se exigirá uma única virtude; **garra, muita garra**. [...] Até a preparação física será atingida, bem como o técnico Formiga e a própria diretoria, agora convencida **de que precisa ser mais dura no relacionamento com o elenco**. (PLACAR, nº 624, 07/maio/1982, p.32/3) (grifo nosso).

O São Paulo placariano conseguiu aglutinar diversos elementos preciosos para a reelaboração do papel do futebol na sociedade brasileira por meio de uma gestão técnica e racional, originando assim a *máquina são-paulina*. A gestão empresarial aplicada no clube havia permitido que o *futebol-arte* voltasse a se manifestar como característica nacional.

Contudo, a escolha de uma equipe que prescindia de apoio popular era um erro estratégico, pois não garantiria a disseminação e o consequente apoio ao projeto político de *Placar*, que defendia simultaneamente o resgate do *futebol-arte* e a modernização das estruturas administrativas dos clubes segundo os moldes empresariais. Em busca da formação de um *consenso* que permitisse a consolidação de uma nova *hegemonia* no universo do futebol, caberia à revista recarregar a sua artilharia e reposicionar os seus canhões em defesa de um clube que já havia aprendido as lições com o tricolor do Morumbi, mas que também possuía o pré-requisito que faltava – a *alma*.

Clube de massas, de torcedores com T maiúsculo (PLACAR, nº 596, 16/outubro/1981), o Corinthians representava nas páginas da publicação a garra, o coração e a loucura que faltavam ao São Paulo.

5 O feitiço alvinegro – o caso do S.C. Corinthians Paulista

Eu sou... Corinthians! (3x)
 Vamos jogar com raça
 E com o coração,
 É o time do povo,
 É o Coringão.

A música entoada nas arquibancadas alvinegras atualmente continua a anunciar as características como raça, povo e coração, fundamentais para o autorreconhecimento do torcedor corintiano. Forjados ao decorrer da história do clube, esses aspectos ganhavam ainda mais força durante a longa espera de 23 anos por um título de relevância nacional. Se durante a década de 1970 a *forma-representação* do clube estava diretamente ligada à condição de representante dos anseios populares, após a conquista do campeonato paulista de 1977 e com o início da Democracia Corintiana tal imagem necessitava de uma transformação na medida em que permitisse a inserção de novos elementos identitários. *Placar*, ao mesmo tempo observadora e agente do processo em questão, repetia a fórmula aplicada sobre a representação da seleção brasileira de 1982 ao resgatar e adaptar as especificidades do *ethos* corintiano conforme as necessidades de seu projeto de reforma modernizadora do futebol.

5.1 A mística alvinegra – o time com *alma*

O primeiro passo dado nesse sentido tinha por objetivo demonstrar que o Corinthians possuía o atributo que faltava ao tricolor paulista – a *alma*. Ancorada no *consenso* público que reconhecia e anunciava o clube do Parque São Jorge como *hegemônico* nas camadas populares, a publicação apontava a qualidade que fazia o time alvinegro se destacar de seus rivais:

Para o Verdão e o Tricolor, é vital comprar jogadores que encarnem a **alma do time, que somem garra, suor,**

comando, coração. Sem essas virtudes, o título paulista de 80 pode ficar apenas no sonho. [...] Aí descobriram que **a essência de um grande time [como o Corinthians] é a sua alma.** Nem mais, nem menos. **Pela alma se conhece qualquer campeão.** (PLACAR, nº 526, 30/maio/1980, p.77) (grifo nosso).

Ora projetada sobre a equipe, ora projetada sobre os jogadores ou membros da comissão técnica individualmente, a *alma* corintiana tinha como sua residência oficial o ícone máximo de representação do clube – a sua torcida. A mística que emanava da Fiel contaminava a equipe, potencializando suas qualidades e eliminando as suas limitações, como o ocorrido na campanha de conquista do campeonato paulista de 1979.

Emocionalmente o time sentia a responsabilidade das grandes decisões – problema que entrou para o lixo da história neste título de 79. E, em jogos normais, **a presença da grande torcida o leva a superar com garra as suas limitações, técnicas ou emocionais.** (PLACAR, nº 512, 22/fevereiro/1980 p.20) (grifo nosso).

Na avaliação de *Placar*, a influência direta dos torcedores alvinegros nos resultados fazia com que os mesmos assumissem a condição do décimo segundo jogador em campo. Em partida contra o seu arquirrival Palmeiras pelo campeonato paulista de 1980, o “Corinthians, suor e alma” (PLACAR, nº 541, 12/setembro/1980, p.5) dependia da ajuda da Fiel para reverter o placar desfavorável de 1 x 0:

O Palmeiras vencia e César chutou o segundo gol na trave. Então **a massa corintiana**, que não tinha parado de gritar nem nos piores momentos, **pareceu ter descido ao campo para levar o time à reação e à virada.** Final: Timão 2 a 1. Um jogo para a história. (PLACAR, nº 541, 12/setembro/1980, p.5) (grifo nosso).

A ação da massa torcedora era o combustível necessário para que os jogadores incorporassem o *ethos* alvinegro em sua totalidade. Por meio dessa, a camisa corintiana adquiria a condição de síntese entre torcida e equipe e, como manto sagrado, envolvia o espírito característico do clube:

Entra em campo a mística alvinegra: time e torcida unidos, vão liquidar o inimigo. [...] coisa que dependerá tanto deles [jogadores] quando daquela súbita **simbiose torcida-jogador que às vezes leva as camisas alvinegras a suarem sozinhas**. (PLACAR, nº 508, 25/janeiro/1980, p.4) (grifo nosso).

Dessa forma, Biro-Biro e Vaguinho encarnavam toda a garra e emoção características da equipe, conforme reconhecia o semanário nas fotos e legendas da reportagem [Figura 7]. No primeiro gol da partida, até mesmo Sócrates com seu gesto tradicional de erguer o punho direito expressava a *alma* corintiana [Figura 8] conforme noticiava o texto: de “punhos cerrados, brado de guerra, Corinthians na frente”. A emoção voltava a ser constatada na imagem seguinte, que trazia o abraço entre o atacante e o ponta-direita Vaguinho sob a legenda “o ponta e o Doutor. Emocionados” [Figura 9]. Diante da má atuação do Doutor na partida, apesar dos dois gols convertidos, a determinação característica do clube voltava a aparecer diante da avaliação que a revista fazia do desempenho do jogador: “Sócrates não jogou bem como costuma. **Só fez lutar e dois gols... Precisa fazer mais?**” [Figura 10].

Biro-Biro e Vaguinho explodem. A luta valeu a pena.

Figura 7

Figura 8

Figura 9

Figura 10

Contudo, a última imagem veiculada apresentava uma polivalência de significados que iam além do indicado pelo texto. Se a legenda apontava como fator determinante da atuação de Sócrates a luta por um resultado positivo na partida contra o clube alviverde, a fotografia que apresentava o jogador dominando a bola no ar com o seu característico toque de calcanhar, diante da expressão estupefata de dois adversários, trazia elementos que permitiam reconhecer a manifestação do *futebol-arte* na ação do ídolo corintiano. Embora esse último aspecto não fosse componente fundador da identidade corintiana ele se mostrava presente na ação do jogador-filósofo. No entanto, o amálgama tão desejado por *Placar* entre a frieza do atacante e o calor alvinegro só poderia ocorrer caso a primeira respeitasse a primazia que o segundo deveria ter no que diz respeito ao processo de consolidação da representação mística que envolvia o Corinthians. Portanto, ainda não havia chegado o momento de reelaborar a imagem do clube enquanto portador simultâneo de garra e técnica de modo que o projeto de reforma modernizadora da revista pudesse se concretizar.

A preocupação primeira do semanário em relação ao futebol em geral e ao Corinthians em particular assumia a perspectiva de “subversão herética [que] reivindica o retorno às fontes, à origem, ao espírito, à verdade do jogo, contra a banalização e a degradação que sofreu.” (BORDIEU, 1983, p. 3).

Nesse aspecto, a busca da *alma* do clube necessitava de um número maior de epifanias do que as indicadas até então. Quando a magia corintiana parecia ser identificada apenas pelos jornalistas da publicação esportiva, porta-vozes *populares* eram selecionados a dedo na medida em que engrossavam o caldo que *comprovava* a imagem de time do povo projetada sobre o clube do Parque São Jorge. Nesse contexto, a presença de Elis Regina e Beth Mendes tecia mais uma conexão entre a equipe e o seu *ethos* ao assumirem a sua paixão clubística pelo alvinegro paulista nas páginas da revista, fato que Aizita Nascimento, apresentadora de TEVÊ, arrematava ao afirmar: “O Corinthians é uma lição de vida, **é a eterna esperança de quem luta todos os dias**. Mas preciso ir muito aos estádios para perceber isso.” (PLACAR, nº 511, 15/fevereiro/1980, p. 39) (grifo nosso).

Os depoimentos dos jogadores corintianos que reforçavam a ligação apresentada acima também recebiam destaque por *Placar*. Em entrevista para a publicação em que abordava assuntos como a condição do negro no Brasil, o racismo, o estudo de yorubá, o apoio ao Lula e ao movimento grevista, Vladimir apresentava o motivo principal de sua permanência no Corinthians: “Preferir, porque tenho tanta coisa em comum como pessoa da arquibancada... Eles me aplaudem, vibram comigo, às vezes me vão, **mas entre nós há uma ligação de origens, entende? Em outro time, seria meio diferente.**” (PLACAR, nº 524, 16/maio/1980, p.56) (grifo nosso).

Embora a construção social da mística corintiana enquanto encarnação da garra, da emoção e da *alma* extrapole a leitura realizada pelas páginas da revista da editora Abril, *Placar* era um dos agentes principais do processo na medida em que assumia a condição de *aparelho privado de hegemonia* que coletava, reforçava e difundia os aspectos que demonstravam o caráter popular do clube alvinegro. O fruto dessa identificação com as massas empurrava o time *independentemente* de sua qualidade técnica como pode ser observado na campanha do campeonato paulista de 1979: “[...] o Corinthians [...] mesmo assim, soube sair para o empate e mostrar que, na base do **amor**, tem condições para se classificar e chegar às finais.” (PLACAR, nº 509, 01/fevereiro/1980, p.4) (grifo nosso).

A seleção dos jogadores que seriam alvo de matérias exclusivas da publicação também evidenciavam a intenção da revista em estabelecer um

vínculo com as massas. Apresentado como camarada por arrecadar verbas para ajudar jogadores em dificuldades, desprendido pelo fato de voltar ao campo logo após ter sido ferido em um assalto, solidário ao lutar pelo passe livre do irmão também jogador e humilde devido ao fato de não exigir um alto salário ao renovar o contrato, Zé Maria – lateral-direito do Corinthians e campeão paulista de 1977 – possuía, segundo *Placar*, uma *força estranha*. (PLACAR, nº 521, 25/abril/1980, p.36). Em uma partida decisiva pelo campeonato paulista de 1980 na qual o jogador se machuca e volta ensanguentado ao jogo, a publicação reconhecia a manifestação do *sangue corintiano* no martírio do ídolo alvinegro:

Mas naquele momento, todos sentiram o que ele [Zé Maria] representava. Sua camisa pintada pelo sangue que lhe escorria do rosto, a dor que preferia sentir a enfrentar uma anestesia que poderia deixá-lo grogue, sua gana, **tudo aquilo representava o amor, a força, a união que o time precisava sentir para chegar à vitória. Uma vitória conquistada com seu sangue.** (PLACAR, nº 510, 08/fevereiro/1980, p.8) (grifo nosso).

Geraldão, artilheiro do campeonato paulista de 1977, era outro personagem escolhido para representar a garra e a paixão corintianas. Centroavante trombador, sem carisma ou autopromoção:

O cidadão Geraldo da Silva **joga bola hoje com o mesmo espírito com que plantava milho antigamente.** É um astro esportivo por contingência. Quando se meteu a jogar futebol – à custa de duros sacrifícios pessoais e de toda a família – estava tentando ganhar a vida. **Jamais imaginou ou pretendeu a fama e a glória [...]** (PLACAR, nº 535, 01/agosto/1980, p.24) (grifo nosso).

As características projetadas sobre o estereótipo corintiano casavam-se perfeitamente com os aspectos destacados para o jogador nomeado de boia-fria da bola. Seu amor platônico pelo clube que insistentemente o desprezava somado ao fato de não ser “nenhum gênio, talento quase nulo, [com] recursos limitados. **Mas era lutador** e fazia gols” (PLACAR, nº 535, 01/agosto/1980, p.24) (grifo nosso) garantiam ao profissional um lugar no panteão dos deuses do clube do Parque São Jorge.

O volante Biro-Biro, bom corredor com pulmões de aço treinados nas peladas realizadas nas praias de Olinda em Pernambuco, desprovido de talento, também se juntava ao circo mambembe na medida em que conseguia incorporar a *alma* da equipe:

Jogando curtinho, chutando fraco, cabeceando mal, nem sempre enxergando a melhor jogada – deficiências graves para um meia-armador -, ainda assim **Biro é um dos xodós do povão, que se identifica muito com esse quase-menino que uma dia deixou Pernambuco chorando ante o desafio do Sul desconhecido**, mas de qualquer maneira a grande esperança de deixar para sempre a pobreza. (PLACAR, nº 516, 20/março/1980, p.122/123) (grifo nosso).

O feitiço corintiano era tão poderoso que – aos olhos de *Placar* – até mesmo os ex-jogadores do clube continuavam encantados com a magia promovida pelo time do Parque São Jorge como é o caso do centroavante Palhinha, que:

[...] não consegue esquecer os dois anos apaixonantes que viveu no Corinthians. Da mesma forma, a Fiel sonha em ter seu guerreiro de volta, para reviver a maravilhosa dupla com Sócrates e para sangrar o time com garra e catimba. Um caso de amor recíproco. (PLACAR, nº 541, 12/setembro/1980, p.22) (grifo nosso).

Formado por negros, boias-frias, migrantes e jogadores de garra, o time do Corinthians era a expressão dos segmentos populares e subalternos da população brasileira, projeção essa que aquecia pouco a pouco inclusive a imagem do jogador mais frio do time, Sócrates. Por esse viés, a revista procurava adequar as ações do jogador aos pré-requisitos estabelecidos pelo *time do povo* e readaptar a figura do profissional da bola que negociava criteriosamente as condições para a renovação de seu contrato, além de afirmar que sua ambição maior era ser campeão do mundo pela seleção brasileira ao invés de conquistar um título pelo clube e de cometer o maior dos sacrilégios ao afirmar que gostava, mas não amava o clube alvinegro.

A difícil tarefa do semanário se transformaria em uma longa jornada percorrida pela revista que reposicionaria a figura de Sócrates, deslocando-a da posição marginal original para o centro das projeções acerca da identidade

do Corinthians. As primeiras iniciativas podiam ser observadas na cobertura a respeito da conquista da taça de campeão paulista de 1979. Se durante o campeonato, a cisão entre o jogador e a torcida era tamanha de forma que “o futebol foi perdendo, assim, a alegria para Sócrates. Os gols, quando os marcava, sequer eram festejados. Ele apenas levantava os braços e saía andando indiferente à festa nas arquibancadas.”, a finalíssima e a consequente conquista do título reatava o elo perdido ao identificar os aspectos populares que estavam presentes no futebol do jogador-filósofo:

Era o primeiro gol do Timão, o gol que acabava com toda a tensão da Fiel. E Sócrates vibrou. Correu para a beira do campo e foi festejar com a torcida. Era a alegria de jogar futebol que voltava. Jogar bem, marcar gol, embora continuasse encarado como uma obrigação, **tinha o seu lado marcadamente lúdico, como nos tempos de pelada em Ribeirão Preto**. E, para Sócrates, o futebol sem esta faceta não tem razão de ser. (PLACAR, nº 511, 15/fevereiro/1980, p.13) (grifo nosso).

Nos mesmos moldes da seleção brasileira de 1982 e do São Paulo Futebol Clube, a *essência* futebolística da equipe corintiana se manifestava por meio da ação dos profissionais da bola e precisava se livrar das amarras impostas pela cartolagem. O relato da comemoração do título paulista retomava a já discutida perspectiva da revista ao apontar os verdadeiros responsáveis pela conquista e os *piratas* dispostos a usufruir dos louros da vitória alheia:

Amaral entrou em campo como capitão para erguer a taça para o povão (pena que a taça fosse tão pesada e que **os cartolas tenham roubado do único herói digno de tocá-la o direito de erguê-la**) [...] Mas Amaral, tocado pela graça de um verdadeiro campeão, perdoou a vaidade incompetente da cartolagem, fez meia volta olímpica para o povão, sozinho e feliz, **e foi juntar-se aos seus**. (PLACAR, nº 511, 15/fevereiro/1980, p.10) (grifo nosso).

Portanto, na mesma medida em que reforçava o vínculo popular dos jogadores alvinegros, que podiam retornar ao seu local de origem para celebrar a taça conquistada, a publicação esportiva dissociava o triunfo do Corinthians no campeonato da atuação dos dirigentes. O movimento indicava um ponto de

inflexão importante na cobertura de *Placar* sobre a participação da cartolagem nos caminhos percorridos pela equipe.

Em meados de 1979 o então presidente Vicente Matheus era apontado como a vanguarda responsável por modernizar a estrutura do futebol paulista ao entrar em confronto com Nabi Abi Chedid, presidente da Federação Paulista de Futebol “eleito [...] usando os velhos métodos dos coronéis no nosso interior, métodos que pareciam totalmente superados” (PLACAR, nº 499, 16/novembro/1979, p.16) devido à instauração de rodadas duplas no campeonato paulista. A medida judicial que garantia que o clube do Parque São Jorge atuasse apenas em rodadas únicas e consequentemente mantivesse o controle integral da renda da partida era interpretada pela revista como o anúncio dos novos tempos do futebol paulista e brasileiro:

Matheus [...] já somou entre suas virtudes, **a condição de libertador do futebol paulista e brasileiro**. De ter dado o primeiro, o mais esperado e o mais importante passo para que ele volte a viver saudável. Ainda que amanhã, por qualquer motivo, ele retire a ação que está garantindo ao Corinthians o direito de jogar com a Ponte Preta numa rodada simples. O fim desta história não interessa. Seja qual for, a boa semente foi lançada. **O seu grito foi ouvido e deve despertar outros presidentes**. (PLACAR, nº 500, 23/novembro/1979, p.14) (grifo nosso).

Matheus encarnava temporariamente as diretrizes do projeto de reforma modernizadora proposta por *Placar* que defendia que a implantação da gestão empresarial aliada à competência dos dirigentes garantiria o retorno do *futebol-arte* nos clubes de massas:

Nós [...] sempre insistimos na **necessidade de tratar o futebol empresarialmente**. Sempre estranhamos quando vemos clubes que têm por trás de si uma grande massa de torcedores, em situação de insolvência e denunciemos a incompetência de seus dirigentes. (PLACAR, nº 512, 22/fevereiro/1980, p.9) (grifo nosso).

Ao elevar o jogo entre Corinthians e Ponte Preta pela final do campeonato paulista de 1979 à condição de espetáculo, o presidente alvinegro aproximava-se da filosofia defendida pela revista e exigia que as redes de TEVÊ pagassem pelos direitos de transmissão da partida, avaliada então como

um produto a ser comercializado. Diante da celeuma criada pelas emissoras que se recusavam a atender as demandas do cartola – apelidado por *Placar de o libertador*, o jogo decisivo não foi transmitido por nenhum canal televisivo e, desse modo, o semanário se encarregava de avaliar a situação e apontar as responsabilidades dos personagens envolvidos:

O país inteiro foi privado da partida final que decidiu o campeonato paulista de 79 e a imensa torcida corintiana sequer pôde ver o teipe completo do jogo, tendo de se contentar com os dois gols e alguns poucos lances [...] Mas por que a coisa se deu dessa maneira? Porque os clubes e a Federação exigiram pagamento para a transmissão nacional e até mesmo para a apresentação do teipe, numa atitude inédita que foi rechaçada pelas tevês, alegando ser esse um “precedente perigoso”. Aí que o carro pega. **Será mesmo que os clubes não têm tal direito? Será que o sr. Vicente Matheus não tem nenhuma razão ao comparar o futebol com um show de Frank Sinatra, por exemplo? Ora, é preciso discernir entre o cerceamento à liberdade de imprensa e a comercialização do espetáculo.** Claro, ninguém pode negar a óbvia capacidade de promoção das tevês e desprezá-las será sempre uma atitude burra. Mas ao mesmo tempo é preciso sensatez para entender que o futebol também é um negócio não só para os que dele vivem. (PLACAR, nº 512, 22/fevereiro/1980, p.9) (grifo nosso).

Se, momentaneamente, Matheus representava a vertente modernizadora que fazia falta à estrutura do futebol nacional, esse processo durou apenas na medida em que pudesse representar uma oposição política ao presidente da Federação Paulista de Futebol, Nabi Abi Chedid. Portanto, a ruptura da aliança entre o dirigente e a revista ocorreria na medida em que as tensões provocadas pelas renovações dos contratos dos atletas comesçassem a ficar mais evidentes – casos de Amaral, Vladimir e Sócrates. A saída de Basílio do time – ídolo de 1977 –, a suspensão do próprio Vladimir que havia exigido que o Corinthians pagasse os 200 mil cruzeiros referentes ao imposto de renda conforme acordo prévio e o afastamento do goleiro Jairo mediante acusação de ter permitido que o Coritiba marcasse um gol em uma partida pela Taça Ouro deixavam o ambiente do *time do povo* ainda mais conturbado a ponto do projeto placariano passar a apontar os limites das ações da cartolagem corintiana, como pode ser observado na cerimônia de entrega de faixas de campeão paulista de 1979:

Tivemos o orgulho de homenagear o Timão e sua torcida, entregando as faixas de campeão. Infelizmente a festa não foi completa, pois nem a massa nem os jogadores estavam lá muito felizes, **reflexo da política pequena em não renovar os contratos de três campeões** que, diga-se, não estão pedindo demais. (PLACAR, nº 513, 29/fevereiro/1980, p.13) (grifo nosso).

Eventos como a ameaça de agressão de Sócrates e Amaral – jogadores que não se encaixavam perfeitamente no panteão dos deuses da mitologia corintiana – por parte de uma torcida que não reconhecia em ambos a presença da *alma* corintiana diante da derrota por 2 a 1 para o XV de Piracicaba e a saída do técnico Jorge Vieira – “o único elo efetivo entre os jogadores e os poderes quase absolutos exercidos pelo presidente Vicente Matheus” (PLACAR, nº 526, 30/maio/1980, p.81) evidenciavam ainda mais a obsolescência da gestão do dirigente e deixava o “timão sem rumo”.

Agora avaliado como antítese do futebol moderno, Vicente Matheus precisava ser deposto, pois caso contrário a identidade popular projetada sobre o Parque São Jorge que serviria de matéria-prima para a construção do Corinthians S.A., empresa capaz de mesclar emoção e racionalidade em proporções adequadas, seria colocada em risco. A prévia dessa ameaça já havia sido indicada por *Placar* no caso de Sócrates – elemento central no projeto de reelaboração da mística corintiana por *Placar* – que “ao tentar um acordo com Vicente Matheus para a renovação antecipada de seu contrato, foi interpretado pelo povão quase que como um reles mercenário.” (PLACAR, nº 511, 15/fevereiro/1980, p.12).

Embora fosse ameaçado por questões muito diferentes daquelas que haviam levado a *Máquina São-Paulina* à deriva, o *Time do povo* corria o risco de naufragar sem sequer deixar o estaleiro. Se no clube do Morumbi a racionalidade empresarial havia sido projetada sobre uma instituição incapaz de angariar o apoio das massas, no Parque São Jorge a *alma* popular era o motor que permitiria o navio alvinegro zarpar rumo ao seu destino – a transformação em clube-empresa. O empecilho para o sucesso da jornada era o timoneiro que estava no controle da embarcação, conforme afirmava o grupo de dirigentes do clube tricolor em entrevista para a revista:

O Barcelona, quando joga em casa, mantém uma média de 90 mil pagantes. **Com uma administração moderna – imaginam os diretores do São Paulo –, o Corinthians superaria esse número. [...] – Chegou a hora do homem parar, entregando o clube para gente mais jovem, mais dinâmica, de novas ideias. A época do “eu-sozinho” já acabou.** E vão um pouco mais longe. O Corinthians, para eles, transformou-se no modelo perfeito de como não se deve administrar um clube de futebol. Lembra Jaime Franco que **Matheus, depois de pagar suas dívidas, limpar seu crédito na praça e recuperar seu prestígio, não serve mais para presidi-lo.** (PLACAR, nº 558, 23/janeiro/1981, p.23) (grifo nosso).

Ciente do perigo, *Placar* elegia porta-vozes capazes de incitar a revolta a bordo e redirecionar a trajetória da embarcação para que a *alma* corintiana não naufragasse antes da consolidação do projeto de reforma modernizadora do semanário.

– A origem de todos esses problemas é sempre a mesma: **a vaidade de Matheus** – acusa o líder oposicionista Bernardo Goldfarb – Quando se sente ofuscado, ele cria casos para sobressair. Assim, **ele aparece, desvaloriza patrimônios do clube, faz a equipe jogar sob tensão e acaba induzindo uma parcela da torcida a se insurgir contra nossos maiores ídolos.** (PLACAR, nº 527, 06/junho/1980, p.22) (grifo nosso).

O ponto de vista empresarial da crítica era possível de ser notado, pois a presença do dirigente no comando do clube gerava, em primeiro lugar, prejuízos financeiros. A gestão são-paulina, embora não tivesse alcançado o sucesso esperado, continuava a servir de modelo a ser seguido e assim permitir a superação dos empecilhos já apontados e a renovação da estrutura administrativa do clube do Parque São Jorge:

Bigi, Goldfarb e outros corintianos se unem para dizer quem **está na hora de Matheus parar. Passar o poder para gente mais jovem, de ideias novas, que saiba administrar o futebol de forma empresarial.** É importante dividir as funções, e Matheus insiste em mandar sozinho. Há quatro anos Goldfarb propôs a Matheus a divisão do departamento de futebol em quadro departamentos: pessoal, de compras, de vendas e de promoções. **Era um modelo administrativo semelhante ao que o São Paulo está empregando.** (PLACAR, nº 559, 30/janeiro/1981, p.20) (grifo nosso).

Matheus era o interregno necessário para que a transição de um comando personalista e veiculado ao regime militar da FPF (Federação Paulista de Futebol) realizado por Nabi Abi Chedid para uma gestão que conseguisse conciliar a perspectiva empresarial e democrática fosse realizada, no entanto o obsoleto cartola corintiano não seria o personagem escolhido para conduzir tal processo.

Certamente, Vicente Mateus gostaria de ver estampadas, semanalmente, matérias iguais a “O Libertador”, publicada há um ano (Placar n. 500), aliás justa homenagem ao dirigente que teve participação na conquista do título de 79, com sua oportuna briga com Nabi e a Federação. Mas, como o carro da História não para, temos hoje um Timão decadente, desacreditado e inseguro. (PLACAR, nº 560, 06/fevereiro/1980, p.37).

O embate entre Vicente Matheus e Sócrates a respeito da renovação do contrato do jogador revelava a nova disputa simbólica que se iniciava a respeito do tema. Por meio dela, podemos observar a iniciativa da revista em posicionar o jogador de futebol enquanto agente político e, dessa forma, fazer frente à instituição carcomida que sufocava os profissionais da bola. Aos cartolas restavam duas opções, reconhecer a derrota na batalha e se retirar de cena – alternativa apresentada ao Vicente Matheus – ou reformar as estruturas administrativas de forma que garantissem a manifestação de todo o esplendor do *novo jogador brasileiro*.

A ameaça do *Doutor* em deixar o Corinthians caso as condições do novo acordo não fossem definidas a contento poderia inviabilizar a proposta do semanário de transformar o clube com *alma* no modelo que reunisse paixão e razão, pois “enquanto existir esse Matheus pequeno, mesquinho, ditador, não haverá amor entre Fiel e Timão. Só apatia. E desalento” (PLACAR, nº 562, 20/fevereiro/1981, p.24). O risco era grande, pois Sócrates significava o ponto de inflexão necessário que teria condições de direcionar toda a tradição mística corintiana para um caminho que permitisse a convivência pacífica entre a arte, a democracia e a empresa. Diante da tensão posta, *Placar* redefinia seus aliados:

O Corinthians acaba sendo assim, a maior vítima de um choque entre duas personalidades fortes porque a saída do Doutor é irreparável. Resta esperar que o futebol brasileiro não perca mais esse talento raro, seja como jogador, seja como caráter. E resta também esperar que a cartolagem aprenda mais essa lição sobre o **novo jogador brasileiro**. Ou se estabelece uma política de renovação, como a que tem trazido os ótimos resultados do Santos, ou se perde o medo de investir na montagem e manutenção de um esquadrão como o do São Paulo, para ficar apenas no futebol paulista. Seja qual for a opção, é preciso saber que já existem **muitos jogadores dispostos a não se deixar manipular**. Essa, Matheus, você perdeu. E agora? (PLACAR, nº 538, 22/agosto/1980, p.9) (grifo nosso).

E agora cabia à publicação esportiva minar de vez as bases de sustentação do velho dirigente, o alvo escolhido era a construção do tão sonhado estádio corintiano. Apresentado como um projeto antagônico à política empresarial que defendia a contratação de novos reforços para a equipe, o novo campo esportivo era fruto da mentalidade defasada e do desejo do cartola de se perpetuar no poder. Ressuscitando o apelido de “Faz-me rir” – recebido devido ao péssimo desempenho no campeonato paulista de 1961 –, o Corinthians corria o risco de repetir o longo jejum de títulos que havia sido encerrado em 1977 devido aos erros de percurso de Vicente Matheus. A arma utilizada por *Placar* nesse contexto era acionar o fantasma que perturbava a fiel torcida por mais de duas décadas:

Você estará se perguntando, torcedor: mas qual é a lógica de destruir um time? **Na simplória ótica de Mateus, vale mais aparecer em comerciais de tevê ao lado de Sócrates – o macaco, não o jogador – anunciando a construção do estádio do que prestigiar o time**. O time passa, o estádio fica, raciona o velho presidente. Mas existem traumas que estão acima dessa vã filosofia. **Os 23 anos de fila, principalmente. Você concordaria, torcedor, em jejuar mais dez ou 12 anos, em nome da construção de um estádio?** Admitiria, novamente, comparecer aos jogos do Timão para engordar as rendas e ver o time se esfacelar? (PLACAR, nº 560, 06/fevereiro/1981, p.37) (grifo nosso).

A cartada final ocorreria durante as eleições presidenciais realizadas no clube. Conforme a votação se aproximava, o ataque placariano avançava com mais empenho. Assumindo mais uma vez a sua vocação de *aparelho privado de hegemonia*, a revista buscava reorganizar os aspectos constitutivos da

identidade corintiana de modo a instaurar a *crise de hegemonia* na gestão vigente. Ao anunciar que o “Corinthians desabou” (PLACAR, nº 566, 20/março/1981, p.3-5), *Placar* apontava Vicente Matheus e Osvaldo Brandão, então técnico da equipe, como responsáveis pela desclassificação do time na terceira fase da Taça Ouro devido à ineficiência do primeiro ao dispensar Amaral, Djalma, Vaguinho e Geraldo e o autoritarismo do segundo dentro de campo. Simultaneamente, a revista reforçava quem eram os *verdadeiros* representantes da essência corintiana, caso de “Vladimir, sensato e líder, [que] não se conforma[va] com **a confusão que fizeram no time que ele encarna**.” (PLACAR, nº 566, 20/março/1981, p.3-5) (grifo nosso).

Com o intuito de elaborar um novo *consenso*, o semanário separava o joio do trigo ao indicar quais estamentos da hierarquia administrativa corintiana deveriam ser alvo da renovação proposta e quais deveriam ser poupados. O jogador – elo mais fraco da estrutura e matéria-prima para a rearticulação de significados referentes ao universo do futebol – precisava ser preservado.

[...] a tempestade que cai no Corinthians é [...] grave. Não é de hoje que se clama pela renovação no Parque São Jorge. Uma renovação que deve começar pela direção [...] Uma renovação deve passar [também] pelo comando técnico do elenco, pois Osvaldo Brandão não está sabendo parar com dignidade e diminuiu a cada dia, a cada jogo, a cada acusação feita aos jogadores, seu nome que já foi grande no futebol. E, finalmente, uma renovação que precisa atingir o time, embora sem crucificar profissionais de maneira tão abjeta como foi feito em relação a Amaral, Djalma, Vaguinho e Geraldo, jogados fora como se fossem sucata. (PLACAR, nº 566, 20/março/1981, p.9).

Nem mesmo a jogada de Vicente Matheus de se lançar como vice-presidente em uma chapa encabeçada por Waldemar Pires arrefecia os ânimos placarianos, que passava então a estimular o confronto entre os dois e a apoiar o presidente eleito na guerra travada contra o antigo dirigente, “um ditador que, aos 73 anos, consegue o impossível: simples vice-presidente, não apenas empalmou todos os poderes como reduziu a mero figurante o presidente do clube.” (PLACAR, nº 577, 05/junho/1981, p.18).

Aos olhos de *Placar*, a vitória de Pires e consequente abertura na gestão administrativa da equipe assumia ao mesmo tempo a perspectiva de resgate

da *essência* corintiana e de reforma modernizadora da estrutura arcaica que geria o clube. O retorno às origens podia ser observado na veiculação das fotografias da reportagem. A primeira delas trazia a nova diretoria posando ao lado da estátua de São Jorge, associando a imagem dos novos cartolas à tradição alvinegra e ao caráter místico do padroeiro do clube [Figura 11]. Na sequência, os mesmos personagens eram retratados nas *gerais*, espaço tradicionalmente popular dos estádios brasileiros, sob a legenda que os identificava como um “Corinthians democratizado” [Figura 12]. Na perspectiva de *Placar*, essas alterações eram originadas na massa torcedora que celebrava a chegada de Waldemar e a saída de Matheus [Figura 13], cabia à revista apenas dar voz aos anseios populares.

Figura 11

Nas gerais: Leonor, Orlando, Estevan, Waldemar e Livo, um Corinthians democratizado.

Figura 12

O povão se manifesta: é contra a volta ao passado de autoritarismo do ex-presidente.

Figura 13

A vertente modernizadora dos novos cartolas estava diretamente ligada à eficiência administrativa implantada nos clubes de futebol. O instrumento que garantiria a superação do atraso corintiano representado por Matheus era a mentalidade do novo presidente que reorganizava a hierarquia interna do time aos moldes de uma empresa moderna.

Por ser um homem de empresa, acostumado a delegar funções, Pires montou sua própria equipe, e deu autonomia a todos os departamentos. [...] os diretores reagiram. Enquanto Matheus os esperava, eles davam um ultimato a Waldemar Pires: independência para trabalhar. Ou morte aos sonhos de dar ao clube a grandeza que ele pode e deve ter. **E Pires, para surpresa da nação corintiana, deu-lhes mais do que pediam: – Independência ou morte – corrigiu.** Independência para ele próprio, disposto a assumir de fato o comando da nação. E morte – política – para o vice Vicente Matheus. Um ditador que continua tramando a própria volta. Até que isso aconteça – se é que irá acontecer, a nação corintiana viverá dias tranquilos. (PLACAR, nº 586, 07/agosto/1981, p.14-15) (grifo nosso).

A sucessão presidencial assumia a condição de divisor de águas no Parque São Jorge na perspectiva placariana e era o “sangue novo” (PLACAR, nº 683, 24/junho/1983, p.3) que faltava ao clube. Se anteriormente o alvinegro paulista encontrava dificuldades para expressar todo o seu vínculo popular, toda a sua *alma*, o enfrentamento e a consequente vitória de Waldemar Pires sobre Vicente Matheus reatava os laços temporariamente desfeitos:

O jogo da bela tarde de domingo, no Pacaembu, **marcou o reencontro do Corinthians com o seu povo. Com a alegria que nasce da paixão, bem correspondida dentro de campo por jogadores capazes de reencarnar a mística da raça corintiana.** [...] No gramado, o **Dr. Sócrates**, compensando o cansaço da inatividade com pinceladas de genialidade, **dava à torcida razões para sorrir de novo.** Aquele, sim, era um **novo Corinthians** [...] que começa exatamente pela tentativa de sepultar o autoritarismo [...] Os diretores de futebol Orlando Monteiro e Tomás Lico explicavam, depois do jogo de domingo, que esse “novo espírito” não tem mistérios: **é apenas o exercício da velha e eficiente prática democrática.** Ao invés de um só mandar, todos opinam. E mais que isso: todos trabalham. Nas concentrações – às refeições – já não há mais mesas separadas para dirigentes e treinador. Sentam-se todos juntos, e isto possibilita o **diálogo, conceito que esteve em desuso durante anos no Parque São Jorge.** [...] **Tudo isso, e só isso, pode explicar o amor da massa.** Ao contrário do que se apregoa, o povão corintiano provou no domingo que só se afasta dos estádios quando há bagunça, autoritarismo, mediocridade, falta de flama e acomodação. **Havendo futebol, o povo está sempre presente.** (PLACAR, nº 585, 24/julho/1981, p.4) (grifo nosso).

Mais do que um simples retorno ao passado, o resgate da tradição corintiana permitia a reinvenção da equipe de acordo com os propósitos da

revista. A derrocada do mítico cartola representava também o crepúsculo de uma fase sombria do time que fora superada pela gestão empresarial responsável por reconectar os elementos-chave da identidade alvinegra. Anunciando a aurora dos novos tempos, o semanário identificava o *retorno* da paixão popular pelo clube, da garra encarnada em seus jogadores, da democracia e do diálogo, em suma, do legítimo futebol do *time do povo*.

5.2 Aprendizes de feiticeiro– os modernos cartolas corintianos

O momento para a reelaboração da representação do clube corintiano não podia ser mais oportuno, pois a equipe passava por uma crise de identidade sem precedentes que desfazia suas arraigadas conexões com os anseios populares. O reflexo podia ser observado na queda da média de público de 46 mil para 30 mil fiéis torcedores por partida.

Diante do fato, *Placar* convocava sociólogos renomados como Bolivar Lamounier e Sérgio Miceli para responder à pergunta que a própria publicação fazia: “Onde estás, Fiel?”. Os motivos apontados eram vários, passando pelo aumento do custo de vida, pela frieza de Sócrates e pela abertura do regime militar. Se o primeiro fator não podia sofrer interferência da revista, os outros dois seriam passíveis de serem revertidos e demandariam empenho da publicação. Na análise de Lamounier:

[...] corintiano não tem dúvidas de que o tipo de liderança exercido por Sócrates junto ao time acabou criando uma ruptura na até então quase monolítica identidade existente entre torcida e time. – Em 76/77, o time era tecnicamente inferior ao atual, mas possuía **alma, O de hoje nem é um grande time nem tem mais a mística de uma equipe de luta e garra, A torcida então não se identifica e não vai a campo.** [...] Sócrates seria uma espécie de Ademir da Guia corintiano. Um cracaço, elegante, frio, a quem a torcida assiste jogar por puro deleite, **porém sem paixão E o corintiano é acima de tudo um apaixonado.** (PLACAR, nº 531, 04/julho/1980, p.22/25) (grifo nosso).

A revista já havia iniciado o processo de transformação da figura de Sócrates de um craque frio e racional para um jogador passional que

encarnasse a *alma* corintiana durante a gestão de Vicente Matheus, mas a ascensão da nova equipe administrativa permitiria que a revista projetasse a imagem do *Doutor* em todo seu esplendor. No entanto, o tópico em questão era a necessidade de um reposicionamento da magia corintiana frente à sociedade brasileira durante o período de abertura política.

Sérgio Miceli lembra [...] que a situação política do país era bem diferente da atual. Como todo clube popular, o Corinthians tem adeptos em todas as classes sociais, porém **o seu forte é composto pelas profissões mais humildes, completamente bloqueadas em suas reivindicações em 76/77. – Uma pesquisa do Gallup mostrou que ser corintiano era ser da oposição.** Então, toda aquela manifestação em torno do time tinha outras cores, até um pouco políticas. Naquela época, **o Corinthians era uma grande válvula de escape para determinados segmentos da população. Hoje, com o processo de abertura, essas camadas sociais podem se manifestar de outras maneiras.** (PLACAR, nº 531, 04/julho/1980, p.22/25) (grifo nosso).

Se a *forma-representação* tradicional do time do Parque São Jorge mostrava-se obsoleta diante da nova conjuntura político-social que surgia, caberia à publicação esportiva recolher os cacos dessa antiga projeção e rearticulá-los com base em novos propósitos. Ao buscar reativar a identidade corintiana nesse momento de crise, *Placar* se via mais uma vez incumbida da missão de localizar a essência do clube e projetar sobre a mesma os passos em direção ao futuro. Portanto:

Se as condições políticas do país mudaram e se as razões da mobilização corintiana deixaram de existir a partir da conquista do título de 77, **urgem reformas dentro do futebol que reativem o entusiasmo dos torcedores corintianos – apenas um símbolo do descontentamento e desinteresses gerais –**, pois quando seu último carro passar, tudo terá a tristeza de uma fonte que emudece. (PLACAR, nº 531, 04/julho/1980, p.25) (grifo nosso).

De acordo com a sua filosofia de que “esporte é cultura. Esporte é investimento. É magia.” (PLACAR, nº 596, 16/outubro/1981, p.8), a reforma necessária seria a implantação da lógica empresarial que garantiria o processo simultâneo de resgate da alma corintiana e de modernização das relações internas do clube. É com esse intuito que o semanário anunciava a chegada

do sociólogo Adilson Monteiro Alves como “a exemplo do Flamengo e do São Paulo – para ficar apenas nos dois casos mais notáveis –, o Corinthians, agora, tem um dirigente de um novo tipo.” (PLACAR, nº 602, 27/novembro/1981, p.61).

A presença de Waldemar e Adilson frente à administração do Parque São Jorge era o pontapé inicial que garantiria a implantação do modelo adotado pelo Flamengo, considerado à época como a vanguarda da administração esportiva. Com isso, recomendava-se um planejamento em longo prazo que contemplasse a criação de escolinhas de futebol, o investimento nas divisões de base, a inclusão dos jogadores e da torcida na gestão do time para que o Corinthians pudesse superar o seu atraso estrutural:

Numa palavra, falta ao Corinthians o que sobra ao Flamengo: competência. Enquanto o clube carioca é dirigido por um esquema composto por homens que tratam o futebol com uma visão empresarial, o paulista é gerido como um pequeno empório da zona leste. (PLACAR, nº 611, 05/fevereiro/1982, p.16).

Adilson Monteiro Alves trazia consigo uma concepção de futebol que se casava com perfeição à leitura reformista de *Placar*. Ao anunciar que “o sonho não acabou” e que era possível avistar “a luz no fim do túnel”, a revista concedia espaço às propostas empresariais do novo dirigente e anunciava “vem aí o Supertimão da Fiel”:

Eu acho que o futebol não é uma empresa: é paixão. E nem visa o lucro. **Mas deve ser administrado como uma empresa.** Isso é o que está sendo feito. Com o advento da publicidade, mais as verbas da Loteria Esportiva, o Corinthians deve se preparar para ganhar todas as competições de que participe. [...] depois da [camisa] do Flamengo, a do Corinthians é a camisa mais cara do futebol brasileiro, pelo retorno que representa aos investidores. [...] Para isso, **precisamos de uma alta dose de profissionalismo na administração do futebol.** [...] poderemos renovar contratos e fazer contratações com a participação de empresas, **dando sociedade aos jogadores.** Eu não tenho ilusões, acho que daqui a uns dois anos, ou um pouco mais, o mercado estará tão inflacionado que nem as verbas publicitárias resolverão. **Mas é por isso que temos que sair na frente e montar um grande time já. Eu garanto a você que vamos montar um dos maiores times de futebol do mundo.** (PLACAR, nº 629, 11/junho/1982, p.42/43) (grifo nosso).

Como em um passe de mágica, o time que estava à beira do colapso, sem identidade e sem vínculo com a torcida, reencontrava o seu caminho por meio da gestão moderna dos novos dirigentes. Adilson Monteiro Alves, “um jovem sociólogo que soube criar um clima de saudável harmonia entre Comissão Técnica, jogadores e torcida” (PLACAR, nº 653, 26/novembro/1982, p.34) era responsável por implantar as alterações que restauravam os padrões tradicionais de identificação do *time do povo*, assim como o amor-próprio da massa torcedora: “Aliás, conseguiu provar isso de uma maneira singular: com diálogo, abertura e determinação. Sem dúvida, é hoje um Timão de quem a Fiel se orgulha, bravo e lutador.” (PLACAR, nº 621, 16/abril/1982, p.25).

O encontro da gestão democrática com a lógica empresarial representava o santo graal do futebol moderno. A contratação de José Teixeira para o departamento de futebol do clube “para coordenar as atividades do setor, integrando num só organograma as divisões amadoras e profissionais” (PLACAR, nº 634, 16/julho/1982, p.48/49) aproximava a gestão do time alvinegro ao modelo praticado pelo Flamengo diante das suas categorias de base. O aprofundamento do nível de especialização do quadro de profissionais do clube-empresa corintiano era outro passo necessário para a consolidação do projeto em questão. Logo, “a chegada de Flávio Gikovate [psicólogo] e do publicitário Washington Olivetto, que irão assessorar o departamento de futebol profissional, com vistas a um trabalho de nível empresarial” era vista com bons olhos por *Placar*. Se o primeiro seria encarregado de cuidar das relações interpessoais e do bom funcionamento do capital humano da equipe, o segundo tinha a missão de projetar o clube à condição de produto comercial. Em defesa da instauração da publicidade nas camisas e da comercialização do time enquanto *marca*, Alberto Helena Junior apontava as ideias do famoso publicitário para o Corinthians em sua coluna semanal:

Outro dia me confidenciava o publicitário Washington Olivetto, da agência paulista DPZ, que o Corinthians o convocou para sugerir ideias para seu departamento de marketing: – Se o pessoal tiver cabeça, a coisa não para no simples contrato com uma empresa patrocinadora do clube. **Há que se explorar todos os potenciais do clube e do jogador.** Por exemplo: já pensaram uma fábrica de brinquedos lançando no mercado um

bonequinho do Sócrates-jogador e outro do Sócrates-médico? É apenas uma ideia das muitas que poderão construir um pródigo futuro para o futebol. (PLACAR, nº 643, 17/setembro/1982, p.15) (grifo nosso).

A sugestão de difundir e explorar comercialmente a imagem de Sócrates encontrava respaldo na intenção que a revista tinha de identificar e forjar no jogador a *alma* corintiana que lhe faltava. Esse novo tipo de jogador de futebol, frio, racional, profissional, também precisava demonstrar que era detentor da emoção e de popularidade, matérias-primas fundamentais para a construção dos novos ídolos futebolísticos.

O projeto de reforma modernizadora de *Placar* prosseguia de vento em popa, pois a revista havia encontrado a equipe ideal para encarnar a sua filosofia. O alvinegro paulista, detentor de garra, da *alma* e de uma gigantesca massa torcedora, se adaptava aos tempos da abertura política por meio da chegada dos cartolas modernos, da criação de departamentos de *marketing* e psicologia de acordo com moldes empresariais, além do surgimento dos novos tipos de jogadores de futebol, e, portanto permitia que Juca Kfoury afirmasse: “o Corinthians nos devolve a velha alegria”. Ao constatar que Vicente Matheus deixava a presidência do clube do Parque São Jorge definitivamente e que o alvinegro paulista reencontrava o caminho do sucesso diante da goleada por 5 x 1 imposta sobre o seu arquirrival alviverde, a revista afirmava com alívio que:

O futebol brasileiro, através do Corinthians Paulista, percorreu na semana passada o acidentado, **tortuoso caminho que começa na porta do cemitério e termina, ao fim de curvas perigosas, num desfile de escola de samba.** [...] O futebol bem conhece o sr. Matheus, seu personalismo, seus métodos ditatoriais e sua obsessão maníaco-depressiva em se imaginar a única pessoa do planeta com competência para dirigir o que pensa ser seu pequeno feudo. [...] **Valdemar Pires** [...] **introduziu no clube métodos modernos de administração,** que permitiram, por exemplo, a permanência de Sócrates no time [...] **Aliás, os que entendem, como nós, que a tragédia de Sarriá foi um acontecimento de exceção, não o fruto de uma concepção errada de estratégia futebolística, comprovam sua tese.** (PLACAR, nº 637, 06/agosto/1982, p.3) (grifo nosso).

Na perspectiva placariana, o time do Parque São Jorge era o veículo ideal para garantir a consolidação da nova *hegemonia* a respeito do futebol

brasileiro, pois ele representava a emoção e o vínculo popular enquanto *consenso* prévio e ainda oferecia um vasto leque de novas possíveis construções simbólicas devido à recente instauração da racionalidade empresarial. Se em primeiro lugar, a superação da obsolescência dos antigos dirigentes restaurava o clima festivo do esporte e reconciliava-o com o samba – outro patrimônio popular, os novos preceitos administrativos implantados no clube também eram capazes de revalidar a leitura do semanário de que a derrota da seleção brasileira na Copa de 1982 havia sido um acidente de percurso que não deveria abalar a luta incessante pelo retorno do *futebol-arte* e a simultânea modernização do esporte em questão.

É diante desse contexto que o sucesso do clube no campeonato paulista era avaliado uma vez que o modelo de futebol-empresa permitia que “Corinthians se encontra[sse] com seu tempo”, voltasse a manifestar a sua *alma* característica e assumisse a condição de vanguarda no campo esportivo até então pertencente ao tricolor paulista.

Ao conquistar, com três rodadas de antecipação, o primeiro turno do Campeonato Paulista, o **Corinthians dá mais uma prova de que é necessário ousar e ser moderno no futebol.** [...]

Sem ter uma equipe de sonhos, mas contando com a união do elenco em função dos novos ares que sopram no Parque São Jorge, **o alvinegro começa a ocupar o espaço que até há pouco pertencia só ao São Paulo, clube que não está sabendo manter a postura revolucionária** que lhe valeu um bicampeonato. [...] não há outro clube no país com tantas condições de rivalizar com **o Flamengo, monumento à competência.** [...] Investindo na liberdade de relacionamento com os profissionais do futebol [...] **o Corinthians inicia sua trajetória em busca da contemporaneidade** [...] (PLACAR, nº 644, 24/setembro/1982, p.3) (grifo nosso).

Devido à gestão empresarial, o Corinthians configurava-se no espaço ideal que permitiria que a condição de ser humano e de profissional dos atletas pudessem se reunir novamente e por isso podia ser visto como modelo de modernidade para as demais equipes, fato que Juca Kfoury celebrava ao decretar que “o Brasil ganha com a vitória corintiana”:

Uma direção jovem, segura e limpa. Fundamentalmente limpa, consciente do potencial que o alvinegro possui. Uma direção

em que os jogadores passaram a acreditar. Por causa dela, até a cabeça privilegiada do doutor Sócrates assumiu o corintianismo. [...] É, isso sim, o time da moda e isso se deve a um jovem dirigente, chamado Adílson Monteiro Alves, que, provavelmente, fara do time do Parque São Jorge alguma coisa parecida com o da Gávea, o Flamengo. [...] **A conquista corintiana fará bem ao futebol brasileiro. Ganhou uma filosofia que aposta no homem. De Solito a Biro-Biro (herói duas vezes), o Corinthians provou, a exemplo do produto que anunciou na camisa da decisão, ser um time de mil e uma utilidades. E isso é bom para todos.** (PLACAR, nº 656, 17/dezembro/1982, p.2) (grifo nosso).

Entre as diversas utilidades já apresentadas da equipe alvinegra, destacava-se o fato dela simbolizar também os benefícios que a gestão democrática trazia para a prática esportiva. O *apaixonante Corinthians*, tradicional e moderno, arregimentava a fiel e alucinada torcida e conduzia-os em direção ao futuro, em direção à abertura política:

[O Corinthians] **despertou o povão** no meio da semana, vencendo por 1 x 0. E o levou ao **delírio** no domingo, enfiando 3 x 1 no São Paulo e conquistando um título que marca o passo inicial para ser o **maior do mundo**. [...] Mas o corintianismo não seria a mesma religião de fanatismo e fé se não tivesse o componente do sofrimento [que] temperados pelo mesmo amor, se uniram em sorrisos e lágrimas para festejar um dos mais **apaixonantes títulos conseguidos pelo povo nestes tempos de abertura. Abertos os vestiários, o Corinthians também se abriu em festa.** (PLACAR, nº 656, 17/dezembro/1982, p.4/7) (grifo nosso).

A conquista do título do campeonato paulista de 1982 qualificava o clube do Parque São Jorge como exemplo que comprovava a possibilidade de unir a democracia e a racionalidade empresarial que, por sua vez, seriam capazes de garantir o retorno da paixão popular pelo futebol – elemento que faltava ao tricolor do Morumbi.

Foi um título exemplar, conquistada graças a um punhado de craques, a um treinador inteligente, a um elenco mais unido do que nunca e a uma nova mentalidade administrativa. [...] Ao contrário do que se diz ou pensa, futebol tem lógica. Basta que seja jogado com seriedade, administrado com eficiência e não sofra interferência de fatores extracampo. Ocorrendo isso, a lógica determina que vença o melhor.[...] **o Corinthians de 1982 foi, sobretudo, a imagem de um clube engajado nos novos tempos do Brasil, que trouxeram mudanças em**

todas as áreas, inclusive na que mexe com a paixão popular. O São Paulo revolucionou o futebol como atividade empresarial, no ano passado, e o Corinthians atual soube percebê-lo e dimensiona-lo como ingrediente vital do exercício democrático. Afinal, a democracia é povo, e povo é paixão. E o Brasil vive tempos de paixão [...] Foi por isso, aliás, que **o Timão fez prevalecer a lógica. Para o bem do futebol brasileiro. Eis aí uma lição para ser aprendida.** (PLACAR, nº 657, 24/dezembro/1982, p.6-9) (grifo nosso).

A completude do modelo corintiano anunciada por *Placar* impedia que a revista conseguisse identificar as tensões e conflitos que estariam por vir ao mesmo tempo em que ela alegava ter encontrado a pedra filosofal responsável por garantir a existência do eterno talento do futebol brasileiro. “Foi como se o Corinthians tivesse descoberto a pedra de toque mágica capaz de socializar o livre mercado, sem traumas para nenhuma parte” (PLACAR, nº 658, 31/dezembro/1982, p.66). Portanto, os demais clubes brasileiros deviam seguir a filosofia alvinegra uma vez que ela encarnava as transformações decorrentes de uma abertura política:

Abertura ganhar caneco? Ganha. Enfim, o Corinthians se abriu para a vida, descurtiu suas neuroses, aposentou a linguagem do “se...”. [...] O craque precisa criar com liberdade, e é esse clima que se respira pelos lados da, vá lá, Marginal sem número. **Graças à abertura, o Timão assumiu seu vasto mundo. O carne de ser povo. O gambá. [...]** O próprio Sócrates assumiu-se como corintiano [...] Mas este não é um discurso a respeito do povo no poder. **Trata-se, na verdade, de um aviso às demais torcidas do Brasil.** Nesta Taça de Ouro, o Corinthians vai mostrar tudo o que liberou com a abertura. Isto é, jogará para a frente e para o futuro. **Jogará num tom que obrigará os adversários a repetirem o refrão do Blitz: “Ok, você venceu...”** (PLACAR, nº 606, 14/janeiro/1983, p.37) (grifo nosso).

Na medida em que o tempo passava, o semanário começava a definir os limites que definiriam o apoio à democracia conquistada pelo alvinegro paulista. No caso Leão, no qual diversos jogadores – entre eles o goleiro Solito e o zagueiro Mauro – demonstraram a sua insatisfação pelo fato de não terem sido consultados a respeito de sua contratação, *Placar* estabelecia quem seria reconhecido como protagonista do projeto corintiano e quem deveria se contentar com a condição de coadjuvante. Diante da demanda feita pelas estrelas de segunda grandeza do elenco, ela se colocava ao lado da decisão

tomada pelos cartolas e alguns poucos jogadores como Sócrates e afirmava: “Ora, se a prática do plebiscito fosse instituída no futebol, a formação de detestáveis igrejinhas seria uma consequência inevitável e **o princípio da autoridade** – quem escala o time? – **estaria pulverizado.**” (PLACAR, nº 664, 11/fevereiro/1983, p.40) (grifo nosso).

Ao sair em defesa da vinda de Leão para o Corinthians, a proposta de que o movimento deveria ser comandado por uma vanguarda ganhava cores mais definidas. Na perspectiva placariana, Solito havia se revoltado com a contratação do outro goleiro por sentir que a sua titularidade estaria ameaçada, e por isso mesmo, por não apresentar a capacidade técnica necessária deveria ser colocado em segundo plano. Apresentados como uma minoria, o grupo de jogadores contrários à decisão tomada pelos novos dirigentes e por alguns poucos atletas perdia a sua legitimidade política e a revista não conseguia identificar que o protesto ia além da questão pessoal, pois o problema se referia a contratação *daquele* goleiro sem que o grupo pudesse opinar por meio de uma votação.

A contratação de Leão era justificada pelo semanário de acordo com os critérios racionais de produtividade que permitiria que o clube almejasse ser campeão mundial em detrimento daqueles que reivindicavam a prática política e eram avaliados como corporativistas:

Entre a injustiça e o preconceito não há nenhuma diferença e, **movidos por um sentimento de casta, boa parte dos craques corintianos reclama seus direitos nessa “abertura corintiana”, sem no entanto cuidar de administrá-la. Se Leão, como aconselhou Sócrates, é tão bom quanto Carlos e Paulo Sérgio, seu ingresso no Corinthians será decisivo para transformar em realidade o sonho do título mundial interclubes, meta que Adílson Monteiro Alves planeja atingir em 1987.** [...] Uma das virtudes irretocáveis da legítima democracia é saber absorver minorias e ajustar divergências. Se os líderes da “**abertura corintiana**” souberem administrar a crise que culminou na semana mais chuvosa da cidade nos últimos 30 anos, fortalecerão o já sólido elenco alvinegro. **Darão, assim, oportunidade para que Solito desfrute alegrias no clube sem que precise ir embora.** E reabilitarão o arranhado prestígio de Leão, de quem a Fiel espera grandes defesas e jamais a condenação aos zagueiros após um gol sofrido – gesto nada solidário que o país todo conhece. (PLACAR, nº 664, 11/fevereiro/1983, p.40) (grifo nosso).

A proposta de construção de uma *nova hegemonia* para o futebol brasileiro incidia na busca de uma leitura totalizante da Democracia Corintiana. Em uma luta do bem contra o mal, *Placar* afirmava que “a abertura corintiana não tem precedentes, ultrapassando a do São Paulo que não soube manter um Jaime Franco e até mesmo a do bem-sucedido Flamengo, repleta de qualidades, mas, ainda, herdeira de personalismos infantis” e que as propostas feitas pela “atual direção corintiana apontam na direção do futuro, do futebol-paixão bem administrado, do diálogo, e, fundamentalmente, da participação de todos.” (PLACAR, nº 667, 04/março/1983, p.3).

Assim sendo, a revista torcia e defendia a todo custo a união do grupo de jogadores em defesa de suas conquistas, mesmo diante da demissão voluntária do técnico Mário Travaglini:

Uma estrutura conservadora como a do futebol, respaldada no temor dos que só aceitam a democracia das elites, precisava mesmo ser abalada como foi. [...] Eles [dirigentes e jogadores corintianos] sabem, também, que serão vítimas de sabotagem e de uma guerra de contra-informação, que **só unirá ainda mais o grupo, que é, de fato, um grupo, e não quatro ou cinco como andam querendo mistificar.** [...] Não de saber, ainda, que o pior das ditaduras é que elas fazem a paz dos cemitérios, ao contrário do jogo livre e aberto, muito mais criativo e, ao mesmo tempo, muito mais problemático, repleto de conflitos, de opiniões antagônicas. Tomara que os corintianos não desistam. Mesmo. (PLACAR, nº 672, 08/abril/1983, p.3) (grifo nosso).

Contraditoriamente, diante dos constantes ataques de parte da imprensa conservadora *Placar* se entrincheirava justamente ao lado dos líderes do movimento para defender a ideia de que havia uma homogeneidade na união dos profissionais da bola corintianos. Às críticas de que o clube alvinegro havia sido dominado pelo desgoverno, pela bagunça e pelo consumo de álcool por parte dos atletas, a publicação esportiva respondia que a democracia se consolidava em entrevista com Wladimir, Sócrates e Adilson Monteiro Alves.

Segundo o discurso dos três mosqueiros endossado pelo semanário, no Parque São Jorge não havia risco de subversão, pois todos *cumpriam o seu papel* e toda decisão tomada pelo grupo dependia da *consulta à diretoria*. Dessa forma, tanto os condutores do movimento quanto a revista em questão não se davam conta de seus próprios limites uma vez que afirmavam que

democracia e responsabilidade eram práticas exercitadas por todos os envolvidos; jogadores, funcionários e torcida.

O contra-ataque placariano oscilava na sua ousadia pois, por um lado, afirmava que a Democracia Corintiana não tinha como objetivo causar uma reviravolta no quadro administrativo do futebol nacional. A mobilização dos jogadores buscava apenas resgatar os direitos desses profissionais por meio de uma reforma democrático-burguesa que atualizasse nossa estrutura esportiva – postura que recebia inclusive o apoio de Franco Montoro, candidato do PMDB ao governo do estado de São Paulo – ao invés de uma revolução que instaurasse a democracia popular. Em participação na coluna *Abre o Jogo*, Renato Pompeu reforçava essa interpretação quando afirmava que os críticos do movimento queriam apresentá-lo como:

[...] algo de radicalmente novo, quando na verdade **a democratização corintiana é feijão com arroz em muitos países da Europa. Sob muitos aspectos não é nem novidade no Brasil**, já que no passado, nas décadas de 40 e de 50, as opiniões dos jogadores eram muito mais respeitadas do que hoje na maioria dos clubes. [...] **A democracia corintiana é um simples reflexo da abertura, e não algo que possa acelerar as mudanças sociais.** Assim, o futebol, como a arte, não passa de reflexo da sociedade e não pode, ao nível institucional, ser mais avançado do que a própria sociedade. (PLACAR, nº 676, 06/maio/1983, p.36/37) (grifo nosso).

A ida de Mário Travaglini para o São Paulo também ilustrava a percepção que *Placar* tinha da prática democrática que deveria reger a política interna de um clube de futebol. Sob o título “a democracia do Morumbi”, a revista que considerava o técnico como “o canal que deu o leito necessário para a badalada democracia corintiana, no princípio, correr suas águas então incertas” também endossava a posição do mesmo sobre o regime político em questão:

Aqui, no São Paulo, já existe a caixinha dos jogadores, que multa quem não cumpre os horários e as normas do clube. **É uma entidade disciplinadora, normativa, dirigida pelos próprios jogadores. Democracia, afinal, é isso.** Dar condições para que o grupo se fiscalize em seu próprio benefício. (PLACAR, nº 682, 17/junho/1983, p.37) (grifo nosso).

Em contrapartida, a revista subia o tom do discurso ao colocar a Democracia Corintiana em debate. Com o intuito de angariar apoio entre os profissionais da bola, que passavam a ser considerados como agentes políticos e, portanto, responsáveis pela formação do desejado *novo consenso* em torno do futebol brasileiro, a publicação saía em defesa da profissionalização dos dirigentes e da experiência corintiana, ao mesmo tempo em que recriminava os atletas que aceitavam a divisão tradicional de papéis no universo do futebol, no qual jogadores deveriam se limitar a jogar futebol, cabendo ao técnico escalar a equipe e ao dirigente administrá-la. Se no caso do Corinthians, o fato de cada integrante do clube cumprir o seu papel era a salvaguarda que impedia que a experiência democrática flertasse com o descontrole administrativo, nos demais clubes, aceitar essa mesma limitação permitia que o semanário qualificasse os boleiros como alienados políticos:

Para avaliar o nível de curiosidade, solidariedade ou desacordo que a experiência em curso no Corinthians desperta, Placar ouviu, em diversos Estados, a opinião de alguns daqueles que, teoricamente, deveriam ser os mais interessados no assunto – os profissionais da bola. **Numa comprovação de que, deformado por décadas de submissão ao paternalismo vigente em seu mundo, o profissional do futebol ainda não percebeu o verdadeiro alcance e importância social de sua atividade, a maioria das opiniões condena o movimento pioneiro liderado por Sócrates e seus companheiros.** (PLACAR, nº 675, 29/abril/1983, p.18) (grifo nosso).

Ora interpretada como revolucionária, ora reformista, a Democracia Corintiana tinha aos olhos de *Placar* uma missão mais audaz a ser cumprida. Se essa oscilação da leitura da revista ocorria, seu objetivo era de garantir a todo custo a integridade do movimento. Em momentos oportunos, seu potencial revolucionário era relativizado, pois assim tornava-se mais palatável já que representava um resgate de práticas existentes no universo futebolístico que foram apagadas pelo tempo, em outras situações a experiência democrática era anunciada como revolucionária, pois seria capaz de transformar as carcomidas estruturas administrativas do esporte, mas acima de tudo era necessário que a publicação garantisse sua unidade de modo que fosse possível a construção de uma *nova hegemonia*.

A chegada de Jorge Vieira para treinar a equipe alvinegra logo após a saída de Mário Travaglini explicitava o risco que a experiência corintiana corria. O posicionamento autoritário do técnico que exigia respeito à hierarquia de poder fazia com que *Placar* se voltasse momentaneamente contra os *novos dirigentes* Waldemar Pires e Adilson Monteiro Alves devido à indecisão de ambos.

O presidente Waldemar Pires, na verdade, pensa que o treinador tem razão: "É preciso respeitar a ordem". Mas, fiel a seu estilo liberal, faz afirmações desse gênero ao mesmo tempo em que abre mão de qualquer intromissão no futebol corintiano, **possibilitando involuntariamente, portanto, que os inimigos da democracia desenvolvam ilações que precipitam a crise. [...] Adilson talvez não perceba que uma experiência como a corintiana, para triunfar sobre obstáculos tão poderosos como o conservadorismo do futebol, não pode ter flancos expostos.** Como, por exemplo, quando confirma as palavras do treinador quanto à necessidade de ordem, mas atribui a sua regulamentação a uma decisão "discutida em grupo e aprovada pelos jogadores", embora Biro-Biro desconheça não só o regulamento como a reunião que o aprovou. (PLACAR, nº 690, 12/agosto/1983, p.18) (grifo nosso).

Portanto, a importância de defender a coesão do experimento democrático se devia ao fato dele extrapolar as fronteiras clubísticas. O projeto gestado no clube do Parque São Jorge simbolizava não apenas a conquista isolada de alguns direitos por parte dos profissionais da bola alvinegros, mas era o lampião que guiaria as demais equipes rumo à modernidade. Devota dessa ideia, *Placar* ameaçava de excomunhão os infiéis – como Matheus – ou hereges – como Solito, Zenon e até mesmo Biro-Biro – que ousassem duvidar das palavras dos líderes da Democracia Corintiana.

Ao escrever para a coluna *Abrindo o jogo*, Emmanuel Públio Dias esclarecia em quais campos a batalha iniciada pelos mosqueteiros alvinegros deveria ser travada.

[...] ao rotular sua experiência de "democracia corintiana", os jogadores e dirigentes alvinegros lançaram-se a uma arena onde todo seu talento e virtuosismo pouco valem. Ou será que nos esquecemos também quem são os quadros dirigentes do futebol paulista e brasileiro?

O sucesso da experiência corintiana é um "perigo" para os bem assentados e autoritários pilares do esporte brasileiro. Uma atividade que rende lucros e votos. Urge, portanto, sufocá-la no nascedouro, de preferência, desmoralizando-a para que não "contagie" outros times.

É preciso um alerta para não fazermos o jogo dos inimigos da democracia. Não para salvar o Corinthians, mas para preservar a abertura democrática, até porque o Corinthians tem quase 100 anos e a democracia brasileira ainda não nasceu e cresceu como devia. **O Corinthians durou 100 anos porque o povo acredita nele. Assim como deve acreditar na democracia.** A responsabilidade dos formadores e multiplicadores de opinião tem um desafio frente ao povo: ensinar que a democracia é melhor que a ditadura, com saques ou sem saques, com gols ou sem gols. **Democracia não faz gol. É gol.** (PLACAR, nº 690, 12/agosto/1983, p.18) (grifo nosso).

Diante do risco da abertura alvinegra ser asfixiada pelas correntes reacionárias e assim não cumprir o seu papel de educar politicamente as massas populares, a publicação esportiva entendia que deveria assumir a linha de frente em nome de seu projeto hegemônico de poder. Se o Corinthians representava a crença popular, a Democracia Corintiana era a oportunidade ideal para que um novo *consenso* político viesse a ser estabelecido e caberia à *Placar* definir as etapas dessa construção, assim como apontar a indissolubilidade do grupo dos atletas envolvidos. Os *novos dirigentes* haviam sido responsáveis pela abertura política que gerou a experiência alvinegra, no entanto, eles não seriam capazes de manter viva essa prática. Caberia aos jogadores de futebol assumir a sua condição de agente político e encabeçar a tão desejada transformação. O navio corintiano já havia sido devidamente reparado e estava em condições plenas de se lançar ao mar rumo ao futuro. Contudo, como dissemos anteriormente, o papel dos cartolas dos clubes havia sido deslocado por *Placar* e agora ocupava uma posição secundária, limitado apenas a oferecer as condições necessárias para que a embarcação zarpassse. Portanto, os postos de almirante encarregado de dirigir a nau alvinegra e dos membros da tripulação ainda estavam indefinidos. Os candidatos ideais seriam os *novos jogadores de futebol*.

5.3 Os magos alvinegros – os novos jogadores de futebol

Uma vez que os antigos dirigentes passavam a ser vistos como obsoletos, o papel da nova administração corintiana seria de apenas permitir que os novos jogadores de futebol aflorassem, esses sim legítimos representantes do vínculo popular. Portanto, pouco a pouco, esses profissionais assumiriam a condição de vanguarda no projeto de reforma modernizadora de *Placar*.

Contudo, a longa trajetória precisava garantir a permanência das características corintianas tradicionais de modo que a ruptura causada pela chegada desses novos personagens não fosse abrupta a ponto de comprometer a condição do clube alvinegro enquanto representante dos anseios populares e, conseqüentemente, de instrumento para construção de um novo *consenso* acerca do modelo de futebol a ser implantado no país.

O time de migrantes, negros e boias-frias de garra mantinha, mesmo após o início da gestão de Adilson Monteiro Alves, uma áurea que precisava ser mantida a todo custo sob o risco de perder seu elemento mais original – a *alma*. Nessa perspectiva, a imagem de Biro-Biro projetada por *Placar* era o arquétipo do jogador corintiano e, portanto o paradigma a ser superado para que a pedra fundamental que uniria a tradição e a modernidade alvinegras pudesse ser lançada. Portador de uma relação mística com a fiel torcida, o polivalente jogador pernambucano simbolizava a raça tão característica da equipe e “correndo por ele e por toda a massa corintiana” (PLACAR, nº 510, 08/fevereiro/1980, p.9) encarnava a *alma* alvinegra por meio de sua determinação e improviso em campo.

Nomeado como peladeiro e jogador de várzea devido à sua grande movimentação e desrespeito ao posicionamento tático em campo, Biro-Biro incorporava a essência do futebol brasileiro e exatamente por isso era “imprevisível, incrível e magnífico” (PLACAR, nº 620, 09/abril/1982, p.19). Tendo em mente que a figura do jogador assegurava a permanência da vertente mais ancestral do *futebol-arte*, a revista não via problema em identificar nos seguintes termos aparentemente contraditórios: “É craque. E desajeitado. Um fenômeno!” (PLACAR, nº 620, 09/abril/1982, p.19).

Embora a abertura promovida pela nova gestão permitisse que o Corinthians pudesse retomar a sua condição de “apaixonado e apaixonante”, era Biro-Biro que encarnava a relação entre o talento natural e a garra, reforçando assim seu caráter popular:

Biro-Biro é isso – identificação. Não necessariamente o mesmo tipo de identificação que o torcedor tem com Vladimir, por exemplo. Vladimir é um corintiano, por isso a identificação. Biro seria um migrante, que batalha firme na cidade grande atrás de um lugar, uma posição. Daí a identificação. Um cara que luta, não se entrega, faz belos gols que todos gostariam de fazer e gols que todos têm certeza de que fariam daquele mesmo jeito desajeitado. (PLACAR, nº 620, 09/abril/1982, p.20) (grifo nosso).

Nos sonhos de cada menino corintiano, existe o desejo mágico de vestir as cores alvi-negras numa decisão. Fazer o gol da vitória e ser herói é o que sonha o menino corintiano. Ele quer ser alguém assim como Biro-Biro. **Um sujeito simples que é o espelho do povo**, que carrega a carteira profissional no bolso com medo de não ser reconhecido pela polícia. E que, se não tem o carisma de um Sócrates, cresce com o povo na hora da final... (PLACAR, nº 706, 02/dezembro/1983, p.40) (grifo nosso).

No entanto, o profissional em questão não teria condições de abarcar todas as qualidades necessárias para que ele pudesse ser considerado um representante do *novo jogador brasileiro*, como comprovariam as escolhas políticas de Biro-Biro posteriormente¹². A busca de *Placar* deveria percorrer caminhos diversos de forma que a essência corintiana pudesse ser reconhecida e devidamente modernizada.

A princípio, um lateral-esquerdo negro, campeão de 1977 e ídolo da torcida alvinegra seria o nome ideal. Vladimir apresentava as características passadas e presentes tidas como necessárias para a consolidação da nova identidade do clube. Reconhecidamente corintiano, o jogador reunia a negritude, a garra e a *alma* tradicionais às posturas modernas como o combate ao racismo, a valorização da cultura africana, o contato com estudantes de ciências sociais da USP, a militância política por meio de sua filiação ao Partido dos Trabalhadores e, posteriormente, a eleição para presidente do Sindicato

¹²Biro-Biro chega a se candidatar pelo PDS como vereador e se alia ao grupo de Matheus, mesmo que temporariamente, chegando inclusive a se casar com a filha do ultrapassado dirigente.

dos Atletas de São Paulo. Elementos que o qualificavam como “cabeça, coração e classe” (PLACAR, nº 619, 02/abril/1982, p.6) da equipe corintiana e, portanto “mais um exemplo do **novo jogador brasileiro, um profissional consciente dos problemas do mundo.**” (PLACAR, nº 524, 16/maio/1980, p.25) (grifo nosso).

O desabrochar do lateral-esquerdo era fruto, como já dissemos anteriormente, da instauração da gestão empresarial no Parque São Jorge. Durante a gestão de Vicente Matheus, o divórcio entre o clube e o jogador que representava a tradição e a modernidade era um risco iminente, conforme afirmava *Placar* ao descrever a reação do segundo diante da dispensa sumária de Amaral, Djalma, Vaguinho e Geraldo pela diretoria:

Vladimir, hoje, é um corintiano. Mas não gosta do Corinthians. Uma contradição? Nada disso, gosta do clube mas não se encontra mais dentro do time. Foi o que ocorreu no recente episódio do afastamento dos quatro companheiros, quando propôs que os demais companheiros não entrassem em campo enquanto não fosse definida a situação. Mas acabou falando sozinho. (PLACAR, nº 580, 26/junho/1981, p.20) (grifo nosso).

Bastou a ascensão de Valdemar Pires e de Adilson Monteiro Alves para que Vladimir pudesse encontrar um caminho frutífero que permitisse o seu desenvolvimento pessoal e profissional:

De lateral-esquerdo que se destacava por sua eficiência no desarme, ao craque criativo e surpreendente dos dias de hoje, Vladimir percorreu um longo itinerário. **Por muito tempo, teve seu talento abafado pelo conservadorismo tático de Osvaldo Brandão [...] O autoritarismo de Vicente Matheus também retardou os passos desse lúcido atleta que só aos 27 anos (29/08/54) confessa estar trabalhando num ambiente saudável, aberto, democrático.** (PLACAR, nº 619, 02/abril/1982, p.6/7) (grifo nosso).

O jogador transformava-se assim em uma estrela de primeira grandeza nas páginas da revista, capacitado inclusive a disputar – mesmo que temporariamente – a condição de astro-rei do sistema solar alvinegro com Sócrates. Se o Doutor simbolizava uma vertente do *futebol-arte* por meio de seus dribles desconcertantes e jogadas geniais, Vladimir era a parcela de

emoção que faltava à racionalidade socrática e portanto complementava-a com a tão necessária *alma*. Escorada na leitura que o psicólogo do clube Flávio Gikovate fazia a respeito das duas personalidades, *Placar* identificava a completude que não havia sido localizada na *máquina tricolor*. Emoção e razão se encontravam:

Não é preciso ser psicólogo para notar que o Corinthians é movido por duas lideranças essenciais, **o craque Sócrates e o símbolo Vladimir**. Dentro e fora de campo, eles galvanizam ideias e ações do grupo, despontando como referências fundamentais quando se discute o Timão-82. Para [Flávio Gikovate], que observa o comportamento dos jogadores nas concentrações e conversa individualmente com aqueles que o procuram, **o Doutor é o paradigma da técnica, enquanto Vladimir encarna a alma alvinegra. Representam cabeça e coração que garantem o organismo**, prevenindo-o até contra fases de depressão. (PLACAR, nº 654, 03/dezembro/1982, p.10/11) (grifo nosso).

Porém, o semanário parecia não estar plenamente convencido da imagem que ele mesmo ajudara a construir. Embora defendesse incondicionalmente as ações de Vladimir dentro e fora de campo a ponto de equipará-lo a Sócrates, futuro representante-mor do amálgama entre a razão e a emoção, a publicação esportiva titubeava diante da possibilidade de eleger o lateral-esquerdo como ícone do *novo jogador de futebol alvinegro*.

Enquanto não se definia, ela apontava como a abertura administrativa corintiana permitia a reelaboração dos antigos profissionais e o surgimento de jogadores originais. Amaral, que juntamente com Sócrates, havia sido hostilizado e ameaçado pela torcida por não emanar o *ethos* corintiano se enquadrava na primeira categoria. A implantação da lógica empresarial garantia que jogadores como “o zagueiro incapaz de maltratar a bola, modelo de classe e discricão, descobr[isse], longe dos gramados, que é um corintiano dos mais fiéis” (PLACAR, nº 540, 05/setembro/1980, p.18). Dessa forma, “o novo espírito [administrativo] que anima[va] o Corinthians” oferecia espaço para o “novo sangue que corre[ria] nas veias de Amaral.

O Corinthians empresarial e, por isso mesmo, democrático se aproximava da completude alcançada pela seleção brasileira de 1982, que havia sido capaz de conciliar os elementos tradicionais e modernos do futebol

brasileiro. Garra, raça, talento e arte podiam novamente encontrar a sua morada em terras tupiniquins, pois a nova gestão do Parque São Jorge seria capaz de garantir a conversão dos mais céticos jogadores à religião alvinegra. Anunciada como “de repente, nasce mais um fiel”, a transformação sofrida por Amaral era apresentada como uma simbiose entre a tradição corintiana e a mais refinada arte futebolística de modo a permitir o estreitamento do vínculo entre o ídolo e a massa torcedora:

A torcida, pois que se prepare: **Amaral vai voltar diferente.** Certamente vai continuar aliviando o perigo sem dar chutão, vai continuar desarmando o adversário sem riscar-lhe a canela, mas vai mostrar uma raça e uma vibração que a Fiel nem imagina. (PLACAR, nº 540, 05/setembro/1980, p.21) (grifo nosso).

Dono de uma trajetória impressionante em seu início de carreira como em seu jogo de estreia no qual marcara 4 gols sobre o adversário, Walter Casagrande Junior revelava a polivalência de suas “mil e uma faces” e era um exemplo dos jogadores originais que podiam surgir no clube em questão, pois simbolizava a rebeldia juvenil em campo:

Inquieto, rebelde, angustiado, inconformado. Generoso, sonhador e livre. O perfil da juventude brasileira, desenhado por sociólogos, psicólogos e cientistas políticos [...] já tem o seu protótipo nos campos de futebol profissional, nos quais desfila com as passadas largas e os gestos desengonçados de Walter Casagrande Júnior, 19 anos (15/04/1963), 1,88m, centroavante do Corinthians, artilheiro e a mais recente sensação do campeonato paulista. (PLACAR, nº 639, 20/agosto/1982, p.20).

As práticas extracampo de Casagrande faziam-se importantes na medida em que permitiam a *Placar* reposicionar a figura do profissional da bola perante a sociedade. Ao dar destaque ao vínculo político do centroavante com o Partido dos Trabalhadores e questioná-lo a respeito da máxima de que o futebol e a música alienavam o povo e a juventude, a revista se esforçava para relocar o papel do jogador de futebol, agora como agente político.

Pergunto se ele não acha que o futebol aliena o povo e que “curtir um som” aliena a juventude: – Não, se fazer o som ou jogar bola seja feito por alguém preocupado com o povo. Falou

e disse, como quem fez um gol. (PLACAR, nº 639, 20/agosto/1982, p.20).

Portanto, os novos mosqueteiros alvinegros encarnavam o “time mais original do Brasil” [Figura 14] seja na perspectiva comportamental ou política, como veremos posteriormente. Na reportagem “O timão cheio de bossas” [Figura 15], a revista trazia as joelheiras de Sócrates, as meias arriadas de Biro-Biro, a camisa para fora do calção de Zenon e as chuteiras brancas de Casagrande como ícones da modernidade, pois “de repente, os jogadores corintianos resolveram investir no visual. Eles aderiram à originalidade, com muito realce nos uniformes e nos adereços, inovando a moda no futebol” (PLACAR, nº 650, 05/novembro/1982, p.50/53). Quase como um apêndice, a reportagem trazia também uma fotografia imagem de Casagrande com o clássico “Dia 15 vote” [Figura 16] estampado nas costas do uniforme corintiano, associando a participação política à concepção de modernidade tão propalada.

A oscilação entre a tradição e a modernidade, presente tanto na seleção brasileira de 1982 quando no São Paulo, também tinha vez nas projeções placarianas sobre o Corinthians *moderno*. Se em certos momentos os *novos jogadores de futebol* do Parque São Jorge eram apresentados como a vanguarda da contemporaneidade, em outras ocasiões era essencial que os mesmos profissionais da bola assumissem a condição de detentores da tradição futebolística para que a nova representação corintiana tivesse legitimidade. Portanto, o mesmo *time mais original do Brasil* assumia a condição de um tradicional quarteto de cordas no qual Casagrande, Zenon, Sócrates e Biro-Biro tocavam violinos e violoncelo em outra reportagem veiculada pelo semanário.

Na condição de músicos clássicos ao invés de modernos astros de rock, os quatro jogadores encarnavam a condição de artistas em campo e restauravam a harmonia entre a competição e o *futebol-arte*:

Confiando nesta harmonia, que lembra a Seleção de Telê, o Timão busca o bi. [...] Instrumentos afinados, o quarteto quer a glória de ganhar um campeonato jogando bem. **Competição sim, arte também. Quem disse que as duas coisas não combinam?** E o público, sem dúvida, aplaudirá pedindo bis. (PLACAR, nº 707, 09/dezembro/1983, p.27-29) (grifo nosso).

Figura 14

Figura 15

Figura 16

Essa identidade mutante do Corinthians moderno permitia que o clube continuasse como portador de *alma*, garantindo a manutenção do vínculo tradicional com a massa torcedora, mas apresentava uma inovação fundamental aos olhos da revista. Se o diferencial da nação alvinegra sobre as demais era o fato da fiel torcida possuir um time, esse mesmo aspecto prendia a equipe ao tradicional conjunto de representações projetadas sobre o Parque São Jorge. Impossibilitados de se libertar das algemas identitárias pré-estabelecidas como a emoção, a paixão e a adrenalina – fundamentais para o auto reconhecimento de seus torcedores – os antigos esquadrões alvinegros estavam fadados a repetir a fórmula consagrada sob o risco de serem devorados pela esfinge corintiana. No caso do novo Corinthians de Valdemar Pires, Adilson Monteiro Alves, Vladimir, Casagrande e companhia, os laços que uniam as duas parcelas da essência do clube estavam presentes sem, no entanto, serem engolidos pela massa torcedora conforme reconhecia *Placar*.

De repente, o Corinthians. **Arrancando lágrimas de sua gente, eletrizando sua nação, reprisando grandes momentos da história de uma paixão incrível entre uma torcida e sua camisa.** [...] Maravilhosa torcida corintiana. Alguém já disse que ela vai ao campo para ver a si mesma. É verdade. **Ela se basta, mas, antes de mais nada, tem uma comovente capacidade para idolatrar os jogadores que mais se assemelham a ela.** [...] É assim com Zé Maria, com Vladimir, com Biro-Biro. E com César. (PLACAR, nº 617, 19/março/1982, p.9) (grifo nosso).

Mas o Corinthians aberto e democrático ia além e reafirmava mais uma vez a sua polivalência que representava tanto a tradição quanto o progresso desejado nos gramados. A leitura placariana reconhecia então no clube paulista a condição de vanguarda que seria responsável por unir o melhor dos dois mundos, instaurando assim o projeto político de reforma modernizadora defendido arduamente pela revista. É nessa perspectiva que o semanário anunciava e endossava a análise feita pelo novo dirigente alvinegro sobre qual deveria ser o papel do time frente à torcida, logo após a vitória sobre o Internacional por 1 x 0 pela Taça Ouro de 1982:

A torcida entendeu que o Corinthians continua a ser um time de luta, garra, povão – resumia o eufórico diretor Adílson Monteiro

Alves, depois, no vestiário – Só que agora tem consciência de que isso não é quebrar a trave com a cabeça. [...] Um jogador essencialmente técnico, de excelente toque de bola, com uma função mais de ajuda ao meio-campo, Eduardo era o típico craque não-corintiano. [...] E foi justamente isso que ele, **Adílson Monteiro Alves e os jogadores concluíram na conversa que tiveram na noite de sábado na concentração: a torcida não pode ditar a maneira do time jogar. O time é que tem que mostrar à torcida qual a melhor maneira de jogar.** (PLACAR, nº 617, 19/março/1982, p.4-5) (grifo nosso).

Portanto, ao mesmo tempo em que o Corinthians mantinha relações estreitas com o conjunto de valores tradicionais atribuídos ao time, também propunha uma ruptura profunda na relação entre equipe e torcida. Não por acaso, *Placar* nomeava o time corintiano formado pelos *novos jogadores* como *Campeão do Povo* antes mesmo de ele ter conquistado o campeonato paulista de 1982 [Figura 17] e, portanto ainda reconhecido como representante máximo das aspirações populares. Por outro lado, libertado dessas mesmas amarras, o alvinegro paulista revertia a ordem natural das coisas e tomava a frente do processo como o candeieiro responsável por iluminar os novos caminhos a serem percorridos dentro e fora dos gramados.

Dessa vez, o embate e a consequente vitória da *democracia corintiana* sobre a *máquina tricolor* eram definitivos. Se no clube do Morumbi a modernização implantada encontrava seus limites tal qual a revolução de fevereiro de 1917 devido à falta de apoio popular, no Parque São Jorge todos os elementos necessários para a transformação histórica podiam ser devidamente identificados por *Placar* – vínculo popular, *alma*, garra, gestão empresarial, racionalidade e abertura democrática. Portanto, a publicação podia anunciar o jogo entre as duas equipes como o *duelo do ano*.

Mais do que o conteúdo textual da reportagem, era a fotografia de capa [Figura 18] que trazia os significados projetados pela revista acerca das duas equipes. Se Oscar e Dario Pereyra, devidamente uniformizados e com calções e camisas impecavelmente limpos, gesticulavam nervosos com o objetivo de melhor articular a defesa tricolor, Casagrande e Sócrates, o primeiro, com as meias arriadas, chuteiras brancas e camisa para fora do calção, já o segundo com suas tradicionais joelheiras e com os meiões sujos de barro, aguardavam concentrados a próxima oportunidade para partir para o ataque.

Figura 17

Figura 18

A montagem da imagem pode ser observada por duas peculiaridades presentes na foto em questão. Em primeiro lugar, a luz solar que incide da esquerda para a direita nos corpos dos jogadores são-paulinos não pode ser observada no caso dos jogadores corintianos. Em segundo lugar, os atacantes alvinegros aparecem maiores que os defensores tricolores, embora estejam atrás dos mesmos.

Logo, a seleção dos personagens, assim como de seus gestos, produzia um jogo entre o ataque corintiano e a defesa são-paulina, no qual o primeiro superava o modelo do clube do Morumbi, seja pelos seus atributos modernos – chuteiras brancas e joelheiras –, ou pelos aspectos que associavam Sócrates e Casagrande ao *futebol-arte* enquanto uma prática livre e descompromissada – caso dos meiões arriados, sujos de barro e camisa para fora do calção. Portanto, os aspectos apontados permitem que afirmemos que a imagem construída por *Placar* é portadora de um discurso que legitimava a superação e consequente superioridade alvinegra sobre o tricolor paulista.

O texto presente na reportagem completava o conteúdo anunciado pela capa da revista na medida em que atribuía características específicas a cada um dos grupos de jogadores apresentados: “De um lado, [Oscar e Dario Pereyra] a melhor dupla de beques do futebol paulista. De outro, [Sócrates e Casagrande] os dois maiores goleadores do campeonato. Um duelo de músculos, cérebro e talento. Para explodir o Morumbi.” (PLACAR, nº 654, 03/dezembro/1982, p.37). O que já havia sido considerado moderno pelo semanário, agora se limitava à capacidade física dos músculos dos jogadores tricolores, a vanguarda estava na união tão desejada entre a racionalidade e a arte, presentes no Corinthians. O que faltava ao time era uma liderança carismática que pudesse capitanear os anseios populares rumo à modernidade a ser implantada nos gramados. Sócrates seria o personagem ideal.

6 O feitiço socrático – a magia do Doutor Sócrates

A trajetória percorrida pelo Corinthians e por seus *novos jogadores* em busca do reconhecimento enquanto representantes legítimos da tradição alvinegra pelos torcedores, assim como a posterior ruptura de paradigma que permitiu que o time passasse a apontar os rumos que a massa torcedora deveria seguir era repleta de percalços e por isso mesmo fazia-se necessário que houvesse concessões de ambas as partes. Se a fiel torcida precisava se adequar às práticas em campo que não representavam o *ethos* corintiano, os novos profissionais da bola também deveriam adaptar suas ações ao conjunto normativo tradicional do Parque São Jorge.

Nesse viés, a imagem de Sócrates, o jogador mais frio do time e exemplo de racionalidade, precisava ser adequada à mística alvinegra, processo que *Placar* se encarregaria de desenvolver tanto por meio de suas reportagens quanto pelas fotografias.

Se na já discutida leitura da imagem de Biro-Biro, a revista ressaltava as virtudes que identificavam o jogador com a essência corintiana ao afirmar que a “alma vale mais que um toque de calcanhar” (PLACAR, nº 610, 29/janeiro/1982, p.4/5), ficava evidente então que a figura de Sócrates precisava ser reelaborada. Em reportagem veiculada em maio de 1980, a leitura placariana do craque já indicava os empecilhos que deveriam ser removidos para que a liderança socrática pudesse se manifestar:

Frio, capaz de marcar um gol de placa e simplesmente erguer o braço, sem correr para a torcida ou para os abraços dos companheiros. Sócrates não se importa em ser o artilheiro do Timão nesta Taça de Ouro. Para ele o gol é apenas um acidente do jogo [...] (PLACAR, nº 522, 02/maio/1980, p.40).

Pouco a pouco o semanário buscava construir a imagem do jogador de acordo com os pré-requisitos alvinegros e anunciava a renovação de Sócrates em letras garrafais na capa da revista com a seguinte frase: “Fico porque amo

a fiel” (PLACAR, nº 530, 27/junho/1980). Em matéria interna dirigida por Juca Kfoury, buscava-se a construção de um elo entre a torcida sequiosa por um ídolo e o craque sem torcida:

Depois de quase agredido por alguns corintianos e da vaia geral no Maracanã, o Doutor se abre e dá um recado que há muito a torcida queria ouvir dele. **O craque mostra que, além de cabeça, tem muito coração. [...] Na primeira vez em que falei com Sócrates, há exatamente um ano atrás, guardei dele a imagem de uma pessoa extremamente simples e, mais do que isso, fria.** Nada parecia emocioná-lo e tudo era mera consequência de seu desenvolvimento como jogador. Corinthians, Seleção, uma edição especial de Placar dedicada só a ele, nada o comovia. [...] A frieza transformou-se em extrema racionalidade, a humildade foi substituída por uma incrível determinação e consciência na realização de seus objetivos. [...] A entrevista que se segue é a de um ídolo que se recusa à demagogia, mas dá um recado em cada frase, visando, fundamentalmente, a desconfiada torcida alvinegra. **Uma torcida que, enfim, o apaixona e é o motivo pelo qual quer ficar no Corinthians.** (PLACAR, nº 530, 27/junho/1980, p.3) (grifo nosso).

Ao decorrer da entrevista, o mais novo apaixonado pelo clube ainda oferecia uma brecha para que *Placar* fundamentasse mais uma vez a sua proposta de reforma modernizadora que substituísse a antiga cartolagem por novos dirigentes que permitissem a participação democrática dos profissionais da bola de modo que alma e corpo dos jogadores não sofressem mais com a cisão imposta, e com isso o Doutor aproximava-se do modelo de jogador ideal projetado pela publicação esportiva.

Eu quero esquentar as relações dentro do clube, fazer mais, participar mais das decisões. O retorno do grupo será mais imediato e a transa deixará de ser só financeira. **O jogador precisa sentir também uma ligação sentimental e é aí que estou buscando um papel para mim. Daí, até a minha racionalidade – no fundo a maior barreira entre eu e a torcida,** embora ache que ela deva se adaptar a isso -, até isso talvez mude. **Se eu puder participar mais das decisões dentro do clube, de interferir, meu comportamento vai mudar em muitas coisas.** (PLACAR, nº 530, 27/junho/1980, p.4) (grifo nosso).

A iniciativa de aproximar Sócrates da fiel torcida também era constatada nas diversas reportagens em que o jogador aparecia caracterizado como algum

personagem específico. Embora o artifício de fantasiar os jogadores fosse recorrente nas páginas do semanário, o Doutor foi sem dúvida o indivíduo que mais se dispôs a interpretar novos papéis que ajudavam a relocar a posição dos jogadores de futebol na sociedade. De governador do Estado de São Paulo a Imperador D. Pedro I, passando pelo Pensador de Rodin e violinista da orquestra alvinegra, era na condição de um simples aposentado que o craque estreava nos palcos placarianos.

6.1 Doutor e Corintiano

Apresentado como um recatado avô de 50 anos, homem de posses, médico e professor de medicina entusiasmado com o direito ao voto, a projeção da revista deslocava a imagem do jogador de futebol de sua posição tradicional ao mesmo tempo em que apresentava Sócrates em uma perspectiva mais humana e palatável para os torcedores [Figura 19]. Em uma época na qual a aposentadoria significava quase que invariavelmente uma derrocada financeira para o futebolista, a figura socrática apontava em outra direção. A especulação a respeito do futuro do jogador – que assumia a condição de médico, professor e agente político ao reivindicar a participação na política institucional – aproximava-se da imagem do *novo jogador de futebol* anunciada pela publicação conforme discutido previamente. A fotografia feita em estúdio caracterizando-o como médico de cabelos grisalhos – com avental, receita médica, placa de identificação constando nome completo e o título de Doutor – atribuía a Sócrates um *status* social até então renegado aos boleiros da época. Alçado à condição de futuro profissional da saúde e docente, o agora intelectual socrático recebia o aval da revista para se posicionar politicamente sobre os assuntos cotidianos. Se a escolha do ídolo alvinegro como modelo de jogador por *Placar* não estava diretamente ligada à peculiar formação educacional do craque, o reforço dessas características por meio de imagens e texto evidenciava os limites do discurso da revista que reconhecia na existência do diploma de bacharel em medicina a autorização para que o profissional da bola assumisse a sua condição de vanguarda política.

Figura 19

Em paralelo ao processo de elaboração da imagem do goleiro enquanto porta-voz da categoria profissional, o semanário desenvolvia uma campanha que permitisse à massa torcedora reconhecer no craque socrático a *alma* corintiana tão desejada. Em uma das ocasiões em que a transferência do jogador para o exterior foi vista como um risco iminente, *Placar* recolhia e endossava as qualidades passionais apontadas pela fiel torcida que mereciam ser destacadas no atleta alvinegro: “Sócrates mereceu muitas referências por seu talento, inteligência, até pela sua característica jogada de calcanhar. Mas sua qualidade mais citada pelos torcedores foi a dedicação e o amor à camisa” (PLACAR, nº 533, 18/junho/1980, p.26/27).

A empreitada com o intuito de veicular o jogador à mística alvinegra seguia mais adiante. A redefinição da posição dos jogadores diante do futebol – e de Sócrates dentro do Corinthians – era fundamental na medida em que redefinia o pacto hegemônico estabelecido até então. A *crise de hegemonia* reconhecida e estimulada pela revista necessitava de um agente que causasse a ruptura definitiva com o modelo administrativo avaliado como atrasado. Reconhecido como craque, o Doutor seria capaz de arregimentar em torno de si um novo *consenso* e consequentemente a formação de uma nova

hegemonia liderada pelos tecnocratas modernos. Contudo, seria apenas a partir do momento em que o boleiro fosse reconhecido como representante e portador-mor da essência corintiana que ele poderia assumir a condição de ídolo e então angariar tal apoio.

É com essa finalidade que a publicação esportiva direcionava o seu olhar para as atuações do jogador que remetesse ao tradicional modelo de futebol praticado no Parque São Jorge. Gesticulando, disputando com os adversários em divididas e correndo atrás de bolas quase perdidas, o Doutor alvinegro incorporava simultaneamente o papel de guerreiro, líder, craque e *fiel*.

O Doutor voltou. Vibrando como nunca, jogando bem como sempre. Lutou como poucos, orientou o time como ninguém. Foi saudado pela massa antes, durante e depois do jogo, numa demonstração de que o povão soube entender sua crise com a direção do clube e estará a seu lado para o que der e vier. E que, definitivamente, **o Timão tem mais um fiel em campo**. (PLACAR, nº 539, 29/agosto/1980, p.2) (grifo nosso).

Nomeado então como “Sócrates, o Corintiano”, o encontro tão esperado pela revista entre a massa torcedora que não possuía um ídolo para cultuar e o craque frio e racional não compreendido pela torcida ocorria de modo a suprir as deficiências de ambos os lados. Ao final de uma partida, *Placar* constatava e enaltecia o reconhecimento e a idolatria dos fieis para com o seu novo messias:

Verdade que, no tumulto dessa saída do vestiário, a massa histericamente gritando ‘ôôô queremos o Dotô’. Sócrates estava lívido, parecia amedrontado. Balbuciava um tímido ‘calma gente’. Mas, naquele transe, **ele era apenas um objeto de adoração**. E, quando alguns poucos privilegiados o cercavam dentro de uma cabina do vestiário, sequestrando-o das vistas do resto do povo, o pandemônio quase se estabeleceu. **Isidoro ria, Brandão ria, os repórteres riam, todos paternalmente abençoando o, perdão, enlace entre o ídolo e sua gente**. Uns bons 15 minutos depois, quando finalmente chegou ao portão de saída, alguém perguntou: ‘**É duro ser ídolo, não?**’ E, entre um autógrafo e um cumprimento, o Doutor construiu a frase: – **É muito mais incrível que eu imaginava! Um homem rigorosamente feliz, esse é o Sócrates desta semana**, convencido do acerto de sua decisão em continuar no Corinthians. (PLACAR, nº 539, 29/agosto/1980, p.6) (grifo nosso).

A tarefa de manter a chama da paixão entre o craque socrático e a fiel torcida alastrava-se pelas reportagens da revista dali em diante, seja por meio dos textos ou das fotografias. Em um jogo realizado em Marília, o jogador conciliava em seu futebol a garra e a arte, a emoção e a genialidade:

[...] o melhor exemplo [de] disposição foi dado por **Sócrates**. No primeiro tempo, ele foi quase um cabeça-de-área. **Ficou atrás, foi driblado, levou e deu pontapés**. No segundo tempo, **foi para seu devido lugar e mostrou a classe** que explica por que ele deve ganhar tanto. (PLACAR, nº 540, 05/setembro/1980, p.8) (grifo nosso).

No que tange à representação imagética do Doutor nas páginas do semanário, é fundamental apontar o gradativo desaparecimento das fotografias que sugerissem a presença do *futebol-arte* por meio de jogadas de efeito como um drible ou um característico toque de calcanhar. Em seu lugar, Sócrates aparecia em cenas nas quais a disputa de bola [Figura 20, a comemoração dos gols [Figuras 20, 22 e 25] e a integração com a torcida [Figura 27] fossem o foco principal. Quando a imagem em si não anunciava as características esperadas, a legenda associada apresentava a interpretação desejada pela reportagem.

A nova condição do jogador permitia que ele fosse renomeado como “Dr. Sócrates **Corintiano** Sampaio de Souza Vieira de Oliveira”, agora ídolo devidamente reconhecido pela torcida:

Aquele doutor desconfiado que não comemorava gols, que desafiava a torcida, aquele doutor morreu. **Nasceu, em seu lugar, o ídolo popular, que se comove com as crianças e que vibra com as vitórias do seu Timão. É o Sócrates Corintiano, Doutor da Fiel Torcida**. (PLACAR, nº 545, 10/outubro/1980, p.23) (grifo nosso).

No entanto, as demais especificidades da figura socrática – indivíduo questionador e político – não seriam descartadas tal qual a frieza, fundamentariam a próxima etapa da construção da imagem do ídolo.

SP CAMPEONATO PAULISTA
O reencontro com a torcida foi muito mais feliz do que se poderia imaginar

SÓCRATES,

O CORINTIANO

This One
7X80-C8L-YSNS

O Doutor voltou. Vibrando como nunca, jogando bem como sempre. Lutou como poucos, orientou o time como ninguém. Foi saudado pela massa antes, durante e depois do jogo, numa demonstração de que o povo soube entender, sua crise com a direção do clube e estará a seu lado para o que der e vier. E que, definitivamente, o Timão tem mais um fiel em campo.

Mais Socrates nas pags. 6 e 7

Muito com direito a torcida

Figura 20

O empenho do Doutor: na raça, ele entrava firme em dividas.

Figura 21

Figura 22

Figura 23

Sócrates: uma tarde cheia, com a garra e a classe de sempre.

FOTOS MANOEL MOTA

Figura 24

JB SCALCO

Saindo para o abraço, Vaguinho
exibe a alegria do gol. Igual
a Sócrates, vibrando como nunca.

Figura 25

Figura 26

CORINTIANO

DR. SÓCRATES BRASILEIRO SAMPÃO DE SOUZA VIEIRA DE OLIVEIRA

ÍDOLO

Aquele doutor desconfiado que não comemorava seus gols, que desafiava a torcida, aquele doutor morreu. Nasceu, em seu lugar, o ídolo popular, que se comove com as crianças e que vibra com as vitórias do seu Timão. É o Sócrates Corinthiano, Doutor da Fiel Torcida.

A nova imagem: barba e bigode. A nova atitude: muita vibração.

Sócrates tirou seu avental de médico e o enfiou no fundo do armário. Há 40 dias está vestindo apenas a camisa "9" do Corinthians e vem vivendo os momentos mais felizes da sua vida. Como aconteceu na última quarta-feira, ao visitar a Escola Municipal do Embu, perto do Rancho Silvestre, onde o time se concentra.

— É ele mesmo, só — grita um moleque. É o Sócrates. Sai da frente que eu também quero pegar nele.

"Só agora sinto como é bom viver assim"

Durante dez minutos foi uma loucura total. Professores esfregavam as mãos de contentamento, dizendo: "Somos uma escola carente e essa visita vai fazer muito bem aos meninos". As servertes roíam as unhas, excitadas. Centenas de garotos se atiravam sobre seu ídolo, lápis e papel na mão. É ele, entre autógrafos e conselhos — "não deixem de estudar" — acabou contagiado.

— Pô, como é bom viver momentos como esse! Eu sempre soube que era bom, mas só agora estou sentindo realmente. É gratificante sentir que sou importante para os garotos, gente que está em formação.

Mais do que isso, Sócrates está vivendo um amor profundo. Amor de um ídolo que, finalmente, aceita a idolatria sem medo do significado que dá à palavra: "Ser perfeito, nunca cometer engano".

22 PLACAR

23 PLACAR

Figura 27

Até mesmo o comportamento dionisíaco do Doutor – visto como empecilho diante dos novos tempos regidos pela lógica empresarial – agora passava a ser justificado pelo desencontro ocorrido entre o *novo jogador de futebol* que ele representava e a carcomida estrutura administrativa que até então imperava no Corinthians:

É um novo Sócrates, que não frequenta o Juca's Bar (de Ribeirão Preto) e o Piroška (de São Paulo) com a assiduidade de antes. Talvez por não precisar mais aforar no chopinho gelado e no papo com amigos as mágoas que o Corinthians lhe provocava. Naquele tempo, sentia-se um homem podado. Um simples empregado. Não podia opinar se é bom ou ruim concentrar na sexta-feira para jogar no domingo. Não podia propor uma maneira mais humana de tratar os jogadores, principalmente os mais humildes. (PLACAR, nº 545, 10/outubro/1980, p.24) (grifo nosso).

Ao final da reportagem, Juca Kfoury, na condição de jornalista e amigo de Sócrates, indicava o melhor caminho a ser percorrido pelo craque que consistia em renovar o contrato com o clube, se entregar de vez à mística corintiana e assumir a condição de jogador profissional de futebol.

– Eu acho que você, Magrão, deve renovar o contrato. O São Paulo pulou fora, o Palmeira fugiu e **você nasceu para jogar no Corinthians.** Se você busca tranquilidade, arrume um jeito de ir para o São Paulo, **Mas se você concorda que é um craque, e que por isso deve aceitar ser ídolo, mesmo com todas as chateações, então você precisa continuar aqui. Aceite a torcida como ela é, e seja como ela quer que você seja. Seja um ídolo do Corinthians.** Não um Sócrates do Botafogo. Por que agredir a quem te oferece amor? Afaste-se das pessoas que o tratam de doutor e como doutor. Aceite mais os que o tratam como Sócrates e como jogador de futebol. É isso que você é agora e é para isso que você ganha. E pare de dizer que você quer ganhar muito dinheiro para depois clinicar de graça. Soa como demagogia. Pega mal. Faça isso mais tarde, quando você for médico. **E acabe com essa imagem de displicente.** (PLACAR, nº 545, 10/outubro/1980, p.25) (grifo nosso).

Finda a primeira etapa de reelaboração da figura socrática na medida em que agora o craque já era reconhecido como ídolo da fiel torcida, o projeto de reforma modernizadora de *Placar* podia finalmente encontrar uma possibilidade concreta de consolidação. Escolhido a dedo pela publicação,

Sócrates oferecia um rico material passível de assimilação e recriação por parte da revista. Seu caráter questionador e crítico, que apontava as deficiências da estrutura administrativa do futebol e sugeria uma possível conciliação entre a gestão empresarial e a prática democrática encaixavam-se com perfeição no modelo proposto pelo semanário que, a partir de então, se encarregava de oferecer todo o espaço possível a seu porta-voz, além de enaltecê-lo sempre que possível.

O atacante do Atlético Mineiro – Reinaldo – aconselhava Sócrates que “tinha medo de ser ídolo. Agora, sentindo que muitas pessoas estão ao seu lado, aceitou a situação. (...) o ídolo tem de ser um político”. Porém, a sua recomendação profetizava quais seriam os próximos passos a serem dados pelo semanário a respeito da elaboração da figura do ídolo alvinegro.

6.2 Doutor-Pensador

Antes de ser alçado à condição de agente político, o ídolo corintiano deveria ser revestido e reconhecido como gênio dentro e fora dos gramados. Nessa medida, podemos constatar a aproximação constante que a publicação esportiva fazia entre Sócrates e Pelé. Se as referências feitas pela revista sobre genialidade em campo do Doutor eram tantas que seria extenuante relacioná-las, a comparação com o Rei do futebol oferece-nos a exata dimensão da projeção de sua figura. Novamente a ambiguidade temporal da leitura de *Placar* manifestava-se, pois ela reconhecia nas ações do jogador alvinegro tanto os elementos constitutivos do *novo jogador de futebol* quanto a reencarnação do talento e da genialidade do eterno camisa 10 da seleção brasileira. Seja jogando pelo Corinthians ou pela seleção brasileira, a semelhança entre os dois craques podia ser constatada por meio da narrativa da revista:

Em 1970, maravilhado com as genialidades de Pelé na Copa do Mundo, o poeta argentino Horácio Ferrer [...] dedicou-lhe um poema que a certa altura dizia: “E gols, tche, gols para pôr num quadro e guardar [...] Se estivesse entre as 43 mil pessoas que tomaram o Beira-Rio no domingo – entre as quais 100 **enlouquecidos** – Horácio Ferrer por certo se lembraria de seu

verso e mais certamente ainda sentiria **ânsia de se repetir ao ver o gol de Sócrates** (PLACAR, nº 616, 12/março/1982, p.8) (grifo nosso).

Mas, acima de tudo [...] toda a plateia francesa [viu] um gol deslumbrante, inesquecível de Sócrates ao encobrir o goleiro Castañeda com um toque e **uma antevisão de jogada dignas do melhor Pelé**. (PLACAR, nº 575, 22/maio/1981, p. 18) (grifo nosso).

No entanto, era a genialidade extracampo que o semanário fazia questão de destacar, pois abria caminhos para atribuir a Sócrates o futuro papel de representante político da proposta de modernização defendida. As declarações dadas pelo craque socrático expressavam uma concepção de futebol muito próxima daquela defendida por *Placar*, fato que permitia que a revista se reconhecesse nas palavras do jogador-pensador:

[...] acabam a gana e a graça de jogar. Eu sempre fiz do futebol um prazer, um grande prazer da minha vida: hoje, tem horas que eu não aguento mais. **O futebol brasileiro já não é espetáculo** – ou melhor, é espetáculo de 30 min, tempo em que nós ainda aguentamos de pé. Viramos máquinas, para o mal do próprio futebol e para a frustração da torcida. [...] **Perdemos a condição de indivíduo. Somos objeto na mão de muita gente sem condição**. (PLACAR, nº 519, 11/abril/1980, p.24-25) (grifo nosso).

O ataque direto feito pelo jogador aos antigos dirigentes, apontados como responsáveis pela fragmentação entre corpo e alma dos profissionais da bola, e o reconhecimento do desvirtuamento que o futebol sofria, cada vez mais distanciado da concepção de espetáculo – de *futebol-arte* –, encontrava uma acolhida calorosa por parte do semanário que travava uma batalha incessante em nome de uma reforma da estrutura administrativa do esporte em questão.

No que diz respeito ao embate entre emoção e razão, entre raça e classe, Sócrates também expressava a possibilidade de reformular a imagem do jogador de futebol. Embora houvesse alguns desencontros entre as duas leituras em questão, o depoimento caminhava na mesma direção proposta pela publicação esportiva uma vez que se propunha a repensar os elementos constitutivos da identidade alvinegra:

[...] acho que há muita gente confundindo o espírito amadorístico com raça, que é um negócio totalmente diferente e varia muito, conforme a personalidade de cada um. **Veja o meu caso: não sou um cara de raça física, mas tenho força interior.** Minha personalidade me impede de gritar e dar pancadas dentro de campo, entende? [...] **Por culpa principalmente dos meios de comunicação, criou-se o mito de que jogador do Corinthians tem de ser um cara ignorante e vibrante.** Como não sou nem uma coisa nem outra, o pessoal me acha deslocado no clube. Mas, que diabo, todo mundo deve ser respeitado pelo que é! [...] (PLACAR, nº 535, 01/agosto/1980, p.56) (grifo nosso).

Se as críticas do Doutor à estrutura administrativa do futebol e ao engessado padrão de comportamento esperado dos integrantes da equipe do Parque São Jorge encontravam eco na filosofia placariana, a defesa que o jogador fazia a respeito da possibilidade de conciliar a abertura democrática e a gestão empresarial era a *cereja do bolo* que faltava para que a revista passasse a reconhecê-lo como pensador.

A nova gestão composta por modernos tecnocratas reconhecia todo o potencial econômico do clube a ser explorado – e de Sócrates em particular. Para tanto ela buscava desenvolver tanto a vertente empresarial por meio da criação de um departamento de publicidade, da busca de novos patrocinadores e do aumento das cotas relativas aos direitos de transmissão das partidas quanto a vertente democrática e humanista que visava garantir o acompanhamento psicológico dos jogadores, a abolição parcial das concentrações e o reconhecimento dos profissionais da bola enquanto artistas. Nesse contexto, a figura do craque passava a ser encarada como um produto portador de qualidades de ambas as correntes e, portanto, o amálgama ideal entre a arte e a empresa, conforme anunciava o famoso publicitário Washington Olivetto:

– Acho que [Sócrates] está entre os cinco maiores jogadores do mundo, tecnicamente. **Com a vantagem de ter um tipo físico, um design, que favorece a divulgação de sua imagem:** alto, longilíneo, diferenciado. Além disso, tem um nível cultural especialíssimo, que o distingue dos demais. **Sem falar no próprio comportamento dentro e fora de campo,** frio, racional, de absoluta dignidade e de preservação de sua privacidade, **dá-lhe um appeal particular.** **Entre as ideias já em andamento para popularizar ainda mais o jogador, está o lançamento de um boneco de**

brinquedo – semelhante ao Falcon –, com duas vestimentas: um uniforme de jogador de futebol e outro de médico. Com isso, vai-se passar a ideia de que um craque não precisa, necessariamente, ser um indivíduo incapaz de aprimorar-se intelectualmente e exercer outra profissão. (PLACAR, nº 643, 17/setembro/1982, p.26) (grifo nosso).

Perguntado sobre o que achava a respeito dos planos do Corinthians de alçá-lo à categoria de “estrela do planeta”, Sócrates não apontava nenhuma incompatibilidade entre o exercício de sua cidadania e individualidade com o fato de ser reconhecido como ídolo da torcida e ter sua imagem utilizada comercialmente:

Olha, com toda franqueza, não tenho nada a opor. Pelo contrário, **acho que só me transformei em ídolo mundial como decorrência do meu trabalho, isto é, do que eu apresentar em campo. Não se consegue promover um produto que não seja bom.** Encaro a possibilidade de virar estrela como uma gratificação, um reconhecimento de que estou fazendo bem o meu trabalho. [...] Veja o exemplo de Pelé: ele se deixou triturar pela máquina, não permitiu que se dissociasse a sua vida pessoal do estrelato. Essa foi a sua opção, ele se acha feliz assim. **Eu, ao contrário, jamais admitiria que a máquina publicitária fizesse de mim um brinquedo, me ditasse regras de comportamento, influísse na minha vida privada. [...] Uma coisa é o ídolo, o lado exposto ao público. Outra é o cidadão, sua intimidade, sua família,** Acho, por exemplo, magnífica a ideia do bonequinho meio-jogador, meio-médico: ele pode contribuir para que toda criança que goste de futebol perceba que este não é incompatível com os estudos. (PLACAR, nº 643, 17/setembro/1982, p.24) (grifo nosso).

A postura do jogador alvinegro ao reconhecer que o novo modelo de gestão do clube do Parque São Jorge seria capaz de salvaguardar o talento nato dos boleiros brasileiros se coadunava com a leitura que *Placar* tinha da questão. A administração empresarial garantiria a preservação da arte nacional na mesma medida em que apontaria a direção rumo ao desenvolvimento futuro. Ao mesclar emoção e razão, Sócrates e *Placar* criam ter descoberto o Santo Graal que garantiria a salvação do futebol brasileiro por meio do resgate do feitiço perdido. Como anunciado anteriormente pelo semanário, a tragédia do Sarriá era um interregno soturno que por um breve instante ofuscou a

epifania do *futebol-arte*, mas não devia colocar em dúvida qual a trajetória a ser seguida no futuro pela seleção nacional e pelos clubes.

Que Corinthians a sua torcida pode esperar ao longo do campeonato? **Um time apenas frio, segundo a receita de Sócrates, ou uma equipe capaz de praticar um futebol exuberante, como o que a Seleção Brasileira mostrou ao longo de sua participação na Copa do Mundo?** Qual das fórmulas corresponde à real imagem do atual futebol brasileiro? Sócrates acha que ambas se misturam: – As coisas devem ser dosadas de acordo com as possibilidades. Mas, pessoalmente, acho que aprendi na Seleção coisas muito importantes, nos planos tático e físico, e que é minha obrigação levar isso tudo para o grupo do Corinthians, conversando com o Travaglini, trocando ideias com o preparador Maffia, e, principalmente, colocando temas para discussão com os meus companheiros. **Se todo jogador da Seleção fizer isto em seus clubes, o futebol brasileiro só terá a ganhar.** (PLACAR, nº 643, 17/setembro/1982, p.24-26) (grifo nosso).

Devido à capacidade de costurar novamente o punhado de retalhos em que a identidade futebolística nacional havia sido transformada depois da derrota na Copa da Espanha, Sócrates podia ser retratado pela publicação como “O pensador”, de Rodin. Em reportagem intitulada de “Como vemos nossos ídolos”, o craque alvinegro aparecia encenando a posição clássica da famosa estátua entre outros tantos profissionais da bola.

Porém, enquanto Serginho Chulapa assumia o papel do malandro tradicional, Biro-Biro se fantasiava de curinga, Renato Gaúcho representava o fominha em campo, o vascaíno Elói regia a orquestra como maestro, Márcio vestia-se de xerife, o corintiano Paulinho incorporava a figura do carregador de piano e o goleiro Acácio expressava a sua condição de santo, Sócrates era o único a interpretar uma característica alheia ao universo do futebol. Se os demais se travestiam de acordo com as expressões clássicas do mundo futebolístico, tal qual milagreiro, malandro, trombador e xerife, o Doutor rompia o quadro tradicional de representações do esporte em questão [Figura 29].

Como pensador, a figura socrática produzida por *Placar* era o ponto fora da curva que sugeria uma rearticulação dos significados já cristalizados. Único personagem da reportagem que se apresentava vestido com o uniforme de jogo completo – de chuteiras, inclusive –, ele simbolizava a inversão de sentidos e a modernidade propiciada pela ascensão do novo grupo de

dirigentes esportivos e da consequente consolidação da Democracia Corinthiana por parte dos jogadores alvinegros.

Figura 28

Figura 29

Figura 30

Figura 31

Ao vestir a camisa do Corinthians e assumir a condição de intelectual, o craque adquiria – de acordo com a revista – o reconhecimento de ser um agente político em campo já que conciliava a reflexão e a ação e, portanto, era qualificado para interferir no desenvolvimento ulterior do esporte nacional. De acordo com o semanário, Sócrates era o único profissional que tinha suas reais características expressadas na reportagem em questão:

Nome de filósofo e pose de pensador [...] **Sócrates é exatamente o que aparenta ser.** Não jogaria tanto se não pensasse tão bem o futebol. De nada lhe valeria os pés habilidosos se o cérebro não funcionasse com igual astúcia. Em campo, enxerga espaços e jogadas que ninguém vê. **Em resumo, um gênio.** (PLACAR, nº 681, 10/junho/1983, p.19) (grifo nosso).

6.3 Doutor-Governador

Em paralelo à construção de Sócrates enquanto gênio-pensador, *Placar* arquitetava o plano de elevá-lo à posição de agente político. Novamente, o posicionamento do jogador serviria de fundação necessária para que a revista

pudesse somar à imagem do Doutor mais uma faceta simbólica. Embora houvesse discordâncias entre ambas as posições – caso das situações em que o semanário exigia uma participação política mais efetiva do boleiro em questão – por diversas circunstâncias as matérias publicadas ofereciam ao craque a possibilidade de expor a sua leitura de mundo.

Ao sair em defesa da modernização das relações trabalhistas existentes no clube do Parque São Jorge, Sócrates aproximava-se da visão placariana que defendia a coexistência pacífica entre as práticas empresarial e democrática que deveriam reger uma equipe de futebol. Em depoimento que tinha como foco estabelecer um diálogo com a fiel torcida, o craque alvinegro – porta-voz da nova *hegemonia* – expunha as diretrizes a serem perseguidas pelo Corinthians:

Em outras palavras, o que se necessita no futebol do Corinthians – e não só no Corinthians, nem unicamente no futebol – é estreitar a distância que separa o patrão do empregado. No nosso caso específico, o empregado, que é o jogador, tem seus deveres muito bem colocados. Tudo perfeito. Só que o relacionamento acaba aí. Você nunca deixa de ser exclusivamente empregado. O ser humano não existe. As questões pessoais não são levadas em conta. [...] Sinceramente, eu respeito e admiro as empresas com capacidade para levar seus funcionários a dizerem em público: “Nós, da empresa tal...” Como eu gostaria que o time todo falasse “Nós, do Corinthians...”. Ou: “Nós, corintianos...”. E não “Eu, fulano”, ou, “Eu, beltrano”. [...] O que eu queria – e sei que outros companheiros também querem – é que o Corinthians fosse a extensão da família de cada um de nós. E no entanto não é. [...] Quem irá recuperar o Corinthians será o Corinthians todo, o Corinthians unido, corrente pra frente, time-torcida, diretoria-jogadores, patrões-empregados, no clima de diálogo e entendimento que todos sonhamos. (PLACAR, nº 561, 13/fevereiro/1981, p.21) (grifo nosso).

Portanto, ao reunir as qualidades de ídolo e gênio, a figura socrática era o modelo ideal de jogador a ser transformado em uma referência política capaz de influenciar e promover a aliança entre a concepção de família e empresa, entre a emoção e a razão, e desse modo garantir que a harmonia voltasse a reinar nos gramados nacionais.

Dessa forma, a reportagem veiculada em 15 de outubro de 1982 na revista *Placar* sob a manchete “Sócrates: Eu, governador” pode ser vista como

um exercício de projeção da imagem do ídolo corintiano para além do universo restrito do futebol. Apresentando diversos tipos de linguagem que se inter-relacionam, a matéria indicava as possíveis construções simbólicas propostas pela publicação ao apresentar as conexões entre política e futebol – o esporte mais popular no Brasil. A capa da edição, a manchete veiculada, a coluna de opinião escrita por Juca Kfoury, assim como fotografias internas, além é claro, do texto escrito, compunham o leque de instrumentos utilizados na construção da imagem do Doutor alvinegro, agora agente político.

Mais do que estabelecer relações de causa e efeito ou buscar hierarquizar os diversos códigos de linguagem presentes na matéria analisada, o objetivo é apontar os significados e as relações estabelecidas pelo semanário entre a paixão esportiva e a paixão política, assim como a produção de informação nova que surge desse amálgama.

Logo de início, a abordagem da reportagem nos leva a constatar o questionamento de dois estereótipos presentes no universo futebolístico – o futebol como instrumento de alienação social e o jogador visto como ser incapaz de avaliar sua condição de profissional e cidadão no interior da estrutura futebolística. Essa postura editorial não pode ser pensada de forma dissociada de todo o contexto político da época. Às vésperas das primeiras eleições estaduais depois de mais de 17 anos, o país passava por um processo de distensão política que permitia a emergência de reivindicações sociais e políticas até então reprimidas. O crescimento da representação política do MDB no Congresso Nacional, o fortalecimento do movimento operário no ABC paulista, a aprovação da Lei de Anistia – embora muitas vezes obscurecidos pelos contra-ataques do Regime Militar como o Pacote de Abril e a privatização do acesso aos recursos estatais – exercem o papel de afluentes que desaguariam na Campanha das Diretas-Já durante o biênio de 1983-84. Por mais que a proposta governamental fosse realizar uma abertura “Lenta, gradual e segura”, toda essa movimentação social e política anterior impactava no programa de reivindicações e aspirações de parte da sociedade no início da década de 80 e pressionava a timidez com a qual a abertura política era implantada.

No universo futebolístico não seria diferente, a resistência de Afonsinho, jogador do Botafogo durante a década de 70, às tentativas de controle do corpo

e da mente dos jogadores presentes nos discursos do poder que enfatizavam a disciplina tática, a utilidade física e a maleabilidade da mente do atleta, deixava uma herança inspiradora. Jogadores como Reinaldo do Atlético Mineiro – que questionava a exigência velada de um comportamento heteronormativo por parte dos jogadores – e Sócrates – um dos líderes da Democracia Corinthiana, movimento no qual os jogadores debatiam por meio do voto igualitário as contratações, demissões, local da concentração e escalação da equipe – são personagens que mantiveram viva essa tradição de rebeldia.

Isso posto, também é preciso levar em consideração a necessidade de Placar em elaborar capas chamativas para garantir a venda da revista nas bancas. O próprio uso frequente da imagem de Sócrates, já ídolo consagrado, nos exemplares do início da década de 80 é indicativo dessa preocupação mercadológica, assim como o uso recorrente de manchetes polêmicas. Tal fato se devia tanto à condição de produto comercial do semanário quanto à instabilidade financeira constante de *Placar*, conforme afirma Juca Kfoury em entrevista para o site Ludopédio:

A Placar nunca viveu um céu de brigadeiro. Sob a minha direção foram raros os anos em que ela fechou no azul. Para você ter uma ideia, dentre os meus 25 anos de Editora Abril eu só ganhei bônus quatro vezes, durante 1991 e 1995, quando fui editor da Playboy. [...] **O problema é que se hoje em dia reclamamos do calendário, nos anos 1980 era uma bagunça bem pior.** Além da quantidade de jogos, era comum alguém entrar com uma liminar que anulava a rodada do fim de semana. Agora, por exemplo, tem Corinthians e Palmeiras no domingo, e o Corinthians vence por 5 a 0. A capa da terça seguinte seria “Corinthians arrasador!”. Aí o Corinthians na terça entrava em campo contra o Paulista de Jundiaí e perdia de um a zero. **Pronto, aí tinha uma capa que morreu em 24h.** [...] A Placar vendia que nem água na semana do campeão. A primeira pergunta que fazíamos nas reuniões era em qual semestre seria o Campeonato Brasileiro? **Na Abril, a única revista que tinha duas reuniões de planejamento era a Placar. Uma em tese e outra com dados mais concretos.** (LUDOPEDIO) (grifo nosso).

No entanto, o foco de nossa análise é a construção da lógica interna do discurso da revista, assim como a avaliação das ferramentas utilizadas para tal. Dessa forma, pretendemos apreender os significados elaborados a partir das diversas linguagens utilizadas como recurso, sejam elas de caráter textual ou

imagético. Na capa em questão [Figura 32], Sócrates é apresentado como suposto candidato ao governo do Estado de São Paulo e para isso expunha um plano de governo a ser explicado em matéria interna. Realizada em plano americano, a foto traz o jogador de barba e cabelos compridos, vestido com terno e camisa apenas, mão direita ao peito, reproduzindo a postura típica da cerimônia de execução do hino nacional em primeiro plano. Ao fundo, sugerindo proximidade do poder, a algumas poucas dezenas de metros podemos observar a porta principal do Palácio dos Bandeirantes como cenário. O recurso da fotografia é significativo na medida em que a mesma é lida muito mais rapidamente do que o texto escrito e permite que o leitor entre em contato imediato com o discurso sustentado pela revista.

Figura 32

Um novo Paulista 4

CORINTHIANS 4

A grande virada

Campeonato Carioca 10

Bola de Papel 14

Cleo, herói do Gre-Nal 16

SE EU FOSSE GOVERNADOR...

As ideias políticas de Sócrates, Cleo, Reinaldo e Paulo Sérgio 18

LIBERTADORES 24

O Paraná: primeiro inimigo do Flamengo

GEOVANI 26

O menino de ouro do Vasco

Gente 30

Abandonado logo 32

PARANÁ 36

Bondin, da América e Aladim, do Catarão: bons de bola e de papo

Sem Pulo 38

Mundial 40

O MAIOR PALMEIRAS DE TODOS OS TEMPOS 42

Fluminense 44

Rede de intrigas no tricolor

Melo Tempo 46

O BRASIL NO MUNDIAL DE VÔLEI 48

AUTOMOBILISMO 50

Ayrton Senna: no caminho da Fórmula 1

Futebol: um esporte diferente 52

Garoto do PLACAR 54

Viva em Fama 56

Camisa 12 58

ENCARTE 60

Bolão da Lúcia e Taboada, tá página 62

OPINIÃO

PLACAR

QUEM DISSE QUE JOGADOR NÃO PENSA BEM?

Por JUCA KFOURI

Daqui a pouco mais de um mês a torcida brasileira tem um encontro marcado com as urnas. O dia 15 de novembro é a data exata desse saudável momento.

Até lá, os candidatos continuam buscando votos, as pesquisas vão se aproximando mais da realidade e o torcedor ainda indeciso terá tempo para cumprir o seu dever conscientemente.

O mundo do futebol não está alheio a este episódio. Como a bola, as eleições também apaixonam o país e os nossos jogadores delas participam cada um a seu jeito.

Zico, por exemplo, não quis, convidado por PLACAR, expor um plano de governo para a curiosa hipótese de vir a ser governador do Rio de Janeiro, embora não escondesse que seja eleito do PMDB.

Já o Doutor Sócrates — que vota igual a Zico mas se recusa a participar da campanha ostensivamente —, aceitou fazer sua plataforma, dedicando-se com tal seriedade à ideia que atravesou em uma semana a publicação da reportagem.

Como ele, o gaúcho Cleo, o mineiro Reinaldo e o carioca Paulo Sérgio também fizeram as suas.

O resultado — veja na página 18 — é animador. Demonstra claramente o bom nível do futebolista brasileiro e sua generosidade.

Se o atleítico Reinaldo se mostra muito preocupado com a qualidade de vida do povo, e pouco democrático, todos os outros craques parecem saber doar uma e outra coisa.

E pensar que até bem pouco tempo não se tirava uma declaração política dos ídolos do esporte nacional!

PLACAR 3

Figura 33

SE EU FOSSE GOVERNADOR...

Diante do Palácio dos Bandeirantes, o craque Sócrates — craque, médico, acima de tudo cidadão — dá a sua contribuição à campanha eleitoral: um programa completo de governo, pensado para os próximos quatro anos. O mesmo fizeram, em seus Estados, o gaúcho Cleo, o mineiro Reinaldo e o carioca Paulo Sérgio.

SOCRATES

...daria total liberdade ao povo.

PAULO SÉRGIO

...tentaria acabar com o desemprego.

CLEO

...lutaria por comida mais barata.

REINALDO

...trataria de implantar o socialismo.

A política está em todas as cabeças brasileiras, nestes poucos dias que antecedem as primeiras eleições diretas para governadores nos últimos 17 anos. Está na cabeça, também, dos profissionais do futebol, dos obscuros aos consagrados. Pensando nisso, PLACAR propôs uma questão a quatro craques de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Rio Grande do Sul: o que você faria se fosse o governador do seu Estado. O gaúcho Cleo, volante do Inter, resumiu rapidamente suas ideias, em depoimento ao repórter Divino Fonseca, assim como o mineiro Reinaldo, centroavante do Galo, transmitiu ao repórter Rogério Peres ideias socializantes, mas, ao que parece, pouco democráticas. Já o goleiro Paulo Sérgio, do Botafogo, esboçou um breve mas abrangente programa, relatado à repórter Maria Helena Araújo. Mas o atacante Sócrates, ídolo do Corinthians e capitão da Seleção Brasileira, foi além do que se esperava. Mesmo ante a insistência deste repórter para que ele descrevesse as linhas mestras e deixasse a complementação por conta de um pupo mais aprofundado, o Magrão recusou-se. Quis ele próprio elaborar o seu programa de governo. E o fez, entre viagens, concentrações e algumas broncas amigáveis relacionadas com o atraso na entrega do trabalho. O resultado aí está, digno de um verdadeiro candidato ao Palácio dos Bandeirantes.

Por MARCO AURÉLIO BORBA

Material com dire

Figura 34

Figura 35

Figura 36

A sugestão de patriotismo destacado pela imagem por meio da simulação da cerimônia do hino, assim como o enquadramento fotográfico que destaca a figura de Sócrates em primeiro plano com o Palácio dos Bandeirantes ao fundo, reposiciona o jogador ao desafiar o estereótipo de alienado político constantemente atribuído aos futebolistas, pois o eleva à categoria de cidadão que, além de reconhecer o seu direito democrático de participar da vida política, postula um cargo de comando estatal.

A dupla significação da pose do jogador nos sugere algumas iniciativas de comunicação. Em primeiro lugar, há uma associação entre futebol e vida política na medida em que o fato de se cantar o hino nacional é recorrente tanto em cerimônias cívicas quanto em eventos esportivos. A própria metáfora do campo de futebol pode ser observada na presença do gramado que ocupa quase dois terços da imagem da capa. Além disso, Sócrates reproduz uma postura típica de jogadores ao entrar em campo com o uniforme da seleção nacional. Tal fato insinua, por um lado, a possibilidade de transferência da paixão futebolística para a vida pública, rompendo com o paradigma do futebol enquanto instrumento de alienação política. Por outro, a suposta ousadia de Sócrates ao simular a assumir a posse do cargo público é perturbadora na medida em que anuncia o vazio do poder e a consequente necessidade de ocupá-lo.

No mais, a barba e os cabelos compridos de Sócrates permitem associá-lo aos ícones clássicos de rebeldia e contracultura e, portanto a veiculação de sua imagem na capa da revista não ocorria por acaso. A figura de um jogador que participava de uma experiência inovadora nos meios futebolísticos – a Democracia Corinthiana – reivindicando o direito ao voto, o questionamento da obrigatoriedade das concentrações antes dos jogos e do treinamento esportivo tem por objetivo ser, no mínimo, incômoda e geradora de questionamentos futuros.

A referência à democracia não se esgota nesses aspectos acima. Sob a manchete presente na capa “Exclusivo: Sócrates: ‘Eu, governador’”, que tem como propósito resumir a essência da notícia para o leitor potencial, é possível traçarmos uma associação entre a condição de Sócrates como capitão do time e um dos líderes – juntamente com Casagrande e Wladimir – do movimento democrático implantado no Corinthians e a sua suposta intenção de se

candidatar a governador do Estado de São Paulo. Tal conexão reposiciona o futebol como campo frutífero de experiências para a implantação de práticas democráticas. Além disso, o próprio uso do pronome em primeira pessoa – eu – indica uma iniciativa por parte da revista de incentivar a reflexão e promover o questionamento. Uma vez exposta na banca de jornal, tal manchete sugere ao leitor a possibilidade interpretativa dele próprio se considerar um candidato a ocupar o cargo público.

Por fim, todo esse conjunto de iniciativas comunicativas parece relacionar-se com o tempo no qual foi produzido. A foto de capa de *Placar* está inserida no momento sócio histórico no qual ela foi produzida, uma vez que a reapropriação do hino não é exclusividade da revista. Ao decorrer do período de abertura política, os participantes da campanha das Diretas-Já entoavam o Hino Nacional ao final de cada comício e Fafá de Belém gravava sua famosa versão no álbum *Aprendizes da Esperança*, lançado em 1985, também disputavam a posse da música em questão.

A proposta de análise do exemplar de *Placar* como portador de discurso deve buscar avaliar as diversas linguagens presentes na revista. No caso, é primordial considerarmos que a fotografia deve ser avaliada como portadora de duas *realidades* distintas e, portanto, o fenômeno e o signo existentes na reportagem, o dado e o criado, não podem ser tomados em separado. Os eventos relacionados ao futebol e aos seus personagens, vistos aqui como manifestações da *primeira realidade* não podem ser pensados sem que levemos em conta todo o processo de construção simbólica do pensamento desenvolvido pela revista por meio das fotografias apresentadas – denominado aqui como *segunda realidade*. Embora seja necessário ao pesquisador constatar qual parcela do objeto analisado é integrante de cada uma das categorias propostas, fragmentá-lo representa a perda da possibilidade de avaliar as inter-relações entre a imagem e o texto que a acompanha.

Tal interligação entre dado e criado pode ser observada na imagem, mas também se manifesta na leitura que Juca Kfoury faz da iniciativa dos jogadores em elaborar um programa de governo. Na seção “Opinião Placar” – sua coluna semanal na revista – o autor sinaliza a orientação tomada pela revista já no título do texto – “Quem disse que o jogador não pensa bem?” e oferece um leque de leituras possíveis para nossa pesquisa. Em primeiro lugar, Juca busca

reposicionar o papel do jogador na sociedade diante do fato novo; jogadores assumindo um posicionamento político claro. Tal fato entra em confronto com a suposta ignorância dos jogadores de futebol, reforçada sistematicamente pelos discursos do poder (FLORENZANO, 1998). Em paralelo a isso, justamente pelo fato de o jogador de futebol representar a escala mais baixa de conscientização política de acordo com o senso comum vigente, o convite à reflexão parece ser estendido a todo o público leitor uma vez que até o futebolista é capaz de fazê-lo. Além disso, a associação proposta pelo título sugere que o ato de pensar deva levar o indivíduo a assumir uma postura questionadora, assim como a um posicionamento político. Em outras palavras, é uma iniciativa que pressupõe a vinculação entre teoria e prática e o ressurgimento do debate político:

O resultado [do convite da revista feito aos jogadores para que eles elaborassem suas propostas de governo] é animador. Demonstra claramente **o bom nível do futebolista brasileiro e sua generosidade**. Se o atleticano Reinaldo se mostra muito preocupado com a qualidade de vida do povo, e pouco democrático, todos os outros craques parecem saber dosar uma e outra coisa. **E pensar que até bem pouco tempo não se tirava uma declaração política dos ídolos do esporte nacional**. (PLACAR, nº 647, 15/outubro/1982, p. 03) (grifo nosso).

A escolha dos jogadores – Sócrates do Corinthians, Reinaldo do Atlético, Cléo do Internacional e Paulo César do Botafogo – responsáveis pelas elaborações dos planos de governo e o consequente registro fotográfico também são sintomáticas na medida em que todos foram retratados em frente das sedes dos governos de seus respectivos estados [Figura 34], pertenciam a um grupo seleta de integrantes da seleção brasileira e, ao menos dois deles, eram reconhecidos pela sua característica questionadora – Sócrates e Reinaldo.

Essa transferência de qualidades dos jogadores do campo futebolístico para o político é assumida de forma explícita mais adiante quando Kfoury une as duas dimensões através do conceito de *paixão*, indicando uma nova possibilidade de contato com a política institucional: “O mundo do futebol não está alheio a este episódio [as eleições para governador de 1982]. **Como a bola, as eleições também apaixonam o país e os nossos jogadores delas**

participam cada um a seu jeito". (PLACAR, nº 647, 15/outubro/1982, p.3) (grifo nosso).

Em matéria interna é possível identificar o mesmo princípio proposto pela capa, na qual a manchete "Eu, governador" deixa em aberto possibilidades interpretativas que vão desde a candidatura do jogador do Corinthians até a anunciação do vazio no poder. Sob o título "Se eu fosse governador...", a diagramação da reportagem visa destacar a diversidade de propostas políticas e a liberdade de pensamento por meio da presença das reticências, que eram preenchidas tanto no que se refere ao conteúdo político quanto no nível simbólico pelas caixas de texto espalhadas pela matéria que indicavam a presença das diversas vozes e propostas políticas sustentadas pelos jogadores. O ecletismo e a divergência entre as propostas – ora no campo social, ora no campo político – são novamente anunciados com base nas declarações dos jogadores como a reivindicação de "liberdade total ao povo", de acordo com Sócrates, de atendimento de demandas sociais como redução no preço dos alimentos e o combate ao desemprego, de acordo com Cléo e Paulo César, e, por fim, de implantação do socialismo, segundo a proposta de Reinaldo. Importante ressaltar também a repetição do pronome *eu* que reforça a sugestão presente na capa e convida o próprio leitor a ocupar o cargo de governador e expressar o seu posicionamento político.

Paralelamente a isso, a iniciativa de Placar de reposicionar a imagem do jogador também é mantida. A cobertura fotográfica da capa, da coluna Opinião de Placar, e da matéria interna não retratam em momento algum os jogadores com o uniforme de seus clubes. O deslocamento do padrão de representação fotográfica dos supostos candidatos, a nosso ver intencional, busca projetar a identificação clubística do torcedor com seu ídolo para uma instância político-institucional. Vestidos de terno ou camisa social nas fotografias, a referência ao clube ocorre apenas no texto escrito. Com isso, Sócrates e os demais passam a ser tomados como *representantes esclarecidos* do povo que, na condição de ídolos nacionais – e nunca é demais lembrar que todos, em algum momento da carreira, jogaram pela seleção brasileira – têm como propósito opinar e reivindicar que as demandas sociais sejam atendidas.

A apropriação da figura de Sócrates por *Placar* é ainda mais significativa. O jogador reunia uma série de atributos já apresentados que

foram apropriados pelo discurso da revista e que se fazia presente mais uma vez. A matéria interna do exemplar de *Placar* em questão poderia ser resumida de forma superficial como uma compilação de fotografias de Sócrates em frente ao Palácio dos Bandeirantes acompanhada da publicação, na íntegra, de seu plano de governo. Porém, o conjunto de significados projetados pela reportagem nos leva além.

No subtítulo da reportagem, o ídolo alvinegro é apresentado da seguinte forma: “Diante do Palácio dos Bandeirantes, o craque Sócrates – corintiano, médico, e acima de tudo cidadão – dá a sua contribuição à campanha eleitoral”. (PLACAR, nº 647, 15/outubro/1982, p.18). Sua lista de seus atributos como a sua condição de exímio jogador e selecionável – pois é apresentado como craque; de integrante das massas – uma vez que é apresentado como torcedor corintiano ao invés de jogador do Corinthians; possuidor de diploma universitário – indicando a permanência do bacharelismo em nossa sociedade presente inclusive no apelido de Doutor dado ao jogador; e por fim, de cidadão o qualificavam para a posição pretendida.

A imagem política do atleta anunciada nas páginas da revista resgatava todas as características forjadas pelo discurso placariano anteriormente. O médico, o gênio dentro e fora de campo e o corintiano encontravam residência no personagem do governador do Estado de São Paulo. Portanto, mais do que por mediação do texto escrito, cremos que o processo efetivo de construção da figura de Sócrates ocorre no campo fotográfico. Retratado em quatro fotos de tamanhos variados, contando capa e matéria interna, a utilização do recurso se deve ao fato de que a fotografia é lida mais rapidamente do que texto e por isso garante acesso quase imediato ao discurso do veículo de comunicação.

Na primeira foto da reportagem, em página inteira, Sócrates aparece de corpo inteiro com os braços abertos, vestindo terno, camisa e jeans – algo entre o formal e o informal. Retratado de baixo para cima com uma lente grande angular, a imagem é distorcida de forma que a figura do jogador seja alongada e com isso pareça maior do que o Palácio dos Bandeirantes. O enquadramento da foto também inclui uma grande porção de gramado em frente à sede de governo estadual, fator que pode ser considerado aspecto constitutivo da *segunda realidade* enquanto portadora do discurso imagético. Nessa perspectiva, a grande área verde retratada adquire semelhança com um

grande campo de futebol. Com isso temos a sugestão de um *jogador-cidadão-político* no *gramado do poder*, que é reforçada pela pose de Sócrates ao simular o gestual corporal de políticos durante discursos para as massas – nesse caso imaginárias. O uso de caixa de texto com a frase atribuída ao jogador reforçava essa hipótese interpretativa: “Democracia é um direito que devemos exigir”.

No mais, a diagramação da reportagem contribui para a construção simbólica apresentada, pois pela disposição do texto escrito, da caixa de texto e da fotografia, é essa última que é apresentada como suporte dos dois itens anteriores. Todo o conteúdo escrito é inserido nos setores que não possuem informação relevante e a ambientação da cena construída de Sócrates frente ao Palácio dos Bandeirantes é o elemento de destaque. A inserção da linguagem fotográfica na cobertura jornalística reposiciona a hierarquia usual presente nos meios de comunicação. Ao invés da fotografia funcionar como registro objetivo do que é lido no texto, garantindo-lhe credibilidade, é o texto escrito que se submete à construção proposta pelo discurso fotográfico, traduzindo apenas em parte os conteúdos transmitidos pela sequência de fotos.

Seguindo nessa linha, na qual o texto escrito não tem a primazia sobre outros tipos de linguagem, temos por fim a proposta de Sócrates como objeto. Introduzido por meio da utilização de aspas gigantescas, o plano de governo do jogador foi publicado na íntegra. Tal iniciativa, a nosso ver, pode ser vista como uma sugestão de Placar que a construção do discurso do jogador não foi mediada pelo semanário. De uma forma geral, o jogador abordava os principais déficits sociais do país e assinalava as necessidades básicas da população: “trabalho, educação, habitação, saúde e alimentação. Tudo o mais decorre daí” (PLACAR, nº 647, 15/outubro/1982, p. 20), além de apontar como foco principal a necessidade da população se reapropriar da estrutura do Estado: “O ideal público sempre foi um planejamento executivo direcionado para o bem estar da população, não apenas para parte dela”.

O enaltecimento do espírito republicano e a denúncia da exclusão social e política de grande parcela da população continuava presente ao decorrer de todo o texto. O Estado, na concepção de Sócrates, era a ferramenta básica de reestruturação da realidade social e por isso a insistência na proposta de

reapropriação pública do aparelho governamental durante o período de abertura política. Como obrigação do governo, o jogador-filósofo destacava a necessidade de garantir a geração de empregos, o financiamento público para suprir a carência de infraestrutura básica como luz elétrica, calçamento, rede de esgoto e água encanada, a regularização das moradias dos moradores de comunidades e favelas, o investimento na educação e a majoração dos salários dos professores, a extensão do acesso à educação a todos aqueles em idade escolar, a ampliação das vagas no ensino técnico – demonstrando uma perspectiva utilitarista de educação – e a obrigação do Estado em suprir as carências educacionais, incluindo a alimentação, por meio da oferta de subsídios. Por último, é possível constatar que seu discurso encontrava-se em sintonia com as demandas sociais da época, assim como com as reivindicações de liberdade política:

É fundamental também, dar ao trabalhador condições de segurança, bem-estar e transporte. **Para isso, o trabalhador deve participar ativamente das decisões que o afetam, e o governo não deve, em nenhuma hipótese, se intrometer nas entidades sindicais.** (PLACAR, nº 647, 15/outubro/1982, p.18) (grifo nosso).

Se as sugestões do Doutor nos parecem pouco propositivas já que não previam uma alteração profunda dos acordos sociais pré-estabelecidos, aos olhos de *Placar*, Sócrates era a figura ideal. Representante da classe média, instruído, defensor da conciliação entre o futebol-empresa e o *futebol-arte*, em constante diálogo com os tecnocratas modernos, associado à proposta eleitoral reformista capitaneada pelo PMDB no início da década de 80, o jogador era o modelo do *novo jogador de futebol* que seria o porta-voz dos princípios da reforma modernizadora defendida pela revista, que titubeava por diversas vezes diante de uma iniciativa de transformação mais radical do universo futebolístico. Em reportagem paralela, ao eleger Zico como modelo do profissional exemplar, os limites da contestação dos atletas eram claramente estabelecidos pela publicação:

Juntar a ação ao sentimento e ao pensamento [...] fizeram de Zico o modelo de profissional de futebol anos-luz à frente de rebeldes como **Afonsinho** – cujo mérito foi ganhar passe livre

na justiça – e **Paulo César. Ambos craques, ambos equivocados na teoria, ou na prática.** (PLACAR, nº 658, 31/dezembro/1982, p.13) (grifo nosso).

6.4 Doutor-Imperador

O último e derradeiro passo para consolidar a figura socrática como vanguarda responsável por implantar o projeto simultâneo de modernização empresarial e resgate do *futebol-arte* seria elevá-lo à posição de uma liderança carismática. Se por diversas vezes o atleta se recusava a assumir – seja pela objeção clara e direta ou pelas suas contradições humanas e idiossincrasias – o papel projetado sobre ele, a publicação não abria mão de destacar o papel de comando exercido pelo ídolo alvinegro. E se Sócrates, por diversos momentos de sua carreira, desafiava a concepção de que o profissionalismo deveria reger as escolhas dos jogadores, o semanário ia além ao apontá-lo como craque-ídolo, modelo a ser seguido:

Embora reconhecendo o direito de qualquer profissional ir para onde bem entender, achamos que o **craque-ídolo tem uma dupla personalidade** em relação aos que também são responsáveis pelos seus altos salários – sim, porque um gênio sempre ganha muito bem e tem como fazer sua independência financeira por aqui mesmo. **A primeira responsabilidade é perante sua torcida**, que sofre demais com a perda do ídolo – que o digam os colorados sobre Falcão. **A segunda é diante dos próprios companheiros de profissão**, jogadores comuns que, como dignos coadjuvantes – nenhuma estrela brilha solitária –, ganham salários razoáveis para desempenhar seus papéis. E esses são a maioria. Por isso, **a recente decisão de Sócrates**, recusando 3 milhões de dólares para se transferir para o Barcelona, da Espanha, **assume uma importância exemplar, por mais que o próprio jogador se recuse a ser modelo nessa questão.** (PLACAR, nº 608, 15/janeiro/1982, p.32/33) (grifo nosso).

De referência de garra, determinação, *alma*, inteligência e habilidade restrita ao universo dos torcedores alvinegros, o craque socrático passava gradativamente à posição de ídolo nacional aos olhos de *Placar*, pois era o exemplo a ser seguido por todos os demais profissionais da bola. A opção do Doutor de não aceitar a oferta milionária feita pelo Barcelona F.C. significava

que ele havia preferido preservar o vínculo construído com a fiel torcida e defender os interesses financeiros da categoria profissional coletivamente.

No mesmo exemplar da publicação, em reportagem que anunciava a conquista do campeonato mundial pela seleção brasileira de juniores em terras mexicanas, Marcelo Resende se embriagava com as recordações que remetiam ao mítico ano de 1970.

As palavras estão embaralhadas em minha cabeça. Escrevo frases que não gosto, coloco no papel ideias soltas, busco na memória algo que possa definir esta emoção de ser campeão do mundo **depois de 13 anos. Ser campeão do mundo sob o mesmo sol, diante da mesma torcida tão brasileira, no mesmo Estádio Azteca onde em 1970 nos tornamos tricampeões do mundo.** [...] Enfim, todos alimentam um sonho. Porque o sonho de ser campeão do mundo já virou realidade. Uma realidade que nos faz ter uma certeza: que, **a cada dia, o futebol brasileiro nasce e renasce com a vocação de ser um eterno campeão, de ser o melhor do mundo.** (PLACAR nº 683, 24/junho/1983, p.7/9) (grifo nosso).

Portanto, tanto a decisão de Sócrates permanecer em território nacional quanto a conquista do campeonato mundial de juniores pela seleção brasileira no México representavam o anúncio dos *novos tempos* que permitiria o *resgate* do feitiço perdido e a reencarnação de Pelé, conforme Juca Kfoury apresentava em sua coluna:

Aparentemente, nada têm a ver a generosa decisão do Doutor Sócrates em permanecer no Brasil e a magnífica conquista dos garotos brasileiros, campeões mundiais no México. Aparentemente, apenas. Porque, enquanto mantivermos por aqui o que há de **mais autêntico em termos da nova mentalidade que deve existir em nosso futebol** – e, como complemento, sua imprescindível experiência –, recuperamos boa parte do orgulho com um título tão importante – injetando sangue novo para voltarmos às calorosas terras mexicanas em 1986 cheios de fé. **Parece óbvio que um Geovani terá muito a ganhar ao lado de um Sócrates, como, por exemplo, Tostão ganhou com Pelé.** [...] **A verdade é que renascemos nesse fim de semana.** Sócrates deu mais uma prova de que criticar as estruturas vigentes, dentro ou fora do futebol, não significa desamor, muito pelo contrário. Viver a experiência corintiana e a nova fase do país foi decisivo para sua permanência. (PLACAR nº 683, 24/junho/1983, p.3) (grifo nosso).

A capa da edição em questão também evidenciava o renascimento apresentado acima. Em fotografia que ocupava a página inteira, diversos jogadores da seleção brasileira de juniores festejavam a vitória sobre a Argentina no mundial realizado no México sob a manchete “nosso novo futebol já é campeão mundial”. Assim, aspectos modernos e tradicionais de nossa identidade nacional se conectavam novamente e devolviam a primazia perdida nos gramados. Contudo, a mesma comemoração dos jovens atletas da seleção canarinho sugeria outro significado devido à notícia sobre Sócrates na mesma capa. Associada ao texto “Sócrates fica. OBRIGADO DOUTOR!”, a imagem expressava sua condição polissêmica, pois os jogadores pareciam celebrar a permanência do craque-ídolo em território nacional. [Figura 37]

Figura 37

Essa última etapa da elaboração da figura socrática demonstrava uma gradual redução de seu corintianismo – forjado há muito custo por *Placar* – na mesma medida em que sua imagem passava a ser anunciada como símbolo da unanimidade nacional. Embora a leitura placariana sobre o atleta continuasse portadora dos diversos aspectos apresentados – corintiano, ídolo, filósofo e político –, todos eles eram deslocados para um segundo plano diante do fato de que ele podia ser reconhecido como porta-voz do resgate de uma nacionalidade perdida.

A imagem do jogador ainda era formada por todos os aspectos apresentados, mas, justamente devido a essa completude simbólica, sua importância não deveria mais se limitar às fronteiras do Parque São Jorge. O Doutor reunia aos olhos de *Placar* todas as condições necessárias para consolidar em torno de sua pessoa um novo *consenso* político que daria origem a uma nova *hegemonia*, tradicional e moderna ao mesmo tempo na medida em que garantisse o retorno do *futebol-arte* e o desenvolvimento do esporte aos moldes empresariais, portanto, nesse momento era necessário extrapolar a identidade alvinegra do craque-ídolo.

Um dos aspectos que confirmava a necessidade de elevá-lo à condição de representante nacional era o posicionamento do jogador diante das inúmeras ofertas de ir para algum clube do exterior – embora fosse acabar cedendo à essas pressões – em nome da Democracia Corintiana e da campanha pelas Diretas-Já. Dividida entre as diretrizes estabelecidas pelo futebol europeu e a busca do fortalecimento dos campeonatos realizados no Brasil, a publicação defendia a implantação do modelo ultramarino ao mesmo tempo em que, atemorizada com a fuga dos craques verde-amarelos, enaltecia o único profissional que rompia com a lógica exportadora dos boleiros profissionais:

Pela primeira vez, em quase 14 anos de vida, estamos publicando a tabela completa de um campeonato nacional do exterior, a do Campeonato Italiano. E o fazemos, é claro, porque dele participarão Zico, Falcão, Cerezo e outros craques brasileiros aos quais, por sinal, **Sócrates não se juntou por ter a cabeça excepcional que tem. [...] Nosso futebol pode dar um drible na crise. Bastará organizar campeonatos**

como o da Itália. E é fácil fazê-los. (PLACAR, nº 694, 09/setembro/1983, p.3) (grifo nosso).

Sócrates, entre nossos gênios, optou solitariamente por ficar no país, e **merece ser tratado como quem virou as costas para a fortuna em nome de um projeto que tem muito a ver com o momento vivido pelo Brasil, tanto no esporte como fora dele.** (PLACAR, nº 699, 14/outubro/1983, p.3) (grifo nosso).

Outro ponto fundamental apontado pela revista na figura socrática era sua participação na Democracia Corintiana. Se o atleta se recusava constantemente a assumir a posição de representante-mor do movimento, a revista caminhava em sentido oposto. Em entrevista na qual as perguntas tinham como alvo reforçar o corintianismo e o comando de Sócrates sobre a experiência inovadora, *Placar* direcionava seus olhos para a tão buscada liderança carismática e relegava ao segundo plano a vertente mais original do movimento – a cogestão implantada da equipe alvinegra.

Placar – Como é essa sua definição de que **“ser corintiano é mais importante do que vencer”**?

Sócrates — O José Roberto de Aquino, que foi assessor de imprensa do Corinthians, disse, antes de morrer, que "todo time tem uma torcida; no Corinthians é ao contrário: é uma torcida que tem um time". Eu assino embaixo. **Ser corintiano é que é o importante, é mais gostoso do que tudo.** Se ganhar, melhor ainda. Se não ganhar, não importa. [...]

Placar – Por falar nisso, quais são os erros que você detecta na democracia corintiana e que abriram flancos para que ela fosse tão atacada?

Sócrates — O principal talvez tenha sido dar esse rótulo para a experiência, **se bem que eu ache que democracia deve ter mesmo esse nome. Só que provocou a ira de todas as forças antidemocráticas do país.** Outro problema é que muitos dos participantes do grupo se habituaram com a estrutura paternalista do futebol e ainda não aprenderam a viver sem ela. Quando eu me atrasei num embarque para um jogo em Maringá, obrigaram o avião a retardar o voo para me esperar. Isso não pode acontecer. Se eu falhei, e todos falham, teria que me virar para reparar a falha, pegar um táxi aéreo com meu dinheiro, dar um jeito, enfim. Mas não, a estrutura paternalista ficou me esperando. Se amanhã eu arrebentar a concentração, sempre vai aparecer alguém para segurar a minha barra. Isso tem que acabar. O paternalismo precisa acabar, é a única forma de o ser humano se conscientizar. Do contrário ele se vicia. E é muito mais cômodo não ter responsabilidades, transferi-las. **Mas erros eu sempre terei, sou um ser humano como os outros, não quero ser ídolo,**

um modelinho perfeito. Se eu quisesse, eu exigiria do Corinthians que me desse retaguarda, que justificasse meus atrasos, que preservasse a minha imagem, que, no fundo, é o maior patrimônio do lime. Mas eu não quero. Quero errar e ser criticado como qualquer pessoa. Só acho é que não importam as razões de um atraso, por exemplo. Se eu tomei um porre ou estava com o filho doente. O que importa é o atraso. O resto é especulação nem sempre bem-intencionada.

Placar — **Isto é uma contradição, pois você um ídolo e detém uma liderança que não pertence só a você.** Assim, qualquer coisa que você faça ou deixe de fazer terá repercussões inevitáveis. **Por mais que queira, você não é um ser humano normal.** (PLACAR, nº 694, 09/setembro/1983, p.15/19) (grifo nosso).

Dedicada em transcender a mera identificação clubística, a publicação esportiva revestia o ídolo corintiano de tons que extrapolavam o espectro alvinegro. Em coluna intitulada de “As muitas cores de Sócrates”, Juca Kfourri enfatizava toda a rede de significados que orbitavam em torno do atleta, pois “a volta de Sócrates ao time do Corinthians [...] definiu com cores nítidas o que ele representa para o clube, para o futebol e para o país.” Enquanto gênio dos gramados ele demonstrava em campo que “ainda [havia] uma luz no fim do túnel do futebol brasileiro, **luz verde**, de esperança”, já na posição de agente político permitia:

[...] com o seu retorno que a democracia corintiana reaparece[sse] em toda a sua plenitude. À exceção de Carlos e Zenon — dois jogadores conhecidos por terem temperamentos tímidos —, os demais entraram em campo com algum motivo que lembrasse a campanha pelas eleições diretas. Tornozeleiras, fitinhas de pulso, solas ou laterais das chuteiras. **O Corinthians vestiu-se de amarelo**, incorporando-se à campanha “Amarelo pelas Diretas”, lançada em São Paulo na semana que passou. (PLACAR, nº 718, 24/fevereiro/1984, p.3) (grifo nosso).

E por fim, a situação do jogador representava a necessidade urgente de reforma do calendário esportivo brasileiro e da profissionalização do quadro administrativo dos grandes clubes, segundo os ideais propostos pela racionalidade empresarial:

Manter esta figura no país é um duro desafio. Seria até simples se houvesse um mínimo de racionalidade nos campeonatos

disputados neste lado dos trópicos. Como não há, a tarefa ficará a cargo da imaginação criadora dos dirigentes corintianos, que, mais do que nunca, têm de perceber que a era do amadorismo não pode mais prevalecer em clubes do porte dos maiores do Brasil.

Selecionar e profissionalizar talentos que cuidem de marcas famosas como as de um Corinthians, Flamengo, Internacional, Atlético Mineiro, etc, é hoje tão importante como ter um bom goleiro ou um artilheiro. Enquanto isso não for assimilado, estaremos vendendo um Falcão, um Zico ou um Sócrates. Para depois ficarmos todos nos remoendo de remorsos, vermelhos de raiva. (PLACAR, nº 718, 24/fevereiro/1984, p.3) (grifo nosso).

Travestido do manto verde-amarelo que encobria parcialmente a sua segunda pele alvinegra, Sócrates passava a ser o símbolo de todo projeto futebolístico capitaneado por *Placar* e a sua permanência no Brasil condicionava o sucesso da implantação do modelo. A busca pela figura carismática chegara ao fim a partir do momento em que a revista avaliava por meio das ações do atleta a manifestação de um agente político capaz de arregimentar e comandar as massas.

Assim, o Doutor adquiria os traços de D. Pedro I, pois a perspectiva constante de resgatar a tradição perdida levava o semanário a projetar sobre o atleta os traços de um personagem histórico que – de acordo com a história oficial – havia sido o responsável pela libertação do Brasil de sua condição colonial.

Como o primeiro imperador do Brasil, dom Pedro de Alcântara Francisco Antônio João Carlos Xavier de Paulo Miguel Rafael Joaquim José Gonzaga Pascoal Cipriano Serafim de Bragança e Bourbon, **o rei dos corintianos**, que formam uma nação de mais de 6 milhões de fanáticos, o doutor Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira, **também teve seu Dia do Fico.** Como dom Pedro I, o imperador, Sócrates, o gênio, não atendeu ao desejo paterno. Sorte do futebol brasileiro que, no entanto, precisa precaver-se. Porque **não é todo dia que se encontra alguém com a simplicidade e a capacidade de renúncia e idealismo que o ídolo corintiano demonstrou.** (PLACAR, nº 683, 24/junho/1983, p.15/17) (grifo nosso).

A constante ameaça da saída do craque-ídolo do Brasil fazia com que, de tempos em tempos, seu corintianismo fosse novamente acionado, mas já não ofuscava a identidade supraclubística. Se de acordo com Adílson Monteiro,

o atleta tinha “a cara do Corinthians”, e segundo Hélio Máffia, preparador físico, “o Sócrates, além disso, é o espelho do Corinthians, [pois] as atitudes dele refletem nos demais jogadores” (PLACAR nº 725, 13/abril/1984, p.44), a publicação esportiva ia além:

Elevado à situação de maior astro do futebol brasileiro, **Sócrates não tem preço. Uma velha máxima ensina que não se vende a alma de um time [...]** Será inútil tentar estabelecer o valor de Sócrates. Se, na semana passada mesmo, um clube de Milão chegou a entrar em contato com o jogador para oferecer 5,5 milhões de dólares (6,2 bilhões de cruzeiros), não terá sido apenas pelos gois que ele faz, pelo bicampeonato que ajudou decisivamente o Corinthians a conquistar ou, enfim, apenas por suas qualidades de craque raro. **Sócrates assumiu um tal carisma que hoje sua feição se confunde com o próprio futebol brasileiro [...]** (PLACAR, nº 725, 13/abril/1984, p.44) (grifo nosso).

Como o último dos moicanos, o craque do Parque São Jorge era a incorporação do feitiço verde-amarelo tradicional, o ponto fora da curva que servia de referência norteadora para que a chama do *futebol-arte* não se apagasse nos gramados nacionais, características que *Placar* identificava na reportagem denominada “A magia de Sócrates”:

Nesses tempos de futebol econômico, feio e burocratizado, a última estrela que nos resta mostrou a força do craque. Transformou um modesto Corinthians e Goiás *num* hiperespetáculo. [...] **Pois o Doutor Sócrates mandou no jogo como um hipnotizador, a quem companheiros e adversários acompanhavam com respeito e espanto.** [...] E, para todos os que amam o futebol, há esperança de que as façanhas do Doutor não tenham sido apenas um lampejo passageiro, de um homem atribulado pelas notícias que o colocam um dia na Espanha, um dia na Itália, no Barcelona, na Internazionale, no Verona, na Juventus. (PLACAR, nº 726, 20/abril/1984, p.12/13) (grifo nosso).

A possível saída do jogador para o exterior colocava em risco não apenas a qualidade do futebol corintiano ou os predicados da seleção brasileira, mas ameaçava todo o conjunto de propostas defendidas pela revista esportiva, seja no âmbito esportivo ou nacional. A decisão de Sócrates de ficar no Brasil caso a medida Dante de Oliveira – que assegurava a participação

popular por meio do voto direto – fosse aprovada aliviava os angustiados corações e mentes placarianos.

Apaixonada e apaixonante, *Placar* seguia em sua incessante campanha pelo retorno da democracia no Brasil e pela abertura e humanização das relações profissionais no universo do futebol. Aspecto que levaria ela a interpretar a declaração dada pelo Doutor durante um comício pelas Diretas-Já na Praça da Sé de que permaneceria em território nacional mediante a aprovação da já citada emenda no Congresso Nacional como o *Dia do Fico do Rei Corintiano*.

A última capa em que Sócrates apareceria incorporando um personagem antes de deixar o Corinthians apresentava o atleta vestido como D. Pedro I. Com direito a fardão imperial, dragonas, condecorações e fitas decorativas que faziam alusão ao Brasil e a Portugal, a imagem posicionava o jogador como o agente responsável por libertar o futebol brasileiro de suas amarras históricas [Figura 38].

Elevada à posição de Defensor Perpétuo do futebol brasileiro, a figura socrática recebia o título máximo de nobreza na coluna de Juca Kfourri. *Dom Sócrates* expressava o constante desejo placariano de reunir o passado e o futuro, pois a imagem do ídolo nacional expressava tanto sua estirpe real por meio do reconhecimento do talento futebolístico do jogador e de sua condição de representante do *futebol-arte* quanto de líder responsável por instaurar a democracia. O monarca-democrata possuía os instrumentos necessários para acionar a participação popular e era reconhecido como tal na medida em que a massa acolhia:

Não bastasse a vontade expressa nos comícios de norte a sul, o maior ídolo do futebol brasileiro condicionou a sua permanência no país à aprovação da emenda Dante de Oliveira. Sócrates está tão interessado nela que, para divulgá-la ainda mais, não leve dúvida em assumir o papel de dom Pedro I, transformando-se na capa desta edição.

Bons tempos estes em que as maiores figuras do nosso esporte assumem suas opiniões e as colocam em discussão abertamente, sem medo da crítica conservadora ou da perda de seus privilégios — Sócrates estará trocando cerca de dois milhões de dólares pelo direito de votar [...] quando o que esta em jogo é incomparavelmente maior, a atitude se repete num gesto generoso de quem perdeu toda a frieza e o famoso autocontrole, chegando a se emocionar às lágrimas com a

multidão de quase dois milhões de pessoas que o aclamou no Vale do Anhangabaú, palco da última manifestação pelas diretas, em São Paulo. [...] Porque, que ninguém duvide, se as diretas não resolverão os nossos problemas, serão o primeiro passo para tanto. Até nos esportes. (PLACAR, nº 727, 27/abril/1984, p.3).

Figura 38

No entanto, a não aprovação da emenda constitucional Dante de Oliveira implodia o plano placariano de projetar o Doutor como a vanguarda que conduziria à reforma tão desejada do futebol brasileiro já que o craque aceitaria ser transferido para a Itália. Diante do fascínio que *Placar* demonstrava a respeito do modelo europeu, a revista não avaliava com clareza que a fuga de estrelas de primeira grandeza como Sócrates era resultado da

própria racionalidade empresarial defendida pela revista, mas que no caso era aplicada pelos clubes estrangeiros.

Em mais uma ocasião o atraso estrutural era apontado como responsável para justificar a derrota do futebol nacional. Vencido pela modernidade do exterior, restava ao semanário recolher os cacos do modelo que havia sido elaborado com tanto esmero.

Primeiro veio de Roma, depois de Údine, agora vem de Florença. A Fiorentina levou Sócrates, como PLACAR da semana passada já informara. Deixou, assim, o futebol brasileiro ainda mais pobre e no exato momento em que as cabeças de nossos dirigentes começam a perceber o óbvio, ou seja, que um campeonato deve ser disputado em turno e retorno, com pomos corridos, Estamos, como sempre, pondo as trancas na porta arrombada. Mas antes tarde do que nunca, como ensinou a Inconfidência Mineira. (PLACAR, nº 731, 25/maio/1984, p.3).

Atônito com o fracasso retumbante, Juca Kfoury reforçava pela última vez o caráter sobrenatural do jogador-filósofo ao afirmar que “com a misteriosa magia que cerca as pessoas acima da média, o Magrão foi tomando consciência de ser um predestinado.” (PLACAR, nº 731, 25/maio/1984, p.22) e encerrava a despedida com um melancólico “até a volta, Magro!”.

7 Fim de jogo – ou o feitiço voltou-se contra o feiticeiro.

Em sua louvável e incessante luta pela democratização da estrutura futebolística, *Placar* percorreu um longo caminho com o objetivo de consolidar a sua proposta de reforma modernizadora. Em um primeiro momento, a revista se propôs a disputar com os *piratas do futebol* toda a rede de significados projetados sobre o esporte nacional. Tomando cuidado de não macular a essência futebolística brasileira – o *futebol-arte* – já que o retorno às origens nacionais era um pressuposto da revista, ela havia identificado na distensão do regime militar ocorrida no início dos anos 1980 uma *crise de hegemonia* que não se limitava à política institucional, mas atingia também o campo esportivo. Portanto, o ataque placariano tinha por objetivo minar o antigo modelo de gestão do futebol, ao mesmo tempo em que propunha instituir o novo *consenso* que conciliaria a racionalidade empresarial e a prática democrática. De início, seu objetivo era desautorizar os antigos representantes do poder ao expor suas práticas arcaicas que impossibilitavam o *ethos nacional* de se manifestar. A manobra realizada pela publicação atribuía aos cartolas da Confederação Brasileira de Desportos (CBD) e aos antigos dirigentes a responsabilidade pelo baixo rendimento do campeonato nacional, pela saída de jogadores brasileiros para o futebol europeu, pela violência praticada em campo e até os problemas conjugais dos jogadores devido às suas constantes ausências devido às viagens e concentrações.

Em contrapartida, a revista apresentava o futebol europeu e a sua gestão empresarial como modelo a ser perseguido já que era tido como fórmula capaz de superar os entraves históricos nacionais. No entanto, a sugestão da publicação esportiva não se limitava apenas à cópia sistemática de um formato estrangeiro.

À prática modernizadora existente no Velho Mundo, deveria se somar a tradição verde-amarela que havia sido ofuscada durante os anos de chumbo. Com isso, *Placar* oscilava frequentemente; ora apontando seus canhões contra a herança maldita, ora guiando os amantes do esporte bretão rumo ao futuro.

De acordo com essa postura, o feitiço perdido no regime militar – período de reclusão do *futebol-arte* – podia ressurgir por meio de uma gestão competente encabeçada por um grupo de novos tecnocratas do futebol. É nessa perspectiva que é possível compreender o apoio – às vezes efêmero, às vezes duradouro – aos dirigentes como Vicente Matheus, Jaime Franco e Giulite Coutinho.

Juca Kfoury, enquanto editor-chefe da revista e *intelectual orgânico* que havia assumido a responsabilidade de apontar os aspectos do mundo do esporte que deviam ser preservados e aqueles a serem atualizados. Assim seria possível a elaboração de um novo *consenso* capaz de fundar uma nova *hegemonia* no esporte brasileiro. De acordo com essa linha de pensamento, a seleção brasileira de 1982 passava a ser representante das duas temporalidades, pois era a reencarnação moderna da seleção de 1970. Ao mesmo tempo atual e tradicional, a equipe de Sócrates, Zico, Falcão e Júnior devolvia à nação a identidade roubada nas quase duas décadas anteriores e iluminava os caminhos a serem percorridos no campo esportivo.

A narrativa da trajetória da equipe nacional nos gramados espanhóis elegia tanto o *futebol-arte* quanto o *futebol-força* como elementos formadores de nossa identidade esportiva, restaurando o nosso feitiço e atingindo assim o ponto mais alto na escala de qualidade futebolística.

Mesmo diante da tragédia do Sarriá, *Placar* não desistia do modelo que conciliava o passado e o futuro esportivo. No período de abertura política (1979-1984), a publicação procurava a(s) equipe(s) que conseguisse(m) preservar até a próxima Copa as características nacionais já apresentadas.

Se por um breve momento o São Paulo Futebol Clube passava a ser reconhecido como o exemplo de gestão administrativa que deveria ser implantada nos demais times, faltava à equipe a emoção em campo para projetá-la como o arquétipo perfeito do futebol brasileiro. Segundo a revista, o clima frio e demasiadamente racional presente no clube não permitia a manifestação da *alma* tricolor, essencial para que sua torcida endossasse a consolidação do projeto.

Após a escolha precipitada do clube do Morumbi, era no Sport Club Corinthians Paulista que *Placar* reconheceria os fatores necessários para a constituição do novo *consenso*. O motivo da escolha de ambas as equipes

tanto se devia ao discurso meritocrático que apontava como modelo de sucesso a conquista de títulos, quanto pelo fato da seleção dos dois clubes evidenciar a perspectiva paulista da revista uma vez que nenhum deles havia conquistado um título de expressão nacional ou internacional no período, diferentemente do Flamengo e Grêmio.

Portanto, com o passar do tempo o tricolor paulista, que havia conquistado os campeonatos regionais de 1980/81, deixava vaga a posição de vanguarda que seria prontamente ocupada pelo bicampeão de 1982/3. Mas diferentemente de seu arquirrival, o semanário avaliava que o Corinthians já apresentava todo o repertório simbólico esperado de um clube de futebol. Seja pela raça, pela garra, pela camisa que joga sozinha ou pela paixão enlouquecida de sua fiel torcida, o time alvinegro possuía a *alma* necessária para aquecer a estrutura empresarial moderna. O ponto de inflexão que permitiria à equipe se reencontrar com o tempo presente era a alteração da gestão administrativa. Com a saída de Matheus e a chegada dos novos dirigentes, o todo-poderoso passava a ser administrado por um novo grupo de tecnocratas que seriam capazes de aliar a arte, a racionalidade empresarial e a prática democrática.

No entanto, esses personagens deveriam limitar-se à posição de coadjuvantes diante do renascimento do futebol brasileiro. *Placar* acreditava que caberia aos profissionais da bola assumir a categoria de protagonistas políticos, responsáveis então pela implantação do projeto defendido pelo semanário. Como responsáveis pela elaboração de um *novo consenso*, os *novos jogadores de futebol* precisavam ser portadores de atributos que remetessem à tradição futebolística ao mesmo tempo em que traduzissem para os gramados os princípios empresariais defendidos pela publicação esportiva.

É nesse contexto que se inicia a busca de um atleta que pudesse simbolizar um modelo totalizante que abarcasse todos os conceitos apresentados acima. O pretendente deveria ter qualidades prévias que permitissem que *Placar* ampliasse, divulgasse e mitificasse seus atributos nas páginas da revista e Sócrates era o candidato ideal.

O posicionamento político prévio do jogador ao reivindicar a abertura das relações profissionais nos clubes de futebol e defender a racionalização da exploração comercial de sua imagem oferecia à publicação esportiva o

exemplo há tanto tempo perseguido. Por isso, ela se encarregou de elevar a figura socrática ao patamar de uma liderança carismática capaz de arregimentar as massas e servir de instrumento de consolidação de uma nova hegemonia no universo futebolístico. O atleta, na perspectiva placariana, reunia o melhor dos dois mundos, pois era fundamentalmente moderno no que diz respeito ao seu posicionamento político e essencialmente tradicional enquanto um dos últimos representantes do *futebol-arte*.

A partida do craque-corintiano-pensador-político-imperador deixava órfã não apenas a fiel torcida, mas a própria revista que via naufragar o seu projeto de reforma modernizadora. A transferência de Sócrates para a Itália colocava em risco o sucesso da seleção brasileira de 86 uma vez exilava também o *futebol-arte* já que os jogadores que atuavam do exterior não costumavam ser convocados para participar das Copas do Mundo durante a década de 1980.

O fracasso tinha seus responsáveis. Mais uma vez, o atraso estrutural do nosso esporte era apontado como o principal culpado e o semanário não considerava que o feitiço se voltava contra o feiticeiro já que o êxodo dos jogadores também estava condicionado pela expansão da tão propalada gestão empresarial nas práticas administrativas dos clubes europeus e pela internacionalização do mercado futebolístico (GIULIANOTTI, 2002).

Placar como *aparelho privado de hegemonia* e Juca Kfoury como seu *intelectual orgânico* reproduziam a mesma racionalidade empresarial defendida pelo grupo Abril quando este se propôs a modernizar o mercado editorial brasileiro. Em defesa da cartolagem esclarecida, do tratamento dos clubes enquanto empresa, da CBF e dos alicerces que originaria o Clube dos 13, a revista tinha por objetivo a implantação de um *capitalismo menos selvagem* e mantinha sua proposta de transformação da realidade dentro de um horizonte legalista.

Mesmo com a partida do Doutor, o periódico não abria mão da iniciativa de projetar sobre os atletas fora-de-série o papel de uma liderança carismática que incorporasse o *ethos nacional* e fosse responsável por guiar as massas. Embora de modo efêmero, Pelé “de cabeça nova” [Figura 39] e Oscar “alma da seleção” [Figura 40] seriam os próximos escolhidos. Contudo, – desconsiderando o enorme significado de ambos no campo esportivo – suas biografias políticas deixavam muito a desejar se comparadas à do jogador-filósofo.

Figura 39

Figura 40

8 Obras Citadas

ABREU, J. B. D. **As manobras da informação**: Análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965-1979). Rio de Janeiro/RJ: EDUFF & MAUAD, 2000.

ALENCAR, C. **Juca Kfour**: O militante da notícia. São Paulo/SP: Imprensa Oficial, 2006.

BORDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: BORDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.

CAROS AMIGOS. Juca Kfour chuta o balde. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 1, 1997.

CERRONI, H. Gramsci e o Brasil. **Gramsci e o Brasil**. Acesso em: 27 out. 2013.

CHIARANTE, G. Gramsci e o Brasil. **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=649>>. Acesso em: 27 out. 2013.

CHIARIONI, B.; KROEHN, M. **Onde o esporte se reinventa**: histórias e bastidores dos 40 anos da Placar. São Paulo/SP: Editora Primavera, 2010.

DAMATTA, R. **Universo do futebol**: Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro/RJ: Edições Pinakothèque, 1982.

DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo/SP: Paidéia & Hucitec, 2007.

FLORENZANO, J. P. **Afonso & Edmundo**: A rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo/SP: Mussa Editora, 1998.

FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo/SP: Fapesp/EDUC, 2009.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol**. São Paulo/SP: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, S. L. Que povo brasileiro no campo de futebol? **Razonypalabra**, 2000. Disponível em: <www.razonypalabra.org.mx/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CAMPO%20DE%20FUTEBOL.pdf>. Acesso em: 01 Janeiro 2010.

HOLLANDA, B. B. D. **O clube como vontade e representação**: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro/RJ: FAPERJ, 2010.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia**: o efêmero e o perpétuo. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2007.

LUDOPEDIO. Ludopedio. **Ludopedio**, São Paulo, 06 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/550>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas**: O caso da Editora Abril. Campinas: UNICAMP, 1997. Tese de doutorado.

PANOFSKY, E. **Studies in iconology**: Humanistic themes in the art of renaissance. New York, Hagerstown, San Francisco, London: Icon Editions. Harper & Row, Publishers, 1972.

SECCO, L. Gramsci e o Brasil. **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=648>>. Acesso em: 27 out. 2013.

TOLEDO, L. H. D. **Lógicas no futebol**. São Paulo/SP: Editora Hucitec; FAPESP, 2002.

9 Bibliografia

- ABREU, J. B. D. **As manobras da informação**: Análise da cobertura jornalística da luta armada no Brasil (1965-1979). Rio de Janeiro/RJ: EDUFF & MAUAD, 2000.
- ALENCAR, C. **Juca Kfour**: O militante da notícia. São Paulo/SP: Imprensa Oficial, 2006.
- ALMEIDA, E. M. **Ataque e contra-ataque**: O jornalismo esportivo televisivo sob a perspectiva de duas trajetórias profissionais. São Paulo/SP: Pontifícia Universidade Católica. (Dissertação de Mestrado), 2009.
- ANTUNES, F. M. R. F. **Futebol de fábrica em São Paulo**. São Paulo/SP: Universidade de São Paulo, 1992.
- ARCHETTI, E. P. **Masculinidades**: Fútbol, tango y polo em la Argentina. Buenos Aires: Editorial Antropofagia, 2003.
- ARENDT, H. **Entre o passado e o futuro**. São Paulo/SP: Editora Perspectiva, 1979.
- BORDIEU, P. Algumas propriedades dos campos. In: BORDIEU, P. **Questões de sociologia**. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983. p. 89-94.
- CALDAS, W. **O pontapé inicial**: memória do futebol brasileiro. São Paulo/SP: Ibrasa editora, 1990.
- CALDAS, W. Aspectos Sóciopolíticos do futebol brasileiro. **Revista USP DossiFutebol**, São Paulo, 1994.
- CALDEIRA, J. **Ronaldo**: Glória e drama no futebol globalizado. São Paulo/SP: Editora 34, 2002.
- CAMPOS, F. D. O processo civilizador do esporte. **Folha de São Paulo. Caderno MAIS!**, São Paulo, 08 ago. 2004.
- CAMPOS, F. D.; MORAES, J. G. V. D. Como o Brasil entra em campo. **Revista de História: Dossiê História e Futebol**, São Paulo/SP, p. 139-148, jul./dez. 2010. ISSN 0034-8309.
- CAROS AMIGOS. Juca Kfour chuta o balde. **Caros Amigos**, São Paulo, n. 1, 1997.
- CARRANO, P. C. **Futebol**: Paixão e política. Rio de Janeiro/RJ: DP&A editora, 2000.

- CENTRO Esportivo Virtual. **www.cev.org.br**. Disponível em: <<http://cev.org.br/biblioteca/juca-kfour-chuta-o-balde/>>. Acesso em: 27 jul. 2013.
- CERRONI, U. Gramsci e o Brasil. **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <www.acesa.com/gramsci/texto_visualizar.php?mostrar_vocabulario=mostra&id=637>. Acesso em: 01 jan. 2012.
- CHIARANTE, G. Gramsci e o Brasil. **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=649>>. Acesso em: 27 out. 2013.
- CHIARIONI, B.; KROEHN, M. **Onde o esporte se reinventa**: histórias e bastidores dos 40 anos da Placar. São Paulo/SP: Editora Primavera, 2010.
- COELHO, E. **Donos da bola**. Rio de Janeiro/RJ: Lingua Geral Livros Ltda, 2006.
- COUTINHO, C. N. **Gramsci. Um estudo sobre seu pensamento político**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
- DAMATTA, R. **Universo do futebol**: Esporte e sociedade brasileira. Rio de Janeiro/RJ: Edições Pinakothke, 1982.
- DAMATTA, R. Antropologia do Óbvio. **Revista USP. Dossiê Futebol**, São Paulo/SP, 1994.
- DAMO, A. S. A magia da Seleção. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**, Campinas/SP, v. 28, p. 73-90, set. 2006.
- DAMO, A. S. **Do dom à profissão**: A formação de futebolistas no Brasil e na França. São Paulo/SP: Paidéia & Hucitec, 2007.
- DAMO, A. S. O simbólico e o econômico no futebol de espetáculo: As estratégias da Fifa para tornar as copas lucrativas a partir de uma interpretação antropológica. **Razón y Palabra**, Cidade do México, n. 69, p. 1-35.
- DUBOIS; PHILIPPE. **O ato fotográfico**. São Paulo/SP: Papyrus Editora, 2007.
- FLORENZANO, J. P. **Afonso & Edmundo**: A rebeldia no futebol brasileiro. São Paulo/SP: Mussa Editora, 1998.
- FLORENZANO, J. P. **A democracia corinthiana**: práticas de liberdade no futebol brasileiro. São Paulo/SP: Fapesp/EDUC, 2009.
- FOER, F. **Como o futebol explica o mundo**: Um olhar sobre a globalização. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Editor, 2005.

FRANCO JÚNIOR, H. **A dança dos deuses: Futebol, Sociedade, Cultura**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2007.

GALEANO, E. **Futebol ao sol e à sombra**. Porto Alegre/RS: Editora LPM, 2002.

GESTALDO, É. A Pátria na "imprensa de chuteiras": futebol, mídia e identidades brasileiras, s/d.

GINZBURG, C. **Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1990.

GIULIANOTTI, R. **Sociologia do Futebol**. São Paulo/SP: Nova Alexandria, 2002.

GOMES, R. S. **Relações entre linguagens no jornal: fotografia e narrativa verbal**. Rio de Janeiro/RJ: EDUFF, 2008.

GUEDES, S. L. Que povo brasileiro no campo de futebol? **Razonypalabra**, 2000. Disponível em: <www.razonypalabra.org.mx/QUE%20POVO%20BRASILEIRO%20%20NO%20CAMPO%20DE%20FUTEBOL.pdf>. Acesso em: 01 Janeiro 2010.

HELAL, R. Futebol e comunicação: a consolidação do campo acadêmico no Brasil. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo/SP, n. 8, p. 11-37, mar. 2011.

HENRIQUES, L. S. Gramsci e o Brasil. **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <<http://www.acesa.com/gramsci/?page=visualizar&id=127>>. Acesso em: 01 jan. 2012.

HOLLANDA, B. B. D. **O clube como vontade e representação: O jornalismo esportivo e a formação das torcidas organizadas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro/RJ: FAPERJ, 2010.

HOLLANDA, S. B. D. **Raízes do brasil**. 26. ed. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2002.

HUIZINGA, J. **Homo Ludens**. [S.l.]: Edições 70, 2003.

IANNI, O. **Estado e planejamento econômico no Brasil (1930-1970)**. Rio de Janeiro/RJ: Civilização Brasileira, 1971.

KOSSOY, B. **Os tempos da fotografia: o efêmero e o perpétuo**. Cotia/SP: Ateliê Editorial, 2007.

LUDOPEDIO. Ludopedio. **Ludopedio**, São Paulo, 06 abr. 2011. Disponível em: <<http://www.ludopedio.com.br/rc/index.php/entrevistas/artigo/550>>. Acesso em: 26 jul. 2013.

LUDOPÉDIO, E. Ludopédio. **Ludopédio**, 23 mar. 2010. Disponível em: <www.ludopedio.com.br>. Acesso em: 05 out. 2011. Entrevista com José Paulo Florenzano.

MAMMI, L. S. L. M. **Fotografia**. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2008.

MIRA, M. C. **O leitor e a banca de revistas**: O caso da Editora Abril. Campinas: UNICAMP, 1997. Tese de doutorado.

MORGAN, J. **Why sports morally matter?** New York: London: Routledge, 2006.

NETO, J. M. D. S. **Visões do jogo**: primórdios do futebol no brasil. São Paulo/SP: Cosac & Naify Edições, 2002.

PACHECO, L. T. **Super-craques, sedutores, elegantes, marginais e peladeiros**: elogios e acusações da masculinidade brasileira na derrota da Copa do Mundo de 1982. VIII Reunión de Antropologia del Mercosur. [S.l.]: [s.n.]. 2009. p. 1-15.

PACHECO, L. T. **Tragédias, batalhas e fracassos**: as derrotas brasileiras nas copas do mundo (1950-1982). Goiânia/GO: Câneone, 2010.

PANOFSKY, E. **Studies in iconology**: Humanistic themes in the art of renaissance. New York, Hagerstown, San Francisco, London: Icon Editions. Harper & Row, Publishers, 1972.

PEREIRA, L. A. D. M. **Footballmania**: Uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938. Rio de Janeiro/RJ: Editora Nova Fronteira, 2000.

PRADO, D. D. A. **Seres, coisa, lugares**: Do teatro ao futebol. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 1997.

RIBEIRO, A. **Os donos do espetáculo**: histórias da imprensa esportiva do Brasil. São Paulo/SP: Terceiro Nome, 2007.

ROSENFELD, A. **Negro, macumba e futebol**. Campinas/SP & São Paulo/SP: Editada da Unicamp & Edusp, 1993.

SALDANHA, R. M. **Placar e a produção de uma representação de futebol moderno**. Porto Alegre/RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Dissertação de mestrado), 2009.

SEABRA, O. C. D. L. **Urbanização e fragmentação**: cotidiano e vida de bairro na metamorfose da cidade em metrópole, a partir das transformações do bairro do Limão. [S.l.]: Universidade de São Paulo (Tese de Livre Docência).

SECCO, L. Gramsci e o Brasil. **Gramsci e o Brasil**. Disponível em: <<http://www.acessa.com/gramsci/?page=visualizar&id=648>>. Acesso em: 27 out. 2013.

SEVCENKO, N. Futebol, metrópole e desatinos. **Revista USP: Dossiê Futebol**, São Paulo/SP, 1994.

SILVA, C. A. F. D. **Futebol, linguagem e mídia**: Entrada, ascensão e consolidação dos negros e mestiços no futebol brasileiro. Rio de Janeiro/RJ: Universidade Gama Filho (Tese de Doutorado em Educação Física), 2002.

SUSAN, S. **Sobre a fotografia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

TOLEDO, L. H. C. C. E. **Visões de jogo**: Antropologia das práticas esportivas. São Paulo/SP: Terceiro Nome, 2009.

TOLEDO, L. H. D. **No país do futebol**. Rio de Janeiro/RJ: Jorge Zahar Editor, 2000.

TOLEDO, L. H. D. **Lógicas no futebol**. São Paulo/SP: Editora Hucitec; FAPESP, 2002.

WISNIK, J. M. **Veneno Remédio**: O futebol e o Brasil. São Paulo/SP: Companhia das Letras, 2008.